

WLADIMIR OLIVIER

ESTUDANDO  
SOCORRISMO  
COM A  
EQUIPE DA LUZ

# ÍNDICE

Nota explicativa .....	
Apresentação .....	
Introdução .....	
1. 1.º Relato — Roberto .....	
Comentário .....	
2. 2.º Relato — Felício .....	
3. Suavidade magnética .....	
4. 3.º Relato — Otávio .....	
Comentário .....	
5. 4.º Relato .....	
Comentário .....	
6. Novas lágrimas de amor .....	
7. 5.º Relato .....	
Comentário .....	
Esclarecimentos .....	
8. <i>Halloween</i> .....	
9. 6.º Relato .....	
Comentário .....	
10. Preocupações caseiras .....	
Comentário .....	
11. 7.º Relato .....	
Comentário .....	
12. Ouvindo o infinito .....	
13. Explicação necessária .....	
14. 8.º Relato — Papel de mãe .....	
Comentário .....	
15. Momento de reflexão .....	
16. 9.º Relato — Onofre .....	
Comentário .....	
17. Meditação a respeito do socorrismo .....	
18. 10.º Relato — Anastácio .....	
Comentário .....	
19. 11.º Relato .....	
Orientação .....	
Comentário .....	
20. 12.º Relato — Ligações de amor .....	
21. 13.º Relato — Angústia intelectual .....	
22. 14.º Relato — Despertar da fé .....	
23. Conclamação .....	
24. 15.º Relato — O acender de uma esperança .....	
Prece ao irmão necessitado .....	
Comentário .....	

25. Religião dos espíritos .....	
26. Plano de ação .....	
27. Pingo de mel .....	
Agradecimento .....	
28. Visita importante .....	
29. 16.º Relato — Pedido de ajuda mal direcionado .....	
Comentário .....	
30. Graças a Deus! .....	
31. 17.º Relato — O valor oculto dos vocábulos .....	
Comentário .....	
32. 18.º Relato — Prece dominical .....	
33. Perfurando o solo .....	
Comentário .....	
34. 19.º Relato — Invalidando o tema .....	
Comentário .....	
35. A paz .....	
36. Às suas ordens .....	
37. A caridade .....	
38. 20.º Relato — Cordialidade inesperada .....	
Comentário .....	
Explicação .....	
39. O campo da sementeira .....	
Comentário .....	
40. 21.º Relato — O que o dinheiro não pode comprar .....	
Comentário .....	
41. Senhor, eu vos peço... ..	
42. 22.º Relato — Doutrinação ao vivo .....	
Comentário .....	
43. Palavras de incentivo .....	
44. 23.º Relato — O japonês insensível .....	
Comentário .....	
45. 24.º Relato — A caminho da liberdade .....	
Comentário .....	
46. 25.º Relato — Consciência despertada .....	
Comentário .....	
47. 26.º Relato — Inconformismo prejudicial .....	
Comentário .....	
48. Na justa medida .....	
49. 27.º Relato — Ensaios infaustos .....	
Comentário .....	
50. 28.º Relato — O que se pode esconder .....	
Comentário .....	
51. Dias estafantes .....	
52. A água do pote .....	
Comentário .....	
53. Simples anotação .....	
54. 29.º Relato — Espírito jovem .....	

	Comentário .....
55.	Outra simples anotação .....
56.	30.º Relato — Escudo providencial .....
	Comentário .....
	Palavras finais .....

## NOTA EXPLICATIVA

No corpo deste *Estudando Socorrismo com a Equipe da Luz*, encontram-se as diversas orientações impressas à obra. Resta-nos acrescentar que, por várias vezes, precisamos imprimir algumas alterações ao roteiro previamente traçado, de modo que nem todas as premissas do trabalho se deram conforme planejado, como no que respeita aos comentários, os quais não desejávamos realizar senão esporadicamente mas que se tornaram de obrigação, devido aos temas que os amigos socorridos desenvolveram. Se houve falha no prognóstico, foi plenamente compensada pelo enriquecimento inesperado no desenvolvimento de assuntos absolutamente pertinentes ao socorrismo fraterno.

Creemos que o trabalho, no final das contas, acabou apresentando aspectos plausíveis para divulgação, o que tínhamos, ao se iniciarem as sessões de doutrinação, não viesse a acontecer. Eis mais uma surpresa agradabilíssima, que se ampliará na medida em que os leitores forem compenetrando-se da necessidade de se filiarem, cada qual na medida de sua possibilidade, às hostes espirituais que procedem ao socorro dos que sofrem.

Deixamos, pois, este volume nas mãos do público, com a esperança de vê-lo absolutamente integrado ao roteiro estabelecido pelos mentores a quem cabe a organização deste setor da *Escolinha de Evangelização*. Que Deus lhe dê honroso destino!

Quanto às informações de caráter técnico, tem o médium a dizer que o apanhado dos textos se deu de 23.10.90 a 3.1.91, em ambiente extraordinariamente calmo, apesar de muitas das manifestações provirem de espíritos em estágio vibratório negativo, dadas as naturais perturbações de quem se vê sob o domínio dos vícios e sob as impressões dolorosas dos crimes perpetrados. A causa dessa serenidade se encontra devidamente explicada pelos irmãos da *Equipe da Luz*, bem como a razão da escolha de seu nome aparentemente imodesto.

Que Deus abençoe esta iniciativa!

## APRESENTAÇÃO

Esta data (23.10.90) se reveste de especial importância, tendo em vista novas diretrizes a serem impressas ao trabalho. A par de nova turma — *Equipe da Luz* —, teremos outras tarefas de valor mais imediatista, pois pretendemos fazer incorporar entidades sofredoras para serviço de doutrinação, mesmo que não haja possibilidade ou necessidade de escrita.

Fique tranquilo, pois é chegado o momento de ensinar esse tipo de serviço ao grupo novo. Por outro lado, caro médium, seu desempenho até aqui tem demonstrado que podemos confiar em seu discernimento para distinção do tipo de vibração que lhe irá chegando a cada momento. Agora mesmo, você temeu pelo desenvolvimento do trabalho, mas, sendo inúmeras as modalidades de mediunismo, não podemos especializar demasiado o nosso bom aparelho. Nada de vãos temores, pois, e aceite, de mente aberta e de coração leve, o aprendizado, o qual, de resto, foi iniciado a partir do momento em que os primeiros sofredores tiveram acesso à sua pena.

Muito obrigado por tudo! Fique nas boas mãos do instrutor, o irmão Augusto.

Manuel.

## INTRODUÇÃO

Vamos iniciar desde logo com a apresentação do grupo. Trata-se de irmãos bem calejados no trato com infelizes criaturas do mundo inferior. São principalmente antigos teólogos, padres, pastores, professores de institutos confessionais, enfim, pessoas ligadas à área do desenvolvimento moral e religioso e que obtiveram algum desenvolvimento no socorrismo ativo.

Dado o trabalho realizado nas profundezas das cavernas ter prodigalizado benefícios bastante saudáveis mas não integrais, pretende o grupo valer-se da pena do escrevente para elucidar aos sofredores sua atual situação, bem como os meios à disposição para conseguirem suplantar as dificuldades iniciais de adaptação à ideia da necessidade de esforço próprio, para que se inicie o processo de purificação e redenção. São espíritos embrutecidos mas de doutrinação possível. São *pecadores* inveterados que perpassaram por situações de extremo sofrimento, para os quais a só possibilidade de estarem na crosta é prenúncio de imensa felicidade.

Como derradeira informação, devemos prevenir o escrevente de que teremos sempre várias entidades com quem trabalhar, embora não saibamos quantas terão condições de assumir a posição de comunicantes, bem como não temos ideia de quantas se satisfarão com a só apreciação dos trabalhos.

Vamos dar início. Firmeza no taco, irmãozinho, que o jogo está para começar!

# 1

## 1.º Relato — ROBERTO

Graças a Deus!

Eis-me aqui para trazer a minha mensagem. Sei que não estou sendo bem recebido, pois os que me antecederam trabalharam com muita facilidade e eu tenho inúmeros problemas. Desde pequeno, em minha derradeira vida, fui submetido a muitos exames físicos, pois era portador da síndrome de Down, vulgarmente conhecida por mongolismo. Meu nome era Roberto, mas eu gostava que me chamassem de Alfredinho, pois era assim que se chamava meu irmão mais velho. Mas eu nunca disse isso a ninguém.

Deixei a vida depois de passar pelos vinte anos de idade, mas nunca tive muita noção do que se passava ao meu redor. Ao chegar de volta, fiquei furioso quando percebi que tinha sido coagido a sofrer aquela desdita. Amaldiçoei os meus parentes, por me aceitarem como ser tão inútil e, por isso, fui caindo, caindo, sem saber que muita gente havia ao meu redor querendo ajudar-me. O meu coração me traiu e não fui capaz de compreender o quanto de bondade havia no coração de cada pessoa que me aceitara em sua companhia. Agora tenho condições de reconhecer o muito amor de que fui alvo, principalmente da parte de minha mãe, criatura boníssima, que ainda se encontra encarnada. Isto eu suponho, porque nunca a vi por perto de mim.

Agora, pedem-me para contar o porquê fui recebido na Terra mentalmente aleijado. Preferia não dizer, mas, se essa for a chave que me abrirá o mundo das reconciliações, devo dizer que matei várias pessoas em encarnação anterior em que respondia pelo nome de Gonçalo. Nome maldito e amaldiçoado, pelo qual fui perseguido por toda parte por onde andava. Esses crimes foram *passionais*; é que a minha atitude sempre se disfarçou de paixão. O que eu queria mesmo era prejudicar as pessoas para tirar proveito da situação.

O escrevente já intuiu minha personalidade mais profunda e, por isso, não vejo necessidade de prosseguir descrevendo as minhas maldades. Fique agora bem claro que terei muito orgulho se conseguir superar minhas deficiências, como estou conseguindo expressar-me de novo com tanta desenvoltura. Acena-me o escrevente com a possibilidade de melhorar ainda mais meu escrito, mas devo dizer-lhe que, diante das minhas dificuldades na última encarnação, até que estou admirando-me de alcançar tanta fluência e perfeição.

Os guias pedem para me despedir, pois consideram-se satisfeitos com o meu desempenho. Agradeço, então, a boa vontade de todos e proponho-me a seguir todos os seus conselhos. Muito obrigado ao caro escrevente! Fique você também na divina graça, sempre auxiliando a estes sofredores.

Adeus!

## Comentário

A *Equipe da Luz*, que não se perca pelo nome, avisa o psicógrafo que não fará extensos comentários a respeito de cada apresentação de espíritos em auxílio, pois não estamos interessados em que haja publicação do resultado do trabalho. Se, mais tarde, algum opúsculo esclarecedor puder extrair-se desses escritos, tanto melhor; se não, permaneceremos bem escondidinhos, no anonimato, de modo que o nome que nos atribuímos não transparecerá, para sossego do irmão, que considerou tal nomenclatura pretensiosa e perigosa. Fique em paz, irmãozinho!

Por hoje, vamos encerrar os trabalhos, mas prepare-se convenientemente para os próximos dias, já que o trabalho com espíritos deste jaez torna o período de preparação bem mais severo e complexo, principalmente por estar o irmão insulado. Haverá, entretanto, sempre quem se disponha a ceder parte de seus fluidos vitais para energizar o ambiente, de sorte que também este aspecto não deverá preocupá-lo.

Aja em consonância com a lei maior do amor universal que conseguirá realizar o que se espera de sua capacidade. Volte agora as tarefas habituais, sabendo que a água foi fluidificada e que sua reserva perispiritual eletromagnética está restabelecida.

## 2.º Relato — FELÍCIO

*Bom amigo, sua prece encheu-nos de ânimo para prosseguirmos em nosso trabalho. Muito obrigado.*

*Vamos apresentar-lhe um irmãozinho que dedicou a vida a amedhar fortuna e, embora não seja o exemplo típico do usurário ou do avaro, não teve compromissos com a virtude, de sorte que foi incapaz de auxiliar a qualquer irmão, que não fosse da própria intimidade familiar, a crescer em conhecimentos e em amor, através da tranquilidade material desopressora; ou seja, sua atitude de querer sempre usufruir lucros fez com que não se distribuíssem os bens, na justa proporção da igualdade que aliviaria as tensões emocionais de muitos companheiros de jornada. É o quanto sabemos.*

*Ei-lo.*

Rodrigo foi meu nome. Sei que benefício algum causei na vida. Por isso, muito admirado fiquei por estar sendo guindado a esta posição junto à luz. Um dia pensei que jamais voltasse à face da Terra, por isso este é acontecimento de muito valor para mim.

Espero agora que me digam o que devo fazer.

Relatar minhas experiências na escuridão do claustro?

Certamente.

De início, pensei que estivesse preso por ter participado de algumas negociatas. Não entendi desde logo que tinha morrido, por isso estranhei muito por, de repente, estar enclausurado, quando bem pouco antes gozava de inteira liberdade.

Perguntava-me como é que tinham tido essa audácia, sem nenhum julgamento, sem processo regular e sem que pudesse defender-me por meio de advogados convenientemente contratados. Mas senti muito medo e não me revoltei.

Nesse estado de inércia, passei boa temporada, sempre temeroso de que qualquer atitude minha viesse a provocar a descoberta de meus tesouros escondidos e que minha família pudesse perder os bens que acumulara. Um dia, finalmente, percebi que as trevas eram muito diferentes daquelas que imaginava pairarem nos cárceres de tortura em que se encerram os prisioneiros da Terra. Havia como que ampla possibilidade de visão de todos os acontecimentos progressos, como se eu ainda estivesse, contínua e repetitivamente, exercendo domínio sobre o corpo. Assim, era só desligar-me do ambiente em que estava, para voltar a viver, com extraordinária nitidez, com o domínio integral de todas as sensações, cada momento da vida. E as repetições se faziam, mas foram-se restringindo às cenas em que eu provocava o aparecimento de lucro, em que enchia os cofres ou engordava as contas bancárias, até que, um dia, essas visões, essas sensações me foram

obscurando a mente para quaisquer outros fatos, de modo que o que, de início, constituía prazer, no aproveitamento indevido dos ganhos, passou a ser terrível confusão mental.

Ou eu ficava na sombra, na terrível e isolada escuridão do catre, ou me via envolvido na perigosa sensação de vilão, de usurpador, de beneficiário indevido das riquezas que abocanhara. E esse desespero se transformou em angústia e a angústia, finalmente, rompeu a barreira racionalista com que justificava todos os atos, e pude discernir o mal que havia feito.

De início, sentia-me revoltado com a impossibilidade de fugir ao sofrimento moral que as situações de dolo me causavam. Depois, fui perdendo o medo e passei a clamar por auxílio, diante de dor física que se abateu sobre mim, dado que as contorções me magoavam cada músculo e os ferimentos se multiplicavam, por me jogar de encontro às paredes e às grades da prisão. Já não mais me importavam as riquezas ou a retenção delas pelos meus filhos. O que eu desejava era escapular daquela aflição. Mas esse estado perdurava e não conseguia coisa alguma. Só de me lembrar, tenho arrepios de terror no fundo da espinha.

Sabedor da condição de *morto*, à vista de tão evidentes provas, pude concentrar-me na escuridão, impedindo, aos poucos, que as visões se sucedessem. Aí, compenetrei-me da verdade. Se rejeitara com tanto ardor a crueza da visão da minha indignidade, agora sentimento diverso foi tomando conta de mim: arrependia-me, finalmente e, nesse estado de amarga decepção diante de minha vileza, desejei rememorar as cenas do drama de minha vida, não mais no intuito de punir-me, mas com o imenso desejo de chegar a conclusões positivas a respeito do que me levava a tomar aquelas atitudes. E tive o privilégio de analisar meu proceder insólito, unindo a última existência na carne à anterior. Delineou-se, então, quadro de imenso horror à minha frente.

Era eu, no encarne anterior, infeliz criatura, amargurada pelo vilipêndio da cor, pois nascera escravo e nessa condição permanecera até a morte, odiando a miséria, execrando os patrões, amaldiçoando os capatazes e executores das ordens dos senhores. Do fundo da alma, jurei vingança, prometi desferrar-me da miséria em que me jogaram. Sentia, na ancestralidade terrena, que tinha sido despojado da condição de príncipe, pois descendia de poderosa família na África. E esse foi todo o tormento da vida anterior.

Durante muito tempo, chorei na escuridão daquelas masmorras, até que descobri que as portas estavam destrancadas. Alvissareira situação; corri para fora buscando caminhar com segurança, sempre em sentido ascendente, pois sabia que deveria um dia chegar à borda superior, onde encontraria a luz do Sol. Mas essa caminhada se deu áspera e atormentada. Vozes cada vez mais fortes e poderosas acusavam-me de roubo, de espoliação, de usura. Reconheci familiares acusando-me de avarizia. Percebi companheiros invectivando-me de falcatruas e manobras para assenhorear-me de seus haveres e de seus direitos à propriedade. As visões do escuro surtiam-me na mente agora de outro modo e eu clamava por misericórdia, afirmando que estava arrependido. Mas se compreendera o mal que praticara, tinha agora para entender o sofrimento que provocara nos parceiros de negócios, nos companheiros de vida, naquelas mesmas pessoas que deveria proteger e ajudar, mas que magoara e arremessara na rua da amargura.

Essa fase foi tão trágica e difícil quanto a anterior. As vozes se faziam nítidas, às vezes altas e sonoras como o timbre agudo das sirenas mais aflitivas, outras vezes murmurantes, sussurradas, graves e pesadas, juntinho aos meus ouvidos. E a todos clamava por perdão. Durante longos anos, permaneci vagando pelos círculos das trevas, até que me foi possível ver pequena luminosidade no fundo da caverna. Foi em dia memorável, em que clamei, finalmente, pela ajuda do Senhor, tendo realizado a primeira prece sincera e honesta, em função de compungida promessa de reparação dos males que provocara. Desde aí, só melhoras tenho tido. Rapidamente fui guindado por invisíveis criaturas para paragens menos aterrorizantes, onde pude refrescar a mente com a visão de alguns arbustos e de nesga de céu, negro como breu, mas com a dádiva divina da presença de estrelas a rutilarem como a indicar o norte ao viajor desesperado.

Quanta lágrima deixei escorrer! Não se perca o caro amigo pelas imagens que busquei no fundo da consciência, nas leituras de que me lembro. A figura e o texto são de hoje; na época, o sofrimento imperava em meu ser, coração e mente, tudo crestado na mesma fogueira infernal do mais profundo sentimento de culpa.

Ainda se passou certo tempo até que me conduzissem para a crosta. Primeiro me fizeram perceber que os males que cometera estavam todos sendo superados, o que me despertou a esperança. Depois me conduziram para diante de minha família, onde pude verificar que algum afeto subsistia no fundo das emoções de cada familiar mais chegado, e isso me fez confiar no amor. Mais tarde, assisti a algumas cenas de carinho entre meus antigos desafetos, já restabelecidos das derrocadas materiais em que os meti, e estava acesa minha fé. E diante dos amigos, roguei compreensão e recebi carinhoso afago de bondade; estava entreaberto o caminho da caridade.

Hoje, eis-me aqui cumprindo a obrigação deste relato. É como se me abrissem as portas do paraíso, tantas são as vibrações que tenho recebido em solidariedade com minhas atuais disposições de espírito.

Já me disseram que largos trabalhos aguardam por mim, mas isto não assusta a este trabalhador, que, se muito labutou para conseguir amealhar fortuna na Terra, saberá como proceder para ganhar aqueles bens de que nos fala Jesus, que não se corromperão pela ferrugem nem serão furtados pelos gatunos.

Graças a Deus!

Irmão Felício, que é como gostaria de ser chamado daqui por diante, lembrando-me de meu apelido cristão das épocas da escravatura.

## SUAVIDADE MAGNÉTICA

Entre parênteses, devemos dizer que não é por termos a obrigação de trabalhar com espíritos necessitados de ajuda imediata, de socorro urgente, que iremos suspender as transmissões doutrinárias e os esclarecimentos oportunos dos fatos mediúnicos mais incomuns, menos corriqueiros. Teremos momentos de elucidação das atividades de restabelecimento perispirítico dos necessitados bem como traremos notícias que possam avançar o entendimento dos mortais neste campo novo, sobre o qual tantos nesta época estão debruçando-se, no interesse de constituir para si cabedal de conhecimentos que serão úteis no contacto com o plano espiritual, até mesmo após o desenlace.

Vamos, pois, iniciar, explicando que as vibrações dos sofrendores não atingem o médium por imposição dos guias e protetores, a quem cabe proceder a suave imantação do aparelho receptor, bem como a dominação e contenção das tendências vibratórias dos desencarnados. Agimos como espécie de filtro, de sorte a estabelecer contacto entre os planos, da mesma forma que agiríamos como se fosse conosco, o que, de resto, está a suceder neste preciso instante.

Era esse o nosso ditado, para alertar o amigo e prepará-lo convenientemente para as diversas modalidades de transmissões e de temas que se desenvolverão.

### 3.º Relato — OTÁVIO

*Fique agora com um amigo da espiritualidade inferior, que foi trazido para cá em lastimável estado perispiritual, uma vez que tentou contra a própria integridade física, tendo logrado êxito na iniciativa.*

*Pelo que sabemos, além de desesperado por razões financeiras, acumulou motivos para desperdiçar a vida quando percebeu que a esposa não lhe estava sendo fiel. Na tentativa de extinguir a vida a ela, falhou e foi perseguido pela polícia. Cercado, ao se ver atingido por vários balázios, complementou a sucessão de atos desatinados, atirando-se desprotegido contra os perseguidores, forçando-os a disparar contra seu peito desguarnecido. Nem por isso deixou de ser réu de suicídio e largo período de estadia no Umbral passou com a impressão dolorosa de estar agônico.*

*Atualmente, as dores estão amortecidas e, especialmente para esta sessão, foram-lhe administrados fluidos vitais específicos, para que a mente pudesse revigorar-se, de modo que sua manifestação se apresente coerente. De qualquer forma, estaremos atentos para possíveis deslizes emocionais.*

*Temos, ainda, pedido especial ao escrevente: não dê curso a lamentações improdutivas nem a acusações desabusadas e injuriosas. Favoreça, isto sim, ditado escorreito, procurando estimular o confrade a observar a magnitude da grandeza de Deus, em seu equilíbrio de verdade, atribuindo a cada causa efeito correspondente de mesma intensidade e valor.*

Meu amigo, boa tarde!

Estou aqui a pedido dos companheiros que me tiraram da escuridão. Sei que sou um frangalho de gente e tenho o corpo todo perfurado pelos tiros com que obriguei os soldados a darem cabo de minha vida.

Só me atrevi a comparecer a este lugar porque me convenceram de que conseguiria curar as feridas, se mantivesse a cabeça no lugar. Pois bem, estou aqui faz bastante tempo e não tenho visto nenhum orifício se fechar. Reconheço que as dores passaram e que quase não sinto pressão na cabeça, mas tenho o coração ferido.

Já compreendi o mal que pratiquei. Um dos companheiros me mostrou o retrato de minha mulher e eu vi que ela está bem, um pouco mais gorda, mas pareceu-me feliz da vida. Magoei-me muito com sua atitude para comigo e agora sei que fez isso porque eu não ligava mais para ela: só pensava no dinheiro que tinha perdido e, ainda por cima, com a cabeça sempre girando por causa da bebida. Se ela me perdoou por todo o mal que lhe fiz, vou ficar bem contente.

Quanto aos policiais, devo pedir desculpas a eles por ter provocado aquela situação difícil. Não sei se queriam realmente me pegar, mas fui muito injusto em fazer com que atirassem em mim. Penso que mais tarde vou precisar entender-me com eles, principalmente se acharem que foram prejudicados por minha atitude impensada.

O que espero destes amigos que me trouxeram para a luz é que continuem me ajudando como me prometeram, levando-me para tratamento em algum hospital. Durante os tempos que passei na escuridão, remói-me de dores. Sei que fui precipitado e que poderia ter achado alguma saída para minha situação; agora, porém, não conheço nenhum remédio que possa ajudar-me.

Este amigo que está nesta de escrever me diz que posso fazer uma prece para pedir ajuda a Deus. Enquanto estava lá embaixo (o pessoal me aponta que é aqui mesmo), isto é, enquanto estava vivo, aprendi as orações do padre-nosso e da ave-maria, mas nunca consegui entender por que deveria rezar. Afinal de contas, que tem Deus a ver comigo e também Nossa Senhora?

Está bem, diante das explicações do pessoal que está me amparando, prometo que vou prestar atenção nas orações.

.....

Ajudado pelo irmão incorporado, pude compreender melhor o significado das preces. Santo Deus, como elas encaixaram direitinho em minha situação! Parece até que foram feitas para mim!

Muito obrigado, irmãos, pelo interesse em me ajudarem. Agora estou sentindo verdadeiramente o poder de um favor. Se, mais tarde, eu melhorar, podem contar comigo para o que der e vier.

Acenam-me com o sinal de positivo e pedem-me para abandonar o posto. Posso agradecer? Então, quero deixar um abraço bem apertado a este irmão que me acompanhou desde lá onde me encontrava até aqui, e devo também, respeitosamente, dar meu *muito obrigado* a este amigo que demonstrou tanta atenção comigo, ao ficar tão interessado em me acompanhar os pensamentos.

Posso dizer "*fiquem com Deus!*"? Então, fiquem com Deus e que a Virgem Maria proteja a todos!

## Comentário

Caro escrevente, louvamos-lhe a atitude de acompanhar o ditado com tanto interesse, bem como a compreensão do ato da doutrinação. Queremos dizer-lhe, contudo, que, ao lado de sua dedicada atenção e a par de suas elucidações particulares a respeito dos tópicos das preces, fazendo com que o irmão pudesse correlacionar cada frase a momentos de sua existência carnal e do sofrimento que o acompanhou desde o momento do desenlace, nós também implementamos vibrações positivas, no sentido de conscientizar

o irmãozinho em dificuldades dos meios de que poderia lançar mão para amenizar os sofrimentos.

Neste instante, ele ouviu atentamente as explicações de vários irmãos, uma vez que se compenetrara da necessidade do sofrimento para resgatar os débitos. Pai amoroso e amante exemplar, o tresloucado gesto significou tão só a fragilidade moral de seu arcabouço espiritual.

Agora será encaminhado para instituição adequada para tratamento específico das lesões perispirituais. Mas devemos esclarecer que recuperação total só será possível através de meticulosa recomposição, que se dará, como de hábito, através de outro encarne e, o que é mais provável, com os ônus físicos correspondentes aos danos causados à tessitura de seu invólucro perispiritual.

Tudo isto só foi possível graças à inevitável aquiescência que de todos se espera para a consecução das leis de causa e efeito. Na medida em que há rebeldia, bem pouco se consegue em termos de assistência socorrista. O amigo Otávio, por certo pelo muito que sofreu, foi cordato e demonstrou estar de acordo com os critérios evangélicos, esforçando-se por compreender o que lhe era explicado. Essa atitude de aceitação lhe valeu rápido atendimento, o que, pela nossa experiência, não é fato muito corriqueiro. Sendo assim, estamos todos de parabéns por termos alcançado os nossos objetivos.

Resta agradecer comovidamente a ajuda dos guias e as sábias instruções que nos chegaram do Alto, durante toda a atividade. Mais ainda: ergamos os pensamentos ao Senhor e saibamos reconhecer em tudo o seu amor misericordioso.

Augusto.

## 4.º Relato

Eis-me aqui como se acordasse de letárgico sono. Nas trevas vivi durante largos anos. Agora possuo a capacidade de observar, à luz do dia, as atividades buliçosas dos seres humanos encarnados. Tenho para mim que só décima parte do que fazem tem proveito real para suas vidas materiais e não chega a um milionésimo o que se pode aproveitar em função do caminhar espiritual. O homem é assim mesmo: enquanto pode, deixa-se levar por quiméricas ilusões de poder carnal.

Foi o que ocorreu comigo; melhor dizendo, o que vem ocorrendo comigo, desde que me lembre, por diversas encarnações. Profundamente egoísta, raramente me afeiçoei a alguém durante meu jornadaear pelas paragens do mundo. Aqui e ali, dependendo do revestimento físico, uni-me a um ou outro homem ou mulher, só para dar curso a necessidades orgânicas, nunca imiscuindo nesses relacionamentos qualquer sentimento de valor moral superior. Amar, só uma vez, quando encontrei criatura que, dócil a princípio, sábia em bajular-me o *ego*, conseguiu decifrar os meus mais profundos liames com a existência, percutindo as cordas de meu entranhado egoísmo, insuflando de pavoneios minha vaidade. Após conduzir-me pelos descaminhos mais escabrosos dos vícios, quando mais me sentia dependente dela, abandonou-me às voltas com diferentes crimes e perseguições por inúmeros desafetos.

Mas isto foi há muitas encarnações atrás. Desde aquela época, tornei-me perseguidor da dita criatura, até que, finalmente, pude emboscá-la no derradeiro encarne. Embrutecido por tenaz moléstia que me sufocava durante o trajeto todo, aguilhoei a tal pessoa, prendendo-a a mim por compromissos cármicos, pagos com vultosas quantias herdadas e esbanjadas, na consumação da mais virulenta vingança.

É bem verdade que meus objetivos foram inteiramente alcançados na carne. Mas, ao chegar de volta ao bátrio, que decepção! Aquele fero inimigo, que fiz suportar as mais penosas angústias, transformara-se em meu anjo protetor; eu, que o obsidiara por justos sete séculos das mais atormentadas perseguições, quer nas destrambelhadas existências à face do orbe, onde me transvestia nas figuras mais exóticas para a afronta, quer na escuridão das cavernas, pelas vibrações mais dolorosas das cordas do remorso e do arrependimento. Era de ver o gozo que sentia ao ouvir a alma penada a clamar por perdão. Eram de espantar os eflúvios de energia que me incitavam as suas rogativas de ajuda exterior, como era incompreensível a minha insensibilidade ao insistir mais e mais, até à saturação, nos atos de maldade que infligia à pobre criatura.

Esse fui eu, em suma, o mais repelente ser da escuridão.

Mas minha derradeira encarnação foi a glória de meu perseguido. De seu sofrimento, de sua dor, brotou florzinha de suave aspecto e de odorífico encantamento.

Admirado de tal transformação, acerquei-me dela para observar-lhe as nervuras maravilhosas, a coloração matizada, a delicada textura, a maciez das formas, a fragrância do oloroso perfume. E me apaixonei. Desta vez, perdida e integralmente. Compreendera, enfim, o amor, a sua essência mais profunda: o esquecimento do próprio eu, para doação integral ao ser objeto da estima. E me deixei envolver pela blandície daquela meiga criatura. E ela me tomou pelas mãos e me conduziu para a luz.

Triste e penosa visão. Ao lado daquele ser formoso, imaculado e divino, surtiu monstro de feroz catadura, disforme e escuro. Contido, é verdade, mas derrotado e infeliz. Peço perdão pela amarga comparação que fiz, mas se alguém se sentiu magoado com a figura que pintei de mim, por parecer assemelhar-se à sua própria imagem, pode acreditar que você estará diante de anjo de excelsa beleza ao se ver refletido em espelho, se comparado à horrenda criatura que eu era então.

Naquele instante de supremo desespero, ajoelhei-me e supliquei a todas as forças da natureza que me perdoassem e me transfigurassem. E meu pranto foi ouvido. Minha protetora lançou sobre mim seu manto de alvura e diafanidade irrepreensíveis e pude verme um pouco modificado, com expressão de besta-fera, é verdade, mas configurando aspecto que pudesse lembrar algo de humano.

E esse foi o meu primeiro e real triunfo, a minha conquista inicial do bem maior, que um dia espero merecer.

Hoje, sofro a desdita de espantar a quantas criaturas inadvertidamente topem comigo, mas estou aprestando-me a retornar à carne, sem a pressão moral que me causava o desejo de perseguição e vingança. Sofro do mal do egoísmo, pois não suporto pensar em me afastar deste anjo de bondade que se constituiu em meu mais sagrado companheiro e instrutor. Sei que irei reencontrar-me com ele futuramente, para o que delineamos inúmeros planos e sentimentos de mútuo amparo e proteção. Agora estamos na fase de receber conselhos e sugestões dos orientadores, e advertências a respeito de todos os percalços que se antepõem a nós na futura realização de vida. Muitos nós aceitamos, como restrições físicas e mentais, outros serão acrescidos à vista das forças que demonstrarmos durante a luta. Existem, no entanto, alguns que são desconhecidos e que terão de ser enfrentados à vista das disponibilidades morais e mentais do momento. Prevenidos estamos. Resta-nos rezar muito para obter do Alto as luzes necessárias para criarmos coragem, denodo, valentia, no combate às viciações e às imperfeições de caráter.

Não se veja nesta rota ascendente, caros amigos, qualquer indício de que tenhamos obtido méritos para usufruir a cidadania divina. Muito baixo nos situamos na escala evolutiva. Aliás, bem poucos terão descido tão fundo. Se estamos tendo oportunidade de escrever nossa história, através de surpreendente manifestação de clareza e exatidão, através de terminologia tão adequada, raiando até por aspectos poéticos e sublimes, é porque estamos recebendo o influxo das vibrações dos irmãos socorristas e estamos sendo interpretados por médium capaz e operoso. Assim que nos retiremos daqui, voltarão as sombras que esconderão todo o nosso cabedal intelectual forjado nas escolas da Terra, durante longas experiências infrutíferas para o engrandecimento da alma, mas frutuossíssimas para a malícia, para o conhecimento das artes e das ciências, para a ilustração mundana mais eficaz para que pudéssemos conseguir submeter os semelhantes a nosso jugo.

Fomos convidados para aqui comparecer com a finalidade de dar a conhecimento público a nossa experiência, com o evidente objetivo de servirmos de exemplo do que não se deve fazer. Esperamos que os caros irmãos perdoem-nos a emoção e o pouco tino em oferecer-lhes palavras de alvissareira esperança de porvir venturoso. Mas que a desastrada história possa tornar-se objeto de suas cogitações, de modo a facultar-lhes a possibilidade de refreamento de impulsos mórbidos que porventura lhes estejam subjacentes nas personalidades.

Vocês não sabem que inferno é o tormento moral do perseguidor. Se ser perseguido deve levar os indivíduos à loucura, ser obsessivo é guardar no fundo da consciência a própria essência da maldade, qual ferro em brasa adentrando tenra carne de bebê. Se a imagem é penosa e extremamente cruel, não queiram, bons amigos, dar curso às más tendências e busquem, de imediato, sofrer todas elas, eliminando tudo de ruim que forem capazes de detectar e oferecendo-se à luz dos espíritos guardiães, que, por certo, algum irá condescender e prontificar-se ao auxílio, do mesmo modo que eu, monstruoso e disforme, também alcancei o meu anjo protetor.

## Comentário

Evidentemente, o irmão não desejou identificar-se pelo fato de ter-se apresentado com aspecto deveras aterrador. Sob o magnetismo do grupo e de seu anjo guardião, pôde manifestar-se livremente, como se dotado fora das virtudes mais excelsas. Como ele mesmo frisou, seu aparato intelectual é muito desenvolvido e, se não fossem as limitações da circunstância mediúnica, poderia elaborar mensagem de elevado teor, mesmo nos aspectos da moralidade mais próxima dos cânones evangélicos. Sua manifestação não teria tido a luz da espiritualidade superior, mas seu escrito vazava-se nas formas mais preciosas da literatice terráquea.

Eis que desvendamos um de nossos objetivos: trazer à mente do amigo leitor o fato de que as palavras mais belas podem esconder a realidade mais grosseira. Do mesmo modo que, um dia, o próprio obsessivo se deixou iludir pelas falácias que lhe adornaram de falsas pedrarias as vestes suntuárias de que se munia em determinada encarnação, assim também cada um de nós está sempre em situação de se ver envolvido pelas aparências enganosas dos que se transvestem de luzes de empréstimo, para inculcar-nos no espírito ilusões de grandeza e de independência, que nos levam a descurar do trabalho, relegando o serviço do Senhor a segundo plano. É preciso, pois, precatarmo-nos com relação a tudo e a maneira mais eficaz de se conseguir vencer as tentações é trabalhar com denodo no conhecimento de nós mesmos, orando, vigiando e, acima de tudo, instituindo como premissa máxima do procedimento o desejo de cumprir a lei maior do amor a Deus, a qual, uma vez cumprida, trará como corolário a aquisição de todas as demais virtudes.

E como se chegar a esse amor absoluto, integral, definitivo? Trabalhando pelos semelhantes, ajudando-os no que se possa, principalmente dando-lhes oportunidade de crescimento espiritual por meio de palavra sábia, de conselho ponderado e humanitário, de compreensão dos defeitos até o ponto de demonstrar que possam ser sanados, na exaltação dos bons hábitos e no amparo integral das boas ações. Essa doação, que o amigo sofredor chegou tão bem a compreender, é outro ensinamento básico que devemos deixar como alicerce da personalidade, sobre o qual depositaremos todos os outros atributos da perfeição.

Se nos deixamos empolgar no desenvolvimento das virtudes a serem almeçadas, pelas quais todos devemos lutar, é para que servisse de contrapeso às citações negras da perversidade felizmente repudiada por este irmão mensageiro da dor. E assim sempre procederemos, pois julgamos essencial que os leitores tenham visão saudável e otimista da vida, mesmo que sua realização tenha inevitavelmente de passar pelo sofrimento. Se bem compreendermos os desígnios de Deus, saberemos que, por trás de tudo, estão sua misericórdia e seu amor e que, um dia, lá estaremos, cumprida sua promessa, em seu reino de paz.

Augusto (pela equipe).

## NOVAS LÁGRIMAS DE AMOR

Ainda há pouco tempo atrás, foi ditado texto que se convencionou intitular *Lágrimas de Amor* (In: ***Estudando Moral Evangélica com a Equipe dos Irmãos de Fé***). Pois bem, agora o fenômeno de a imagem verter lágrimas pelos olhos de ficção se repetiu em país estrangeiro e a televisão açudou-se em transmitir a notícia e as imagens relativas a ela por toda a parte.

Como repercutem tais evocações no espírito de cada um é o objetivo desta conferência.

A primeira reação e a mais comum é atribuir-se o fato, imediatamente, à entidade representada pela configuração imagética. Se se trata de uma Nossa Senhora, então é o excelso espírito da mãe de Jesus quem está por trás do fenômeno e assim por diante.

O mais interessante é que, segundo as crenças religiosas do Catolicismo Romano, existem inúmeras Virgens Marias; uma é Imaculada, outra é da Conceição, esta é das Dores, aquela é Aparecida, uma outra é do Rosário, aquela outra é do Bom Parto; existe a dos Navegantes, a de Nazaré, a protetora dos negros, a que agasalha os pequeninos, e assim vai. No entanto, a fé católica disseminada pelos crentes valoriza aquela a que se apega cada pessoa, ufanando-se as gentes de que a sua santa seja superior às outras, por haver produzido tais ou quais milagres ou concedido esta ou aquela graça, sem perceber que estão justamente exercendo o papel de distribuição de atributos exatamente igual ao kardecismo, quando se refere à diversidade de espíritos protetores e guardiães.

Não conseguiria qualquer espírito, por mais elevado que fosse, dar assistência pessoal a essa multidão de fiéis que se aglomeram ao redor de cada padroeira que responda pelo nome genérico de Nossa Senhora. E os católicos agem como espíritas, embora reneguem a teoria da espiritualidade escalonada segundo princípios evolutivos.

Outros reagem de modo diferente, evidentemente por não se consagrarem à fé católica. Os evangélicos do cisma da Reforma, multiplicados em inumeráveis seitas e tendências de cultos, por não admitirem a presença no recinto religioso dos fetiches transubstanciados em imagens, investiram o que chamam de *milagre produzido pelos demônios*, sem atinarem que também eles estão procedendo segundo princípios kardecistas, pois admitem a existência de inúmeros seres maldosos com plena liberdade de atuação junto aos mortais.

Basta incutir-lhes na mente que haja possibilidade de um ser pior que outro, para se configurar a gradação evolutiva. Se se admitir que um é pior, tem-se, necessariamente, de considerar que o outro é menos ruim que o um, ou, por outra, que o outro seja melhor que o um. Ora, se existe essa possibilidade, haverá ainda aquela segundo a qual uns agem conforme o modelo humano dos perversos, podendo existir *demônios* bem mais execráveis

e poderosos em maldade que os piores seres encarnados, havendo, porém, também aqueles cuja crueldade não se tenha aperfeiçoado ao ponto de certos descabros cometidos por seres humanos encarnados.

Se se admitir essa hipótese, sem que se configure no ser humano qualquer incorporação demoníaca que necessite de exorcismo, aí teremos a estranha situação de demônios mais bonzinhos que os humanos e de humanos piores que demônios. Não seria mais fácil raciocinar que todos são espíritos, igualmente filhos de Deus e cuja única diferença está no fato de uns estarem encarnados e outros não?!

Materialistas contumazes procuram explicações lógicas, coerentes com a natureza da essência de que se compõem todos os corpos. Assim sendo, pesquisam a composição do líquido, a textura física das imagens, se se trata de gesso permeável à umidade ambiental, capaz de exsudar o excesso de água acumulada na atmosfera e que se concentrou nos interstícios do material poroso, incapazes de perceber a possibilidade de algum outro tipo de matéria menos densa interpenetrada nesta, que compõe seus tecidos de moléculas e átomos, quintessenciada energeticamente e passível de ser trabalhada por princípios próprios, que estariam sob o domínio de seres criados e revestidos segundo essa mesma natureza.

Sua argumentação parte do princípio de que tudo que existe deve ser passível de experimentação empírica, quer por meio de seus sentidos, quer por intermédio de maquinaria desenvolvida inteligentemente, mas que só representa uma espécie de ampliação dos meios de contacto com a realidade fornecidos aos seres pela natureza. Esquecem-se de que seu raciocínio parte do princípio de que tudo pode o homem, embora não admitam poder muito mais simples: o da constatação da própria inteligência, pois, se a argumentação é puramente mental, já que os raciocínios são meras deduções do que se pode comprovar instrumentalmente, por que não admitir-se a razão como existente em si mesma, já que não se pode comprová-la experimentalmente?

Jamais se colocou o silogismo debaixo do microscópio para observar-se sua textura molecular. No entanto, nenhum materialista ferrenho abre mão dele na defesa de suas teorias e de seus princípios metodológicos de pesquisa científica. Ora, esse dilema não costuma pôr-se diante da dialética do materialista, porque tem consciência clara de que teria de admitir a razão pura, à vista da qual seria obrigado a considerar a possibilidade de outra e mais outra e outra ainda realidades, com sistemas próprios de organização existencial e com receituário específico de normas e regras para que os habitantes dessas essências possam contatá-las.

Nesse caso, as lágrimas das imagens poderiam até ser a manifestação plástica de certo relacionamento de outra essência material ao contacto com a *universal*, embora não se pudesse comprovar através de recursos laboratoriais tal permeação, nem as razões físicas plausíveis para o intercâmbio. De qualquer modo, ao admitir a possibilidade dessa interação, o materialista seria tangido a aceitar a explicação metafísica proposta pelo espiritismo, que se baseia justamente nesse aparato material mais sutil do revestimento do espírito puro, considerado como a divina centelha do momento da criação.

Poder-se-ia até não aceitar o que acima dissemos a respeito da divinização do ato criador do Universo e teríamos configurado o que chamaríamos de *espírita-materialista*,

mas sorriríamos de prazer por ver o materialista ter de aceitar a derrogação de seus princípios e anuir na ultrassensualidade do fenômeno das lágrimas.

Há posição mais cômoda: aquela que só vê na manifestação a maldade e o espírito interesseiro das pessoas que vestiram os hábitos, julgando, desconfiadamente, que, por trás de cada lágrima, se escondam algumas velas a serem vendidas, algumas espórtulas a serem embolsadas, alguns muros a serem erguidos, alguns franguinhos a serem digeridos, alguns copázios de vinho a serem deglutidos. São seres de abjeta mentalidade, pois, ao passo que estabelecem o princípio do julgamento, à revelia da palavra do Cristo, se isentam da necessidade ou da responsabilidade da investigação material ou da aplicação intelectual, para transformarem o mistério em artigo de quinta categoria, adquirível em qualquer bazarinho de prendas religiosas.

São raciocínios desprezíveis mas produzidos por pessoas que nos merecem plena consideração, pois têm os recursos existenciais de igual textura que os nossos. Se se dedicassem um pouquinho só a considerações desta natureza, se estendessem o mesmo raciocínio que utilizamos na configuração de que todos somos irmãos, mesmo aqueles que tão impudente e inocuamente supuseram como sendo os autores das fraudes, teriam de se curvar à evidência de que a medida de um serve para todos e de que, na mesma caçarola em que assaram o *frangainho* dos religiosos, verão assados os seus rompantes argumentos de desconsideração pelos semelhantes.

Há reações mais justas, acertadas, honestas e prudentes: são as dos irmãos espiritistas cômicos de que Deus é Pai e distribui igualmente por todos suas benesses. Sabemos que muitos irmãos kardecistas põem em dúvida a possibilidade de transmissão mediúnica aos irmãos católicos, pois, devido à incompreensão destes por esse tipo de manifestação, consideram que seria *jogar pérolas aos porcos*. No entanto, são mais recatados e, quando não afeitos ao raciocínio evangélico e principiantes no estudo da doutrina, preferem agasalhar-se à luz das explicações dos mais experientes, fazendo crescer em importância as palavras dos amigos que assumem responsabilidades de comando nos centros espíritas. Estes, de resto, nem sempre se colocam em condições de isenção diante do fenômeno e correm o risco de influir mal, concorrendo para erros de interpretação do fato.

Entretanto, de todas as atitudes é a mais serena e avisada. Melhor ainda seria se buscassem esclarecer-se através da palavra segura dos mentores, perquiridos especificamente a respeito desse tema, ao qual estamos, por segunda vez, reportando-nos, dada a importância da repercussão que tais *milagres* terão, à vista da facilidade de sua divulgação por meio do telejornalismo, que evidencia o fenômeno através de imagens inconfundíveis, bem como pela amiudada repetição que, pelo que sabemos, está sendo providenciada.

Como os aspectos morais e espirituais do fenômeno em si foram exaustivamente discutidos na suprarreferida mensagem, resta-nos, após ter tangenciado os aspectos filosóficos, à vista das teorias que embasam os raciocínios mais contraditórios no orbe, deixar palavra de advertência ao caro irmão leitor, para que prime, em suas considerações em torno das lágrimas, por exaltar a grandiosidade de Deus e seu interesse em que os homens busquem consolidar, o mais rápido possível, paz internacional capaz de capitalizar maior harmonia entre as nações, pois a mensagem real das lágrimas, indiscutivelmente,

qualquer seja a visão que tenhamos, é a de que a humanidade está à beira de mais uma catástrofe moral, de mais um cataclismo espiritual de extensões imprevisíveis, dado o emaranhado de influências espirituais de todos os teores.

Armazenemos as energias e façamo-las evolurem-se em vibrações de preces, para que a espiritualidade superior consiga sustar as manobras militares no Golfo Pérsico, através do desarme das mentalidades, oferecendo-lhes saídas *honrosas* e abrindo-lhes a mente para os valores existenciais eternos.

Pode parecer que o homem comum tenha diminuta capacidade diante da magnitude do problema. Mas se cada um de nós dedicar um pouquinho de si, para a evocação das soluções apontadas, da mesma forma que o nosso grupo se interessou por vir trazer estes esclarecimentos, da mesma forma que o escrevente se dignou acompanharnos através de todas estas considerações, então, poderá a humanidade superar a crise do Oriente Médio e, de quebra, todas as dificuldades morais que se espalham pelos núcleos urbanos, sejam grandes, sejam pequenos, onde se trava surda batalha, em que as inocentes vítimas estão a demonstrar que, em pouco, poderá perder em eficácia o encarne expiatório, dada a generalização do fratricídio. Aliás, de resto (deixaremos a questão em forma de pergunta), não será a guerra total a solução final das guerrilhas particulares, através da extinção da possibilidade de vida na face do orbe, na forma pela qual a conhecemos? Desenvolva, caro irmão, este ponto e veja se consegue responder negativamente.

Pedindo escusar-nos por termos, de novo, trazido à baila o tema apocalíptico do final dos tempos, despedimo-nos, fazendo fé em que nossa manifestação não venha a se transformar em *lágrimas de dor*, ao invés das tão esperançosas *lágrimas de amor* dos *Irmãos de Fé*.

Fiquem todos com o Cristo e não se preocupe o escrevente por não lhe termos trazido tão somente um espírito sofredor. Saiba que todos nós estamos transvestidos em seres de baixa vibração, dado o temor que de todos se assenhoreou à vista do fato de adquirirmos consciência das atuais dificuldades por que passa o planeta. Graças a Deus, ainda temos o poder da fé e as armas da oração, para nos sedimentarem as atitudes de amor em prol do irmão desarvorado no enleamento dos vícios e da maldade!

Vamos orar em conjunto, na intenção de cumprirmos, nós também, o que a todos tão insistentemente estamos recomendando. Faça-o você, no momento mesmo em que chegar a este trecho da leitura, que estaremos ali juntinhos, participando da vibração e ajudando a clamar ao Senhor piedade para este orbe de dor, para este verdadeiro *vale de lágrimas*.

Amém, Jesus!

## 5.º Relato

Prezadíssimo irmão, aqui venho por estas mal traçadas linhas informar que pouco me importo com a solução dos problemas por que passo. Já muito roguei ao Senhor (— Você se considera, portanto, *arrogante*? — perguntar-me-á você, inadvertido do meu potencial energético-perceptivo), e ele não me deu qualquer resposta plausível. É bem verdade que tenho encontrado certo conforto, a partir do momento que adentrei este recinto, mas me sinto em situação incômoda, ao enfrentar este batalhão de injetores de vibrações por todos os lados. Há um aluvião de fios por toda parte. Se estivesse encarnado, poderia comparar com telefonista que ficasse louca e tentasse matar-se com os cabos dos telefones de seu console.

Pedem-me para voltar ao fio de meu assunto. Gostei do trocadilho!

Bem, vou resumir. Sei que deveria confiar em quem está com tanta paciência a me controlar, já que eu vinha fazendo de tudo para perturbar o ambiente. Não suporto ver as pessoas alegres e felizes, ao mesmo tempo que tanta desgraceira se espalha pelo mundo, e não estou fazendo referência àquele da carne, mas dos lugares de onde venho.

Já faz certo tempo que tenho tido livre trânsito entre o mundo das cavernas e as cidades dos homens, onde só conseguia chegar durante a noite, para promover desordens junto ao grupo de baderneiros de que faço parte. Há muito tempo que desisti de procurar meus inimigos. Certa feita, encontrei-os, mas foi impossível sequer chegar perto, porque tinham assestadas contra mim baterias de foguetes que me impediram de sequer levantar a hipótese da aproximação. Sei agora que os encontrei em centro espírita e muito me admira o fato, pois, pelo que me recordo, eram santarrões da Igreja Católica, *comedores de hóstia*, como se costuma falar. Será que o filho deles que deixei estendido em meio de poça de sangue teve o dom de transformá-los? Penso que essa seja a única explicação. (Os amigos aqui presentes apontam o polegar para cima.) Então foi isso, porque, durante muito tempo, sofri a desdita da perseguição.

O caso na Terra foi de crime passional. O rapaz enrabichou-se pela minha irmã e eu não aceitei, porque ele era pobretão e eu esperava ficar rico através de certo casamento de conveniência que tinha preparado para ela. Como ela não me atendeu, surpreendi os dois juntos e descarreguei o revólver no infeliz. É certo que atingi também a maninha, mas não ficou muito ferida. O sujeito, matei na hora, mas fui infeliz porque ele era da polícia e caí na asneira de me vangloriar do fato. Não teve dúvida: fui *justiçado*, ainda porque traficava maconha e cocaína. Mas foi há muito tempo atrás e não adianta falar sobre isso. Pode parecer até romance barato de feira nordestina.

Agora aqui estou para apontar meus desejos mais íntimos. O que não gostaria era de voltar a enfrentar aquele grupo de desordeiros. Quando souberem que subi até a luz,

vão ficar umas *araras* comigo. Quero, desde já, agradecer a este bondoso amigo que escreve, por me ter auxiliado com as palavras. Não sei exatamente como faz, mas o certo é que me entende perfeitamente, embora os termos que eu empregue não sejam exatamente aqueles que estão sendo transcritos. Chamou-me a atenção a expressão *umas araras*, que deixou passar.

Mas, *voltando à vaca fria*, também gostaria de me ver livre de certa pressão que sinto na cabeça, justamente no ponto em que fui atingido pelo balázio do policial. Se precisarem de mais alguma informação, estou pronto a fornecer.

Que fiz com o resto de minha família? Bem, sobre isso não gostaria de falar, porque parece que aí é que realmente fiz o que não deveria. Desde pequeno acostumado com a miséria, um dia, desanquei meu pai bêbado de pancadas. Ficou aleijado e não demorou para morrer. Minha mãe morreu de desgosto. Minha irmã, obriguei-a a deitar comigo. Os irmãos menores, acostumei na maconha (não no tóxico, porque era muito caro) e obriguei-os a trabalhar para mim. A última notícia que tive deles, estavam internados na FEBEM. Não gostei de falar disso tudo, porque tenho medo de que não vá mais conseguir os benefícios que me tinham prometido ao trazerem-me para cá.

Sinto que o escrevente está tentando fugir à minha influência e que há grande movimento de irmãos ao meu redor.

Pedem-me para confiar em que o trabalho seguirá normalmente até o fim e para acreditar em que tudo será feito em meu favor.

Bem que gostaria de dizer que sinto remorso, mas parece que essa palavra só existe na minha cabeça e não se exprime em meu coração. Quando me lembro do que fiz, não me arrependo. Parece até que não era eu quem cometia tantos desatinos. Isso gostaria de ver esclarecido, pois sinto falta de ter sentimentos. Um dia, percebi que estava fazendo uma porção de bobagens comigo mesmo, para ver se a dor que provocava me trazia alguma sensação de espontaneidade, de vida — não sei como definir o que se passa em meu cérebro.

O tempo de escuridão não foi agradável, pois as lembranças de como era na carne eram melhores, mas não tinha muito do que me queixar. Quando tinha desejos de fazer isso ou aquilo, fazia. Quando não dava certo, procurava fazer outra coisa. Sempre encontrei parceiros para tudo. É bem verdade que, se não tomasse cuidado, eles me *pegavam por trás*, mas a vida é assim mesmo. (Fazem-me sinal com o polegar para baixo.)

Estou ficando com medo do desvelamento do mistério e gostaria, se pudessem fornecer, de receber algum sedativo para dormir, como aqueles que existem na Terra. Estou começando a tremer, acho que por necessidade da droga. Será que vou ter de ficar aqui por muito tempo? Levem-me embora, por favor...

## Comentário

Evidentemente, o lenitivo que temos condições de oferecer ao espírito sofredor se constitui de vibrações energéticas do magnetismo de que estamos dotados. Existe acompanhando-nos sempre equipe médica, com recursos próprios para tranquilização das vítimas da transfiguração cármica por que passam os viciados em drogas alucinógenas. É de todo conhecido o tratamento desse desespero *metabólico*, se assim podemos dizer, mas é demorado e extremamente aflitivo e doloroso.

Vamos reatar os vínculos para que se compreenda o presente trabalho socorrista.

Como se pôde perceber, a entidade que aqui aportou trazida pelo grupo está em lastimável estado perispiritual. Sua mente está pervertida pelos inúmeros crimes que perpetrou e, se fosse julgada pelos padrões vigentes na legislação humana, em certas regiões receberia a pena capital de execução sumária.

Aqui nós agimos diferentemente; longe de julgar dos méritos ou dos deméritos das atitudes, procuramos analisar os molambos em que se transformou a criatura, buscando juntar e remendar pedaços, sanar enfermidades, sustar hemorragias e estancar o sangue, providenciar socorro moral e elucidar a mente, fornecendo os elementos evangélicos mais capazes de produzir a necessária revitalização, para soerguer e propiciar condições de higidez espiritual, para outra aventura expiatória no plano da realidade material mais densa do orbe.

No caso específico do irmão de quem estamos tratando, houve intervenção direta de quase todas as vítimas de suas loucuras, a partir do pai, que há tempos vinha pleiteando assistência para o filho, desde quando se restabelecera do choque pela morte abrupta. Devemos dizer que o espírito tentou passar uma peta ao acoimar o pai de bêbado, pois era, sim, trabalhador comum, braçal, que, como todos, se deixava embriagar regularmente nos fins de semana, mas que nunca faltou ao serviço por essa razão.

Pois bem, a partir das diligências paternas, foi possível congregá-lo à figura límpida e esclarecida do jovem amante da filha, o qual lhe tinha desvelado apreço e intensa paixão, tanto que por ela se sacrificou, tendo em vista que os disparos do nosso assistido visavam a ela e não ao noivo, que, ao interpor-se entre os dois, recebeu os balázios no peito. Instruído em leituras evangélicas, o moço pôde superar muito depressa a condição de convalescente do desenlace repentino, exercendo, a seguir, forte pressão magnética sobre a parentela, para que perdoassem o desafeto. À vista de se ter conseguido a chamada *vingança social*, pois coube às forças legalmente constituídas o revide à ofensa de sangue, foi-lhe mais fácil o acesso aos corações dos familiares mais revoltados, levando-os a intuírem a necessidade do perdão. Neste ponto é bom esclarecer que esta família é espiritista convicta desde há tempos, tradicionalmente, sendo mais uma falsidade o que o caro irmão relatou.

Agora teremos de começar o trabalho de revelação das verdades ao assistido. Além dos aspectos da recomposição perispiritual, haverá muito o que fazer no campo da compenetração da realidade existencial. Pelo estado em que se encontra, deverá perpassar por vários encarnes até adquirir condições de inteirar-se consequentemente a respeito de

suas deficiências. O que o está mantendo é o diligente interesse de todos em que consiga recuperação. Só a irmã é que vibra contrariamente a este desiderato. Quanto aos irmãos, futuramente, também deverão voltar-se contra ele; por ora, o fenômeno do egoísmo acendrado fá-los manterem-se inoperantes quanto ao causador dos males que sofrem.

Esse é o quadro que as entidades socorristas têm diante de si. Que fazer para debelar o mal e conseguir transformar tão feia criatura em anjo de bondade? Muito pouco que não seja confiar na misericórdia divina e na excelência dos espíritos que se interessaram por ele, contribuindo com revigoramentos espirituais através da prece, para o que o leitor poderá colaborar, no instante mesmo em que aceitar tal indigente como irmão menor necessitado de ajuda.

Aliás, sem que haja legítimo interesse, sem que se condoa verdadeiramente o coração, caro amigo, e não por mero *dever de ofício*, não reze. Você talvez chegasse até a vibrar ao contrário. Faça-o apenas se conseguir assegurar-se de que sua ajuda será de proveito. Por outro lado, não se comova às lágrimas, como se seu sentimento estivesse de luto e sua compaixão tão só significasse o temor de se ver na pele de alguma das personagens da história. Una sentimento e razão, compreenda em profundidade o drama existencial do irmão sofredor e aí, com o coração convicto de que sua atitude seja a mais pura manifestação do amor fraterno, eleve prece ao Senhor em prol do restabelecimento do irmão imerso em tão profunda ignomínia moral.

## Esclarecimento

Era o que tínhamos para esta tarde ensolarada de final de outubro. Fique tranquilo você mesmo, caro irmão, que sua vibração auxiliou o irmãozinho em seu primeiro estremecimento rumo ao despertar necessário para a compreensão da vida. Fique na paz do Senhor e predisponha-se ao trabalho, sempre com esta mesma disposição fluídica e vibratória, pois muito temos pela frente.

Coragem e engrandeça seus conhecimentos, não deixando de efetuar, a par de todo o trabalho de datilografia, as leituras das obras evangélicas do irmão Emmanuel, procurando deixar de lado as do príncipe Ramatis, pelo menos por enquanto. É que, ao ler Emmanuel, você será levado aos textos bíblicos e é com essa disposição vibratória que o queremos conosco.

Augusto (pela equipe).

## HALLOWEEN

— *Dia das Bruxas. Eis-nos transubstanciados em espírito escrevente, prontos para pespegar uns sustos nos mortais, pondo-lhes fogo às moradias e levando-os à alucinação.*

Era isso que se poderia esperar nesta data, antevéspera do Dia de Finados, em que os mortos são reverenciados com muito amor e carinho.

Entre os dois, Todos os Santos, data festiva da religiosidade católica, mas celebrada com muito amor por quantos tenham a lembrança da excelssitude dos seres que se evangelizaram e que um dia perlustraram os ínvios caminhos da Terra.

Em que dia se sente você melhor? Treme de medo no dia de hoje, temeroso de que lhe venham puxar o dedão do pé à noite? Vibra de orgulho por ter tido a felicidade inaudita de usufruir a companhia de algum ser santificado por procedimento de superior categoria evangélica? Deixa rolar lágrimas de saudoso afeto pelas criaturas amadas que se distanciaram para outras esferas, mas cuja presença se sente nas vibrações de muito amor que perpassam o coração?

No primeiro caso, será justo estar apreensivo, se se deixou perder no mundo das imoralidades e das perversões, da maldade e do crime. Ainda que o *pecado* tenha sido bem pequenino, ainda que a indecisão se tenha dado em átimo de segundo, se a consciência pesa, é possível ter-se a sensação de que algum fantasma se erguerá esta noite para a indefectível acusação:

— *Você pecou! Você deve pagar por isso!* — evidentemente com a tétrica e lúgubre entonação necessária para o efeito do mistério e do medo.

Se, metafisicamente, algum ser ectoplásmico se levantar diante de sua apavorada figura, segure-se na prece e eleve os pensamentos a Deus, na certeza de que, por mais feia seja a criatura, por mais horrenda e disforme, e talvez mesmo por mais demoníaca e fantasmagórica, aí quanto mais amor está a pedir, quanto mais em misericordiosa atitude de confraternização. E se você conseguir estabelecer contacto e puder demonstrar o caminho da luz, mais você conseguirá adentrar o mundo dos santos, daquelas mesmas criaturas que serão veneradas no dia de amanhã. Quem sabe mesmo, ao transitar no tempo, iniciando-se pelos terrores de um dia de bruxas, você termine iluminado e sereno junto a entidades santificadas e reconfortadoras!

Pois bem, amanhã teremos o Dia de Todos os Santos. Se você não estiver afeito às leituras de suas biografias, não saberá que de lutas e de sacrifícios se revestiram suas peregrinações até o momento excelso de se constituírem em fanais de glória para quantos consigam espelhar-se em seu exemplo. Não saia de casa amanhã, durante os momentos de lazer e de repouso. Deixe-se embalar por profunda meditação a respeito dos valores e virtudes que guindaram esses seres à espiritualidade superior. Estabeleça rigorosa

comparação com seu atual procedimento. Certamente, você se espantará por encontrar tantos pontos em comum e se inquirirá do porquê não ser considerado, você mesmo, ser superior, se tantas são as qualidades inerentes à sua personalidade. Aí verá que talvez lhe falte o essencial: o espírito de sacrifício, de desprendimento e a virtude da caridade. Mas isto será bem pouco e você firmará a decisão de superar essa deficiência e se comprometerá diante da vida a obter sucesso nesse novo empreendimento.

Para auxiliá-lo, vamos indicar-lhe a primeira leitura, que deve ser feita de modo sábio e ponderado, se possível na companhia das pessoas que lhe são caras, sempre em dias predeterminados, em horário estabelecido com rigor: de Allan Kardec, ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, tendo ao lado, para as devidas consultas, os ***Evangelhos*** dos Apóstolos e demais obras da doutrina espírita, concernentes à codificação: ***O Livro dos Espíritos*** e ***O Livro dos Médiuns***. Para leituras subsidiárias, sugeridas no momento por alguma inspiração mediúnica intuitivamente captada, qualquer obra de Emmanuel da série ***Caminho, Verdade e Vida*** ou, de André Luís, ***Conduta Espírita***. Na prateleira bem próxima, outras pérolas da literatura espírita prontas para a compulsão necessária.

Se da reflexão de amanhã lhe brotar tal decisão, estará mais apto para enfrentar o dia seguinte, o Dia de Finados, pois poderá sentir o frescor do hálito do irmão que partiu e que agora retorna em espírito para lhe agradecer as preces e o carinhoso afago sentimental. Se lágrimas escorrerem saudosas, que sejam lágrimas de muito amor, na ventura revivida pela mente, em seu poder de evocação, e na ternura reavivada no coração.

O tema de hoje nos serviu para explanação do ponto de vista muito comum entre os espíritos nestas datas tão significativas, especialmente aquela em que a recordação dos mortos faz elevar efusivas vibrações de muito reconforto e harmonia. Que saiba cada um dos mortais reconsiderar o próprio padrão de vida, refazendo os vínculos rompidos com os ideais da encarnação. Que cada um dos irmãos leitores consiga para si pequenina vitória vibratória, unindo-se em espírito aos entes queridos para que, incorporados, possam fazer filtrar de um para outro as forças energéticas revitalizadoras. Que dessa união fraterna nasça para toda a humanidade mais uma fonte de perene energização do ambiente, que a decisão de ser melhor e cada vez mais perfeito indefectivelmente provoca no âmago da alma de cada ser. Que dessa união entre os planos possa renascer o paraíso perdido, desejo que se encontra tão profundamente abalado pelos anseios de destruição e poder que grande cópia de mortais expande em ondas vibratórias de baixa frequência e de abertura de canais com os seres que infestam os mundos inferiores.

Vamos superar isso tudo. Vamos trazer para nós esses infelizes, através de nossa vigilância e de nosso ardor socorrista. Se é verdade que nem todos estamos aptos a enfrentar as forças do mal, façamos pelo menos por aderir em intenção aos grupos que se destinam ao resgate de amor que se efetua neste nosso plano existencial. Já diversos exemplos deixamos registrados de desempenho em prol dessas criaturas perdidas pela insensatez de se acreditarem melhores que os outros. Muitos outros seres traremos para demonstração de que é possível salvar mesmo os que cometeram os crimes mais ignominiosos. Mas, para isso, precisaremos do apoio que conseguirmos reunir junto aos encarnados, por meio de suas preces purificadas pelos sentimentos evangélicos mais sublimes, hauridos nos ensinamentos de Jesus, nosso Mestre e Supremo Instrutor. Iniciemos

desde já o serviço e reservemos para esse restabelecimento espiritual alguns minutos todo dia, orando com fervor e oferecendo as vibrações mais santas, sem medo de desvirtuamentos, na convicção de que muito estaremos ajudando o socorrismo ativo dos grupos encarregados de trazer à luz a esses seres que erram na escuridão.

Juntos poderemos chegar à consecução desse objetivo que visa, antes e acima de tudo, dar condições de resgate aos seres que perderam sua identidade de criaturas de Deus e que se fantasiam hoje de bruxas, de demônios e de monstros.

Oremos, irmãos!

*Deus, infinitamente bom e misericordioso, insuflai-nos na alma o poder da fé, a coragem da esperança, o destemor da confiança, o alicerce da sabedoria, a paz do amor, a força da solidariedade, a firmeza do descortino e, principalmente, o zelo da caridade. Dai-nos os recursos morais e o reconforto da vibração amiga dos companheiros e iluminai-nos o caminho, para que consigamos resgatar das trevas da ignorância, da ignomínia dos crimes, da pobreza do egoísmo, os irmãos sofredores. Acendei-nos no coração a chama sagrada do dever cumprido, para que façamos com ela a tocha que nos revelará a alegria de termos ao lado, pujante e forte, saudável e evoluído, aquele mesmo irmão que um dia fomos retirar das profundezas abissais do bátrio. E prodigalizai-nos as vossas bênçãos, Senhor, para que mais e mais irmãos se confraternizem conosco nesta aventura existencial, para que todos juntos adentremos o vosso reino de amor.*

## 6.º Relato

Eis-me aqui, o primeiro fantasma para te atormentar. Não penses que te livrarás facilmente disto, fazendo menção de simples *rezadinha* barata. Se queres atenuar o efeito do susto, não te voltes para trás, pois aí verás o teu vulto reproduzido e poderás perceber que te cresceram chifres e rabo, que teus pés se encurvaram para trás, que tuas sobrancelhas se aguçaram para o alto e que teus dentes brotam para fora da boca. A tua pele está escura e o teu coração se derrete em lágrimas de dor e ódio, por teres tido o privilégio de saberes que crimes cometeste em tua derradeira encarnação...

### Comentário

O irmãozinho já se retirou. Esteve conosco desde o início e lhe foi possível acompanhar o texto inicial. Assim, tomou conhecimento do Dia das Bruxas e quis, galhofeiramente, aproveitar-se da situação para a encenação. Contra até a nossa expectativa, o escrevente interrompeu a escrita para induzi-lo a se inteirar do seu estado, procurando doutriná-lo. Devemos dizer que os elementos disponíveis ao médium eram bem insuficientes, especialmente porque sua textura perispirítica estava despreparada para tal cometimento, desgastada que foi pela participação no ato mediúnico anterior. Mas isto não comprometeu o trabalho, pois os socorristas auxiliaram onde houve falha e intermitência.

O amigo não era o que poderíamos caracterizar pelo retrato que ele mesmo pintou acima, mas não primava pela bondade. Vai necessitar de muito auxílio e vai precisar esforçar-se para conseguir restaurar os seus recursos energéticos, para chegar a novo encarne expiatório. Não faz mal; o importante é que se tenha compenetrado de sua condição de ser em lastimável estado, cujas causas lhe serão paulatinamente reveladas.

De qualquer modo, poderemos acatar a sugestão que o médium deu de se ver o sofredor em contacto com as pessoas que lhe foram caras, desde que realmente sintam real saudade dele. Tememos que dificilmente tal possa estar ocorrendo, porque presumimos que de há muito erre pelas trevas, sem voz que interceda em seu favor.

Em todo caso, valeu a experiência para demonstrar que a equipe está atenta e que podemos contar com o médium para serviços desta natureza.

## PREOCUPAÇÕES CASEIRAS

É muito comum encontrarmos-nos com médiuns preocupados com situações especiais em seus lares. Até mesmo quando tudo, aparentemente, transcorre em paz, é corriqueiro que o mediador volte os pensamentos para pequenas contas a pagar, para recadilhos a dar, para compras a providenciar e assim por diante. Quando as preocupações se originam de graves transtornos financeiros, situações morais peculiares, afrontas e desafrontas no âmbito profissional, fatos que consigam perturbações vastas no domínio das emoções e da sensibilidade, desastres, mortes, notícias de catástrofes, aí o descalabro no momento da recepção da comunicação mediúnica é compreensível. Quase sempre solicitamos ao bondoso trabalhador que se afaste da mesa, para só conseguir ajuda e apoio, já que sem condições está de se constituir, ele mesmo, em amparo para a sustentação do serviço socorrista.

Todos nós, um dia, somos alvo de situações de envolvimento sentimental, de sorte que nos transformamos de socorristas em socorridos. A pregação mais habitual é o contrário: que os socorridos se transmudem em socorristas, a iniciar-se pelo socorro que devem prestar a si mesmos.

Pois bem, quando a preocupação do mediador é compreensível, nós lhe solicitamos para afastar-se. Mas quando é de pequeníssima monta, que atitude devemos tomar? De censura? De esclarecimento? De compreensão? De perdão? De cada uma um pouco, a principiar pelo fato de que o próprio interessado já deveria ter tido suficiente discernimento para aplicar a si mesmo as sanções cabíveis. E se não o tiver feito, vai receber mais essa admoestação.

Se o trabalhador recalitrar, não admitindo qualquer observação a respeito do estado em que se apresenta para o trabalho, aí será duramente advertido, pois estará encaminhando-se para esquecimento do princípio que rege o trabalho mediúnico: o desprendimento total da condição de encarnado e a só lembrança do fato de ser trabalhador em prol da edificação das bases doutrinárias de quantos estejam necessitados de esclarecimentos.

Se, apesar de tudo, persistir em negacear o corpo, provocando situação desagradável de confronto com as entidades sofredoras, a tal ponto de lhes favorecer o argumento de que o exemplo dado não condiz com as verberações proferidas, aí, inevitavelmente, seremos obrigados a pedir que o mau trabalhador se afaste e permaneça distanciado das mesas evangélicas, enquanto perdure a renitência em não admitir seus erros e enquanto não se preparar convenientemente, no aspecto moral, para ter capacidade de acompanhar o desenvolvimento dos parceiros e doutrinadores.

Se, apesar de todas as recomendações, ainda assim o trabalhador, em atitude de final contestação às advertências, insiste em fazer parte do grupo, aí restará deixar o local entregue a outras entidades de vibrações mais consentâneas àquelas do amigo em litígio consciencial, desde que não se consiga afastá-lo por meio de atitudes coercitivas extremas, como moléstias providenciais que impeçam a deslocação mas não proíbam a atividade mental, por exemplo, ou ainda através das palavras aconselhadoras e amigas dos companheiros cômnicos do problema.

Como reagiria você, bom amigo, diante de tal circunstância? Que faria para tentar recompor a anterior disposição, uma vez que está fraquejando diante da crescente angústia do desempenho cada vez mais difícil e oneroso? Faria apelo aos irmãos de ofício? Invocaria os guias e protetores? Elevaria preces e rogativas ao Senhor? Solicitaria intercessão de Nossa Senhora? Chamaria diretamente a Jesus Cristo? Abriria os livros sagrados em busca de inspiração?

Tudo isso poderia ser feito com real proveito, mas o mais importante seria rigorosa análise do procedimento, procurando elucidar as pequenas falhas por onde estão penetrando as influências deletérias de quantos tenham por objetivo desconjuntar o aparelho receptor das mensagens. Tudo que acima referimos poderá, então, surtir efeito bem mais poderoso, pois, a par de se sanarem os problemas específicos do médium, certamente serão considerados também aqueles relativos às entidades perniciosas, de sorte que se poderá, *com uma só cajadada...*, através do encaminhamento dos sofredores para sua cura e recomposição perispiritual.

Eis que se revela, afinal, o objetivo da dissertação: o socorrismo a que nos dedicamos em relação às entidades sofredoras. Se você, bom amigo, participa de mesas de doutrinação e de distribuição de recursos fluídicos para regeneração dos tecidos etéreos dos irmãos sofredores e, inadvertidamente, comparece ao trabalho sentindo certa indisposição mental aparentemente sem fundamento: o filhinho está com dor de dente, a empregada não compareceu ao serviço, o amigo perdeu o ônibus faltando ao compromisso, o irmão se deu martelada no dedo, você se esqueceu de certo encontro pouco importante, qualquer coisa que cresça de valor de modo imprevisto e inconsequente, aí lute por perceber que brechas deixou abertas por onde estão penetrando as vibrações sorradeiras dos gratuitos desafetos do espaço.

O mais razoável, dada a premência da situação, é orar para que os bons amigos da espiritualidade afastem o intruso ou o conduzam à mesa para manifestação e possível doutrinação. Nunca se deixe arrastar pela impressão de que o mal-estar irá passar em seguida ou pela ideia de que, uma vez que sempre cooperou nos serviços, esteja imune a qualquer tropeço em sua tarefa. Excesso de confiança aqui é fundamental para que se perca de vez a necessária humildade, base de todo serviço no campo da mediunidade.

Estamos insistindo neste ponto, porque todo médium, pelas mais variadas razões, passa por momentos de defecção, mesmo que meramente psicológica. Não é raro ocorrer de se encontrarem pessoas calejadas no ambiente espírita, de repente, totalmente descrentes do próprio serviço. Nesse caso, evidentemente, a base dos estudos é que está precária, pois, no avançar lento das lutas é que se deveria compenetrar o trabalhador, cada vez mais, que pouco ou nada conhece da doutrina. Aliás, é o que acontece em todos os setores do conhecimento humano: quanto mais se dedica o especialista a decifrar os

mistérios relativos à sua área de aplicação, mais vai constatando que seus conhecimentos se aproximam do nada. Essa verificação, no entanto, deve constituir-se na própria segurança do trabalhador e no próprio incentivo à continuidade dos estudos, das leituras e das releituras, pois não basta um dia ter tomado contacto com determinada matéria, pois, com o aumento dos cabedais, melhores condições se adquirem de se avaliar de modo mais perfeito aquilo que um dia pode ter passado despercebido.

Embora o conselho inicial se endereçasse aos novatos do espiritismo, esperamos ter despertado também nos antigos o interesse por conhecer-se melhor diante da doutrina, favorecendo-lhes mais um detido e minucioso exame de consciência. Diante de nossas palavras, certamente, os mais velhos terão mais de que se reprimir, pois mais conscientes estão dos descaminhos e mais seguros das falhas de formação da personalidade.

Entrementes, esperamos que nos perdoem a ousadia, o que verdadeiramente farão se lhes dissermos que um dia, após termos trilhado inúmeros caminhos dentro da doutrina e por largos anos termos contribuído com esforço e dedicação para o engrandecimento de diversos centros espíritas, após termos desencarnado em idade absolutamente prolecta, beirando os noventa e cinco anos de idade, ainda assim, ao despertarmos na nova realidade, pudemos observar que muito pouco fizemos diante do muito que poderíamos ter feito. Na expectativa de poder ajudar, portanto, é que nos atrevemos a endereçar nossas palavras aos mais operosos trabalhadores do Cristianismo Redivivo que é o Espiritismo Kardequiano.

Para o juvenzinho que nos seguiu até aqui nestas *sérias* considerações, temos palavra de recomendação que resume todo nosso conhecimento e experiência, a qual, de resto, se não for vivida com o coração e se não for examinada percuciente, sagaz e pacientemente pelo cérebro esclarecido através das leituras mais importantes, não terá significado algum. Ei-la.

**Só espere dos outros o que você está em condições de oferecer; nunca espere de ninguém nada que se veja impedido de dar. De Deus, pode esperar tudo, mas deverá saber que dele só obterá o que você puder oferecer ao seu semelhante. Em suma, faça tudo que puder ao próximo e não espere dele nada em troca, na certeza de que Deus tudo proverá em seu favor. E isso deve iniciar já, se é que ainda não começou.**

Aos irmãos mais velhos, mais experientes, denodados trabalhadores do Cristo, a vocês também temos palavra de muito afeto e de muita consideração, mas essa palavra já é do conhecimento íntimo de todos. Ei-la.

***Pai nosso, que estais...***

Augusto.

## Comentário

Quiseram os amigos homenagear-me nesta data de primeiro de novembro, Dia de Todos os Santos. Pode parecer aos menos avisados que possa ter sido alguma disparatada e jocosa brincadeira, tendo em vista minhas vastas barbas brancas. Mas sinto-me profundamente honrado pela lembrança; apenas gostaria de poder realmente usufruir o grau de bondade e de discernimento a que eles se reportam através de sua atitude de relevante carinho. A eles dedico a mensagem acima, fruto de muita meditação e resultado das lutas que empreendi no terreno do socorrismo fraterno.

Se alguém, algum dia, ao ler minhas palavras, sentir brotar-lhe no fundo d'alma o desejo de seguir os passos de Jesus em sua peregrinação de amor, credite tal emoção à evocação deste modesto trabalhador por meio de alguma prece comovida, da qual partilharei imensamente feliz por denotar que mais um dever chegou a cumprir-se.

E que Deus ampare a todos nós e propicie o desenvolvimento de que carecemos para, um dia, realmente todos juntos, sermos lembrados nesta mesma data. E que desçam das elevadas regiões da angelitude vibrações de muito amor para amparo nosso e soerguimento. E que de todos os corações puros ascendam em preces os mais sagrados votos de felicidade aos irmãos que conseguiram suplantar a dor e a miséria humana.

**Glória a Deus e paz entre todas as suas criaturas!**

Augusto.

## 7.º Relato

Para a prezadíssima esposa, nesta véspera de Finados, notícia que tão ansiosamente aguarda: seu pai está conosco, comovido às lágrimas, exultante e satisfeito por poder, ele mesmo, deixar o lugar em que se internara para tratamento. Desejaria dizer muitas coisas mas impedimo-lo por estar o médium extremamente emocionado, quase consternado, por situação tão inusitada. Desconfia de si mesmo e tem razão, pois foi por iniciativa nossa que lhe trouxemos à mente essa dolorosa circunstância de ter de relembrar a morte do pai à filha, sem a certeza de que se tratasse, realmente, de que se configurasse, com rigor, mensagem autêntica.

### Comentário

Lamentamos ter dado acesso ao médium de espírito sofredor tão maldoso. Vemos que fomos precipites, pois disfarçou muito bem a intenção. Sabíamos que iria tentar envolver o escrevente em situação penosa, mas não nos advertimos para o fato de que seus dizeres pudessem vir a prejudicar a terceiros.

Quanto ao sogro, pelo que nos consta do contacto que estabelecemos neste mesmo instante, permanece internado em casa de repouso, de onde, desperto e absolutamente lúcido, manda abraço saudoso para a filha querida e para todos os demais parentes.

Quanto aos temas em discussão entre os filhos e afins, desconhece tudo o que se passa, pois não se lhe pode dar notícia da crosta. Sabe que todos estão bem e isto basta para restabelecimento de seu estado energético abalado por cirurgia de grave extensão. Está bem e manda lembranças. Eis tudo.

No dia de amanhã, se for possível, que cada familiar faça vibração especial, a qual terá o acréscimo da força das vibrações de tantas outras criaturas, e ele poderá sentir os efeitos na forma de reconfortante sensação de recomposição perispiritual.

Quanto ao obsessor, foi encaminhado para outro aparelho, pois sua estada aqui não produziu nenhum resultado positivo para sua regeneração.

Ao escrevente, pedimos escusar-nos por este destrambelho, esperando que não se aborreça conosco e tire da cabeça a ideia de que se possa perder o controle das coisas. Ao

adverti-lo a respeito do trabalho atual, deixamos claro que nem tudo adquiriria t nus adequado para publica o, tendo em vista as incertezas das manifesta es dos esp ritos angustiados com que lidamos. Ali s,   bom frisar, n o s o raras as vezes em que as entidades nos escapam das m os, diretamente, sem que tenhamos condi es de recambi las ao grupo, infelizmente.

Fique na paz do Senhor!

## OUVINDO O INFINITO

Quando, a sós com nós mesmos, aplicamos os ouvidos para tentar discernir os sons que nos chegam de longe, somos capazes de identificar inúmeros deles através de imediato reconhecimento. No entanto, há muitos que permanecem desconhecidos. Alguns são chilreios de pássaros cujas formas não somos capazes de imaginar; outros são vozes de pessoas perdidas na multidão; rancos de motores ficam incertos, se se trata de caminhão ou ônibus; e assim por diante. Que dizer, então, das vozes íntimas e das imagens fugidias que se põem dentro do cérebro e cujas evocações não nos levam a qualquer pessoa conhecida?

Que fazer diante desses fantasmas, desses sons imponderáveis? Certamente, não nos preocupamos, pois, de súbito, desaparecem, como se captássemos aleatoriamente algo que não nos dissesse respeito. É como se, ao sintonizar as estações de rádio, fizéssemos o cursor perpassar rápido pelo dial e ouvíssemos subitâneas vozes que, de imediato, desaparecessem. Sabemos que tais transmissões estão ali, mas não nos interessa fixar a atenção nelas.

Assim fazemos muitas vezes com as vozes do infinito. São vozes que discursam, que cantam, que chamam, que invocam, enfim, são vozes do além. Mas nós mesmos tememos ouvi-las, pois sentimos insegurança em que possamos ser enganados ou alijados de nossa postura diante do mundo, à vista de ter de executar ordens morais impossíveis de serem rejeitadas. Esperamos que nossas vozes não tenham esse mesmo destino e que, ao chegarem ao querido irmão, soem como vozes pródigas em bons conselhos e em altas consolações.

Sentimos, muitas vezes, que as palavras adquirem tonalidades graves de quem admoesta surdamente, remetendo o ouvinte a considerações de ordem pessoal, enfronhando-se-lhe no interior em busca da consciência culpada. Outras vezes, como clarins ensurdecedores, conclamamos os ouvintes à luta, exigindo-lhes que tenham coragem, que se arremessem com denodo, no intuito de conquistar as virtudes mais sagradas. Outras vezes, nossa voz adquire aquele tom de meiguice e de carinho de compreensiva mãe a exortar o filho a esquecer, a perdoar, pois os males serão sanados por força da misericórdia divina.

Bom amigo, ouça-nos com ouvidos de ouvir e perdoe-nos o fato de irmos tão frequentemente exortar à luta, solicitar apoio, exigir virtudes. Não se deixe de consolar-se eficientemente diante das tribulações detectadas por seu aguçado espírito crítico. Cada um de nós possui embutido no coração sininho de advertência. Quando não somos nós mesmos capazes de acioná-lo diante das tentações e dos perjúrios, aí os amigos da espiritualidade fazem com que vibrem de modo inequívoco e perfeitamente audível. É

nesse momento que devemos concentrar-nos para ouvir o infinito, pois se trata de advertência piedosa, para que não caiamos de novo nas garras dos crimes, das perversidades, dos vícios, para que não nos vejamos, enfim, na situação de ter de reiniciar jornadas, de ter de reiniciar empreitadas.

Há os que são surdos, realmente, por força de conduta repreensível, condenável. Para esses, não adiantam vociferações, altos brados ou longos arrazoados. Nada os comove. Sendo assim, do mesmo modo não há como consolá-los. Mas aos que souberem distinguir as vozes que soam do exterior, daquelas que vibram interiormente, a esses não é dada a possibilidade de fazer ouvidos moucos; antes, deverão aguçá-los cada vez mais para poderem sentir quão afinadas são as vozes que do além partem para o despertar e para a consolo.

Jovens irmãos, não se atemorizem com estas palavras, tendo em vista que bem pouca atenção estejam dando aos sons que sentem dentro de si. Se, porventura, não são capazes de distingui-los, por estarem tão longe como aquelas desconhecidas vozes e ruídos das ruas, deem atenção às palavras que se traduziram através da mediunidade consciente ou mecânica dos irmãos escreventes. Já se contam pelas centenas as obras de caráter mediúnico. Não são elas mais do que aquelas mesmas vozes que muitos se recusam a ouvir ou que não conseguem entender.

Às vezes, são vozes perturbadoras, pronunciadas por meio de sutilezas não compreensíveis de imediato. Outras vezes, são claríssimas, incontestes, mas que soam abafadas por outras muitas que, em conjunto, acabam por se transformar em estranha algaravia sem sentido. Se é esse o nosso caso, abramos o coração para a percepção do que se passa em seu interior, através da leitura atenta das obras referidas, de sorte a, aos poucos, irmo-nos acostumando ao seu timbre, até que sejamos nós mesmos capazes da captação integral daquelas que nos convidam a intermináveis tertúlias íntimas.

Eis que um pedinte passou a solicitar alimento. Não nos foi difícil constatar tratar-se de pessoa jovem, robusta, mas, infelizmente, dopada por ingestão de bebida alcoólica. Como ouvir essa voz apelativa? Dando-lhe com que matar a fome? Indicando-lhe local em que se pudesse atendê-lo mais completamente? São sempre de difícil solução casos como esse, que exigem do socorrista mais do que tem para dar, pois não lhe é facultado transformar o imo do socorrido, à vista da impossibilidade deste de inteira compreensão das recomendações que lhe seriam feitas. E não seria por serem desconhecidas ou incomuns, mas porque não há nele desejo algum de se inteirar das verdades mais mezinhas. Sua atitude se definiu por cinismo integral, de sorte que as palavras que lhe chegam aos ouvidos não têm repercussão moral alguma. Mas colocam as pessoas em conflito, sempre que se negam a atender ao pedido exterior.

Muitos se livram do problema, oferecendo logo um prato de comida. Outros acrescentam algumas admoestações e recomendações. Alguns oferecem até meios de o indivíduo poder retribuir à doação e isto, quase sempre, se torna altamente frustrante, já que não se ouviu dizer ainda que o pedinte se tenha deixado contaminar por semelhante oferecimento reeducativo. Raramente se encontram pessoas totalmente habilitadas ao socorrista mais eficaz do encaminhamento às instituições próprias, uma vez que a cura do alcoolismo é difícil e cara quando não conta com o interesse do viciado em ver-se livre da moléstia.

Este longo parêntese é para dar exemplo vívido do que ocorre em matéria de não querer ouvir, quando se trata de instituto meramente carnal. Que dizer, então, dos aspectos morais e espirituais envolvidos nas dissertações didáticas dos espíritos socorristas?! É bem mais complicado e exige recursos ainda maiores a nível da solidariedade e do mais absoluto desprendimento de todos os valores de que se deixou impregnar o incauto passageiro das trevas. Se o instinto de defesa gera recursos no afastamento dos perigos reais das investidas dos espíritos inferiores, é preciso cuidado para que não se ofereçam resistências indébitas à vista da presença dos espíritos guardiães, interessados em ajudar e em consolar.

Vamos, pois, atender com o máximo descortino às vozes do infinito, sabendo distingui-las com o auxílio dos irmãos escreventes. Se, após a leitura dos textos, ainda não nos considerarmos competentes para entendimento integral de seus dizeres, procuremos a ajuda dos irmãos melhor preparados dos centros espíritas. Com esse treino, certamente, conquistaremos a possibilidade de nos tornarmos aptos a ouvir com exatidão as mensagens de que formos alvo em nosso íntimo. Aí, além das críticas, além dos conselhos, além de toda a sabedoria dos irmãos de luz, ainda ouviremos os mais formosos hinos de hōsanas ao Senhor!

Augusto (pela equipe).

## EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Nosso trabalho socorrista persiste integralmente voltado para os irmãos infelizes internados nas trevas umbráticas. O que evitamos, às vezes, é a presença desses espíritos sofredores junto ao escrevente e isto por várias razões, quais sejam: a inoportunidade dessa presença por violenta e desrespeitosa, a falta de interesse em que o leitor se inteire de determinados problemas inexpressivos, o fato de que o médium se vê envolvido pelos próprios dizeres, o que não nos permite eficaz trabalho de apoio, uma vez que o médium não pode assumir o duplo aspecto da escrita e da doutrinação simultânea, quando se trata de seres extremamente agressivos, e assim por diante.

Hoje, ainda que não colocados junto ao médium, tivemos diversos companheiros em vias de aceitarem internação em instituição de socorro e que puderam presenciar os trabalhos, sendo-lhes explicado cada passo da mensagem, tendo ficado imensamente impressionados com a repercussão da recusa do escrevente em atender ao pedinte. Assustou-os o constrangimento a que foi submetido e admiraram-se das providências que tomamos para explicar o fato, integrando-o ao texto que desenvolvíamos, ao mesmo tempo que tranquilizávamos o ânimo do amigo, dando-lhe condições de prosseguir ininterruptamente a tomar o ditado.

Essas tarefas que para nós são corriqueiras, são o nosso *feijão com arroz*, como se diz popularmente, para eles foi absoluta novidade, de sorte que lavramos tento importante no nosso trabalho mais efetivo: a assistência socorrista. Portanto, caro irmãozinho, fique bem sossegado que tudo está absolutamente sob controle. Não fuja ao serviço (sabemos que dizer isso é arriscar-nos a ofendê-lo) e fique na paz do Senhor!

Augusto.

## 8.º Relato — PAPEL DE MÃE

Eu estava crente de que, vindo hoje aqui, poderia encontrar algum bom amigo daqueles tempos em que vaguei pela Terra, absorto, imbuído dos males que praticava. Não sei dizer por quê, mas parecia-me muito provável isso. E eis que encontro, nem mais nem menos, minha própria mãe, aquela que menos queria encontrar, pois me sinto envergonhado só em dizer o que fiz a ela. Sei agora que me perdoou, mas, durante muito tempo, senti a vibração de sua voz a me perseguir nas trevas. Ansiava pela hora da volta à luz, mas este maravilhoso amanhecer foi muito além do que poderia imaginar. Não sei por que estou contendo as lágrimas, pois esse é o meu maior desejo. Sinto que me prendem a emoção e me dizem que, por agora, devo concentrar a atenção nas perguntas que irão fazer e indicam minha mãe como testemunha, para que não venha a mentir.

Pois bem, matei, assaltei, estuproi e violentei; fugi à palavra empenhada, enganei, furtei, fiz de tudo um pouco. Afoguei-me nos vícios, no álcool, no fumo, no sexo, nas drogas. Fui perverso com os amigos, traí os companheiros, escapei de várias prisões, sempre ameaçando e cumprindo. Empreguei-me como justiceiro, assassinei mulheres e crianças e, para culminar, suicidei-me. Penso ter referido tudo o que fiz.

Pedem-me para falar a respeito da família. Pois bem, fui eu que dei cabo de meus pais e de meus irmãos, pondo fogo no barraco, mas nesse tempo era ainda muito pequeno, embora tenha feito tudo isso com muita raiva.

Não faz tanto tempo assim.

Pedem-me para voltar a explicar o que fiz com minhas irmãs: obriguei-as a me fazerem de mulher para elas, na mais inconcebível libertinagem. Será que vale a pena falar a respeito disso tudo? Maltratei a professora, ofendi os padres da igreja, rastejei perante os poderosos no interesse de ganhar dinheiro. Comprei tudo que podia para me sentir rico e poderoso. Contratei facínoras para me ajudarem nos assaltos e no tráfico de drogas.

Um dia, soube da história do Nero que botou fogo em Roma e pretendi incendiar vários prédios.

Menti, roubei, matei, estuproi e hoje vejo que estava totalmente errado. Vejam bem, não estou dizendo que me arrependi, mas vejo que errei o cálculo das ações, pois tenho consciência de que poderia ter feito coisas diferentes para não ter de sofrer deste lado de cá.

Sei agora que magoei, que ofendi, que fiz muita gente chorar, sofrer e agonizar. Sei que meus pais não me perdoaram durante muito tempo. Meu pai ainda me persegue por todo lugar aonde vou. Não tenho parada, porque aí logo tem quem venha contra mim com acusações e vinganças.

Se pudesse inverter tudo, invertia. Não sei por que tomei essas atitudes. Enquanto estava vivo, o meu pensamento era confuso. Sabia fazer muitas coisas com as mãos, mas não tinha nenhuma consideração com as pessoas. Era só receber alguma provocação que já descontava com agressão. Chegou um tempo que não precisava nada: bastava desconfiar que a pessoa tinha olhado para mim e já pensava que ia chamar a polícia.

Não tive nenhum filho que eu saiba, embora tivesse desgraçado muitas moças.

Da última vez que fui preso, quase morri nas mãos dos outros presos. Mas não escapei de mim mesmo, porque não quis dar o gostinho aos outros. Fiz um laço no lençol e me enforquei num cano da janela.

Não posso compreender como a história dessa vida de criminoso possa ser útil. O que vejo é muita palavra sem brilho, muita ideia pobre, muita malícia escondida.

O pobre do servidor braçal que apanha estes pensamentos está perplexo com o caminho que tomou tudo isto. Parece que não tem sentimento, pois continua trabalhando sem parar.

Pois bem, vou agora retirar-me para não cansar mais ninguém.

Minha mãe quer que fique mais um pouco e pergunta o que eu gostaria de fazer.

Bem, voltar à escuridão nunca mais, nem que tenha de ficar lambendo o chão.

Se voltar à Terra, não irei fazer exatamente as mesmas coisas? Eu estava doente? Bem, faço qualquer coisa para não voltar à escuridão.

Não vou rezar, mas posso ouvir o que vocês têm para me dizer, desde que me prometam não me fazer voltar para lá.

## Comentário

Querido amigo, não fique espantado com o teor da mensagem acima. A maior parte das informações não é verdadeira. O que mais de real existe nas palavras do irmãozinho é quando disse que mentiu. Pois foi seu principal defeito aquele cuja consciência melhor se lhe configurava no coração.

É bem verdade que praticou quase tudo que disse, mas com atenuantes muito sérias. Se julgado fosse pelos humanos, seria categorizado entre os nevróticos, pois a vida toda se deixou envolver por paranoia depressivo-agressiva, de sorte que via fantasmas por toda parte. Ao se viciar, tornou-se verdadeiro *morto-vivo*.

No entanto, não frequentou as páginas dos noticiários policiais, pois seus crimes não se caracterizaram por modelos padronizados. Um só assassino de sua espécie se faria passar por diversos indivíduos. Não deixava vestígios pessoais, pois não tinha *dossier* no departamento de investigações, uma vez que jamais foi registrado. Dado seu aspecto de mendigo, tinha livre trânsito pelos lugares pior frequentados, o que o transformava em peça integrante da paisagem. Como nunca firmou compromisso com ninguém, jamais pôde ser indiciado.

De pequeno, escapou do incêndio que descreveu em que pereceu a família; as aventuras com as irmãs não passaram de jogos sexuais infantis. Afora alguma fantasia megalômana, pois jamais se tornou justiceiro nem traficante de drogas, pouco restou do desequilíbrio mental com que arribou deste lado.

É verdade que se matou, mas em circunstância bem diferente, pois desejava, em sua alucinação, assassinar o assassino dos pais, de modo que o suicídio teve caráter de autoextermínio, e não se deu na cadeia, mas no meio de mata afastada do centro urbano. Aliás, esse foi o seu tormento inicial, pois, tendo o corpo ficado exposto às alimárias da floresta, o pobre irmão se viu às voltas com atroz sofrimento, dado que seu espírito por longo tempo ficou preso aos molambos que pendiam da árvore.

É preciso dizer que os pais, realmente, o perseguiram durante algum tempo, mas as vozes que ouvia vinham de todas as partes. A primeira pessoa a se recompor foi sua mãe, que, presente neste ato de benemerência e solidariedade, mantém forte tônus vibratório em favor do filho. Em virtude de sua determinação é que pudemos arranjar meios para trazer o filho até nós, não sem contornar situações de enleamentos vibráteis negativos.

O que almejamos com este trabalho é dar conforto momentâneo ao sofredor e, ao mesmo tempo, inteirar a mãe do real estado do filho. Ambos estão muito comprometidos entre si por vários encarnes prejudicados por atitudes de confronto.

À vista do pedido de nova junção carnal, iremos encaminhar os dois, sob forte escolta socorrista, a setor especializado da instituição para estudo aprofundado das possibilidades de retorno ao plano dos mortais. Quanto ao nosso ponto de vista, é desaconselhável e prematuro o atendimento dessa solicitação, no entanto, como não nos cabe decidir, iremos tão só encaminhar.

Tememos que esta transmissão não tenha tido aspectos muito *publicáveis*. Sabemos das hesitações do escrevente, mas não deixamos de elogiar-lhe a atitude prestimosa e mesmo corajosa.

O amiguinho que trouxemos está em lamentável estado perispiritual, mas não é dos que se apresentam da forma pior. A sua *culpabilidade*, se assim podemos dizer, não residiu nos crimes e nas perversidades que praticou, mas no fato de não ter tomado consciência de sua condição de inferioridade diante da vida.

São muitas as pessoas que, ao se aperceberem do modo pelo qual reagem, sofriam os impulsos e se oferecem ao trabalho, buscando, na exaustão física, a compensação para os cometimentos de caráter intempestivo que envolvem aspectos morais. Se cada pessoa que se apresenta desequilibrada cismar de cometer tais crimes, não haveria possibilidade de se manter vida social adequada, a menos que as instituições jurídicas conseguissem extrair da convivência comunitária tais indivíduos.

O que incrementou sua incapacidade de reação moral foi o fato de, desgraçadamente, ter logrado êxito no destrambelhado gesto de tentar aniquilar o pai. Ao atear fogo no barraco, abriu a torneira do gás e, furtivamente, se retirou. A causa do incêndio foi atribuída à explosão do botijão, mesmo porque a perícia técnica nada poderia fazer diante da redução de tudo a cinzas. Ao voltar para casa, fingiu estar regressando de algum lugar, encenou dor e sofrimento e conseguiu evitar que se levantassem suspeitas contra si. Essa foi a base de sua *mentira*. É bom ressaltar que, por essa época, era pouco

mais que um menino, pois contava doze anos de idade. Não tendo com quem ficar, foi, de derrocada em derrocada, até a tragédia final.

Eis a real história de nosso irmão.

Agora já se retirou da forma que acima descrevemos e a nós nos resta orar compungidamente, para que obtenha da misericórdia divina grande parcela, pois irá necessitar de muita força para poder iniciar a caminhada em direção ao bem maior

Diversos irmãos testaram sua possibilidade mediúnica, de sorte que o texto ficou como colcha de retalhos. Tendo em vista as naturais dificuldades para sua divulgação, não vimos necessidade de imprimir certa linearidade temática.

Quanto à curiosidade pelo que possa vir a ser feito em favor do sofredor, solicitamos permissão para não avançar além do que foi dito e recomendamos aos amigos que elevem preces por ele. Mais nada.

## MOMENTO DE REFLEXÃO

Quando os espíritos das esferas superiores fazem descer seus fachos de luz, nem sempre estamos em condições de senti-los, de sorte que os efeitos passam despercebidos pelos próprios interessados em que tudo venha a se sedimentar de acordo com os propósitos fundamentados nas virtudes evangélicas mais plenas de galas. Do mesmo modo ocorre quando a pessoa, desatenta e pródiga em malefícios, investe seus esforços em concretizar algo mau, pois também não é capaz de aperceber-se dos eflúvios das baixas vibrações que estão a capitalizar, em sua alma, ganhos bastante nocivos ao progresso que deveria estar preocupada em empreender.

Por isso, é importante, sempre que estamos diante de alguma decisão, parar um instante para dedicar alguns minutos à reflexão, à meditação relativamente ao nosso empenho. Nesse minuto com nós mesmos, buscaremos elucidar as causas que nos impelem ao trabalho em vias de realização, bem como as consequências que advirão dele.

Se, claramente, se configurar para nosso espírito que a tentativa será onerosa, mas sadia e perfeita do ponto de vista moral, saibamos, nesse instante de meditação, que estamos, evidentemente, sob o influxo das bênçãos que do Alto descaem para proteção do empreendimento.

Se, claramente, se configurarem na mente as metas como deletérias para nós mesmos, para alguém de nosso círculo e até mesmo fora dele, tenhamos a certeza de que, do mesmo modo, estamos sendo amparados pelos irmãos de luz, que buscam evitar que resvalemos e que tombemos em desgraça.

Se, em nosso espírito, se enevoarem as ideias, deixando-nos confusa a deliberação, se não formos capazes de concatenar os pensamentos, querendo e não querendo, parecendo e não parecendo serem boas as intenções, aí estaremos sob dupla influência. Não sabemos discriminar a causa nem o efeito, não temos noção do bem e do mal, mas tendemos a aceitar o parecer que nos vem do fundo da consciência, hesitamos e, por fim, decidimos por sustar o empreendimento, para ter melhor certeza de que estamos procedendo em harmonia com as diretrizes evangélicas. Pois bem, nesse momento, vencem as luzes que do Alto vêm e sufocam as baixas vibrações dos que desejavam ver nossa ruína.

Se se configurar, no nosso espírito, estado de rebeldia pela deliberação em proceder ao exame do empreendimento, se nos açodamos para logo nos desprendermos da reflexão, se achamos inconveniente e inútil deitar fora tal tempo, inconscientes do proveito que poderíamos haurir, fica evidenciado que estamos sob domínio de forças catastróficas para o nosso real objetivo de vida. É hora de forçar a mão, de contrariar impulsos, de fechar as portas a quem nos estimula a decidirmo-nos irrefletidamente; é

hora de voltarmos-nos para dentro de nós mesmos, buscando, na tranquilidade da consciência ainda pura, discernimento suficientemente capaz de nos levar à busca da verdade. É hora de rezar para vencer os empecilhos que se estão antepondo à clara visão dos fatos, solicitando dos protetores ainda mais luz, ainda mais força, ainda mais poder de determinação.

Eis que o momento de reflexão é sempre de imponderável valor para todos nós. Portanto, caro irmão, não se envergonhe diante das pessoas por deixar transparecer certa tibieza, certo descontrole. Quantas pessoas que conhecemos se atolaram na lama das inconsequências, só por quererem ufanar-se diante dos outros, fazendo-se passar por aguerridas, por inteligentes, por destemidas e resolutas. Aí decidem mal, impulsionadas por emoções baratas, cuja única função é de desvirtuar as intenções melhor programadas dos momentos de reflexão e prudência. É preferível dar a impressão até de covardia, mas não se deixar embalar por falsidades ou por glórias mundanas de baixa categoria.

No momento do reconhecimento do real valor, do verdadeiro atributo, haverão sempre de prevalecer aqueles que não se deixaram levar pelas ilusões, mas que concretizaram atos válidos, honestos, decentes e leais.

A precipitação tem o condão do envolvimento emocional das pessoas. O ato reflexo, quando bem conduzido, pode significar um passo além, mas geralmente demonstra somente a pressa em resolver de imediato para se obter o maior lucro possível no campo material. O ato pensado, refletido, longamente meditado, terá a seu favor a anuência das forças espirituais superiores que tiveram ensejo de partilhar da reflexão, conseguindo, por via de consequência, propiciar ao ser encarnado ocasião de proceder com lisura e desprendimento.

Evidentemente, não estamos a nos referir a programações demoradamente elaboradas por quadrilheiros para seus sucessos criminosos. Não se trata, nesse momento de reflexão, da dedicação indevida de tempo para a realização de atos falhos. O objetivo dos marginais se estabeleceu, se definiu e se firmou em suas mentes por impulsos de maldades, dos quais partilharam suas consciências comprometidas com as forças negativas do Universo. Seu instante de atenção não deve confundir-se com o apanhado das mensagens superiores dos que têm em mente a possibilidade de acertar em suas decisões de vida.

Aqueles querem degenerar ainda mais a personalidade, pois veem na realização criminosa algo através do que vão desafiar os poderes constituídos, embora desejem, finalmente, usufruir os benefícios daquela mesma sociedade contra a qual investem. Aceitam os benefícios sem atender aos sacrifícios. Correm riscos por necessidades psíquicas intrínsecas à formação de suas personalidades.

Como este discurso não visa à revelação psicológica, vamos contentar-nos com estas rápidas pinceladas. O que nos importa é configurar ao leitor, pessoa cordata, assente legitimamente na sociedade, capaz espiritualmente de dedicar-se a esta leitura e, portanto, perfeitamente cômico dos valores morais dos ensinamentos evangélicos, que se deve tomar o máximo cuidado diante das tentações do mundo, rogando ao Pai que se evitem as atitudes intempestivas e aleatórias, para que sejam integrados à sua personalidade a boa vontade, o amor, a paciência, o descortino intelectual e moral, a justiça, enfim, diante dos semelhantes nos atos que dependem de decisão sua.

Tudo que se faz após profunda reflexão dos aspectos morais adquirirá maior importância para nossa capacitação em prol de recebermos cada vez mais atribuições no campo do socorrismo. Isto vale para qualquer esfera existencial. Assim, é de se supor que os mestres, instrutores, protetores e guardiães tenham chegado a esse ponto evolutivo, após se terem compenetrado da importância da atitude reflexiva, ponderada, racional, que ora estamos a propugnar ao caro amigo leitor. Deste modo, à vista de tão poderoso argumento, diante do respeito que devemos demonstrar por nossos mentores e superiores, anotemos no caderninho íntimo, na agenda de eventos cristãos, em cada uma de suas páginas: ***Este momento se destina à reflexão***. Certamente, estaremos criando condições para nos tornarmos, também nós, um pouquinho melhor preparados para um dia ocuparmos lugarzinho de orientadores, de preceptores, de instrutores, de professores.

Até mesmo nas situações de maior envolvimento emocional, deixemos aberto canal de comunicação com o mundo superior, onde reina a paz, a concórdia, a consolação e o amor e de onde descerá, em borbotões de luz, o reconforto para a dor, para a tribulação, para o desassossego. O que não podemos, jamais, é permitir que a vida se veja atribulada por não termos tido suficiente discernimento para perceber que tudo que nos ocorre pode vir a ser encarado como prova necessária para a futura redenção. Eis que se afigura mais um item importante para justificar a assertiva de que os momentos de reflexão são imprescindíveis para a manutenção do equilíbrio vital. E se nos habituarmos a esses instantes de muita concentração no poder energético interior, não demorará para percebermos que os momentos se transformarão em minutos, em horas, em atributo da personalidade, favorecendo-nos crescimento legítimo e fundamentando a nossa qualificação para a vida espiritual superior. E esse crescer nas virtudes significará, finalmente, a nossa inserção nos páramos angélicos, objetivo inicial maior dos seres que se esforçam nesta zona do Universo.

Eis que, bom amigo, simples e modesto momento de reflexão pode constituir-se na chave que abrirá as portas da compreensão da vida, atrás das quais se situam o ministério do amor e a rota da salvação.

Fique, bom amigo, na paz do Senhor e saiba que muito contentes estamos por termos podido, embora, talvez, um pouco dispersivamente, certamente de modo bem longo e monótono, trazer esta mensagem de otimismo, no incentivo da perseverança de quem almeja proceder segundo os ditames das leis de Deus, à luz dos ensinamentos do Cristo.

Felicidades, irmão, e receba carinhoso abraço de toda a equipe!

## 9.º Relato — ONOFRE

Um dia de cão, assim poderíamos chamar esta dissertação, pois muito sofremos no momento em que percebemos estar do outro lado do túmulo.

Não sei me exprimir melhor, mas creio que era isso mesmo: tinha morrido. Agora não sabia o que fazer. Para todo lado que olhava, não via nada; meu corpo estava dilacerado, em frangalhos, jogado à beira da estrada. O que eu só conseguia fazer era olhar e sentir indefinível dor, zoeira nos ouvidos e quentura de sangue por toda parte. Não conseguia apalpar-me, pois parecia não ter outro tipo de contacto com as mãos a não ser a umidade viscosa de algo profundamente tépido. Eu só pude compreender o que se passara porque me via atirado por sobre os trilhos e não estava mais ali. O meu ângulo de visão era como se fosse de outra pessoa.

De início, não era grande o desespero: eu somente contemplava a mim mesmo. Sentia que havia mais gente por todo lado, mas não conseguia mais do que saber disso por indícios de sombras e sons ocultos de batidas de coração. Diante do inesperado da situação, não me lamentava nem procurava socorro algum. Aos poucos, porém, a configuração da solidão foi atormentando-me. Daquele estado extático, passei a sentir profundamente as dores dos cortes e o meu tato começava a revelar profundas aberturas por todas as partes do corpo. Comecei a ficar aterrado, pois estava compreendendo que o corpo ferido que estava apalpando não era o que se esfrangalhara sob as rodas da locomotiva. Esse estava ali, espalhado pelo chão. O corpo que sentia ferido era outro e eu sabia qual era. Sabia que era o envoltório da alma, do espírito. Eu não era tão ignorante dessas coisas.

Como, então, tinha acontecido a tragédia? Como cheguei a tão aterradora situação? Que males cometera para ter o perispírito tão afetado? Eu simplesmente me atirei à frente da composição em alta velocidade e não dei chance para o maquinista sequer esboçar qualquer reação. E por que fiz isso? Até agora não cheguei a compreender exatamente.

Até que vivia bem. Tinha diversas propriedades e família com prole numerosa. Mas me envolvi com um rabo de saia, uma *franguinha* nova que me cativou. A partir daí, fui proporcionando a ela todas as regalias com que o homem enamorado gosta de galantear a sua eleita. Eu era cinquentão. Ela não completara dezoito anos.

Os prazeres do relacionamento foram muitos, mas chegou o momento do infortúnio. Primeiro, minha esposa descobriu tudo, mas eu não fiz questão de deixá-la à própria sorte. Fui perseguido pelos advogados, mas, com lábia, consegui contornar os problemas mais sérios e logrei ficar com quase todas as posses. Foi essa a minha real perdição, pois a garota estava cercada por vários péssimos elementos e começou a fazer exigências e mais exigências. Queria que eu sustentasse toda a sua família. Enfim, para

encurtar, descobri que, além de tudo, me enganava. A descoberta em si não me surpreendeu, mas o fato de meus filhos me acusarem me deixou bem abalado. A par disso, comecei a entregar-me à bebida. No começo, eram aperitivos; no fim, grandes doses de uísque, de batidas, de gim, do que servisse para me esquecer do quanto havia perdido, principalmente o respeito dos filhos.

Tive uma filha, que me visitava, às vezes, para me contar as novidades e para me reconfortar. Era o meu arrimo, até que um dia se casou e foi proibida de continuar a me procurar. Até hoje não entendi bem por quê. Diz-me a consciência que o marido temia o assédio de minha namorada.

Pois bem, um dia, cansado de tudo, arrumei um revólver e disparei três tiros na infeliz criatura. Em mim mesmo não tive coragem de atirar. Saí como louco pelas ruas e me joguei diante do trem que passava.

Essa foi a história de minha desdita.

Quando atinei com o drama que havia provocado, começou o real desespero. Gostaria de não relembrar a tormentosa estadia no mundo das trevas. Foram quinze amargurados anos do mais profundo horror. Coisas inimagináveis me aconteciam a cada momento. Realmente, sofro só em recapitular os lances trágicos que me surpreendiam a cada passo, a cada ideia, a cada sentimento. Devo esclarecer que a muito custo estou relatando esta fase de minha existência, por insistência dos amigos que me estão dando sustentação. Querem eles, evidentemente, prevenir possíveis leitores do pavor que os espera em caso de repetirem o meu insano gesto.

O que mais me impressionou durante esse amargo trecho foi o fato de que meus clamores a Deus eram sempre respondidos com gargalhadas e grandes risos de mofa, com apupos e assobios ensurdecedores. Quando pensava que iria encontrar conforto, mais cresciam as dores. Imaginei-me no inferno e as chamas crestaram-me todo. Quis refugiar-me no frescor do frio e encontrei-me preso nas neves geladas, transformadas em vaso de gelo, no qual me sentia encerrado. O sofrimento atroz reproduzia-se incessantemente na sensação de estar a receber três balázios e a me despedaçar sob as rodas do trem. E a constância dessa sensação era alucinante. Quando tentava refugiar-me na loucura, o espírito parecia aclarar-se totalmente, como nunca antes, e me via nitidamente, translucidamente, por meio de consciência imaculada e pura, com o cérebro desperto e absolutamente vigoroso. Aí tentava fugir de mim mesmo, correndo pelas trevas, para que o sofrimento físico pudesse fazer com que me livrasse dos tormentos morais. E o ciclo recomeçava e recomeçava, infernal, sufocante, indescritível.

Hoje penso que quinze anos foram tempo demasiado curto para o sofrimento que causei às demais pessoas, mas durante todo o transcurso no Umbral, a exata configuração mental era de que não existia tempo e que tudo permaneceria inalterável eternamente. Quero esclarecer que o termo *eternamente* acrescento agora para dar ideia do que comigo se passava. No instante da aflição, não havia noção alguma de que a misericórdia divina pudesse atingir-me por meio da cessação dos efeitos de meu criminoso procedimento.

Foi minha filha que conseguiu para mim o primeiro alívio. Esse, sim, foi dia inolvidável e absolutamente demarcado em minhas recordações. Lembro-me como se estivesse a ocorrer agora: após mais um brado de vociferação em que clamava a Deus que me perdoasse, ao mesmo tempo que exibia os molambos em que se transformara o corpo

etéreo, de chofre se iluminou uma criatura ao meu lado. Pensei que fosse alguma ilusão e me encolhi mais ainda no fundo da caverna, mas o ser se aproximou de mim, tomou-me pela mão e disse (maravilhosa melodia):

— *Vem, que tua filha te manda chamar.*

As primeiras lágrimas rolaram-me pela face. Eu, que não conseguia dar qualquer passo sem que fosse preciso recompor minhas vísceras para dentro, segurando firmemente a pele para que não escapassem, ergui-me retemperado e forte, pronto para a caminhada. Ao apalpar-me, descobri que as fendas maiores estavam fechadas e que grossas cicatrizes cruzavam-se em todas as direções. Mas isso era já a felicidade.

Com fortes dores mas com esperançosa alegria, vim atrás da luminosa figura e pude chegar à luz do dia, com a alma transbordante de fé em que estavam terminados os dias de terror.

Eis-me em condições de relatar as minhas desventuras. Muito teria a acrescentar a respeito da restauração em hospitais especializados e dos longos períodos de treinamento evangélico.

Hoje vim por iniciativa própria, na esperança de que pudesse filiar-me como auxiliar no esquema socorrista deste grupo. Aqui encontrei o amigo que foi buscar-me nas trevas e a seu conselho acedi na manifestação que ora se encerra.

Espero que o exemplo sirva para ilustrar as palavras de advertência que certamente os humanos têm recebido desta turma abençoada, tão abnegada nas lides do socorrismo fraterno. Espero em Deus que eu mesmo possa um dia servir ao próximo, ocupando algum lugar neste grupo.

Deus nos abençoe a todos e faça descer sobre a humanidade as luzes da compreensão da peregrinação que todos devemos empreender em harmonia com suas leis, sob os auspícios dos ensinamentos de Jesus. Que cada pequenino leitor consiga espelhar-se no exemplo da cruz para não falsear a verdade profunda da vida, conseguindo atingir a pureza de alma capaz de propiciar-lhe volta tranquila e em paz ao regaço do Senhor!

Fiquem com Deus e boa sorte!

## Comentário

O relato de nosso Onofre fala por si mesmo. Pouco teríamos a acrescentar ao quadro de horrores em que se transformou o seu pós-túmulo. Certamente, a história de sua vida, configurada cada uma de suas ações e conseqüentes reações, daria para preencher todo um livro. Se acrescida de observações e comentários, o compêndio transformar-se-ia em coleção. Vamos, por isso, deixar que o caro leitor fique com a impressão da dor, do desespero e da desarmonia que o suicídio provoca, ainda mais quando acrescido de homicídio e demais desatinos.

O que gostaríamos de enfatizar é o fato de o amigo ter pertencido à chamada classe média, ter tido propriedades, família e alguma cultura. Não era delinquente comum, criminoso vulgar. Até o momento do desvario amoroso, conseguira arrebanhar em torno de si muitas pessoas de boa postura moral, como a esposa, filhos e vários amigos.

Estranha o fato da perturbação? Então, é preciso volver os olhos mais além, para pregressa encarnação, para débitos anteriores, para compromissos não saldados, para crises antigas.

Havia plano redentor para a derradeira passagem pela Terra; isto é evidente. Mas o bom amigo não soube comportar-se diante da prova a que se expunha. Interessante relatar que tal conjuntura foi montada pelos parceiros, com total anuência do interessado, mas, na hora em que mais precisava demonstrar segurança, falhou. Por que teria sucumbido? Porque sua vida elegeu por norma de conduta valores puramente materiais.

Tivera ensejo de conhecer as doutrinas evangélicas; passara por diversas religiões por força das contingências do destino (mãe católica; esposa protestante), mas não viu nessas congregações mais do que meios para conseguir estabilidade social e familiar. Nunca buscou adentrar a religiosidade pelo lado místico, teológico. Encontrou até amigo espírita com quem debatia temas em acaloradas discussões; mas falava sem convicção, apenas para ir levando o tempo em agradável tertúlia, sob os efeitos dos eflúvios alcoólicos. Foi como teve notícia do corpo espiritual e de diversas teorias, sem, contudo, se deixar levar por qualquer sentimento de adesão.

Isso foi o que fez despertar-lhe a consciência para a extensão dos crimes que perpetrou. Se não fosse essa pequena luzinha, talvez ainda estivesse estirado ao lado de um suposto cadáver. Não teria sido tão intenso o sofrimento, mas, com certeza, a recuperação teria sido muito mais demorada.

Quanto à participação da filha em sua reconstituição perispiritual, foi decisiva. A pobre criatura sofreu deveras com o trespasse do pai e buscou lenitivo na crença espírita, na expectativa de tomar conhecimento de seu estado e dos meios de livrá-lo dos tormentos. A par disso, sofreu a desdita de ter lar infeliz, o que mais lhe acentuou o interesse pela doutrina. A partir desse ponto, não foi difícil configurar a exata situação do pai, de molde a programar rigoroso projeto de auxílio. Foi assim que logrou a felicidade de conseguir a almejada intercessão.

Hoje seu lar está refeito e engalanado para receber mais uma alma para convivência e educação. Não é o espírito do amigo Onofre, que muito terá de esperar para que se lhe possa ser ofertada outra oportunidade. Trata-se da figura daquela que foi sua amante e que passaria a ser hoje sua bisneta. Sua filha vai ser avó, na esperança de recebê-lo como neto, pois sua imaginação espírita é fértil. Não desconfia dos misteriosos laços que o destino proporciona. Tanto melhor para a entidade que irá ser recebida com muito amor e carinho.

Eis como se conta essa história de trágico início e de alvissareiro desfecho. Como nas novelas, resta-nos perguntar:

— *Como reagirá o espírito da esposa de nosso companheiro quando souber da integração na família daquele ser que lhe trouxe tanto tormento? Que assistência prestará o nosso confrade à pequenina, em sua nova vestimenta carnal? Que intuição de amor poderá ser insuflada na mente da progenitora, para encaminhar a filha nas sendas das*

*virtudes evangélicas? Que papel terá o anjo tutelar encarregado de vigiar os passos desta família?*

São capítulos desta história ainda por escrever. É a vida que dá curso ao entendimento para a vitória final do amor, em busca do infinito...

Augusto (pela equipe).

## MEDITAÇÃO A RESPEITO DO SOCORRISMO

Momento de muito amor é este em que nos encontramos frente a frente com o trabalho. Sabemos que temos de demonstrar preparação, capacidade e alto espírito público e evangélico, no sentido de captar a emoção e a inteligência do leitor, de molde a conduzi-lo pelos caminhos da reflexão e da consolação. Mais tarde, ao abandonarmos o posto, costumeiramente pomo-nos à disposição dos guias para deles ouvir sábia preleção a respeito do desempenho na imantação e quanto ao valor do texto. Na próxima transmissão, voltamos melhor preparados, mais adequadamente dispostos, e tudo se reinicia como se fosse a primeira vez.

Quando os mentores consideram ótimo o serviço, aí passamos para outra fase do aprendizado e isto só irá culminar quando, após inumeráveis investidas nos diversos ramos do conhecimento, estivermos prontos para exercer o comando de algum setor. Aí o trabalho irá absorver-nos a atenção por largos anos, enquanto somos atentamente observados e orientados pelos supervisores. Um belo dia, eis que surgem novas oportunidades de progresso e recebemos ordens específicas para deixar as atribuições em mãos mais jovens, ao mesmo tempo que recebemos encargos de outros amigos que ascendem em importância, de sorte que a cadeia toda sofre alteração.

É importante que o leitor tenha conhecimento disto para bem caracterizar na mente a ordem e a disciplina que regem o procedimento no plano espiritual. Se, às vezes, alguém falha, porque ninguém é perfeito *como perfeito é o Pai*, imediatamente são tomadas as devidas providências cautelares, para que não se perca o serviço com a perda do servidor. A assistência, então, é proporcionada por grupos especializadíssimos, segundo a ordem de adiantamento do ser em falta. Para isso, estão constituídos inúmeros grupos de socorristas em todas as esferas. Assim, integrar corpo auxiliar de ajuda significa cargo de alta responsabilidade e profunda honraria, diante dos que erram ao léu, desarvorados e propensos à maldade ou à autocomiseração.

Querido irmão, se você ainda não participa de qualquer grupo de assistência fraterna, considere esta exposição, verifique os pontos positivos que lhe for possível ressaltar, inteire-se de sua verdade universal e não deixe de partilhar de alguma equipe que promova o bem, mesmo que na simples esfera de contribuição meramente pecuniária. Entretanto, nunca fique satisfeito, mesmo quando sua participação seja vigorosa e abrangente. Por mais que faça, sempre resta algo para fazer. Quando, ao chegar do trabalho exaustivo, você se deparar cansado e sem ânimo para mais nada, desejoso de estar a sós consigo mesmo, para o repouso reconfortante do sono restaurador, até aí poderá continuar propondo-se ao trabalho, uma vez que seu espírito estará disponível durante aquele período. Caso se revire insone no leito, ainda poderá servir, orando com

energia e concentração, para enviar vibrações de amor e revitalização para os irmãos em desassossego.

Tudo que se puder fazer em prol de outrem não deve configurar-se como sacrifício ou exorbitância. Eis a matéria de que são feitos os santos. Não pensem que tenham sido homens superdotados de poderes especiais. Aí não haveria por que considerá-los superiores. O que os destacou do ramerrão do comum dos mortais foi sua obra, sua abnegação, sua dedicação, seu desprendimento.

Todos nós estamos igualmente aparelhados para esses mesmos feitos sacrossantos; basta compenetrarmo-nos de que temos o poder e incentivarmo-nos ao trabalho sem desfalecimentos, sem murmurações, sem queixas. Esse descortino vai além da normal expectativa para o comum das realizações almejadas para cada um de nós, no entanto, ao nos arremessarmos ao trabalho, poderemos bem conhecer o nosso cabedal, a nossa disponibilidade, a nossa limitação; se controláveis, melhor, pois tudo que fizermos reverterá imediatamente também em nosso benefício; se além de controle, estaremos trabalhando no limite da capacidade e ninguém poderá exigir que carreguemos peso acima das forças. Em outras palavras, façamos tudo por nós para que tudo possamos fazer por nosso irmão e assim estaremos cumprindo a lei e os mandamentos.

Graças a Deus, temos encontrado muitos mortais com disposição e ânimo para o serviço do Senhor. Por isso, nós mesmos estamos prosseguindo em nosso rumo. Isto significa que os encarnados que possibilitam a manifestação dos mensageiros do etéreo também estão inseridos em grupos socorristas de boa magnitude. Para que sua vida se concretize auspiciosamente, basta que engrandeça o trabalho com atitudes coerentes com os ensinamentos hauridos dos próprios guias em suas manifestações, os quais remeterão para todas as formas desejáveis de participação das atividades superiores do espírito.

Eis que se delineiam com precisão as intenções que queríamos ver impressas neste texto: exortação e garantia; a primeira, pelo incentivo através das promessas de progresso; a segunda, pela firmeza das ponderações, dos argumentos, da evidência lógica das premissas; ambas rigorosamente coerentes com os princípios da doutrina espírita revelada e registrada nos sagrados livros da codificação; tudo com muito amor consubstanciado na clareza e na propriedade vocabular, para expressar pureza de intenções e elevação de pensamentos.

Sabemos que, de tudo que afirmamos, pode restar no espírito de precavido leitor alguma peninha de dúvida para atrapalhar. Nesse caso, pedimos vênias para sugerir que estabeleça rigoroso exame de consciência a fim de que possa compreender as razões profundas da negação de provimento para a ideia por nós expressa e pelo amigo rejeitada. Às vezes, pode estar ocorrendo que a falta de anuência ao nosso parecer esteja a significar dificuldade em se abrir mão de alguma vantagem material, uma vez que o este discurso se deu, e não poderia ser de outra forma, no sentido de se sujeitar o leitor às premissas da vida evangélica propugnada pelo Cristo, as quais são rigorosas quanto à necessidade de superação de todas as viciações para a conquista inarredável de todas as virtudes.

Finalmente, se realmente o nosso opositor estiver correto em sua observação, que saiba, além de perdoar-nos o deslize, relevar-nos a falha, imputando-a ao nosso arrojo e à nossa inexperiência, uma vez que todos nós pertencemos a falange que se encontra em fase de estudos muito elementares. Por outro lado, solicitamos que, nesse caso, o amigo

entre em contacto espiritual conosco, para advertência a respeito de nossa indecisão, e enderece ao escrevente, por meio da editora responsável pela publicação, missiva com exposição de motivos, oferecendo seus préstimos, no sentido de se acrescentarem às próximas edições anotações e elucidações. Creia, bom amigo, que, nesse caso, você estará colaborando com o nosso trabalho socorrista e estará, por sua vez, exercendo essa mesma nobilíssima função.

Desde já lhe apresentamos o nosso agradecimento mais comovido, ao mesmo tempo que nos pomos à disposição para outros esclarecimentos oportunos. Para isso, basta elevar em preces o pensamento ao Senhor e solicitar a nossa presença, a qual se fará sentir por meio de claras intuições e benéficas reações perispirituais. Evidentemente, estamos conversando com pessoas absolutamente cômicas da veracidade destas palavras. Àqueles que desconfiam de mistificação ou da impossibilidade de eles mesmos conseguirem o contacto, por se sentirem temerosos de interferências importunas de elementos estranhos, pedimos, antes, que firmem as convicções através de muita meditação e leitura. A estes, advertência final: de que valeria viver, se não fosse por alguma causa nobre?

Muito obrigado a todos os amigos que participaram desta transmissão, abraço especial ao escrevente e revisor e eis-nos disponíveis para a crítica dos orientadores.

Fiquemos todos na paz de Deus!

## 10.º Relato — ANASTÁCIO

As lágrimas que brotaram nos olhos do irmão médium são sintoma inequívoco do nosso sofrimento. Não gostaríamos de lhe trazer qualquer malefício, portanto, aceite a emoção como parte do trabalho, o que se constituirá em profunda alegria ao saber o dever totalmente cumprido. Enquanto isto, trabalhe, aceitando esta humílima manifestação.

Vemos que o preâmbulo ocupou bom espaço na folha e já fomos capazes de encaminhar o problema principal: o sofrimento. Pois bem, por mais que intentemos bem definir as causas de perene mal-estar, não somos capazes de elucidar o que se passou conosco, para termos tanta necessidade de apoio e de ajuda.

Pedem-me para adentrar na memória do último encarne. Foi tão insignificante que tememos não trazer qualquer auxílio à análise a que nos propomos das causas de nosso descaminho.

Fui pedreiro de poucas letras e me contentava em cumprir as ordens dos patrões, construindo casas, muros, poços e demais serviços costumeiros. Casei, tive filhos, criei-os como pude no trabalho e na profissão. Morri cedo, aos trinta e cinco anos de idade, vítima de apoplexia causada por ingestão abusiva de álcool. Mas essa história é muito comum. Nunca pratiquei ato algum de que me envergonhasse. Como todo mundo, andei *saltando algumas cercas*, mas as pessoais jamais criaram casos sérios. Houve uma vez em que um vizinho me procurou para tirar satisfações, mas fiz ver a ele que a esposa tinha tido o mesmo tipo de contacto com outros e que melhor faria se se mudasse, levando a família para outra região. Parece que entendeu o recado, porque não mais apareceu por lá. Afora isso, o que minha mulher pôde perceber e me recriminar, nunca mais teve ela qualquer outro problema, porque eu soube esconder muito bem o que fazia *por aí*.

É verdade que abandonei alguns serviços começados sem devolver os adiantamentos e que construí minha casa com o que conseguia *subtrair* das construções que tocava. Mas isso todo mundo fazia. Eu sei que não era correto, pois um dia dei uma surra em ajudante que me furtara uma ferramenta, mas não ligava muito, pois o que eu não achava certo era o fato de ser surpreendido. Se o sujeito conseguisse fazer com que ninguém ficasse sabendo quem fora o autor, para mim estava tudo bem. É verdade que precisei dar queixa, certa vez, por me terem furtado vários utensílios de casa e que fiquei com muita raiva por não terem apanhado os ladrões, mas, daí para frente, nunca mais fui a lugar algum sem colocar vigilante especial para proteger meus bens.

Nunca fui preguiçoso, sovina ou malfeitor. Por que, então, este sofrimento de agora?

Passei um bom período na escuridão. Não era bem escuridão. Não se via nada, mas como que se sabia de tudo que se passava perto da gente. Às vezes, alguns fantasmas nos assustavam, pois meus gritos se mesclavam aos dos outros que estavam ali pelos cantos.

Muitas vezes, havia pessoas mais infelizes que se lamentavam profundamente. Havia assassinos que pediam para ajudar a largar as armas que ficaram presas às mãos, principalmente facas muito pontiagudas e cortantes. Certo dia, ajudei criminoso que carregava arma de fogo de tiros repetidos. Pois bem, a vibração dos tiros se transmitia com tanta violência para dentro dele, que foi impossível arrancar-lhe a arma da mão. E lá ficou ele, desesperado, sentindo na carne os balázios que um dia disparou contra as pessoas.

E eu não podia deixar de ajudar as outras pessoas, pois encasquei na ideia que o que tinha feito de errado e que pensava ter ficado escondido podia ser visto por todos. Então, ajudava todo mundo para ver se conseguia disfarçar os meus males e a minha condição de inferioridade.

Agora vou esclarecer pedido do médium: como é que consigo relatar o caso com tanta precisão de vocabulário e com frases tão precisas. Não sei exatamente, mas quer parecer-me que se trata de qualidade própria de meu caráter. Mesmo durante a rude vida de pedreiro, era capaz de me expressar com facilidade e compreendia com muita sagacidade o que o padre falava na igreja. Se não progredi na escola, é porque, na minha região, o máximo que se conseguia era decifrar as primeiras letras. Acho que um dia pude estudar, mas não sei onde nem quando.

Os protetores pedem-me para me retirar para ouvir a preleção que prepararam para mim. Estou disposto a atender, pois acho que ficarei, finalmente, sabendo a causa de minha aflição, de meu tormento, de minhas dores, de meu sofrimento. Vejo que me acenam dizendo que não e um deles me diz para refletir sobre tudo o que deixei escrito, que a resposta está lá, com todas as letras.

Já percebo, pois fui capaz de dizer o que fiz de errado (embora tenha omitido muita coisa) e fui inteligente o suficiente para perceber que o meu mal era tentar esconder as falcatruas. Pois bem, já que tenho em mim o poder de curar-me, vou definitivamente revelar o mal maior: eu consegui matar minha mulher sem que ninguém suspeitasse de mim. Enterrei-a no fundo do quintal e disse para todo mundo que viajara e me abandonara, pois o *caso* que tive com a vizinha ficou no conhecimento de todos. Teve gente até que pensou que tinha fugido com o vizinho e fiquei muito *indignado* com essa suspeita. Minha amásia me ajudou com a ocultação do cadáver e nós passamos a viver juntos ali mesmo, até que um dia o marido nos surpreendeu e nos matou aos dois.

Não queria contar nada disso porque tinha medo de ser castigado com mais sofrimento. Agora vejo que o pessoal não está zangado comigo e muitos até me ofereceram vibrações muito reconfortantes. Graças a Deus! Sinto-me renascer, pois não acreditava que um dia poderia receber algum crédito.

Vejo que me enganei com a vida e que Jesus realmente vela por seus filhos, por meio desses amigos que aqui se encontram. Gostaria de poder ajudar mas não sei como. Gostaria de poder agradecer, mas não sinto forças. Gostaria de poder chorar, como quando cheguei, mas minhas lágrimas secaram. Sinto-me, entretanto, bem melhor e o sofrimento não me oprime tanto a cabeça.

Adeus, amigo. Vou retirar-me e peço desculpas por estar ocupando portanto tempo sua pessoa. Não sei como você aguenta tanta vibração ruim, por isso peço humildemente para perdoar-me.

Adeus!

## Comentário

Pensamos que o texto do irmão Anastácio fala por si.

O procedimento, para autodeterminação das falhas, é o mais simples possível: basta *dar corda* que o espírito possa utilizar em longo discurso, para que vá revelando, paulatinamente, as causas dos acontecimentos.

Esse encadeamento só é possível quando a mente consegue refletir logicamente a respeito dos fatos. Há desequilibrados que não se permitem a revelação do íntimo, de modo que não aceitam princípios de causa e efeito, de ação e reação. A maioria, porém, se deixa *enrolar* por sua própria manifestação, uma vez que vai juntando explicação após explicação, até desvendar o mistério das atitudes falhas.

No caso do amigo Anastácio, evidentemente, interessava-nos que despertasse para o segredo de sua última encarnação. No entanto, seu drama transcende a um único encarne, pois parece-nos que seus relacionamentos cármicos com as demais entidades vêm de longa data.

Se conseguirmos capitalizar sua boa vontade de agora para fazê-lo compreender as raízes dos males que praticou, se conseguirmos evidenciar-lhe que seus males se produziram a partir da postura moral incorreta e perniciosa, se conseguirmos convencê-lo de que deve perdoar as demais entidades com quem se tem defrontado, se conseguirmos induzi-lo a manifestar o desejo de crescer em virtudes, despojando-se dos vícios por meio dos sacrifícios que os estudos e os trabalhos impõem, certamente teremos ponto de apoio para atingir os demais integrantes do grupo, os quais, com toda a certeza, pairam em mundo de conflitos, de litígios, de incompreensões e de vinganças. O trabalho demorará muito para encontrar um término, mas isso tomamos em caráter de desafio, de sorte que nos empenharemos com muito amor e dedicação para chegar a resultado favorável, para honra e glória de Jesus, nosso mestre inolvidável.

Bom amigo, é chegada a hora da exortação. Se você conseguiu perلustrar estes textos, deve estar perguntando-se como deverá proceder para auxiliar-nos nos trabalhos. Pois bem, é extremamente simples: inicie por elevar a Deus sentida prece de agradecimento por não estar envolvido em situação crítica como a dos necessitados cujos relatos temos trazido. Não se esqueça de conduzir a prece em elevada vibração de amor e carinhoso afeto pelos guias, estendendo-lhes sua gratidão pelo diuturno trabalho de proteção. Agradeça também a Deus a oportunidade de auxiliar e envie vibrações de

reconforto para aqueles sofredores que foram por nós apresentados para conhecimento modelar do que ocorre nas trevas exteriores e no âmbito da consciência.

As preces terão o condão de acender-lhe a mente para a recepção intuitiva da voz de seus guias, de modo que poderão ensejar-lhe oportunidades da percepção dos trabalhos que estará melhor preparado para executar. Uma vez sentida essa vibração interior, como se fosse estremecimento consciencial, aí terá a certeza do que fazer para tornar-se também um socorrista.

Se sua carapaça, no entanto, for muito dura e se seus sistemas de defesa, muitos severos, pois está desacostumado a permitir qualquer influência espiritual, por medo de se ver diante de espíritos muito imperfeitos, jocosos ou maldosos, não restará outra atitude a tomar a não ser a leitura edificante, o estudo sério e o trabalho operoso junto a alguma entidade assistencial de socorro fraterno.

Veja bem, não há necessidade de ir a centro espírita para isso. O que importa é o bem que se possa fazer. Se você aceitar a doutrina de Kardec, tudo ficará facilitado; mas se ainda treme diante do imponderável, nem por isso irá abster-se de praticar o bem, de renegar os vícios e os maus hábitos e de criar condições para revitalizar a personalidade por meio da absorção espiritual dos ensinamentos de Jesus, que lhe facultarão desenvolvimento grande das virtudes essenciais para o encaminhamento às terras do Senhor.

Eis que de texto aparentemente inócuo, fomos capazes de chegar a resultados que nos parecem muito bons, caso cheguem as palavras a ouvidos atentos, a mentes sadias e a espíritos de escol. É assim, bom amigo, que queremos que encare o nosso exemplo: pode parecer que o que você tenha para oferecer seja muito pouco, quase nada; mas, se estiver imbuído de força de vontade, de determinação, de vigor mental, se seu coração estiver desejoso de progredir, intemorato diante das armadilhas que lhe serão preparadas por quantos não desejam vê-lo vencedor, terá obrigatórios bons resultados e a vitória será incontestável.

Faça por merecer a ajuda de seus superiores através da ajuda que possa dar aos semelhantes e terá, um dia, a plena satisfação de chegar ao fim de seu *texto*, com a nítida impressão de ter realizado algo de grandioso em prol da humanidade, mesmo que seja o simples fato de ter tido o discernimento, a compreensão do que seja realmente **viver**.

## 11.º Relato

Cheguei até aqui e não pretendo ir avante. Pois bem, se for com ameaças de me fazer retornar para o escuro, aí prometo comportar-me.

Que querem que eu faça? Só pensar em tudo o que aconteceu comigo? Muito bem!

Sou um infeliz que viajou durante muito tempo sem ter parada. Comigo carreguei sempre pesado fardo, às vezes, imenso pacote, outras vezes, mala imensa, sempre, no entanto, embrulho muito grosso e terrivelmente pesado. Mas nunca consegui abri-lo para ver o que havia dentro. No início, pensava que fossem roupas e perfumarias para vender, lembrança de antiga profissão de caixeiro-viajante nos idos de muitas vidas atrás. Depois vi que não podia ser nada disso, porque não conseguia aproximar-me de ninguém para oferecer meus produtos. Outras vezes, imaginava que estivesse de mudança e que os trastes pesados representavam o que havia de utilidade para me instalar no próximo local. Ainda aqui parece que era lembrança de ter tido, um dia, necessidade de partir por força de alguma invasão inimiga. Certa feita, pensei estar carregando alguém dentro do fardo, pesado corpo de frágil mulher, que precisava esconder em algum lugar de difícil acesso. Esse fardo carreguei durante largos anos. De outra vez, via-me com duas malas grandes, uma em cada mão, à procura de estribo de composição férrea, para partir para outras paragens. Por esse tempo, grossas lágrimas rolavam-me dos olhos. Ainda carreguei cestos em que pensava levar frutas para o mercado. Foram, enfim, muitas as cargas que fiquei a carregar, como se fosse a minha própria cruz.

Hoje estou com as mãos livres, mas o pacote que tenho que conduzir está aqui, aos meus pés. Não se trata de caixa muito grande e está ainda bem leve. Desconfio que possa estar ali contido o meu coração, pois algo me assopra nos ouvidos uma esperança de que irei, finalmente, ter um paradeiro.

Por que, Deus meu, este interminável viajar, por tantos e tantos locais desconhecidos? Nunca acabava de ver uma pessoa que já não visse outra e outra, sem jamais repetir a mesma. Saudade? Muito pouca, pois não estabelecia ligações.

No começo, quando cheguei à escuridão, de volta do último encarne, recebi lanterna com que me orientar. À luz frouxa, ia caminhando, levando comigo o meu fardo. Encontrava uma ou outra alma penada com quem não conseguia estabelecer contacto: alguns fugiam espavoridos, outros ameaçavam-me com suas garras, a maioria passava indiferente, como se eu não existisse. Certa feita, tentaram arrancar-me das mãos a lanterna, mas não demorou para fugirem apavorados de algo que não sei o que possa ter sido. Outra vez, furtaram-me o fardo, mas abandonaram logo em seguida, correndo atropeladamente caverna adentro.

Hoje estou aqui para descansar. Sei que não consigo lembrar-me de tudo, mas o mais importante é que nunca tive sossego.

Pedem-me para falar a respeito das amizades no último encarne.

Bem. Da última vez, lembro-me que fui padeiro. Trabalhava no fundo de uma panificadora com várias pessoas. Não me lembro de muita coisa, mas estou certo de que, às vezes, carregava grandes cestos de um lado para outro e isso me deixava absolutamente revoltado, como se fosse algo com que não concordava, que repudiava. Agora sou capaz de perceber a razão dessa desarmonia.

Outra coisa que não gostava de fazer era voltar para casa de madrugada. Eu desconfiava de que, ao chegar, alguém saía. Um dia, não fui trabalhar e fiquei na espreita. Bem que havia desconfiado. Surpreendi minha mulher permitindo o acesso em casa a um desconhecido.

Gostaria de evitar a descrição da cena de ciúme e de paixão.

Em resumo, deixei os dois estirados em lago de sangue sobre o meu leito conjugal. Pouco mais me recordo. Sei que, um dia, me vi trabalhando em outra padaria, carregando cestos para detentos. De lá, mais velho, vejo-me vagando de um lado para outro, cheio de remorsos, mas não de perdão, pois achava que minha vida se tinha perdido por culpa deles.

Enfim, mendigo, vivi ainda algum tempo da comiseração dos outros, até que me vi, de repente, de novo, no fundo do poço, na escuridão úmida do catre.

Eis a minha história, sem poesia, sem força, sem brilho.

Será que poderia abrir o embrulho?

Finalmente, vou poder contemplar o que nele se contém!

Está vazio?! Que era, então, tudo aquilo que carregava? Seria só o meu sofrimento e a minha dor? Estou livre da penitência? Que fiz para merecer isso? Ainda não fiz? Por que essa primazia? Por que essa proteção maravilhosa?

## Orientação

Deus é pai misericordioso. Ele é o princípio e o fim e toda a existência nele se contém. Por isso, para ele tudo é possível. Se Deus assim determinou, é porque acredita em que o seu filho irá superar as deficiências.

Você já poderá reconhecer alguns de seus antigos parceiros de jornada. Eis que aí estão filhos queridos, esposa amantíssima, mãe bondosa, pai severo, rigoroso, mas carinhoso e leal. Seus tios também comparecem para o abraço. Você, finalmente, não está mais sozinho.

Toda a impressão de viagem se deu há pouco tempo atrás. Sua imaginação é que fez com que acreditasse que a vilegiatura vinha de muitas encarnações. A sua aflição é mais recente. Agora terá de se reconciliar com alguém que não o perdoou e esse será o próximo

trabalho. Antes, deverá deixar-se influenciar pelas forças do amor que o estão amparando, para restabelecer os liames com a verdade e para compreensão exata dos desvios de conduta.

O crime que você perpetrrou foi hediondo, mas a penalidade *física* você já cumpriu. Restam para superar as dificuldades morais. Mas essa será história ainda a ser escrita. Supomos que deverá integrar-se carnalmente na família de seu desafeto, mas é cedo ainda para este tipo de cogitação. Estamos alertando-o para o fato, para que não suponha que tudo será *mar de rosas*. Mas, com o apoio de todas estas entidades amigas, acreditamos que terá todos os recursos para superar com méritos essa prova.

Vá, bom amigo, com Deus! Ore muito por seus guias, pois executaram maravilhoso trabalho socorrista, e agradeça a Deus a magnanimidade dessa assistência que bem poucos conseguem por força de intervenção. Alegre-se com a dor atual pois é compreensível e suportável. Quem sabe, um dia, você voltará para trazer notícias mais alvissareiras a respeito de futuras decisões.

Fique com o Senhor!

## Comentário

Prezado leitor, sabemos que algumas perguntas estão a bailar-lhe no cérebro, principalmente a respeito da presença da esposa do companheiro sofredor, neste momento de sua volta. Evidentemente, trata-se de espírito muito sofrido e que aqui compareceu no temor de ser mal recebido. Entretanto, é preciso que fique bem claro que o relator de hoje deixou de mencionar inúmeros fatos concernentes aos seus relacionamentos íntimos, os quais não vale a pena recordar. O que podemos dizer é que suas lágrimas foram copiosas ao se reencontrar com todos, tendo até ajoelhado diante da figura da esposa, solicitando-lhe ternamente perdão pelo malfeito. De resto, todo o grupo estava estreitamente coeso em derredor do soerguimento moral do irmão sofredor, de sorte que era chegado o momento daquele que faltava, sem contar, naturalmente, com o desafeto, aquele a quem retirou a vida, jovem muito novo ainda.

O que a nós interessa reportar-nos não é à história das paixões do padeiro; o que nos importa é deixar o leitor prevenido quanto às manifestações deste teor, evitando-se dar crédito a todas as palavras. Como se trata de espíritos aguilhoados pelo sofrimento, têm o instinto de se livrar de tudo que possa parecer-lhes prejudicial, de modo que buscam refúgio nas inverdades, para não terem de sofrer o tormento das vibrações estéreis ou negativas. Quando percebem que, apesar de os relatos conterem facetas muito criminadoras, não estimulam reações contrárias dos ouvintes, aí se expõem com maior confiança e adquirem serenidade capaz de desbloquear as naturais reservas, momento em que diligenciamos vibrações fluídicas regeneradoras.

Mais uma vez pretendemos burlar a curiosidade do amigo, não esmiuçando as nossas atividades, pois o que nos trouxe até aqui (esperamos estar evidenciado) foi a necessidade de solicitar reação favorável ao desencarnado em vias de tratamento, impedindo que veja em cada um de nós inimigo em potencial, como aqueles seres com quem se encontrava nas peregrinações nebulosas da escuridão.

Se você, bom amigo, não consegue soffrear os impulsos de inferioridade material diante da criminalidade revelada e da maldade enfronhada nas mentes dos que se perderam nas sendas das degenerações e dos vícios, busque refúgio na prece, especialmente no tentâmen de se situar do outro lado da experiência, pondo-se na pele do pobre soffredor. Aja sempre assim, por amor de seus semelhantes infelizes, para obter alvará para participar dos trabalhos do socorrismo ativo.

Não se trata, veja bem, de mera compaixão, de comiseração ou de considerar o irmão simplesmente um coitado. Nada disso. O que se pede é que se veja, naqueles molambos soffredores, pessoas iguaizinhas a nós mesmos, com os mesmos direitos à cidadania divina. Neste ponto, é justo lembrar as lições de Jesus, pois todo o seu evangelho se resume na lei do amor e o amor deve ser incondicional.

Sabemos que nossa mensagem não é nova nem está florida em estilo próprio que justificasse reapresentação. Neste campo, o novo não existe nem no vestuário com que se adorna. Mas talvez o novo se encontre no espírito atento que nos segue os pensamentos e que, de repente, desperta para o socorrismo, com o coração confrangido, necessitado de luz e de compreensão. Se este tiver sido o seu caso, caríssimo irmão, queira perdoar-nos o atrevimento e, pedindo a presença de Jesus, recomponha-se emocional e intelectualmente e assuma a firme decisão de ocupar lugar, modesto embora, em alguma equipe socorrista.

Ajude-nos a carregar os fardos dos irmãozinhos soffredores, como Simão ajudou Jesus com a cruz, o qual ajudava a humanidade em sua desdita. Quem sabe essa ajuda despertará a atenção de algum irmão de maior luz, força e experiência, para aliviar-lhe a carga, em alguma circunstância especial da vida.

Eis aí a essência do socorrismo: não há quem não necessite ser socorrido, bem como a todos é facultado o dom de socorrer, pois todos somos igualmente filhos de Deus. Glorioso será o momento em que, como o nosso pequeno padeiro, à luz de nossos benfeitores, formos abrir nosso fardo e pudermos verificar que nada mais haverá para ser carregado. Nesse exato instante, poderemos compreender a magnificência divina em seu ato criador e poderemos exaltar a existência, cômnicos de que mais perto estaremos da salvação.

## 12.º Relato — LIGAÇÕES DE AMOR

Desde ontem, persegue-me a visão de certa cozinha, de certa faca larga e cortante, com afiada ponta perigosa. Não sei por que me vem à mente essa ideia de apanhar a faca para perpetrar algum ato violento, como o de enterrá-la fundo no flanco de alguém. Se pudesse entender o que significa essa sensação desagradável, talvez percebesse algo que se tenha passado em algum encarne de terror e malícia.

E ali fico eu, faca na mão, a cismar absorto, tendo ao redor tosca mesa e cadeiras, pratos grossos de cerâmica branca, canecas de lata, amassadas e escuras. E eu ali, em meio daqueles apetrechos todos bem arrumados, vetusto fogão apagado, lenhas empilhadas no canto, panelas dependuradas em grossas cordas descaídas dos caibros elevados e fuliginosos. E eu ali, desvairado, diante de inúmeras peças de metal e de madeira, pás, colheres, pinças, escumadeiras e grandes conchas, em destaque grosso facão e poderoso machado. E eu ali, faca apertada na mão, a gotejar lágrimas e a escorrer sangue.

No chão, linho alvo manchado em vermelho, mão largada semicerrada, rosto convulso de mulher jovem, olhar perdido na distância, cabelos presos em touca desalinhada. Os pés, calçados de sandálias fechadas, estremecem em pequenas convulsões, atos reflexos talvez da dor maior da ferida aberta ao peito.

Eis que, de súbito, a visão se mostra clara e insofismável. Eu matara alguém. E não se trata agora de disfarçar o crime, senão de burilar a fantasia. E essa visão fatídica, aperfeiçoada por anos a fio de imaginoso aparato criativo, vai tornando-se cada vez mais nítida. E o pensamento, ativado por processo de defesa compreensível, vai cedendo lugar à emoção de se saber inferior na escala humana, pois, ferida de morte a criatura amada, não restava sequer a sombra da orgulhosa criatura que eu fora.

E aquela faca na mão e aquela cozinha luzidia e limpa e aquela jovem agonizante e, em seguida, morta, agonizante e morta...

E as lágrimas quentes começaram a jorrar um dia e caíam da face e escorriam pelo chão e se mesclavam ao sangue sempre vivo e o tornava cada vez mais rosa, cada vez mais líquido.

Não sei quanto tempo permaneci ali, faca na mão, a revirar o ódio e a sufocar a dor, a me mirar no amor que aprendera e a refletir na dor que provocara. E o sofrimento me atenzava a alma.

Um dia, apertei com força o cabo da faca e feri-me em espinho de rosa. Ergui o braço para entender o significado daquela nova prova e vi que a faca se transformara em rosa de suave perfume. Não havia mais sangue em minha mão, não havia mais jovem caída,

não havia mais água rosada. Só as lágrimas persistiam em rolar e rolar, agora aliviadas do pesar e do sofrimento, edulcoradas de amor e esperança.

As peças da cozinha persistiam intactas. A vetustez tinha cedido lugar a algo mais atual, mais próximo do que hoje concebemos: móveis de laqueados artificiais, fogão elétrico e modernos utensílios mecanizados. Ao derredor, a paisagem modificara-se e eu, faca na mão, apoiada em tábua desgastada pelo uso, só fatiava algumas batatas, na voz, modinha da época a exaltar as virtudes do bom amante. Lá fora, vozerio alegre de crianças. Aqui dentro, a voz tranquila de homem maduro a comentar os fatos do dia. Eis que me transfigurara e o meu momento de vitória estava por chegar.

Lembro-me de vozes aflitas ao redor, pedidos de socorro, odor acre de vinagre e algumas doces lágrimas sobre a face. O coração, finalmente, se cansara de bater; coração afetado por congênita moléstia, coração fadado a sustar seu trabalho exatamente naquela circunstância.

Quando despertei para a outra vida, tinha a consciência tranquila. Parecia-me ter descarregado fardo pesado que carregava há largo tempo. Estava, enfim, livre dos compromissos comigo mesma, mas definitivamente presa àquelas criaturas com quem me ligara tão profundamente por intensos laços de amor e de gratidão.

Tal tinha sido minha prova: proporcionar aos queridos amigos a possibilidade de reencontro com a criatura de cuja companhia os havia alijado na encarnação anterior. Mas a pena iria prosseguir mais além, pois estava indissolivelmente atada à destinação cármica de todos, necessitando, por obrigação e por espontânea vontade, acompanhá-los durante todo o trajeto de suas vidas, esforçando-me por torná-los merecedores da divina graça da obtenção do progresso possível em suas encarnações.

E é isto mesmo que tenho feito nestes últimos anos. Verdade é que tenho obtido ajuda destes amigos que me acompanham *pari passu* em todas as tarefas, principalmente nos momentos de desalento e de aflição, quando venho solícita recorrer à sua bondade e devotamento.

Meus parentes não são más criaturas, mas suas imperfeições não são visíveis, a não ser por aqueles que têm a possibilidade de privar com a luz dos espíritos guardiães encarregados de fornecer o anteparo das verdades evangélicas que estão sendo maculadas por suas atitudes. E esse desespero contido, na ânsia de executar o melhor serviço, é que se constitui agora na minha prova mais pungente.

Como gostaria de sacudir cada um deles e dizer-lhe:

***— Não faça mais isso; não sobrecarregue seu espírito de preocupações e de insanidades. Pare de fumar, de beber. Leia os bons autores espíritas. Ilumine-se com a luz do evangelho. Coloque Jesus no coração. Pense na vida de modo mais coerente com as verdades eternas. Não fuja de seu destino de amor, de justiça, de caridade. Olhe pelo seu irmão sofrido. Não caia em tentações. Evite as tendências maldosamente sutis de sua consciência abafada pelos valores sociais e materiais. Abstenha-se de concordar perenemente com o erro. Instale-se no alto trono das virtudes e pautar a vida pela régia atitude de quem lhe conhece o verdadeiro sentido. Arme-se da coragem que as atitudes mais corretas lhe prodigalizarão e enfrente as adversidades. Aceite a dor como benefício e a morte como libertação. Não creia tudo poder mas, humildemente, atenha-se a meditar a respeito de si mesmo, para poder aperfeiçoar o modo de sentir e de pensar. Ligue-se a***

*Deus, por meio do sacrifício pessoal do Cristo, e faça de tudo para merecer o influxo de luz e de bênçãos que dos céus descaem sobre todos nós. Ore pelo restabelecimento de sua projeção espiritual neste árduo pelear de hoje e agradeça a Deus o benefício desta oportunidade de reconquista dos valores perdidos e de acrescentamentos de méritos para a definitiva ascensão aos páramos do Senhor.*

Era assim que gostaria de exortar cada um de meus amigos e, se hoje estou aqui a executar esta tarefa, que me parece muito acima de minha capacitação, é porque nutro a esperança de que alguém, ao ler estas palavras, possa reconhecer em mim espírito socorrista de intenções puras e possa acatar de coração a pregação que fiz, espelhando-se no meu exemplo de vida, auxiliando-se a ultrapassar os limites de sua própria incompreensão. Resta, finalmente, a esperança de que um de meus assistidos possa vislumbrar na figura que descrevi aquela mesma criatura que partiu tão inesperadamente do seu convívio e que retorna em espírito para tentar indicar o caminho da salvação.

Romeu—Ernestina (membro da *Equipe da Luz*, designado para este ato de profundo amor e de humilde reverência ao Senhor).

### 13.º Relato — ANGÚSTIA INTELECTUAL

Perversidade, malícia, espírito maligno, desejo de ver o outro às voltas com dificuldades, com dores, com sofrimentos de angústia, de desespero e até de arrependimento, quando não voltado para a superação das provas. Eis o desejo íntimo de quantos seres se perverteram e ora vagueiam por caminhos incertos nas trevas exteriores. Mas não se pense que a maldade satisfaz. Se, na célebre cena em que Fausto contrata Mefistófeles, a peso da alma, para favorecer-lhe os desvarios mentais, pudéssemos bem observar a fisionomia angustiada do representante das trevas, verificaríamos que lágrimas de muita dor lhe rolavam pelas faces, pois à sua dor se acrescia o sofrimento que via crescer na alma do indigitado encarnado. Esse é o símbolo mais alto do sofrimento: aquele que se alimenta da dor, da miséria do próximo.

O riso sardônico com que contemplamos a máscara do Demo é só o reflexo de nossa ignorância, no desejo, digo mais, na ânsia de podermos configurar para nós situação em que possamos estar acima do mal. Há até aqueles que veem lágrimas no olhar dos anjos, como se a excelssitude pudesse comportar também sofrimento: são os que aspiram estar acima do bem.

Talvez, por excesso de imaginação, alguém possa supor que exista essa possibilidade. Mas tal arrebatamento intelectual deve atribuir a essa criatura apanágios superiores, de sorte a situá-la ao lado do Criador, este sim, iniludivelmente para o humano raciocinar, acima de quaisquer considerações do bem e do mal. Mas quem está ao lado de Deus, sem com ele constituir um único ser? A lógica recomenda que mantenhamos equilíbrio ao conjecturar a respeito da Divindade. Então, somos obrigados a concluir que ninguém, a menos que se possa conceber que, ao ser recebida no regaço de Deus, a criatura simplesmente retorne ao estado de pureza inicial, reintegrando a sua parcela da divina centelha ao fulcro da criação, mantendo-se a univocidade predeterminada como premissa maior.

Todas estas considerações a respeito de tema de tão elevada estrutura filosófica, místico-religiosa e, mesmo, evangélico-espiritual, a partir da averiguação do mero desejo humano de grandeza, objetiva propugnar que as pessoas se atenham a perlustrar o mistério com o poder das mentes, mas sem os recursos da fantasia alimentada nos mananciais cármicos da estrutura carnal. Se nós não pautarmos o raciocínio por razões superiores à humana condição, como o fizeram os maiores filósofos espiritualistas, iremos, titubeantes, ficar arranhando a crosta da Terra, como tantos que assumiram postura antropocêntrica e se sentiram infelizes por perceberem que toda a grandiosidade do homem perece aqui mesmo, na aparência de vida em que se resume a estadia do espírito na carne.

Eu sou um sofredor. Durante milênios percorri as estradas do mundo à busca da verdade. Mas minha peregrinação sempre foi egoísta, ufana, negativa. Eu me melindrava até com a ideia de que o homem pudesse ter sido criado por entidade superior. Não suportava acreditar que, ao adentrar o mundo dos espíritos, as pessoas tinham de desvestir a andrajosa vestimenta de carne. A própria teoria reencarnacionista servia-me de base para a tese de superioridade do ser humano sobre toda a natureza, pois o renascer para mim era a prova de que o homem se eternizava na carne. E a minha visão não ultrapassava esse limiar, sendo-me impossível saber que a porta da catedral é serventia de acesso às grandiosidades dentro encerradas. E ficava a admirar o portal, as magnificências de aparatosa e magistral elaboração, que é a manifestação corpórea do espírito. Incapaz de enxergar nos semelhantes a mesma realidade que via em mim, atribuía as ideias da teologia e da teogonia à obtusidade de quem não queria compreender a grandiosidade do ser humano. Aceitava a tese da existência da alma, mas para favorecer minha teoria evolucionista. E não caminhava um passo na senda da caridade, pois reputava Jesus visionário de superior qualidade, que se assemelhava a outros homens dotados de inteligência altíssima, através dos quais fundamentava outros aspectos da teoria. Jesus, para mim, não significava o caminho, a verdade e a vida, mas tão só alguém que lutou por comprovar algo não comprovável, tanto assim que se deixou crucificar.

E esse ir e vir no campo das ideias fortaleceu-me o raciocínio. Bastaria que pequenina pedra se colocasse no caminho para fazer-me acreditar em que as teses estavam mal fundamentadas. E essa pedrinha foram as lágrimas que vi escorrerem dos olhos imaginários da fantástica figura mefistotélica. Se o Diabo chora e não ri, que proveito tira das perversidades, da malignidade, do tormento a infligir aos mortais? E, no entanto, persiste, eternamente, no sofrimento. O homem sofre (outra pedrinha), então não é perfeito e sua eternidade está na imperfeição, do mesmo modo que o sofrimento eterno do Demo está a comprovar-lhe a inferioridade.

Fez-se a luz nesse instante de reflexão, quando, alheio à minha pessoa, me pus a meditar a respeito do devir humano, a partir da dor. Esquecia-me da minha grandiosidade para refletir na pequenez das pobres criaturas que se deblateram na crosta, engalfinhadas em seus tormentos, em sua angustiosa expectativa de dissolução absoluta da personalidade, como se nada fosse e nada sempre tivesse sido. Irrisão dolorosa! Drama cruel! Evidenciava-se-me pelo raciocínio, o apanágio mesmo de minha *grandiosidade*, que sempre estivera errado.

Daí para o socorrismo, apenas pequenino passo. Mas as pernas estavam adormecidas e não podia caminhar. Tântalo a ver a água chegar aos lábios, morria sedento da verdade que pensara ter encontrado no mundo material e que sabia agora ao alcance de pequenino descortino.

Este foi o meu sofrimento. Precisei retroceder nos caminhos que percorrera. Caminhei para trás durante tempo indefinido. Reconstituí cada migalhinha de pão desprezada. Reencontrei cada fiapinho de lã deixado a esvoaçar ao vento. Recoloquei cada minúscula poeirinha de areia que, inadvertido, revolvi do primitivo lugar. Foi obra que demandou largos anos, paciência infinita, discernimento total. E me vi em cada existência,

sempre com o mesmo coração silenciado, sempre com o mesmo cérebro repleto de fantasias, sempre com o sangue fervilhando da humana vontade de engrandecimento.

Em suma, para não exaurir a paciência dos amados leitores, precisei restabelecer a pureza primitiva em todos os seus aspectos naturais, transformando o intelecto em tábula rasa, para sobre ele iniciar a edificação de nobre teoria espiritualista.

Sei que este tormento mental não é exemplo vívido para o leitor desacostumado com raciocínios tão intrincados, mas devo suplicar-lhe que me perdoe o desequilíbrio da explanação, pois encontro-me tão só no início do restabelecimento perispiritual, através de minha integração nesta *Equipe da Luz*.

Quanto aos leitores mais categorizados, mais sábios e menos afeitos a explicações desta ordem emocional, peço-lhes relevem-me a ousadia de imaginar que algo lhes possa valer do meu arrazoado, para permitir-lhes nova diretriz metodológica para seu raciocinar filosófico. Para eles, espero em Deus, que a crise não seja tão pungente quanto foi a minha.

Aos amigos da espiritualidade superior, em cujo seio enquadro todos os que se conduzem pelas normas evangélicas do Cristo, trazendo na consciência impressa a lei maior e seu corolário de amor, o meu mais sentido agradecimento pelo amparo vibratório com que me mantiveram durante todo o trajeto desta leitura.

Ao amigo escrevente, o mais humilde pedido de perdão por não ter tido suficiente força intelectual para permitir-lhe tradução exata de minhas vibrações energéticas, impedido que estou por espessa camada caliginosa de acendrado egocentrismo. Se me permitir, em outra ocasião, gostaria de volver a este posto para manifestação mais coerente com os princípios da mediunidade e da evangelização. O mais que lhe posso solicitar agora é que se concentre em prece ao Senhor, para aceitar a espiritualidade como manifestação maior da grandiosidade divina.

Um intelectual fracassado, que espera um dia tornar-se fiel servidor do Cristo.

## 14.º Relato — DESPERTAR DA FÉ

Durante séculos perambulei pelas trevas, carregando comigo o fardo de minhas viciações. Nunca tive momento mínimo que fosse de descanso. Ansiava por voltar à Terra, encarnando-me fosse na mais miserável criatura, como ouvira falar por companheiros que partiam, na esperança de reencontrar a felicidade perdida.

Exaustivo seria narrar todas as peripécias de minhas maldades. Aliadas à desfaçatez característica de minha personalidade, agrupavam-se outras viciações do mais profundo vilipêndio às normas do Senhor: fui injusta, sovina, egoísta e demais apodos que se possam juntar para caracterizar a pessoa que tudo fazia para poder levar vantagem. Perto de mim, os brasileiros de hoje eram *fichinhas*, *café pequeno*. Perdoe-me, leitor, a gíria que conheci na última encarnação. Aliás, é a respeito desta que gostaria de discorrer mais precisamente.

Aqui chegada, por honra e graça de alguns amigos — incrível que pudesse tê-los! —, fui logo compenetrando-me das tarefas que deveria realizar e, dentre elas, destacava-se a necessidade de narrar os feitos do derradeiro encarne.

Luzia foi meu nome. Era mãe afetuosa de diversas criaturas a quem tinha de ministrar os melhores cuidados, por força contratual de caráter espiritual. É o que se chama de *carma resignado*, imprescindível para se superar a dificuldade de reconciliação, pois aquelas criaturas eram antigos desafetos.

Naturalmente, tendo tudo facilitado por economia regrada e por finanças abastadas, foi fácil conduzir os pequerruchos nas sendas do amor familiar, enquanto se utilizavam ainda de calças curtas. Aliás, minha inteligência, por solicitação minha, também não era grande e podia contentar-me com a segurança de lar bem constituído. Pensava assim:

— *O que importa é ter o marido sempre em casa; o que ele faz fora é responsabilidade dele.*

E fechava os olhos para tudo. Por isso, engordei além da conta. Sem ter necessidade de trabalhar e sem ambições de parecer bela para a sociedade, alargava as roupas domingueiras da missa, ia a uma ou outra festa de casamento; mas o que queria mesmo era ficar em casa.

Meus filhos cresceram nesse ambiente morno, sem grande cultura, sem grandes virtudes, sem inquietantes vícios, até que...

Eis que sempre chega aquele dia fatídico em que as coisas se precipitam. Soldado que sai à guerra sem armas não pode retornar vencedor. E foi o que ocorreu com meus pequenos: um a um foram adentrando os caminhos dos vícios. Eu, matrona assentada no

lar como refúgio inexpugnável, não sabia operar com diligência e sabedoria e fui fechando-me em minha fortaleza, cega pelo egoísmo, insensível para a compreensão de que meu mal maior estava *colocando as manguinhas de fora*. Mas a desdita de cada um de meus filhos foi calando-me fundo na alma.

Um deles baleou um policial durante tiroteio em que a polícia averiguava certo ponto de cocaína. O infeliz se deixou prender e transtornou toda a família.

Outro atropelou um pedestre, arremessando o carro contra ele durante corrida noturna pelas avenidas da cidade. Não contente com isso, desgraçou a vida de duas moças, precisando fugir para outro Estado, dadas as ameaças da parentela.

Meu terceiro teve de ser internado em clínica especializada para viciados em drogas. Definiu em pouco tempo e, tendo contraído doença pulmonar, faleceu.

Por essa época, meu marido, após inúmeras discussões comigo, em que me inculpava por não ter bem educado as crianças, abandonou-me e foi viver com a amásia. Penso que tudo foi desculpa para a resolução que de há muito havia tomado. Ainda bem, porque minhas preces começavam a ser ouvidas. Devota do santo padroeiro do bairro, Santo Estêvão, comecei a rogar pela devolução da antiga estabilidade emocional, que se armara sobre a tranquilidade enganosa da vidinha modorrenta que levava.

Companheira de preces, um dia, minha amiga Isaura, aqui presente nesta oportunidade, pois nos tornamos inseparáveis, convidou-me para ir em visita a famoso médium, o qual talvez pudesse trazer-me notícias do Alfredinho, o querido filho desencarnado. Tendo ouvido contar os maravilhosos *milagres* operados pelo santo homem, pus-me a caminho da cidade mineira.

Lá chegando, estranhei a multidão que aguardava ser atendida e levei três dias para poder arrumar lugarzinho na sala das sessões. Naquela noite, arrepio-me ainda agora, presenciei os primeiros contactos mediúnicos de minha vida. Para felicidade minha, estava presente o espírito de meu filho, que me deixou escrita longa mensagem de amor e saudade. Foi a minha transformação. Não resisto à imagem de que foi meu filho que me deu à luz da fraternidade espírita. Debulhada em lágrimas, muito beijei a mão de meu benfeitor e prometi-lhe volver à minha cidade com a firme decisão de trabalhar em benefício dos semelhantes.

Mas meu modo de ser não me permitia muitas coisas. Comecei por juntar-me à amiga Isaura e com ela fui ouvir as preleções e receber os passes de prestigiosa casa de atendimento espiritual do bairro. Lá fiz amizades puras e com aquele pessoal convivi durante largos anos. De meu filho, não recebi mais nenhuma notícia espiritual, mas aprendi que o importante era saber o que se passava do outro lado. A duras penas, fui superando os desgostos pela perda do preferido (digo-o agora, quando meu amor já se distribui igualmente por todos) e passei a cuidar dos outros na medida de minhas forças. Um belo dia, meu marido desejou retornar e me encontrou de braços abertos, não tão *compreensiva* como antigamente, mas condescendente e arguta para os compromissos cármicos que nos assinalavam a passagem pelo orbe.

Devo, a bem da verdade, dizer que meu filho mais velho, ao sair da prisão, não mais tolerou viver comigo e, desiludido diante das recomendações de sacrifícios que lhe fazia, caiu no mundo e se desgraçou. É a ele que mais dedico o tempo hoje em dia.

O que fugiu para outra cidade, após algumas estrepolias, acabou serenando, casou-se e montou residência, não sem antes obter ajuda financeira do pai, que tudo fez para limpar-lhe o nome na praça, até assegurar-se de que conseguiria andar pelas próprias pernas. A este dediquei também minhas preces e pude fazer chegar-lhe algumas noções espíritas, de sorte que hoje, em idade madura, educa convenientemente os filhos, segundo as normas evangélicas que vai assimilando junto a companheiros do centro espírita que frequenta. Devo enfatizar o fato de que foi a carta do Alfredinho que lhe deu o impulso inicial para a fé que o agasalha atualmente; aquela mesma carta que foi ridicularizada pelo irmão.

Em idade provectora, abandonei a carcaça e me apresentei do lado de cá, para receber as recomendações e conselhos de como prosseguir na nova jornada.

Aqui se encontrava a minha companheira, que se tornou o meu anjo tutelar. Acostumada a adentrar as cavernas logo que regressava de cada encarnação, desta feita estranhei muito a sensação de calma sonolência que se apossou de mim após o desenlace. Devido à idade avançada é que pude não sofrer muito na transição entre os planos, conforme me explicam os amigos presentes.

Com efeito, não demorou para que pudesse rememorar toda a vida e perceber claramente todas as vicissitudes. Como a dificuldade maior a ser superada era terrível chaga moral, reconheci logo que o plano de existência para mim formulado tinha sido perfeito, embora por largo tempo estivesse ameaçado de não concretizar-se.

Hoje, pensando sobre tudo o que me aconteceu na vida, considero aquele instante maravilhoso do contacto mediúnico com meu filho como o do verdadeiro despertar da fé, motivo pelo qual intitulei este escrito com essa frase.

Sei que as pessoas que leem estes textos transmitidos por via mediúnica reagem das formas mais disparatadas possíveis. Por isso, fiz questão de mostrar as opiniões tão díspares de meus dois filhos, um incapaz de reconhecer o irmão naquelas candentes manifestações de afeto e carinho, o outro mergulhando fundo na contemplação da verdade revelada.

Escrevo para as mães que, não tendo compreensão da realidade da vida, sofrem por terem perdido os filhos em tenra idade e hesitam em entrar em contacto com seus espíritos.

Não importa a fé religiosa de sua convicção; faça um esforço e dedique alguns instantes para interrogar o coração a respeito da possibilidade desse encontro da forma que descrevi. Não precisa ir a Uberaba nem a qualquer outro centro para interrogar o etéreo a respeito das condições de sua existência espiritual; basta, no fundo do coração, aceitar como boa a informação de que a vida persevera após a morte do corpo físico. Só essa convicção será o consolo mais eficaz, mais sólido, mais eficiente, para perceber que a magnanimidade de Deus transcende as expectativas fundamentadas nos pontos de vista carnis, materialistas.

As mães, em geral, são religiosas e se amparam em suas crenças para superar as dificuldades de compreensão da vida, mas deveriam fazer um pouco mais: deveriam despertar a fé para a possibilidade de a vida prosseguir no plano espiritual, segundo o procedimento na carne, de modo a favorecer crescimento íntimo da visão cármica, que

facultará, inequivocamente, transformação de seu panorama da existência e resultará em atitude mais positiva em relação à espiritualidade.

Vamos tentar?

O início já está dado na aceitação destes informes como leais, honestos e sinceros. Daqui para frente, é ler, é dedicar-se ao socorrismo fraterno, é participar de grupo de estudos, é vasculhar no coração os defeitos, é alijar de lá as viciações, é adquirir hábitos morigerados, é amar, praticar a caridade, confiar em Deus e ter fé em que, um dia, todos estarão reunidos de novo, para novas alegrias e novos cometimentos, sempre no sentido de se buscar a perfeição.

Pede-me o bom amigo médium para que informe a respeito do Alfredinho. Como lhe tinha induzido a intuir, está de novo encarnado, na família de meu querido filho espírita. Quanto ao meu marido, não está comigo, pois tem por missão (e expiação) cuidar da segunda família. Quanto ao meu atual serviço de velar pelo filho perdido nas trevas da ignorância, devo dizer que bem pouco tenho podido fazer, não desfalecendo por força do incentivo que tenho de todos e pela confiança que deposito em Deus.

Fique em paz, amiguinho, e saiba que suas vibrações foram por mim recebidas como influxo de muito amor e de muita luz.

Luzia — humilde membro da *Equipe da Luz*.

## CONCLAMAÇÃO

O menos que se pode dizer deste momento de meditação e de reflexão é que se tem tornado em precioso lenitivo para muitos irmãos sofredores que têm vindo, a convite nosso, presenciar estes trabalhos mediúnicos. Dada a cordialidade com que são recebidos, sabem que não estão sendo ameaçados de nada e, como nada lhes pedimos, a não ser atenção e fé, reconhecem que não serão enganados.

Muitos voltam para as estrepolias habituais, mas alguma sementinha de desconfiança de que não estão agindo bem guardam no fundo do coração, a qual é capaz de germinar e florescer em sentimento de remorso e arrependimento.

Outros desejam participar afoitamente dos serviços, embora nada saibam do que se possa esperar deles em tais circunstâncias. Desses, alguns se compenetraram de sua pouca capacidade socorrista e aceitam partir para estações de recuperação e apoio. Outros se desentendem com o grupo, desejando forçar a situação e são encaminhados para turmas socorristas mais afeitas ao trabalho de magnetização coercitiva, desde que, é claro, algo exista de aproveitável na manifestação inicial de ajuda.

Existem uns poucos que se afeiçoam tão particularmente a algum elemento do grupo que obtêm deste permissão para ficar a seu serviço e sob sua responsabilidade, de sorte que passam a agir em trabalhos de assistência *material*, se assim podemos chamar pequenos serviços de policiamento, de recados, de pesquisas etc. Nem todos temos permissão para revelar, por incompreensíveis à mente encarnada.

Existem os que vieram por engano e que somos obrigados a liberar desde logo. Esses não obtêm qualquer proveito das reuniões, embora sejam devidamente *fichados* para ulteriores aproximações.

Eis que o quadro se completa com os amigos convidados a falar, os quais têm melhor noção do que ocorre durante a sessão e, embora engolfados em sentimento de culpa absolutamente alucinatório, conseguem expor os dramas íntimos, por força da imprescindível magnetização realizada pela equipe.

Todos esses irmãos socorridos o são segundo plano bem estabelecido. Jamais trazemos alguém cujo espectro vibratório esteja além de nossa possibilidade de domínio. Por isso, alertamos os bons amigos médiuns, para que não temam entrar em contacto com o além, desde que conheçam muito bem seus guias, mentores e preceptores. Tal conhecimento é fundamental para que não venham a ser embaídos por falaciosas promessas de grandiosidade mediúnica, pois o que mais gostam de fazer os menores é se passarem por espíritos de força e de luz, para engodo de quantos inadvertidos intermediários consigam encontrar.

Nós mesmos, apesar de todas as palavras anteriores, podemos, neste momento, estar sendo considerados perfeitamente impróprios para a influência por mentes encarnadas que aspiram a contatar somente espíritos angelicais, capazes de expor temas de superior moralidade e relevância religiosa, em mensagens acabadas do mais puro estilo evangélico. Não queiram ser tão exigentes que se tornará inviável qualquer tentativa séria de socorrismo, por meio de sua colaboração. Nem tanto à terra, mas também nem tanto ao céu.

O mediunismo dos seres muito elevados na escala evolutiva se faz por meio de sucessivos intérpretes em várias camadas, até ser transmitido aos homens por algum companheiro um pouco melhor situado no etéreo e com alguma facilidade no trato de temas superiores. Sendo assim, mesmo que a mensagem desça dos píncaros mais elevados da galáxia, vamos dizer assim, vai representar para o pobre mortal muito próxima de outras que ele mesmo teve oportunidade de ver atribuídas a seres imperfeitos. É que, na tradução sucessiva, os termos e expressões vão tendo necessidade de ir adequando-se à realidade circunstante para poderem ser compreendidos, de modo que, ao chegar aos domínios dos encarnados, soam familiarmente. Se o último transmissor for dotado de dons especiais adquiridos de profundos estudos literários, poderá ocorrer que o teor da mensagem ganhe brilho aos olhos dos mais doutos, o que, certamente, atrapalharia a visão dos menos dotados do saber terreno, enquanto espíritos menos propensos à literatura conseguiriam textos mais próximos da mente do comum dos mortais, de sorte a não entusiasmar os mais eruditos. Eis o que se pode falar a respeito da forma.

Quanto ao conteúdo, dificilmente qualquer mensagem hoje em dia iria trazer conhecimentos mais sólidos que os disseminados entre os homens por Jesus e difundidos, através de minuciosas explicações, pela codificação kardequiana, mesmo porque ali se contém tudo de que necessita o ser humano para se erguer, ombreando-se com os anjos mais puros da plêiade que esplende ao redor do Cristo. Acima dele, sabemos que existem círculos mais elevados, de categoria superior, mas o máximo que sabemos a respeito é que existem. Mais nada. Para alguns, a assertiva pode até parecer sacrílega, pois não entendem que Jesus não tenha adentrado o reino de Deus. Mas conjecturemos que assim fosse, como poderia, ao mesmo tempo, responsabilizar-se pelo seu setor *galáctico*?

Por outro lado, existem anotações particulares que descaem continuamente do Alto, mas com a especificidade da cultura mais profunda, de sorte que são dirigidas diretamente para certos encarnados missionários do mais elevado gabarito. Essas transmissões passam-nos despercebidas e só temos conhecimento delas por informações dos orientadores. São preciosas mensagens de muito amor, que norteiam o procedimento em áreas as mais diversificadas para propiciarem ganhos morais mais abrangentes, por intermédio daqueles benfeitores da humanidade.

Bem, no que respeita a este tipo de mensagens, não queiram os amigos ser os intermediários delas, pois não saberiam o que fazer com esse influxo de conhecimentos que lhes seriam totalmente incompreensíveis e que lhes fariam desacreditar até mesmo da excelssitude de seu teor.

Todo este roteiro é para configurar que existem justas medidas para o intercâmbio com o plano espiritual. Saber que se está amparado por forças que visam unicamente proceder ao socorrismo por injunções cármicas de necessidade de regeneração

perispiritual é ter conhecimento de algo de importância fundamental para que se possa manter o influxo do relacionamento. Compenetrar-se de que se está praticando o bem, ao dar assistência a espíritos necessitados de ajuda, é adquirir *status* de socorrista, o que corresponde, na escala evolutiva, a passo bem grande no caminho da perfeição possível para os encarnados. Solicitar ao Senhor a permanência nesse estágio, agradecendo-lhe o assentimento e todas as benemerências que estão afetas a tal trabalho, é ter a certeza de que o encarne está realizando-se segundo os princípios estabelecidos. Prosseguir, por livre iniciativa, durante o restante da vida ativa, nesse serviço relevante é propiciar aos companheiros da espiritualidade a possibilidade de cumprir o seu destino em função das virtudes evangélicas e a todos do grupo, a convicção de que se está amando a Deus sobre todas as coisas, pois ao próximo, ao semelhante, se está oferecendo o mesmo amor que dedicamos a nós mesmos.

Assim se conta a história dos médiuns conscientes de sua importância e seguros de suas comunicações. Gostaríamos de poder dizer o mesmo de todas as pessoas que se dedicam a esse mister. No entanto, são tantas as que se presumem acima das outras por essa doação insignificante — uma vez que de empréstimo e sem real vocação — que nos aflige até escrever este texto, por temor de sermos mal interpretados ou o nosso médium ser acusado de falsidade, de megalomania, de favoritismo ou de alguma outra alcunha que a fantasiosa mente encarnada sói imaginar.

Bem, riscos à parte, queremos deixar nosso reconhecimento a quantos tenham tido a paciência de nos acompanhar até aqui e orar com profunda reverência ao Senhor, para agradecer-lhe as luzes que nos emprestou para elaborar este texto, cujo objetivo maior, evidentemente, além de descrever mais um pouco do nosso exercício de cidadania evangélica, procurou ser o convencimento do leitor, para que possa, ele mesmo, vir a comprometer-se com o plano espiritual, para tornar-se médium dedicado ao socorrista fraterno, em algum dos aspectos mais condizentes com o seu desenvolvimento pessoal no campo da moralidade e do amor. Para que se possa concretizar esse anelo, é preciso que se dê ao leitor a certeza de que o nosso trabalho é perfeitamente coerente com as verdades do Cristo, e este foi o meio que encontramos, ou seja, a descrição de algumas possibilidades de relacionamento e as condições em que se dão, tendo prevenido quanto aos cuidados necessários para não se cair em mãos erradas.

Era o que tínhamos para hoje, nesta quente e ensolarada tarde de novembro deste ano da Graça de 1.990. Esperamos que, ao se dar à luz este texto, estejam os leitores totalmente convencidos da necessidade do saber evangélico e que estejam a par do teor dos textos precedentes da *Escolinha de Evangelização*, para se assegurarem mais uma vez de que sua determinação em abraçar a doutrina espírita tenha sido a atitude mais sábia tomada em suas vidas.

Nesse exato momento, o que esperamos desses irmãos no Cristo é que digam a *Oração do Pai*, com o coração voltado para a própria regeneração, mas com a mente preocupada em realizar na vida a maior quantidade possível de benemerência.

Lúcio, da *Equipe da Luz*.

## 15.º Relato — O ACENDER DE UMA ESPERANÇA

Quando me trouxeram até aqui, à força de poderosa argumentação, não sabia que tinha de esperar tanto tempo. Disseram-me para aguardar pacientemente, para que pudessem fazer o médium interromper as suas divagações fantasiosas, para se colocar à disposição. Pois bem, aquilo que vocês chamam de preces e de vibrações positivas, para mim não passou de pura superstição, com o médium tomando água dita fluidificada ou magnetizada e concentrando o pensamento no mundo espiritual. Agora que estou ao lado dele, estou verificando que mal e mal consegue apanhar pequeníssima parte do ditado, obstando todas as ideias que procuro incrementar-lhe no cérebro, selecionando algumas com que mal consegue preencher algumas poucas linhas.

Pede-me calma, porque seu punho já está doendo, e interrompe o meu fluxo energético para restabelecimento de seu vigor físico, em flagrante desrespeito pela grandiosidade deste momento em que me apresento para a comunicação. Se persistir não dando total atenção ao que lhe estou a ditar, vou pedir permissão para ir-me embora.

É verdade que, ao se fixarem as palavras nas respectivas frases, estão ganhando colorido e estão a exprimir ideias bem claras. É, então, por isso que se deve ir mais lentamente? Pois bem, conformo-me à situação e ponho-me aos cuidados dos irmãos para o interrogatório que julgarem necessário.

Não há perguntas? Posso relatar o que bem quiser, desde que fale a verdade a respeito de minhas aventuras?

Eu sempre fui um sujeito que gostou de cuidar de mim mesmo. Estão sugerindo-me que era egoísta. Pode ser, mas a pretensão era de tornar-me um dândi, através da garridice da indumentária, do brilho das ideias e das façanhas do caráter. Durante a mais tenra idade, quando me caíram às mãos várias obras inglesas do século passado, encantei-me com as figuras nobres e notavelmente glamourosas dos *gentlemen*, que combinavam o *savoir-faire* à mais profunda elegância, através de mentalidade refinada e inteligência pronta para o revide no campo das ideias, em perfeita sintonia com o meu esporte predileto, a esgrima.

Foi com essa ilusão de me tornar figura excêntrica no meu ambiente, que me vesti de negro e me tornei o mais perfeito grã-fino na tosca sociedade provinciana em que vivia. Peixe fora d'água, os meus conterrâneos começaram a perseguir-me, principalmente porque minhas posses não me garantiram a aquisição de mansão onde pudesse resguardar-me da curiosidade vulgar.

De excêntrico que gostaria de ter sido, só consegui ser inusitado; de galante mancebo, só me acoimavam de pedante e me julgavam efeminado.

Retirei-me dali enojado com tal receptividade e profunda insensibilidade e fui tentar a sorte em centro de maior riqueza material e cultural.

Guardei no fundo do baú as roupagens de grande senhor e submeti-me a toda espécie de arrogância e de prepotência de patrões e até de companheiros de trabalho; mas consegui vencer, principalmente porque se engraçou pelo meu jeito a filha do patrão, avançada em idade, é justo reconhecer, mas pessoa simplória, cujo único anelo na vida era não se deixar ficar para titia. Esse esplêndido arranque financeiro fez-me retornar aos sonhos da adolescência e pude, finalmente, dar curso aos planos de tornar-me pessoa preeminente na sociedade paulistana.

Ajudou-me muito na consecução dos objetivos a querida parceira, cuja coquetaria e afetação casavam perfeitamente à minha ânsia de grandeza social.

Brilhamos nas festas e esbanjamos à farta a herança que, finalmente, nos chegou à mão. Foram dias de luzidia projeção no mundo efêmero das comemorações mundanas. Partilhamos das casas mais ilustres, conhecemos as pessoas mais gradas e os políticos mais poderosos.

O que não quisemos ver foi a derrocada das finanças. De repente, as contas bancárias murcharam como balões a cujo ar de súbito se dá vazão e, mais ainda, os débitos das somas emprestadas não puderam ser cobertos com o produto das vendas das propriedades. Sobreveio a falência física e, como nada possuíamos no campo moral, não nos foi possível sustentar-nos espiritualmente, degringolando-se a união baseada em aparatos e lantejoulas.

Desfez-se o casal em idade bem madura. A cara consorte refugiou-se em casa da parentela rica, a qual me repudiou como causa que fora da perda de parte da fortuna da família, assim como se me foi atribuído também o banho de lama que sapequei no nome *honrado* de minha esposa.

Por esse tempo, fui levado à barra dos tribunais e, como não possuía lastro financeiro, acabei condenado. Humilhantemente para mim, fui obrigado a aceitar a ajuda da família de minha mulher no pagamento dos débitos restantes, do advogado e do alvará de soltura, com a condição de me manter distanciado da cidade.

Para mim foi integral ruína. Passei a conviver com a bebida, com quem mantivera relações antes e para quem dediquei o que me restava de dignidade e compostura. Orgulhoso mendigo, esfarrapada criatura, não hesitei em perambular pela rua, vivendo da fé pública, inteiramente preso pelas armadilhas morais que meu egocentrismo foi capaz de elaborar, no fundo do cérebro.

Sem consciência do momento, deixei-me arrastar para a sarjeta, sem ter quem pudesse vir soerguer-me e, um dia, afastei-me de minha carcaça, para ir habitar as regiões do Umbral, de onde chego para esta manifestação.

Relendo as páginas que escrevi, pude perceber que muito do desejo de demonstrar-me superior aos outros claramente transparece em meio ao empolamento do estilo; sinto reconhecê-lo pobre e desmaiado, diante daqueles textos que incendiaram minha púbere imaginação.

Percebo que minha arrogância, ao adentrar este ambiente, só permitiu aos companheiros a minha caracterização moral e vejo que estou desguarnecido para enfrentar as acerbas críticas estampadas em suas sisudas fisionomias.

Abrem-se em largos sorrisos as doces faces para demonstrarem-me que me equivocava. Afirmam-me que o olhar severo não significa recriminação mas concentração no trabalho.

Pois bem, amigos, se é esta a paz que vou usufruir daqui para frente, só lhes poderei agradecer compungidamente o favor que me prestaram e o ânimo novo que estão a insuflar-me na alma. Sei que não mereço a confiança de todos, por ter tanta estrepolia cometido em meu encarne de sofreguidão material. Reconheço-o, mas peço vênias para aceitarem esta declaração de propósitos e admito, resignado, minha reintrodução no báratro, se minha vontade não for suficiente para conter-me os impulsos de grandeza e megalomania.

Não sei se conseguirei de pronto humilhar-me como deveria, pois sinto o coração bater descompassado, ao verificar que o linguajar prima pela literatice e a mente se deixa arrostar pela vernaculidade.

Dizem-me para orar com fervor. Temo que tenha sido exatamente essa a minha falha mais acentuada, pois as preces, eu as conhecia de cor e as repisava constantemente ao pé do altar, preocupado, contudo, com o vinco da casimira inglesa e com o verniz lustroso dos borzeguins. Como se pode notar, fazendo blague — perdoem-me, por favor —, um bom inglês diria: o uso do cachimbo faz a boca torta.

O povo todo me aclama o ponto de vista mas me recomenda contenção e modéstia, pois quem não está a respeitar o sagrado ambiente sou eu mesmo e não o médium, em sua preparação para o ditado.

*Mea culpa*, irmão. Aceite-me as escusas mais sentidas, perdoe-me o tê-lo feito trilhar pelos ínvios caminhos de estapafúrdia mentalidade e, acredite, prometo que, um dia, voltarei com o coração propício para transmitir mensagem mais apurada, segundo os ensinamentos evangélicos, que os companheiros me dizem que deverei aprender.

Como último pedido deste antigo esmoler das ruas de Fortaleza, mantenham-me, amigos, bem lúcido e acordado, apaguem-me da mente a memória dos eflúvios alcoólicos, com que tentei fazer submergir a minha capacidade intelectual, e me deixem curtir o sofrimento e a infelicidade com esta mesma disponibilidade mental de agora, quando sou capaz de perceber que de minha atitude, e só dela, é que depende o arrostar a que devo submeter-me de minhas culpas. Sei que me arrependerei de tudo de ruim que pratiquei na vida, mas tenho a certeza de que jamais renegarei este pedido. O que mais lhes peço é bastante coragem, para enfrentar os momentos de crise, e vergonha na cara, para reconhecer os deslizes.

Preciso confessar que nem tudo narrei das peripécias da vida e que pratiquei alguns crimes que o *romance* que pretendia escrever iria esconder.

Vejo, sem surpresa, que os amigos estavam a par de tudo. Resta-me, então, implorar para que me seja dada oportunidade, no devido tempo, de ir rogar perdão aos desafetos, especialmente à amada esposa, que deixei estendida em poça de sangue — dizem-me que não preciso relatar esse episódio, mas minha consciência não me permite sonegar a informação, pois me queria fazer passar por quem não era —. É bem verdade

que não morreu com meu ataque de ciúme e histeria, mas o crime me repercute no coração como se perpetrado tivesse sido inteiramente.

Benditas lágrimas estas que sinto escorrerem-me pelo rosto e benditos os irmãos que conseguiram vibrar em meu favor. Ainda me resta pequenino fôlego para instar aos confrades para que rezem a *Oração do Pai*, em agradecimento pela minha recondução ao caminho do amor e do bem, pois sinto que não me afastarei mais de Jesus, cruciantes e lancinantes sejam os horrores que deverei enfrentar. Procurarei compenetrar-me do valor da prece e prometo fazer todo o possível para rezar junto, apesar da mente opressa e do coração angustiado.

Fiquem com Deus!

## Prece ao irmão necessitado

*Senhor, dai-nos a mesma desenvoltura vocabular apresentada pelo irmãozinho sofredor, para que nós possamos expressar o sentimento de muito amor e de muito respeito pelo seu sofrimento. Fazei com que saiba transformar esse seu brilhantismo intelectual em força e em luz para a aquisição dos bens morais que lhe faltam. Sabemos, Senhor, que nosso julgamento é falho, é imperfeito, mas cremos que este irmãozinho está realmente convicto de que deve mudar, absorvendo os ensinamentos evangélicos, para que venha a tornar-se mais um de vossos fiéis servidores. Obrai, portanto, Pai Amantíssimo, em favor dele, designando equipe de luz para orientá-lo e auxiliá-lo na longa escalada que terá pela frente para recomposição perispiritual. Fazei com que sua arrogância e egoísmo feneçam, sob a implacabilidade da fé, da esperança e da caridade. Se esse for o desejo de vossa misericordiosa vontade, Senhor, assim se faça, para vossa honra e glória. Assim seja!*

## Comentário

Querido médium, não se negue a aceitar os nossos agradecimentos e os encômios por tão destemida vitalidade mediúcnica. Sabemos das dificuldades deste apanhado de mensagens de espíritos tão imperfeitos, que mais desejam fugir de nossas *garras* do que, realmente, receber o influxo dos ensinamentos de Jesus, que, por nosso intermédio, necessitam absorver.

Mantenha-se, pois, atento para captar as vibrações reais expedidas pelas entidades, de sorte a deixar suas personalidades rigorosamente caracterizadas. Se preciso for,

reproduza até as expressões mais vulgares; apenas não dê curso aos sentimentos que revestem. Mais tarde, poderá adequar o texto para leitura pública, se assim se julgar necessário. Não se aborreça com as manifestações mais violentas e indague sempre de si mesmo qual a força moral, qual a virtude evangélica mais conveniente para opor à manifestação *estapafúrdia* (como disse o amigo sofredor desta tarde).

Vá, aos poucos, reproduzindo os textos para editoração, sem se preocupar com notícias da editora. Tudo virá a seu tempo a compor o quadro imaginado pelos roteiristas a quem cabe deliberar a respeito deste trabalho. Mantenha a fé em que tudo irá ocorrer segundo os princípios morais mais elevados, que a todo momento estamos citando, e confie em que o futuro nos dará razão.

Volte para suas tarefas rotineiras e aguarde para amanhã novas manifestações. Fique na paz do Cristo—Jesus, nosso mais severo guia mas seguro protetor!

Augusto (pela equipe).

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS

Tomando como título desta modestíssima explanação aquele da obra de Emmanuel, longe estamos de qualquer confrontação com tão maravilhosa demonstração de sabedoria. O que nos leva a semelhante atrevimento é o fato de termos necessidade, também nós, de desenvolver este tópico das aulas da *Escolinha de Evangelização*.

Costumeiramente, os espíritos soem desprender-se das angústias religiosas com que se deixam impregnar durante as encarnações, ao se inteirarem das reais condições do pós-túmulo.

É bem verdade que, enquanto essa compreensão não se dá, multidões vagam pela erraticidade, sem se livrarem das penúrias morais com que os pregadores humanos lhes encheram os ouvidos. Muitos clamam por perjúrio, ao não se depararem com as regalias prometidas e compradas, muitas vezes, a peso de ouro ou de extraordinários sacrifícios materiais, chegando-se até ao absurdo das flagelações e do eremitério.

Pois bem, aos incautos ignorantes da verdade, que se deixaram embair pelas falaciosas promessas de falsos profetas, estão reservadas outras peregrinações à face da Terra, até que adquiram consciência de que viver é ato próprio, a ser desempenhado individualmente, em prol do benefício do companheiro e da coletividade, mas com a inarredável necessidade de evolução moral, imprescindível para o crescimento no âmbito da espiritualidade.

Em outras palavras, o indivíduo deve adquirir autonomia e essa independência dar-se-á à custa de muito trabalho em função do bem-estar físico e moral do semelhante e da sociedade, sempre à luz, evidentemente, dos ensinamentos cristãos codificados nos *Evangelhos* e, se possível, com o apoio das teses espíritas do kardecismo.

Ao adentrar o plano espiritual e tendo adquirido a noção de que o espírito é livre para optar no campo das decisões morais e religiosas, defrontar-se-á o ingressante com extenso rol de atividades e serviços que lhe subsidiarão as aquisições dos conhecimentos específicos em cada setor da atividade espiritual.

A esse conjunto de aprendizagens é que se denomina de *religião dos espíritos*, pois nada do que se aprende neste setor planetário deve restringir-se a mero conhecimento intelectualizado, como se dá na Terra, por exemplo, quando a criança vai à escola aprender as regras da matemática, que jamais será capaz de aplicar em qualquer situação de vida, ficando dependente da participação de pessoas especializadas ou de processos mecânicos ou eletrônicos, para efetuar as operações que deveria ter assimilado e integrado à personalidade.

Em nosso meio, não se permitem meros conhecimentos memorizados sem a respectiva capacidade de aplicação e, mais ainda, da absoluta concordância de que o processo seja o mais perfeito para a consecução do objetivo visado. Em outras palavras, cada nova ideia adquirida e assimilada se torna irrefrangível, passo dado à frente na conquista de mais um pequenino ponto, na caminhada evolutiva que todos empreendemos.

E nada nos é fornecido de graça, pois tudo temos de experimentar à vista das aptidões e dos conhecimentos que temos acumulados em na personalidade. Sendo assim, cada pequeno avanço mais nos une à Divindade, caracterizando-se claramente o sentido da religiosidade de nossa atitude, na clássica e etimológica acepção de que cada virtude representa mais um vínculo com Deus, no sentido explícito da aquisição da perfeição, atributo divino indubitavelmente reconhecido por todos os espiritualistas, em todos os planos de que temos conhecimento.

Fica-nos claro, pois, que a verdadeira *religião dos espíritos* está perfeitamente ao alcance de todos os encarnados, bastando que cada qual peleje para a aquisição das virtudes que lhe estejam ao alcance da potencialidade energética, em seus aspectos morais.

Traduzindo. Cada ser humano é dotado de particular desenvolvimento no campo da espiritualidade, pois, enquanto uns compreendem integralmente o que se espera deles durante a encarnação, outros se debatem na mais profunda ignorância dos próprios apelos de vida que incorporou à peregrinação. Esse leque abre-se em trezentos e sessenta graus, abrangendo todo o espectro moral possível para as humanas criaturas. Sendo assim, tendo cada um, em sua personalidade, aparato próprio de qualidades e de defeitos, caberá a cada qual conhecer-se a si mesmo para poder solucionar os problemas mais ingentes, administrando os remédios mais eficazes para a cura das moléstias.

Evidentemente, existem panaceias que podem ser aplicadas a multidões que sofrem dos mais diferentes males, como sejam as noções bíblicas das leis divinas, as quais não são do direito de ninguém ignorar. Não estamos, contudo, preocupados com generalizações, mas com os casos particulares que cada leitor possa evidenciar, uma vez que esperamos que sejam de seu domínio as noções elementares do catecismo espírita e que tenha conhecimento (no sentido que estamos utilizando, ou seja, de se ter transformado em *modus operandi*) das leis do amor, do trabalho, da justiça e da caridade. Isto damos como básico na assimilação das verdades evangélicas.

O que desejamos enfatizar é a busca, no fundo da consciência, daquele fiozinho que desnovelará o fulcro dos problemas pessoais e que capacitará o encarnado a descobrir suas reais necessidades no campo específico desta ou daquela realização, em prol da eliminação dos defeitos e na aquisição do bem correspondente, de sorte que o adiantamento de hoje signifique algo mais do que simples postura sábia diante da vida, mas seguro desenvolvimento moral a sedimentar virtudes que fundamentarão progressos espirituais de vulto.

Não estamos pleiteando que o caro leitor, de repente, se transforme em *menino bonzinho, obediente e limpo*. Queremos muito mais, ou seja, que assuma firme atitude diante da vida à vista da deliberação inarredável de configurar o procedimento como

exemplar, segundo as normas estatuídas por Jesus e disseminadas pelo mundo pelos apóstolos do amor, por meio de muito sacrifício e de muita luta.

O que pleiteamos junto ao amado amigo é que ele mesmo se comporte como se chamado fora e escolhido, de sorte a ponderar todos os atos do modo mais justo e sereno possível, tudo fazendo por amor a Deus, em benefício do próximo.

Não queremos encerrar o discurso sem fazer menção especial à belíssima obra acima citada de Emmanuel, pela psicografia segura do confrade em Deus, Francisco Cândido Xavier, o bom velhinho — já assim podemos considerá-lo, octogenário que é. E nossa menção não se reserva ao justo reconhecimento de seu valor, mas vai à exaltação da necessidade da leitura por todos os que desejam vislumbrar caminhos novos para seus arremessos de vida. Aconselhamos leitura atenta, acompanhada pelos excertos citados de ***O Livro dos Espíritos***, de Allan Kardec, de modo a bem se caracterizar a motivação que deu azo às apreciações e dissertações morais de elevado teor evangélico.

Após serena apreciação de toda a obra, conforme a sugestão acima, estimamos que será de imenso proveito para o caro leitor o prosseguir na leitura da obra kardecista, se possível ouvindo as recomendações dos guias espirituais, que, certamente, muito terão a acrescentar para esclarecimento oportuno de todos os tópicos e na elucidação das possíveis dúvidas que assaltarão a mente e o coração do consulente.

A par disso, para que não fique incompleta esta dissertação, vá testando o amigo a aprendizagem, através da incorporação dos benefícios, na provação que se autodeterminará ao participar de grupo socorrista ativo no auxílio de necessitados, qualquer seja o aspecto considerado. Mesmo que pouco tenha para dar de si, tendo em vista sua pobreza material ou intelectual, sempre conseguirá ajudar os outros através de perseverante trabalho, pois ninguém é pobre de tempo, o qual a todos foi distribuído igualmente por Deus. Aliás, este argumento que utilizamos poderá servir de arrimo às considerações necessárias para induzir os amigos, os parceiros de profissão, os que se refugiam nas desculpas relativas às atribuições sociais assumidas, a aceitarem participar dos grupos de estudo e de trabalho dos centros espíritas, o que, iniludivelmente, significará que se está praticando a verdadeira religião dos espíritos.

Sabemos que este texto pode ser acoimado de pretensioso, considerando a intenção de fazer com que o leitor se compenetre da necessidade de encarar o espiritismo como verdadeira religião, o que nem sempre se coaduna com a mentalidade vigente entre os intelectuais da doutrina que aspiram ver melhor desenvolvidos os aspectos científicos.

Não nos esqueçamos, porém, caro amigo, de que nos serviremos de duas asas para ascender aos Céus, como todos os anjos e arcanjos do Senhor, e uma delas é o sentimento, que só poderá desenvolver-se plenamente se dedicarmos-nos a bem compreender os aspectos religiosos que nos prendem à vida, à existência, compreendida como resplendor promanado do ato criador de Deus. E a compreensão do sentimento nos é dada pela razão, a outra asa angelical, de sorte que, ao adotar, para a realização da vida necessária para a consecução de seus reais objetivos, a visão religiosa do espiritismo, estaremos, *ipso facto*, acatando a orientação científica propugnada pelos amigos mais positivos e racionais. Não há como imaginar anjo algum com apenas uma asa, como as xícaras e os bules. Anjo que é

anjo sobe aos céus em esplêndido voo, apoiado em sua forte razão e em seu formoso sentimento.

Perdoe-nos, bom amigo, a facécia da comparação, mas pareceu-nos útil amenizar o tom sagrado que imprimimos à mensagem, para que não se pense que tudo na espiritualidade é sisudez e martírio. Não; nós também temos momentos de descontração, de atenuação das tensões provocadas pelo serviço socorrista, que é ingrato pelas muitas frustrações dos objetivos, mas que jamais provoca desânimo ou deserção, pois cada pequenina vitória é saudada com muita alegria e esta atividade de hoje, ou seja, a manifestação mediúnica de texto tão longo e proficientemente apanhado pelo médium, é trabalho de imenso significado para nós, que aspiramos vê-lo chegar às mãos de quantos tenham discernimento para perceber que este também é ato de profunda religiosidade e amor.

Fique com Deus, irmãozinho, e pode escrever *Equipe da Luz*, pois o texto obteve a participação de vários elementos do grupo, interessados em ver divulgada a necessidade de maior empenho nas leituras da parte dos encarnados, principalmente daqueles que soem considerar o Espiritismo como mero alheamento das tarefas do dia, sagrado, é verdade, mas não integrado às personalidades, como algo de que se desincumbe por honra e dever de ofício, sem a devida consideração, uma vez que não desponta dentre as atividades humanas com a mesma condição da grandiosidade e pujança das demais religiões, que ostentam poder e riqueza e que subjugam as imaginações pela gloriola do aparato e da liturgia. Saibamos reconhecer na humildade do asilo sem imensos portais, na simplicidade dos orfanatos sem vitrais coloridos, nas caridosas mesas socorristas sem cânticos e sem fanfarras, o amor que Deus deseja que cada um de nós sejamos capazes de guardar nos corações, de modo que nossa existência prime pela compreensão do dever a ser cumprido. Que nosso batismo, portanto, querido amigo, se dê no recesso do lar, a partir do momento em que nos convenceremos de que pertencemos a esta humanidade, na augusta condição de filhos diletos de Deus.

## PLANO DE AÇÃO

O nosso desejo de participar de mesas receptoras das mensagens necessitou estampar-se em plano de ação minuciosamente elaborado e eficazmente conduzido, segundo rigorosas instruções emanadas do Alto. Por isso é que, sempre que nos oferecemos para o trabalho, são necessárias certas atividades preliminares concernentes ao ritual da imantação do aparelho, bem como, ao término, há absoluta necessidade de se invocar o poder do Senhor, para restauro das forças energéticas despendidas durante a sessão.

Entretanto, é no período ativo dos trabalhos do dia que se exigem providências mais particularizadas nos diversos tópicos que constituem o roteiro. Por exemplo, dentre outros que poderemos considerar vedados aos mortais, devido ao aparato técnico de que lançamos mão ser totalmente desconhecido da mente humana e, mesmo se revelado fosse, não significaria nada, por não haver correlação possível com o mundo dos encarnados, que, de resto, é o nosso mesmo quando temos necessidade de nos livrar de pesos de consciência e que, por isso, conhecemos muito bem, existe um que deve ser levado à conta de muita consideração, pois há necessidade de várias entidades em estado de profunda concentração mental, em perfeito equilíbrio emocional, para liberar energia acumulada do prana, para que se torne possível a magnetização do ambiente.

Tal poder não é discricionário, ou seja, não está na mão de cada membro do grupo realizar concentração do modo que melhor lhe pareça ou apeteça. Existem regras formuladas com muito rigor, dentre as quais a mais importante é o estado moral das criaturas, que devem estar livres de perseguições íntimas quanto à culpabilidade dos crimes que cometeram, para o que devem compenetrar-se de que Deus é pai misericordioso e que de sua vontade brotará a força de que necessitam para o desempenho de sua parte do trabalho.

Agora mesmo, os amigos que estão a realizar essa função não atinam sequer que estejamos a referir-nos ao seu mister, concentrados que estão a emitir raios vibratórios de esplêndida magnitude, para que este ato mediúnico se perpetre com correção exemplar.

Bem, para a concentração, a maior necessidade é de elevação do pensamento em preces e todas as preces devem ser rigorosamente compreendidas em suas expressões formais e de conteúdo, ou seja, nenhuma palavra pode deixar de ser bem entendida e sua acepção deve encaixar-se rigorosamente no contexto da mensagem sagrada, havendo, para isso, a necessidade de se conhecer, na intimidade, o valor vibratório de cada reflexo vocabular, o que corresponde, na linguagem humana, ao significado específico de cada termo adequado ao conjunto das ideias que vão configurar o pensamento, segundo maior ou menor intensidade emotiva que se deseja inocular no arcabouço textual.

Outras características técnicas poderíamos aduzir à explicação do teor das preces e da meditação dos sustentadores energéticos da comunicação, mas o que acima referimos é suficiente para que se estabeleça o paralelo que desejávamos consignar com o mundo dos mortais, qual seja o de que, durante as sessões de recebimento mediúnico nos centros espíritas, todos devam igualmente estar imbuídos do valor de sua contribuição, pelo simples fato de estarem presentes. Se a pessoa não agir com o devido respeito moral em relação ao fenômeno da manifestação espiritual, formará círculo vibratório contrário à boa *performance* do grupo socorrista a quem se deu a responsabilidade dos trabalhos.

Sendo assim, bom amigo, se você participa de alguma mesa de assistência espiritual, vá para lá devidamente preparado, com as *baterias* morais carregadas, pronto para a concentração mental e emocional necessária para que sua participação possa dar-se de modo bem consentâneo com os objetivos de tais trabalhos.

Saiba como proceder lendo, atentamente, as diversas obras técnicas a respeito dessa atividade espiritista mas, principalmente, envolva o coração de muito amor, de fé, de inspirada confiança em que sua parte, mesmo que nada faça que repercuta no campo exterior, é de suprema importância para a realização com êxito do empreendimento. É com essa certeza que nos aproximamos do cantinho reservado à nossa meditação, quando cabe a nós o apoio vibratório para a realização dos trabalhos, porque, nesta esfera, a ninguém do grupo é dado o direito de se ausentar de tão importante setor.

Do mesmo modo que rapidíssimo aspecto do trabalho mediúnico nos deu azo para tão longamente discorrer a respeito, todos os outros itens poderiam merecer comentários de igual ou maior extensão, tal é a minudência com que devemos traçar o plano.

Dada essa responsabilidade é que lamentamos, muita vez, que as pessoas, ao tomarem conhecimento do resultado dos trabalhos, especialmente quando ficam gravados, quer por meio de aparelhos de fixação da voz, quer quando escreventes anotam ditados, particularmente no primeiro caso, se deixam embair por falsos argumentos, suspeitando que a manifestação possa ser apócrifa, anímica, mistificada ou inverossímil.

A aceitação dos trabalhos é parte importante na previsão das atividades, pois precisamos elaborar longo rol de recursos a serem empregados para prevenirem-se reações contrárias à revelação do mundo espiritual por meio das manifestações mediúnicas. São tão exigentes os orientadores que, à vista da possibilidade de publicação ou de divulgação do teor da mensagem, impõem aos requerentes a inclusão nos planos de tópicos em que se demonstrem, cabalmente, todos os meios persuasórios que se empregarão nas dissertações de caráter didático, com o intuito de convencimento do leitor-alvo, para aderir, com espontaneidade, aos argumentos utilizados, como é o caso, afinal, desta mesma longa apreciação, que, de modo obrigatório, deve constar no roteiro apresentado.

Outro ponto importante é o convencimento dos médiuns de que seu serviço não é só útil, necessário e imprescindível, como ainda representará para si o cumprimento de sagrada missão oferecida e aceita por ocasião do planejamento do encarne. É por isso que repetidamente, por toda parte, muitas vezes incompreendidas, outras vezes suspeitadas, são disseminadas palavras de agradecimento e de elogios para quantos se dedicam ao mister de colaborar com os grupos socorristas. Tais incentivos têm o duplo objetivo de garantir a manutenção da abertura do canal de comunicação entre os planos, como

também o de favorecer a compreensão do mediador da seriedade do trabalho que se realiza por meio de sua cooperação e dedicação. Este é outro tópico tão extenso que levaríamos várias sessões para esmiuçar-lhe só os aspectos compreensíveis ao intelecto dos encarnados.

Outro ponto imprescindível ao plano é a necessidade de se deixar claramente estabelecido o limite derradeiro em que se vão encerrar as atividades, preparando convenientemente o mediador para a recepção do grupo que se sucederá. Essa preparação requer cuidados especiais, pois pode parecer aos companheiros médiuns que sua participação esteja sendo relegada a segundo plano ou que o grupo o está preterindo em favor de alguém mais apto para o trabalho.

Se, às vezes, pode ocorrer o fato, por descuido do médium ao se deixar levar por viciações insufladas no espírito pelas extravagâncias de que é capaz sua imaginação fustigada pelos mais diferentes impulsos carnis ou espirituais de baixa categoria, o que acontece mais frequentemente, em noventa e nove por cento dos casos, é que o plano de ação previa o término dos trabalhos, para que se dê curso a outras atividades correlacionadas com o desenvolvimento dos espíritos que formam a equipe. Exemplo vívido disso é quando se promove nova encarnação do espírito responsável pelas transmissões, ficando o médium disponível para outras entidades.

Há, portanto, que se cuidar para que o mediador não se afeiçoe demasiadamente àquele guia, aos mensageiros habituais, ao grupo que o incentivou nos inícios da atividade, principalmente por desconfiar que o grupo seguinte possa não oferecer o mesmo nível de segurança ou o mesmo brilho intelectual ou moral. Caso mais sério se dá quando o medo de ficar à disposição de entidades muito imperfeitas dos planos umbráticos inibe a ação do médium, indispondo-o emocionalmente para prosseguir na intermediação.

Sendo assim, é preciso deixar bem claro, e isto está consignado no plano, que haverá substituição necessária de espíritos comunicantes, devendo, se possível, efetuarem a transição em conjunto as duas equipes, despedindo-se uma e possibilitando à ingressante que determine as linhas mestras de seu plano de ação.

Tudo o que dissemos, esperamos, deve servir para que o amigo se instrua a respeito dos métodos aplicados no plano espiritual para resguardo da integridade moral, emocional e, até mesmo, física dos encarnados engajados nos planos de ação, que preveem à minúcia as características do mediador, inclusive.

Fique, pois, bom amigo, bem tranquilo quanto à categoria dos trabalhos de que participa. Faça a sua parte, ou seja, resumindo o mais possível: leia, estude, pratique o bem e ame o próximo, revelando-lhe a sua afeição por meio do mais puro e desinteressado desejo de auxiliar em tudo que lhe seja possível; vigie para não ser assaltado por dúvidas inverossímeis, mas, se se sentir fraquejar, não hesite em recorrer aos amigos dos dois planos; principalmente, ore com muito fervor, oferecendo-se integralmente a Deus, esquecendo-se de si mesmo e das contingências materiais que o obrigam à prisão na carne; e respeite a vida como dádiva superior, tudo fazendo para preservá-la de acordo com os ditames das leis divinas e os ensinamentos cristãos do evangelho de Jesus.

Tudo bem medido, segundo os padrões estabelecidos pelos irmãos responsáveis por este setor do humano serviço e que assistem nos círculos superiores, recebida a devida permissão, damos início aos trabalhos, levados pela euforia do momento da aquiescência,

prenhes de responsabilidades pelas repercussões que advirão do empreendimento e confiantes em que, tendo sido tudo rigorosamente previsto, o cumprimento das diretrizes é mera concatenação inviolável dos princípios ali inseridos.

Gostaríamos que o leitor também adquirisse a mesma confiança neste relacionamento espiritual e pudesse franquear o coração aos amigos do espaço, crente de que só pelo seu benefício e proveito trabalhamos, na esperança de podermos, um dia, estar todos juntos, palmilhando as sendas do Senhor, em amparo mútuo, na busca da eterna bem-aventurança.

## PINGO DE MEL

Não vamos adocicar a boca ao leitor. Sabemos que gostaria de degustar o abacaxi anunciado como pingo de mel, mas revela-nos a experiência que nem sempre os dizeres correspondem à verdade e a realidade não cumpre o que prometem.

Assim seria se nossas palavras prometessem ao leitor felicidade eterna e indescritível. Ora, o homem caminha por estradas pedregosas, imperfeitas, ferindo constantemente os pés, obrigando-se a suspensões da jornada para tratamento das feridas, provocando calosidades que ajudam na caminhada mas que acabam por se constituírem, elas mesmas, em empecilho para prosseguimento da peregrinação, obstando que se dê livremente o contacto do pé com a energia vibrátil do solo a ser pisado, o que impede a nutrição magnética por falta de permeabilidade, tornando o indivíduo insensível, e assim por diante. Se a caminhada é tão difícil, como prometer a felicidade na primeira estação de refacção das forças desgastadas?!

Nossa palavra é de recomendação de prudência, de advertência de sofrimento insofreável, de luta sem trégua contra os malefícios das viciações. Não iremos jamais iludir o bom amigo, levando-o a acreditar que tudo está bem neste mundo de expiação e de dor. Nisto estamos de pleno acordo com o Pai Jacó, em seu belo discurso de advertência e de admoestação:

*Abrimos o Evangelho e lemos: Terra, planeta de expiação e provas. Se estou numa casa de expiação e provas, então é hora de eu pôr em prática cada vez mais as leis da paz e do amor para poder passar neste teste dentro do planeta Terra. (Publicação particular.)*

Mas, se existe a dificuldade da caminhada, também ocorrem as ajudas, os arrimos, os apoios, as muletas, as curas pelos amigos da espiritualidade que, mais experientes por terem vencido as suas próprias agruras, se prontificam ao socorro oportuno, ao conselho útil, à palavra de consolo, ao aviso de prudência e de respeito às leis do Senhor.

Se o Cristo é, injustamente aliás, acoimado de seriedade absoluta, pois as páginas dos **Evangelhos** não no mostram com sorriso fácil nos lábios, é porque suas palavras têm o mesmo sentido com o qual procuramos impregnar as nossas: a sisudez da responsabilidade da precisão de se cumprirem os objetivos do encarne para propulsão do indivíduo na senda sublime que conduz ao Senhor. E essa atitude de respeito à vida deve ser levada à conta de ato de superior magnitude. O sorriso deverá ser a demonstração fácil da alegria da compreensão do dever cumprido. Como poderia Jesus sorrir, se via a humanidade tão distante de seu destino?! Como poderemos nós adoçar o fruto da esperança, se sabemos que nossas palavras sofrerão a desdita de reverberarem em corações endurecidos e

insensíveis, prontos a afastar de si o cálice das fezes do sofrimento para, leves como plumas, pairarem desavisados nos ares perigosos e mentirosos das façanhas materiais?!

Eis que sempre teremos para conosco que o abacaxi está azedo e verde e que deveremos esperar que amadureça, para podermos colher e saborear o fruto sazonado pelo despertar das virtudes evangélicas. E essa atitude de aguardar o pior pode, surpreendentemente, ser a melhor para pautarmos a ação de modo grave e sério, não ensejando jamais ao pensamento flunar indevidamente pelos campos floridos da fantasia, em busca de facilidades para superação dos problemas reais que provocamos para nossa própria desdita.

Se antes não agimos bem, se hoje temos de palmilhar caminhos de muita dor e sofrimento, neste campo de expiação, como esperar que amanhã tudo transcorra em mar de rosas, dentro dos eflúvios da própria eternidade com Deus?! Se o nosso dia, contudo, se der em função de atitude rigorosamente coerente com a verdade ditada pelo Senhor, pode ocorrer que a perspectiva de encontrar mais dor e sofrimento se transmude em doce realidade, sem que se perceba aqui qualquer falaz esperança ou desejo de edulcorar o lábio ao querido leitor.

Somos realistas, é isto, e não podemos deixar de lembrar que a possibilidade existe, desde que cumpridas as obrigações e deveres, o que não se dará em simples jornada lépido e despreocupado, mas como produto de muito penar, de muito meditar, de muito pesquisar e de muito labutar, e tudo isto tendo por base o amor mais puro, leal e honesto pelos semelhantes, na busca da concretização do ideal maior do amor a Deus sobre todas as coisas.

A hora, pois, é de muito trabalho, de muito esforço em assimilar com proveito todos os ensinamentos cristãos e não de saltitadamente abrir os braços e solicitar de Deus o reconhecimento dele pelos *ingentes e denodados arremessos* que ousamos apresentar-lhe como fruto colhido de nossa plantação de virtudes. Nada devemos pedir em troca de qualquer empreendimento, por maiores tenham sido os sacrifícios despendidos: eles nada significam diante da necessidade que cada um de nós tem de crescer em moralidade. Se não fora assim, já faríamos parte da legião dos anjos do Senhor.

Saibamos reconhecer as deficiências, elevemos ao céu preces de agradecimento pela compreensão da condição de criaturas muito imperfeitas e solicitemos ao Senhor a necessária coragem para enfrentamento das duras provas que sabemos constituírem-se as nossas metas no presente e nos próximos encarnes.

## Agradecimento

Eis que nos sentimos impulsionados a trilhar o caminho aberto pelo confrade Pai Jacó, que conhecemos hoje, através de alguns escritos seus lidos pelo amigo escrevente. Pedimos humildemente que nos perdoe a ousadia de perflustrar um pouquinho de sua

estrada, já bem aplainada e límpida, de modo a facilitar acesso mais rápido e menos áspero à próxima estação, em que deveremos refazer as forças consumidas por este penoso e atribulado caminhar. Muito agradecemos, irmão, a indicação do caminho e procuraremos trilhá-lo à luz de seu discernimento, para proveito da missão de auxiliar o amigo leitor na tarefa de soerguimento próprio, para que faça jus ao título de confrade dos irmãos de luz que, acima de nós, nos círculos angelicais, nos acenam com a possibilidade de também nós lá estarmos.

Que o fruto seja doce e que represente para todos nós, verdadeiramente, favo de mel, mas que saibamos do trabalho das obreiras da colmeia, no sentido de produzi-lo com seu esforço e discernimento próprios. Que jamais nos esqueçamos de que a luta de hoje só prenuncia os embates de amanhã e de que, se Jesus pouco sorriu para nós durante seu trajeto de dor e sofrimento na carne, é porque reservou sua melhor manifestação de alegria, para cada pequenino passo que dermos rumo à casa do Senhor.

## VISITA IMPORTANTE

Pai Jacó está aqui conosco, atraído por nossa vibração de muita consideração e respeito.

Pede-nos que lhe perdoemos a maneira rústica de falar; se assim se expressa, é para dar colorido à imagem que escolheu para facilitar o acesso ao coração dos encarnados, a quem considera como filhos, dada a larga existência na carne durante a última peregrinação, quando se deixou ficar, por longos anos, envergando, ao final, verdadeira carcaça de preto velho, enrugado e branco.

Diz-nos para não nos preocuparmos com inverossimilhanças provocadas pelos aspectos externos das mensagens e que aceitemos tudo como fruto de muito labor, em todas as esferas existenciais ao redor do planeta. Sabe que não se acostumaría de pronto a realizar manifestações de caráter erudito, mas confia em que os amigos *jacosinos* estejam aproveitando-se de seus conselhos e recomendações.

Não gostou que cortássemos sua manifestação de humildade e diz não reconhecer-se credor de todos os encômios que nossas vibrações de afeto e respeito demonstram.

Para encerrar, deseja agradecer a todos e envia ao escrevente forte abraço de confraternização e apoio ao trabalho que realiza.

Fique você mesmo, querido amigo, ciente de que este grupo lhe reverencia o grave aspecto de sábio e lhe agradece os conhecimentos que sua passagem por nosso meio nos proporcionou. Gostaríamos todos nós de poder, um dia, expandir-nos em luz de tamanha intensidade, para orientar o nosso destino, com tanta certeza e igual convicção, no rumo do Senhor.

## 16.º Relato — PEDIDO DE AJUDA MAL DIRECIONADO

Como você demorava a atender, pensei que estivesse na hora de sair. Ainda bem que fui atendido, pois preciso muito contar a alguém o que vem se passando comigo.

Desde há algum tempo, tenho sofrido perseguições de antigos inimigos. Eu já criei convicção de que agi errado com relação a eles, mas não tenho como fazer com que entendam como me sinto arrependido.

Houve um tempo em que não sabia o que era maldade e praticava tudo que podia para prejudicar os outros e tirar proveito.

Agora vejo que, muitas vezes, o que fiz aos outros fazem comigo e estou sentindo-me muito prejudicado.

Na minha última encarnação, não me importava muito com o que tiravam de mim porque conseguia tudo de volta, assim que saía da prisão. Era a coisa mais fácil do mundo.

Só não gostei mesmo foi quando me tiraram a minha mulher. Meus filhos foram levados para escolas do governo e até que achei bom, mas minha mulher me fazia falta.

Ela também foi presa, pois ocultava tudo que eu trazia para casa ou vendia para certas pessoas que não iam dar com a língua nos dentes. Mas um dia prenderam o filho da vizinha com um rádio que tinha comprado de minha mulher e a mãe dele logo delatou de onde tinha surgido a mercadoria.

Foi assim que foi presa. Eu consegui fugir, mas não deixei barato: acabei com a alcaguete e com toda sua família.

Foi aí que conheci verdadeiros inimigos, pois aqueles a quem furtava ou assaltava não vinham atrás de mim porque tinham medo. Mas esses, desde logo, começaram a fazer de tudo para me prejudicar, até um dia em que fui num terreiro para *fechar o corpo*.

Ali paguei alguns pertences para a entidade e precisei refazer os elos com os círculos superiores, estribando tudo em sacrifícios de algumas *penosas*, com muita vela e muita cachaça. Consegui verdadeiro alívio, mas tive de assumir alguns compromissos com a entidade do centro.

Aquele foi um inferno que consegui superar depois de realizar alguns *trabalhos* para o pai de santo, preto velho famoso na região, que sempre procurava satisfazer os pedidos dos irmãos por meio das atividades de seus filhos mais endividados, como era o meu caso.

Numa dessas vezes em que saí para ferir de morte uma certa pessoa inimiga de um dos consulentes do terreiro, fui emboscado e conheci o revés da morte.

Ao chegar aqui, encontrei meus reais inimigos soltos, à minha procura. Meu corpo estava fechado, mas meu espírito não tinha proteção alguma. Foi preciso muito fugir por aí para poder safar-me dos maus tratos e, assim mesmo, às vezes, levava alguns trancos muito doloridos.

No começo, pensei em invocar as figuras que vi incorporarem no terreiro, mas não tive acesso a nenhuma delas. Certa vez, um inimigo meu, ao ouvir eu clamar por socorro falando o nome do espírito protetor, riu na minha cara e me disse que agora tudo estava terminado para mim no trato que eu fizera.

Para encurtar a história, vaguei pela escuridão por muito tempo. Um dia, lembrei-me dos meus filhos e de minha mulher e resolvi sair à procura deles, mas não consegui encontrar ninguém. Meu pai e minha mãe eram vivos e os velinhos não tinham força para me ajudar, pensava eu, e, por isso, não fui procurá-los. Mas, um dia, um irmão, que está aqui presente, me disse que recebeu a incumbência de ir procurar-me e me trouxe até aqui. Disse também que foi a pedido de meus pais, que estavam rezando muito por mim. Ora vejam, a ajuda veio de onde menos esperava, pois os velhos eram católicos e nada entendiam de espiritismo. Até quando souberam que eu tinha ido no terreiro ficaram muito bravos. Eu ri deles naquele tempo, mas hoje reconheço que tinham razão.

Pois aí está o que desejava contar. Espero agora receber a proteção prometida, para que meu *corpo* possa de novo ser fechado.

Dizem-me para ter paciência que terei total proteção mas que preciso cumprir algumas *obrigações*. Tenho medo disso porque foi assim que me *estrepei*. Dizem que as obrigações são para fazer o bem e não o mal. Assim está bem. Posso colaborar desde que não me encontre mais com meus inimigos. Dizem que o que mais vou fazer é encontrar-me com eles, mas com o intuito de fazê-los compreender que podem se utilizar de meus serviços para auxiliá-los a compreender a vida. Reconheço que não posso deixar de atender; para não ter de ficar nas mãos deles, vou ficar nas destes daqui, que estão tentando me ajudar.

Precisarei fazer alguma coisa mais agora? Só ouvir os conselhos e recomendações e agradecer a acolhida do escrevente, do *cavalo*? Pois Deus te ajude, irmão, para que você possa progredir na vida.

## Comentário

O caso que trouxemos está de acordo com nosso trabalho mais rotineiro: após ouvir o pedido comovido dos pais, fomos considerar a situação do filho e vimos que havia possibilidade de despertá-lo para suas reais condições existenciais. Ministrados os eflúvios magnéticos, pôde ser levado à compreensão dos problemas, embora se apegue até agora a que seus males provêm das ações dos contendores, não percebendo que os quadros são criados pela imaginação, por força da pressão exercida pela consciência.

Não importa esse desvio normal do pensamento; o que é preciso é fazer compenetrar-se de que deve alterar o procedimento com relação aos semelhantes, para que se dê início à sua lenta recuperação. Para isso, contamos com diversas entidades interessadas em colaborar, de sorte que serão destacadas duas delas para

acompanhamento diuturno do amigo. Quem sabe, através de seu reajustamento, consigamos que se interesse pela proteção aos filhos, a quem sua deserção provocou enormes prejuízos. Teremos restabelecido o princípio da paternidade, mesmo que sob o influxo de enormes dificuldades. Dos males, o menor. Mas esse é tão só projeto de atividade, pois muito teremos de caminhar até lá.

Fiquemos agora, irmãozinho, em considerações a respeito da influência espiritual declarada no corpo da narrativa. É fácil de perceber-se que certa pergunta deve ter ficado na mente do leitor, qual seja: será que os compromissos assumidos no terreiro da umbanda tão mal direcionada têm o poder de liberar o encarnado da obsessão de *legítimos* vingadores? Será que o pai de santo, ou melhor, o espírito sofredor tem força para impedir o assédio às criaturas de seus obsessores?

A resposta óbvia é que sim. Realmente, a organização espiritual voltada para o mal consegue, por meio da vibração de frequência equivalente, afastar os obsessores das vítimas, suspendendo a perseguição enquanto o encarnado estiver cumprindo as obrigações com relação ao terreiro. O que não conseguem tais entidades é proteção no campo físico, como muitos acreditam. Aliás, até no campo espiritual, muitas vezes, acontece de a proteção falhar, quando se chocam interesses entre encarnados que buscam socorro em outro centro, havendo, então, verdadeiros combates campais entre quadrilheiros para obtenção de mais força e poder no campo da malignidade.

Este tópico não pode encerrar-se sem que ressalvemos o trabalho missionário de inúmeras entidades protetoras de centros espíritas da umbanda e do candomblé, interessadas exclusivamente na prática do bem, rechaçando todas as criaturas perversas que as procuram na intenção de propiciar algum malefício a outrem. Infelizmente, nem todas as organizações desse caráter funcionam desse modo, ocorrendo, muitas vezes, de se deixarem influenciar por forças espirituais negativas, aliás de mesmo nível vibratório dos dirigentes encarnados.

Creemos que este aviso possa estar chegando em boa hora para algum leitor que tivesse a intenção de se socorrer desses centros, onde a influência espiritual é mais perceptível e mais próxima da necessidade vibratória do interessado em ter seus problemas apontados e solucionados. Essa crença de que haja centros *mais fortes* e *mais fracos* tem levado muita gente a desconsiderar o fenômeno espírita como a vanguarda para a aceitação da espiritualidade como a verdadeira vida, como o abre-alas da doutrina, esta sim o real objetivo da revelação.

Quem comparece ao centro espírita apenas para resolver problemas da vida material está transformando essa atividade sublime, propiciada aos encarnados pela benignidade divina, como outro recurso para obter vantagens mesquinhas em seu plano existencial.

Não faça isso, bom amigo. Evite imiscuir em sua vida particular as entidades perniciosas desses centros que prometem socorro imediato, quase sempre aliado a ajudas financeiras e curas milagrosas. Se você se considera infeliz, se seus dramas e problemas estão a assustá-lo, se sua vida está eivada de desesperança e de desamor, se seu espírito está enegrecido pelas sombras de cruel pessimismo, volte-se para o evangelho, mire-se no exemplo de Jesus, ouça suas palavras de prudente aviso e reze, reze muito, para que os

espíritos guardiães da espiritualidade superior encontrem meios de estabelecer contacto através do negrume de sua visão do mundo.

Não se iluda com a premência da solução, mas se inteire com convicção de que o resultado do socorro do Alto sempre repercutirá para além das necessidades atuais, promovendo extenso conforto moral, que implicará em retorno ao etéreo mais seguro e feliz.

Faça como o amiguinho atendido nesta tarde: opte por deixar nas mãos de seus lídimos protetores a defesa de sua integridade moral e jamais peça ajuda ao mal, pois dele só poderá obter mais mal, que se acrescentará ao que estiver subjacente em seu perispírito, onerando-lhe ainda mais as provas e exigindo muito maior esforço para a recuperação dos bens perdidos.

Como poderá alguém dar o que não tem? Se os espíritos lhe derem certa ilusão de satisfação, porque obrigaram os inimigos a se consumirem com algumas derrotas, é porque isso eles têm à farta para dar: ilusão. Ninguém, porém, viverá para sempre de ilusão. Um dia, diante da verdade, tudo se derrui e, de repente, o pobre infeliz que se deixou embair pelas falsas soluções se vê diante de monstruosidade perpetrada e na contingência de ter de sanar todos os males cometidos.

Vamos, portanto, agir segundo a orientação cristã contida nos **Evangelhos** e, principalmente, quando houver necessidade do recurso de consulta à espiritualidade, que se faça pelo roteiro do kardecismo ou dos irmãos umbandistas que primem pela colheita do bem que vêm plantando.

Ergamos todos o pensamento às entidades que regem os bons redutos espirituais e conclamemos a sua valiosa vibração de muito amor, para que nossos seres se elevem em direção ao Senhor, para dele obter as suas bênçãos.

*Senhor, protegei-nos dos males de nossa ignorância e de nossa sordidez de caráter. Fazei, Senhor, que, no momento de revolta contra o irmão que nos faz mal, saibamos procurar-vos para, em vosso refúgio de luz, obtermos a força necessária para sufocar a nossa angústia e o nosso orgulho, no sentido de podermos oferecer aos desafetos a proteção de nossos guias, de sorte que evitemos incrementar a maldade, mas, ao contrário, que consigamos expandir o bem.*

*Dai-nos, Senhor, essa força moral necessária para que possamos exaltar-nos da mísera condição de seres inferiores e nos apresentemos a vós um pouco melhores e, se possível, na companhia dos desafetos transformados em leais colaboradores de nossa peregrinação.*

*Aceitai, Senhor, a nossa palavra de profundo agradecimento por esta reflexão de hoje e permiti que se instale no fundo da consciência, para se tornar o farol que direcionará nosso comportamento nos instantes em que nos sentirmos desvairados diante da vida.*

*Que vossas bênçãos se estendam a todos, alcançando os nossos inimigos onde quer que se encontrem, antes que qualquer desatino nosso faça com que sejam prejudicados.*

*Perdoai-nos, Pai amantíssimo, os erros e fazei-o pelo acréscimo de compreensão da vida de que estamos necessitados. Revigorai-nos a força abalada pelo natural desgaste de quem se atreveu a clamar pela aquisição das virtudes evangélicas e fazei com que esta compreensão de agora possa ser o apanágio de todos os irmãos, de modo especial*

*daqueles que, porventura, nos queiram mal. Para estes, Senhor, desejamos orar de modo particular a vossa oração, da forma mais honesta e verdadeira, como sois testemunha:*

**— Pai nosso, que estais...**

## GRAÇAS A DEUS!

Não existe expressão mais bela para configurar agradecimento íntimo de maior pureza emotiva, fruto de absoluto respeito intelectual pelo benefício concedido. Nós mesmos, a todo momento, costumamos repetir a fórmula sagrada, muitas vezes sem nos ater a considerações sobre sua importância e valor.

Queremos deixar assinalado que a intuição permite avaliar o mérito de todos os conhecimentos que afloram na mente, conduzidos por meio da aplicação ao estudo ou produzidos após demorados trabalhos no campo do socorrismo fraterno. Eis que sempre tendemos a manifestar esse despertar relativo à magnanimidade divina, exclamando emotivamente *Graças a Deus!*, em momentâneo arrebatamento do êxtase que se apossa de nosso ser em situações que se nos configuram como sendo sagradas para o desenvolvimento.

Sendo assim, após cada serviço concluído, compreendendo a importância do trabalho em prol do engrandecimento moral, exclamamos *Graças a Deus!* e atribuímos ao Pai a responsabilidade do aprendizado. Quando terminamos a incorporação e a mensagem: *Graças a Deus!* Muitos se habituaram até a anunciar igualmente sua presença: *Graças a Deus!* Durante a transmissão, ao nos apercebermos de que a grandiosidade do Pai está presente nos avanços da humanidade, qualquer seja o setor considerado, *Graças a Deus!* E assim por diante.

Sabemos que outra equipe já desenvolveu este tema e fê-lo com muita proficiência. O que nos impulsiona a discorrer a respeito deste mesmo assunto é a necessidade de desenvolver certos roteiros para a aquisição dos mesmos benefícios. Sendo assim, o mínimo que podemos dizer ao nos aproximarmos para o desejado efeito mediúnico é *Graças a Deus!*, categorizando a presente iniciativa como legítimo resultado da dedicação ao estudo e ao trabalho.

Pensem bem. Se nada tivéssemos produzido de bom, mereceríamos a honra de vir à presença dos encarnados para demonstrar agradecimento ao Senhor? Evidentemente, a resposta que aguardamos é negativa. Certamente, todo aquele que só males realiza tem a exata impressão de que tudo que recebe do Senhor sejam malefícios, o que, obviamente, os faz acreditar em que nada têm para agradecer. Por isso, espíritos muito infelizes, que semearam males às mancheias, vagam erráticos pelo espaço etéreo do plano espiritual e, quando encontram meios de entrar em contacto com os encarnados, fazem-no no intuito de provocar distúrbios de todo tipo, refletindo inequivocamente a sua própria desilusão e mesquinha. À vista disso, pode até ocorrer o caso de um ou outro mais prejudicial, por comportar no intelecto muitos conhecimentos afetos à psique dos mortais, tentar fazer-se passar por quem não é, imitando os bons espíritos, repetindo-lhes a fórmula sagrada, *Graças a Deus!*, sem exprimir, na verdade, qualquer sentimento de agradecimento.

Eis que o aviso chega oportuno, pois muitos irmãos, na ânsia de se vangloriarem por estar recebendo de modo claro as influências espirituais, deixam-se embair pela expressão, sem apoiar seu julgamento na correta interpretação do texto, tomando como válidas mensagens de caráter pessoal cujo objetivo maior é desvirtuar o trabalho mediúnico, arremessando para o lodo da incompreensão o trabalhador desavisado.

Vamos, portanto, irmãos, acautelar-nos em relação às manifestações que recebemos, principalmente porque, em geral, nossa capacidade receptiva ainda demonstra dificuldades várias, em virtude de nosso pouco desenvolvimento moral, embora, às vezes, tenhamos conhecimentos aprofundados das expressões linguísticas capazes de traduzir de modo primoroso as vibrações sutis do intelecto espiritual ao elaborar a mensagem, padronizada pelo seu próprio desenvolvimento. Em outras palavras: é preciso resguardo com relação às belas expressões que nos chegam sem apoio de conteúdo baseado nos ensinamentos evangélicos ou nos princípios doutrinários do espiritismo.

Quando o espírito comunicador desejar avançar no conhecimento de determinados pontos, coloquem, caros amigos, sob suspeição a referida mensagem. Vamos cotejar com esta mesma que estamos produzindo. Não há, em nosso longo discurso, uma só palavra, um só termo, uma só expressão ou pensamento que não se contenham nas obras kardecistas. O que nos leva a produzir este texto está declarado ao início, de sorte que temos embasamento doutrinário e motivo socorrista, além de necessidade imperiosa, dado que nossos recursos estão carecendo de incrementos nesta área. Fazemo-lo para aprender e não para ensinar. Como consequência de nossa atividade, dada a cooperação dos encarnados, pode este escrito chegar a mãos de terceiros, caso em que poderá o trabalho frutificar. Daí a importância de bem fundamentá-lo e exprimi-lo, através de coerente formulação silogística, escolhendo, para isso, argumentos capazes de solidificar nosso ponto de vista e de persuadir os leitores, no sentido de porem-nos de acordo com a ideia, a fim de favorecer-lhes a decisão de compartilhar do socorrismo fraterno de que nos ocupamos e que consideramos imprescindível para que se dê continuidade ao crescimento moral e espiritual necessário para se rumar definitivamente em direção ao Senhor.

Sabemos, portanto, que pouco deveremos acrescentar mas, mesmo assim, arrojamo-nos em direção ao serviço, com o ânimo alevantado e com a esperança de poder atingir os objetivos, para o que dizemos, ufanos: *Graças a Deus!*

Ponto importante deste arrazoado é o que envolve a participação do escrevente, pois, sem ele, nada poderia ser concretizado que se referisse à divulgação de nossas atividades e de experiências aos leitores. É básico, portanto, que o médium adquira nível de aspiração elevado no plano da psicografia, para que possa oferecer seus préstimos sem restrição de qualquer espécie, embora com a mente aberta para a análise *a posteriori* do conteúdo moral da mensagem. Vejamos. Se, neste preciso instante, nosso instrumento resolvesse ponderar a respeito de cada uma das palavras, buscando entender o significado delas em função do teor da mensagem como um todo, evidentemente frustraria o trabalho, pois bloquearia a passagem das vibrações necessárias para que a escrita se desse. Logo, a sua colaboração deve dar-se no sentido de certa passividade colaboradora e de total predisposição a que tudo possa ser aceito sem contestação.

Pede-nos o escrevente que façamos referência à terminologia escatológica de certas entidades que ele mesmo obstou por diversas vezes, para preservar a moralidade do

ambiente e para não conspurcar as transmissões e os textos delas resultantes. Pois bem, aí está como o companheiro pode auxiliar-nos em duplo aspecto: primeiro, colaborando com o texto, sugerindo ideias para o desenvolvimento dele; segundo, suprimindo o que deliberar ser impróprio para o trabalho de socorrismo fraterno que se realiza por meio do mediunismo.

É certo, porém, que tais contribuições devem ser rigorosamente criteriosas, pois, no primeiro caso, podem significar tão só interpolações pessoais anímicas aos textos, descaracterizando a iniciativa espiritual; e, no segundo, apagando a possibilidade de enfeixar com segurança a problemática da entidade em processo de socorro, uma vez que, ao selecionar as atitudes do sofredor, se lhe permitem duas possibilidades de subtrair-se à influência socorrista: ou ele aceita o jogo e, à vista das restrições, recrudescer as invectivas maliciosas e pejorativas, anulando a transmissão, que deixará de ser apanhada; ou disfarça sorratamente os dizeres por meio de expressões melífluas que não lhe reproduzem a personalidade, mas que são aceitas incondicionalmente pelo mediador.

Pedimos escusar-nos o amigo escrevente por termos utilizado sua sugestão para dar prosseguimento ao desenvolvimento. Devemos até adiantar que, conhecedores que somos de suas disponibilidades mentais, tínhamos programado que iríamos aceitar-lhe a participação para configuração do que pretendíamos comprovar. Desculpe-nos e aceite nosso reconhecimento pela sua boa vontade, para o que lhe solicitamos que todos juntos alcemos aos céus a mais pura expressão de agradecimento: *Graças a Deus!*

Vamos encerrar a mensagem arrematando com a costumeira chave mestra que nos permite abrir todas as portas: a prece. Somos de parecer que os espíritos infelizes raramente chegam ao ponto de orar com fervor aparente no seu trabalho de iludir os incautos. Mas temos visto alguns casos em que isso acontece. Como se livrar dessa influência tão sutil, se os dizeres reproduzem textualmente as orações conhecidas e se os espíritos receptores das mensagens se deixam envolver pelas vibrações, sem condições de bem caracterizá-los em sua inferioridade? Que dizer, então, de pobres ouvintes ou leitores de tais manifestações, que não estão em contacto direto com tais entidades e ficam deslumbrados com a possibilidade de estarem mantendo relacionamento com filhos queridos, com pais amados, com irmãos estimados, com amigos reverenciados?!

É preciso, nesse caso, dizer a prece com o máximo de emoção, como se fora puxada pelo filho, pelo pai, pelo irmão ou pelo amigo, verdadeiramente. A estultice não está na rogativa, na prece, na oração, na reza; o erro está em que seja dita com ódio, com rancor, com maldade, na intenção de se desacreditar da própria elevação do trabalho socorrista. Que se diga a prece que se quiser; não importa. A recepção dela da parte dos encarnados é que deve ser sábia.

O que há de mau em orar com indivíduos imperfeitos, se todos somos igualmente devedores deste ou daquele deslize?! Quanto mais emoção concentrarmos nas palavras, maior o efeito em prol da resolução dos problemas daqueles mesmos que têm a intenção de nos enfeitiçar. Vamos, nós mesmos, orar convictamente de que todos seremos agraciados com as bênçãos divinas, mas não nos deixemos embair pelos dizeres falaciosos do conteúdo da mensagem. Estejamos atentos para isso.

Com essa explicação que julgamos oportuna para a conclusão do texto, conclamamos a todos para a *Oração ao Pai* a nós ensinada por Jesus em seu evangelho de amor:

***Pai nosso, que estais...***

Vejam bem, caros amigos, se de tudo o que dissemos, neste longo texto, nada possa ser verdadeiramente aproveitado, que sua benignidade se satisfaça com termos podido vibrar unissonamente em favor dos desditosos através do pai-nosso. A isto é que vamos agradecer, bastante comovidos por termos chegado a uma conclusão com que é impossível deixar de concordar:

***— Graças a Deus!***

## 17.º Relato — O VALOR OCULTO DOS VOCÁBULOS

Estou agindo aqui como sempre agi em toda a vida: bem coerentemente com os meus atributos e com o domínio possível sobre as circunstâncias, por força de meu caráter, sob o influxo de minha personalidade. Como se pode ver, aprendi a usar de terminologia científica complexa, de modo a me fazer passar por afamado cientista ou culto artista. Na verdade, pouco fiz de útil, seja no campo das Ciências, seja no das Artes. Sou capaz de realizar alguma coisa no âmbito da Literatura, mas tudo muito pequeno, pois, se possuo o lustro do verniz, falta-me o trabalho anterior sobre a madeira, que seria o cerne sobre o qual poderia aplicar as minhas faculdades.

Vejo que o escrevente se esmera em possibilitar-me acesso ao seu aparato léxico, na esperança de poder corresponder às expectativas que lhe criei. Muito bem, aproveitar-me-ei do ensejo para fazer chegar ao domínio público as facetas mais rutilantes de minha personalidade.

Quanto ao teor da mensagem, bloqueiam-me os sentidos e não consigo deixar nada que possa transmitir através do verbo inflamado pela opinião ou pela ponderação metódica do estudo. Sinto-me absolutamente vazio, oco e depauperado. Reúno os meus pertences intelectuais e tão só encontro restolhos apodrecidos pelo tempo, tecidos carcomidos pelas larvas dos vícios, metais azinhavrados pela imprevidência e pela ociosidade, mecanismos emperrados pelo desuso, tendo em vista não haver recurso decalcado em qualquer virtude capaz de transformar nenhum dos instrumentos em algo valioso.

Durante o último encarne, trabalhei muito — é certo — na revisão de certa imprensa que primava por apresentar obras de muito mérito nos campos da Sociologia e da História, principalmente, havendo outros setores também aquinhoados pela editoração. Sendo assim, pude tomar contacto com inúmeros textos, para os quais eu significava mero *copy desk*, ou seja, aquele que transforma em algo publicável os originais e suas transcrições iniciais. Desse modo, pude engalanar a postura linguística de lantejoulas e de flores vernáculas de discutível propriedade mas cunhadas de molde a florescer em fantasia de grandiloquência e de superior qualificação.

Penso ter dado mostras do que aproveitei de trinta e tantos anos de trabalho diuturno.

Certa feita, aventurei-me na redação, submetendo alguns originais à apreciação dos encarregados da seção. Fui um desastre verborrágico, pois troquei os pés pelas mãos no tratamento dos diversos temas. Recebi encômios, é verdade, mas endereçados ao mister a que me dedicava, com as mais efusivas recomendações a que regressasse de pronto ao

papel humilde da revisão, ao que se acrescentaram alguns brilhantes adjetivos para enfatizar o valor do meu trabalho.

E assim regressei ao habitual labor, crente e ciente de que jamais conseguiria de lá retirar-me, por mais que me esforçasse em recompor textos em sua forma mais adequada, para se dar à luz do conhecimento público. Foi assim que consegui burilar algumas joias que se apresentavam de modo tosco, fornecendo certas pérolas por mim cultivadas, que não hesitava em mesclar aos adornos originais, alcançando quase sempre arrecadar do escritor ou do redator galhardas e apreciadas vozes de apoio e distinção. E mais não consegui de bom. De mau, sim, pois tenho extensa conta a apresentar de maus-tratos e de desconsiderações da parte de certos pernósticos que, embora reconhecessem o esforço por mim envidado para atingir a perfeição vocabular ou frásica, determinavam que se restabelecessem os autógrafos, sob a ameaça de irem em busca de outra casa editora.

Agradeço profusamente ao psicógrafo sua iniludível ajuda no campo da coerência verbal deste arrazoado e peço permissão para retirar-me, sem mais tardar, pois sinto-me impelido a cumprir certos eventos sociais que tenho aprazados.

Sinto muito não poder continuar...

Só mais alguns instantes, pois querem que me refira a fatos outros de meu caminhar pelo orbe. Não sei se deva relatar aventuras fora da profissão, particularidades da existência íntima, o que tenho feito ultimamente, após o desencarne...

Queria saber se poderei sair daqui sem me ferir demasiado. Diante da garantia de que me sentirei bem melhor, vou relatar algo que nunca tive coragem de dizer a ninguém, embora seja do conhecimento de algumas pessoas que insistem em me perseguir deste lado da sombra.

Durante muito tempo, forneci informações sigilosas à polícia a respeito de certas publicações clandestinas que se davam em época de repressão política. Por meu intermédio, muitas pessoas foram presas e acusadas de tramar contra a segurança do governo.

Como o meu trabalho era bem feito, jamais se desconfiou do pobre revisor que tinha acesso a todos os setores da gráfica, de modo que, para minha garantia pessoal, os policiais com quem contatava mantinham rigoroso segredo de onde vinham as informações.

Em troca dos favores, recebia dinheiro e drogas, que utilizava sem ter capacidade financeira para adquiri-las.

Desviei o curso da vida e prejudiquei os familiares. Não resisti ao vício e desencarnei relativamente cedo, deixando viúva desamparada e diversos filhos de diferentes idades, estando o mais velho próximo dos dezoito anos.

Do lado de cá, encontrei inúmeros acusadores que não me fizeram esquecer um minuto sequer das minhas atividades contrarrevolucionárias. O que mais me admira é o fato de que muitos deles vagam na erraticidade do Umbral, pejados de crimes bem maiores do que os meus, e conseguem, ainda assim, arremessar todo seu ódio contra esta figura apagada de delator, é verdade, mas de homem cumpridor de todas as obrigações profissionais.

Penso ter colocado o coração nestas palavras, tão diferentemente anotadas pelo irmão escrevente. Quase ia oferecer-me para a revisão do texto, mas surpreendi o gesto e

estranhei a atitude. Será que tudo está tão arraigado na personalidade que o problema maior será reconsiderar os atos meramente profissionais, para bem avaliar onde foi exatamente que errei para produzir mentalidade tão tacanha?

Sinto-me perfeitamente lúcido e estranho a figura que vejo crescer dentro de mim. Parece que estou começando a entender por que sufoquei durante tanto tempo a manifestação da consciência. Temo que vá desesperar-me de novo, do mesmo modo que fazia no fundo das trevas, quando clamava aos céus que tinha sido injustiçado. Agora parece que vai ser bem diferente, pois o desespero, a instabilidade, os tremores que sinto partem de emoção muito diferente, já que estou deparando-me com as verdadeiras monstruosidades que perpetrei.

Por favor, deem lenitivo para esta sensação que me arrebatava, como se o coração estivesse prestes a explodir. Notem a dificuldade para escrever e os apuros do escrevente, e acolham-me em seu regaço de muito amor.

Sinto-me melhor após certas aplicações de que fui alvo mas não sei como prosseguir a escrita. Pedem-me para repetir a prece que melhor decorei na infância. Acho que foi a ave-maria, bendita prece que roga à mãe do Senhor sua intercessão, para que se acabem os males e as dores.

## Comentário

O irmãozinho já se retirou, tendo deixado a recomendação de que agradecêssemos ao escrevente e de que lhe peçamos desculpá-lo por ter tido presunções de literato. O recado está dado. Cabe-nos agora elaborar alguns comentários pertinentes à situação do socorrido.

Trata-se, realmente, de indivíduo ligado às artes gráficas, mas que não revelou toda a extensão de sua participação nos acontecimentos a que fez referência. Na verdade, fazia parte do complô que se armava contra as forças revolucionárias que assumiram o poder no país, tendo inclusive elaborado e dado a público vários panfletos em defesa das teorias da esquerda que almejava desestabilizar o governo, para estabelecer clima propício à contrarrevolução. Tendo sido descoberto pelas forças no poder, deixou-se seduzir pelas ofertas de crescimento pessoal junto às áreas de influência do governo e delatou um a um os companheiros da sedição. Esse o peso que o sufocava ao final da participação mediúnica e que evitou revelar. Explica-se desse modo o fato de ter sido muito perseguido durante os diversos anos que permaneceu encerrado nas trevas.

Agora temos controle da situação e vamos incentivá-lo a regenerar-se, obrigando-o a recompor a visão da existência sob o amparo das virtudes evangélicas. Tal tratamento, evidentemente, deverá estender-se por algum tempo, de sorte que designaremos alguns elementos do grupo para acompanhamento de seus progressos e para manter relacionamento com as demais entidades envolvidas no *affaire*, quer estejam na carne,

quer vaguem pelo Umbral, quer se situem em plano mais elevado, tendo ingressado em algum grupo socorrista. Aliás, foi um destes elementos quem providenciou o nosso contacto com o amigo revisor, uma de suas vítimas mais oneradas em virtude de terem privado de amizade estreita até o momento da deserção.

À vista de todo o ocorrido, favorece-nos o ensejo poder discorrer a respeito das forças que se opõem contra o poder constituído. Quase sempre as pessoas revolucionárias atraem do homem comum a sua melhor atenção e captam-lhe a simpatia, tendo em vista que, aparentemente, lutam pela melhoria das condições de vida de toda a população, realizando feitos de coragem e heroísmo que despertam a atenção pelo fato de se constituírem em algo que todos gostariam de realizar mas que não se atrevem.

Quanto aos que ocupam legitimamente o governo, mesmo que a poder das forças militares, estes só conseguem arregimentar a simpatia daqueles mesmos que gozam de privilégios, submetendo o grosso da população a vida de subserviência e de aceitação passiva do *status quo*.

O que nos interessa não é a interpretação das condições dessas personalidades sob o ponto de vista psicológico, mas espiritual. No que se refere aos aspectos morais, não se diferem uns dos outros, sejam revolucionários, sejam detentores do poder. Todos têm desenvolvimento próprio e não é a condição material que estipula a maior ou menor qualificação espiritual de cada ser, podendo encontrarem-se igualmente no governo ou no grupo dos adversários pessoas de boa índole, como ainda seres dos mais abjetos.

Não veja, pois, o caro leitor, qualquer superioridade no fato de o indivíduo pertencer às forças subversivas, cujas ações terroristas, muitas vezes, atingem as raias do mais alucinado paroxismo mental, contrariando todas as normas evangélicas. Por outro lado, não queira também ver no Presidente da República, seja quem for, o *paizinho* da Pátria, aquele que distribui ao seu bel-prazer as benesses a quem melhor lhe pareça, em função do retorno que possa obter.

Exima-se de julgar, se possível for, e atribua a todos os indivíduos, independentemente de origem, credo, cor, posição política etc., a augusta, a majestosa condição de irmão em Deus, porque não há quem não carregue em si a flama do Criador.

Se o seu irmão, infelizmente, condicionar as atitudes pelos crimes, pelas injúrias, pelos descalabros, pelas ofensas, pelo egoísmo, pelo orgulho e demais itens que soem tornar o ser humano desprezível aos olhos dos justos, nem por isso deverá relegá-lo ao ostracismo, largando-o na sarjeta da opinião. Antes, aí sim mais que nunca, deverá despertar-lhe o sentimento de proteção e auxílio, para poder restituir-lhe as prerrogativas da cidadania divina.

E se ele se distanciar fisicamente, quer porque se interne nas florestas, por medo das represálias governamentais, quer se entrincheire nos palácios resguardados pelo poderio militar, quer apodreça nas masmorras e nos presídios, quer se esconda nos *aparelhos*, ainda assim restará o concurso da prece para o auxílio espiritual oportuno e para a vibração reconfortante, principalmente se o refúgio se deu no plano espiritual.

Sejamos críticos, irmão, mas não aceitemos de nós mesmos a formação de enegrecidas nuvens mentais, que só ajudarão a perturbar ainda mais os que sofrem, sem lhes dar condições de retribuição no momento em que nós mesmos estivermos necessitados. A observação cristã é sempre valiosa:

— *Não façamos aos outros o que não gostaríamos que fosse feito para nós mesmos.*

Por isso, propugnamos que a leitura dos textos dos irmãos assistidos seja precedida e seguida de prece, na dupla intenção de rogar pelo sofredor e por nós mesmos, para que nossas intenções de auxiliar sejam as mais puras possíveis.

## 18.º Relato — PRECE DOMINICAL

Quando eu estava entre vocês, mortais, costumava ir à missa todos os domingos. Em lá chegando, ajoelhava-me, benzia-me com o sinal da cruz e iniciava as preces indefectivelmente pelo padre-nosso e, em seguida, rezava dez ave-marias, com o pensamento voltado para a minha vida e de toda minha família. Fazia isso mecanicamente, acostumada que fui a agradecer a Deus tudo que possuía. Com o avançar do tempo, vieram os filhos e pude ensinar-lhes as mesmas coisas, acreditando estar cumprindo a minha obrigação mais sagrada.

Chegou uma hora, porém, em que deixaram de atender ao meu pedido e abandonaram a fé católica, que, com tanto empenho, tentei inocular em seus corações. Fugiu-lhes, no entanto, a mente à compreensão da necessidade dessa religião mística, e isso me pareceu a pior coisa que poderia ter acontecido a eles. Fiquei desesperada por longo tempo, de nada adiantando as palavras de estímulo e de compreensão dos confessores, pois procurava outro quando percebia que o anterior não era capaz de prometer-me a volta de meus rebentos para o redil. Para isso, ajudava a parábola do filho pródigo, pois temia que comigo não aconteceria como ao filho daquele agricultor.

Passaram-se largos anos. Jamais perdi contacto com meus filhos, embora tivessem constituído família e se afastado para centros mais importantes. Eu e meu velho continuamos a habitar a modesta cidadezinha de beira de estrada, com seu casario vetusto e sua capelinha.

Um dia, estando sentada no alpendre humílimo da casa, eis que chega um de meus pimpolhos, aquele que primeiro abandonou o lar e a religião. Estacionou o carro e fez descer meus três netos, frutos de feliz união com jovem da cidade grande. Os três peraltas logo me cercaram, acarinhando-me muito, e, em seguida, foram correndo à procura do avô, no fundo do quintal, onde mantínhamos substancial horta, que nos fornecia os alimentos de que necessitávamos. Morávamos no que era nosso e não sofriamos com os eventuais gastos. A saúde corria perfeita e a vida pacata não precisava de muitas coisas.

Naquele dia, tive a maior surpresa na vida. O jovem casal trouxe-nos gracioso convite para participarmos da formatura das crianças na escola dominical da paróquia do bairro em que residiam. Iam fazer a primeira comunhão. Pelo que nos constava, meu filho recusara-se a ajoelhar diante do altar para a bênção nupcial e vivia com a esposa, tendo só contraído matrimônio civil. Aí minha felicidade se fez perfeita: o convite era também para a cerimônia do conagraçamento matrimonial entre ambos.

Em meio a tanta felicidade, quis saber o que levava o casal a tomar semelhantes decisões, que muito me alegravam e devolviam a esperança que julgava estar inteiramente perdida. Disseram-me que achavam que deviam aos pais essa satisfação, pois significava

tão pouco para eles e tanto para nós, tendo em vista que os pais da moça também professavam a fé católica.

Senti certo estremeamento, pois desconfiei de que algo não estava correto no pensamento deles. Então, iriam casar-se, batizar os filhos, fazê-los comungar, só para atender às aflições dos avós? Quem teria tal poder de persuasão para fazer com que aceitassem os aspectos externos da religião e não confraternizassem realmente com os ideais do apostolado cristão? Temendo ferir susceptibilidades, fiquei calada quanto à desconfiança de que de nada valeria tal atitude.

Meu filho mais novo, sim, tinha tomado a decisão mais coerente de ter, desde logo, assumido a religião da noiva, tendo realizado tudo direitinho desde o início. É verdade que a religião era outra, mas, estando com Deus no coração, tudo é absolutamente válido e puro; afinal de contas, o culto protestante não passava de ramo da própria religiosidade impregnada no espírito humano por Jesus.

Obrigados a comparecer à cerimônia na cidade, fomos a contragosto levados até lá por nosso filho, que se dignou vir apanhar-nos na véspera do dia aprazado. Chegando à sua casa à noite, numa sexta-feira, estranhámos o fato de que nos deixaram lá sozinhos com os netos e saíram, dizendo ter de cumprir certa tarefa, em determinada casa de socorro espiritual.

Fez-se a luz. Minha criança estava frequentando certo terreiro, desconfiei logo, pois sua atitude estava muito estranha. Ele, que tinha forte opinião a respeito de todas as coisas, tanto que refutava tudo quanto o padre dizia quando ainda tinha quinze anos de idade, agora se submetia às obrigações determinadas por algum pai de santo ou sabemos lá qual demônio que baixava no terreiro.

Quando chegaram de volta, interpelei-os, imediatamente, pois não conseguia compreender tal transformação. A reação de meu querido não foi a que estimava fosse ocorrer. Não titubeou nenhum instante em me explicar o que estava acontecendo.

É que havia encontrado um amigo que o havia conduzido até determinado centro espírita kardecista, em certa fase da vida em que passava por séria desilusão. Havia perdido o emprego e, sem dinheiro, precisou internar-se em hospital de assistência gratuita, acometido de forte hemorragia intestinal. Ali, preso ao leito, precisou ouvir as palavras de reconforto do irmão que o visitara na qualidade de socorrista fraterno.

Desesperançado do poder da própria personalidade e confuso mentalmente diante do poderio material dado aos homens pelas riquezas e pelas propriedades, não via perspectiva de conseguir realizar o futuro brilhante que imaginara tão voluntariosamente quando embarcara para a capital.

O amigo que o conduziu ao centro emprestou-lhe diversos livros e se propôs a discutir os tópicos da doutrina que lhe parecessem obscuros. Foi assim que se surpreendeu trabalhando ativamente pela consecução dos fins e objetivos da sociedade que tão afetuosamente o recebeu. Certo dia, vasculhando os guardados da memória, descobriu que a mãe e o pai tinham ficado para trás desiludidos com o seu atrevimento e seu abandono. Conversou com a esposa, que conheceu e amou no ambiente cristão do centro, e ambos concordaram em prestar aos pais as homenagens mais santificadas que poderiam oferecer, quais sejam as da aceitação da humildade que lhes proporcionariam os arranjos religiosos acima descritos. Não havia, segundo ele, que consultara os amigos do centro (mais tarde

vim a saber que eram seus guias espirituais), nenhum empecilho moral em proporcionar aos pais a alegria de verem os filhos sacramentados pela Igreja Católica.

No dia seguinte, participei muito feliz das diversas cerimônias na Catedral da Sé e do almoço que reuniu toda a nossa família e a dos sogros do meu filho. Foi dia muito tranquilo e absolutamente maravilhoso. Durante ainda uma semana, permanecemos em sua casa, tendo tido ocasião de acompanhar de longe as diversas atividades que o casal realizava em favor do centro que frequentavam. Eu não conseguia entender a razão de tanta devoção, mas calou-me fundo certa resposta de minha nora à observação de que deveriam frequentar a missa todos os domingos. Disse-me ela, com muito tato e compreensão — devo frisar —, que iam muito mais vezes orar e auxiliar os pobres de que eu e meu marido íamos à missa. Calou-me fundo a resposta e, quando voltei para casa, o fato ficou-me na mente como pequena semente que sabia que estava largada em terreno árido, onde jamais brotaria, embora marcasse presença.

Com o coração mais tranquilo, meus derradeiros anos transcorreram monotonamente até que entreguei a alma a Deus, em tarde primaveril de dezembro, onde o calor do sol parecia fazer o zumbido dos moscardos ainda mais forte. Estavam presentes, naquele quarto humilde de casa do interior, meus filhos e noras, alguns irmãos, meu marido, diversos vizinhos e o pároco, todos eles rezando e enxugando algumas lágrimas furtivas.

Meu filho mais velho, que, nos últimos tempos, voltara a visitar-nos regularmente, tudo fazendo para que nos sentíssemos confortáveis, parecia aquele menino irrequieto de outras épocas, apenas com fisionomia mais serena e pensamento mais seguro. A tudo providenciava com desvelo e, quando chegou o momento da partida, acercou-se do leito e, através de comovida oração, conclamou as forças espirituais para que me assistissem durante o desenlace. Beijei a cruz que o pároco me ofereceu e dei meu último sopro de vida com a alma absolutamente tranquila, pois via diante de mim, finalmente, o fruto do meu trabalho: os meus filhos felizes, prósperos e inteiramente convictos de que estavam sob o amparo do Cristo.

Nem preciso dizer que meu desligamento se deu com serenidade absoluta. O que mais me atrapalhou foi a expectativa de acordar nos braços de anjos esvoaçantes, que me conduziriam aos pés de Jesus, para julgamento dos pecados. Eu, pobre moça de sítio, professorinha modesta de primeiras letras — a chamada leiga na profissão, mas que tivera ensejo de ensinar a ler várias crianças do povoado —, casada com modestíssimo farmacêutico, dono de pequena propriedade na cidade, temente a Deus e cumpridora de todas as determinações religiosas, acreditava que não teria dificuldades para receber o perdão de minhas pequenas imperfeições, que se resumiam em ter-me indisposto com os filhos um dia, mas com quem tinha reconciliado, e em ter mexericado a respeito da vida alheia, fato mais que corriqueiro naquele local afastado da civilização.

Qual não foi minha surpresa ao ser recebida por fisionomias bem conhecidas: papai, mamãe, dois irmãos mais velhos, a figura de um de meus avós (os outros, soube mais tarde, estavam reencarnados nas pessoas de meus netos), alguns amigos, o velho pároco que realizou meu casamento e alguns desconhecidos, que providenciavam para que o desligamento perispiritual se desse com o menor sofrimento possível. Reconheci nestes

aqueles amigos solidários com meu filho e por ele invocados no momento de minha despedida.

Vou deixar de citar o que ocorreu após a natural emoção da confraternização até este momento em que retorno pela vez primeira ao convívio dos mortais para trazer-lhes meu testemunho de vida.

Agora sou capaz de perceber inúmeros fatos da espiritualidade e o relacionamento existente entre os planos que se dá por via mediúnica. Sou pobre, muito pobre ainda, na mais pura acepção da palavra, pois necessito retornar ao mundo da carne para a aquisição de certas virtudes que releguei a segundo plano. Por certo, a acuidade mental dos caros leitores será capaz de compreender quais sejam. No entanto, desejei vir à presença dos amigos para favorecer-lhes a reflexão a respeito de diversas atitudes cruciais que foram tomadas pelas várias personagens desta história e que coloco à sua frente como problemas morais sérios com os quais muitas pessoas se defrontam, sem que se decidam a tomar a melhor deliberação para resguardar o bem coletivo.

Sei que há inúmeras famílias católicas que se recusam a aceitar de bom grado a visão nova a respeito da espiritualidade adotada por filhos que se filiam à doutrina espírita. Bem assim, existem milhares de adeptos do espiritismo que não admitem sequer pensar em adentrar o recinto das igrejas, menos ainda de acompanhar os ofícios religiosos, sendo impossível imaginar submeterem-se às liturgias estranhas, no temor de que possam, de repente, ver-se acusadas de perjúrio ou assaltadas por espíritos inferiores, que, dedo em riste, as inculpariam de estar contrariando os ensinamentos cristãos aprendidos nas sessões de estudos dos institutos de assistência fraterna.

Não vou incentivar os aspectos silogísticos do problema, fornecendo argumentos para incrementar discussões, mas não posso furtar-me a levantar hipótese muito comum, no caso de espíritas convictos partilharem de cerimônias religiosas de caráter exterior, qual seja a de se acusar o *infrator* de ter cedido a conceitos meramente sociais, pois seu temor estaria fundamentado nas perdas que poderia sofrer, tendo em vista estar sujeito à opinião pública. Pois bem, a resposta à questão deve encontrar-se no fundo da consciência, pois, da mesma forma que acedeu meu filho ao desejo dos pais, principalmente para aplacar a desilusão da mãe, também eu precisei aceitar-lhe as palavras em prece, no decisivo momento em que passava para o lado de cá, estando tudo contido na natureza humana, como me pareceu em ambas as oportunidades.

Agora, com outro discernimento, vejo que a orientação moral superior contida nos ensinamentos difundidos pelos adeptos da Terceira Revelação são suficientemente poderosos para encaminhar as mentes humanas mais afeitas ao raciocínio puro para a verdade do Cristo, proporcionando oportunidade de crescimento exatamente correlato à necessidade cármica de cada um de seus seguidores.

Em boa hora, portanto, me foi dada esta oportunidade de relatar minha experiência de vida na face da Terra, que, apesar de modestíssima, pôde encerrar alguns tópicos passíveis de ser analisados, conhecidos, compreendidos e incorporados por quantos se dedicam ao conhecimento da teoria espiritista, necessário para o desenvolvimento espiritual que se aguarda de cada ser.

Acreditando ter desempenhado com proficiência o meu papel, peço escusarem-me de meu excessivo descritivismo e agradeço toda atenção que recebi, encerrando minha

participação com o pedido mais *natural* de que elevemos todos nós prece de agradecimento ao Senhor por nos ter facilitado esta manifestação, neste ambiente absolutamente calmo, que me fez recordar minhas pachorrentas tardes da madureza, que desfrutava na modorra de sadia convivência com minhas orações habituais, em favor dos filhos e netos.

Ana, convidada a participar dos trabalhos pela *Equipe da Luz*, que, a partir de agora, passa a tê-la como membro efetivo.

## PERFURANDO O SOLO

Cavei profundo poço em busca de água. Nada encontrei. Perfurei ainda mais. Inutilmente. Sondei a profundidade com aparelhagens eletrônicas. Senti que havia líquido mais ao fundo. Instalei equipamento especial em busca de gás liquefeito ou até de petróleo. Busca infrutífera. E, no entanto, todos os registros apontavam para a existência de matéria liquefeita. Mudei os processos de perfuração. Consultei a tecnologia estrangeira. Importei equipamentos mais sofisticados. E nada.

Estava começando a desesperar com os enormes gastos, quando apareceu um velhinho que, com pequeno galho de árvore, apontou para outro local próximo e me recomendou que perfurasse ali. Achei ridículo, mas, à vista dos anteriores insucessos, pus-me ao trabalho. Não cavei mais que três metros e encontrei o lençol d'água que procurava de início.

De que me valeram, então, os recursos mais modernos e mais caros, se, com mísera varinha, alguém produzia efeito muito superior? Esta a pergunta que me fiz, mas que respondida foi, como se a ele tivesse sido dirigida, pelo bondoso senhor:

— Cavalheiro, queira perdoar, mas os *modernos recursos* a que V.S.<sup>a</sup> se refere teriam surtido seus efeitos se aplicados tivessem sido de forma correta, no local ideal. Não queira comprometer os avanços científicos da humanidade, quando a falha se deu no âmbito da ânsia humana em fazer prevalecer sua competência sobre a tecnologia.

E mais não disse, afastando-se tardo, envolto em longos trajes brancos.

Fiquei a meditar a respeito das palavras e pude constatar terem sido inteiramente verdadeiras. Se não, vejamos. Realmente, eu me acometiera de soberba quando determinei o local a ser perfurado. Não me controlei a ponto de refazer a decisão precipitada e aspirei conseguir maior descoberta, perfurando para além dos limites da necessidade. Fui arrastado pela ambição. Em seguida, dada a frustração, recorri a elementos estranhos, quando poderia ter admitido a imperfeita deliberação. Fui prepotente e orgulhoso. Desacreditei de que alguém melhor do que eu pudesse atingir o objetivo. Caracterizou-se o egoísmo e espírito de superioridade. Ao caçar da tentativa do amigo, demonstrei falta de confiança, revelando que tinha perdido a fé. Ao saber que existia o que procurava, à vista das tentativas frustradas, ponderei erroneamente que tudo não passava de ilusão. Desacreditei da vida. Finalmente, permiti ao bom velhinho que intentasse a descoberta. Foi a salvação, pois admiti a possibilidade do conhecimento, mesmo que à revelia de meu interesse e boa vontade.

Agradeço o discernimento que possuo para efetuar a análise do procedimento. Como gostaria de poder auxiliar o meu irmão a proceder igualmente, sempre que se vir

frustrado na tentativa de encontrar água, ou seja, o amor, a ventura, a felicidade de se saber na trilha exata que dá na casa do Senhor.

Veja, bom amigo, como, de simples ato comum, se podem tirar conclusões maravilhosas, absolutamente perfeitas para a compreensão da vida e de nossos objetivos. Precisou você hoje perfurar algum poço, ou seja, desejou realizar algo que envolvesse deliberação de caráter moral? Fez aquisição em loja? Concluiu transação em banco? Realizou matrícula escolar ou se inscreveu para algum concurso? Dirigiu-se para o local de trabalho, utilizando-se de veículo coletivo? Entrou em contacto com qualquer pessoa para se servir de seu auxílio para finalidade socialmente digna? Como recebeu você o amigo ou amiga que o atendeu? Achou que cumpria, simplesmente, obrigações para fazer jus ao salário? Encontrou alguém prestimoso que lhe endereçou sorriso especial? Devolveu o sorriso por meio de agradecimento oportuno? Revelou-se cordato e amigável? Demonstrou afabilidade no trato? Retirou-se com o coração aliviado por ter obtido sucesso em empreendimento tão simples? Ou, por outra, estabeleceu frio contacto meramente formal, emitindo vibrações negativas de mau humor? Enfim, como foi que você se pôs a cavar seu pequenino poço?

Podem parecer estas perquirições muito superficiais, mas, bom amigo, como se atingir a água dos profundos mananciais, se não dermos a primeira pazada na areia sobre a qual pisamos? Como ordinariamente se diz, para se cozer a omelete, é preciso romper a casca ao ovo. Desse mesmo modo, se você não proceder ao descasque da arrogância, da estroinice, dos maus bofes, da soberba, dos caprichos e demais mazelas psicológicas, com que se ornamentam quantos consideram os semelhantes obrigados a lhes aturarem as idiossincrasias, como poderá conseguir as primeiras vitórias no campo do socorrismo? É socorrendo-se a si mesmo que se dá início ao trabalho de recomposição perispiritual para comprometimento possível da pessoa com as forças do bem. Desarme a mente e o coração e terão os amigos da espiritualidade condições de aproximação, para efetuarem os serviços de prospeção do solo para avaliação da profundidade em que se situa a linfa sagrada de sua capacidade de amar.

Não nos queira mal por supor que sua fonte esteja seca ou que seu solo se encontre ressequido. Se do coração lhe jorra vertente de muito amor e se o seu manancial propicia a muitos companheiros com que mitigar a sede, você não se negará a oferecer-nos o copo d'água do perdão que irá saciar-nos. Neste caso, permita-nos avaliar-lhe a produção, para que nossos conselhos se enriqueçam com o exemplo sagrado de quem ultrapassou as espessas camadas dos defeitos e dos vícios e agora viceja à luz do Sol, derramando bênçãos às catadupas.

A nossa voz é para os pequeninos, aqueles humildes servidores do Senhor que não tiveram oportunidade de grandes feitos espirituais. E isto por razão meramente técnica: nós também não estamos preparados para incursões em terrenos sagrados. Temos os apetrechos para escavação, é verdade, mas são rústicos, primitivos e imperfeitos. Fazemos o máximo que podemos para conservá-los em estado de uso, mas pouco conseguimos com a aplicação deles, principalmente quando o solo que enfrentamos é duro como pedra, impenetrável até mesmo para a luminescência do evangelho. Outras vezes, sentimos alguma umidade na superfície e constatamos ser possível encontrar amor. Nesse caso, cavamos com denodo, encorajados pelas evidências, conseguindo, quase sempre, obter

sucesso em nosso objetivo. Aí ficamos imensamente felizes, acrescentando alguns pontos mais nas anotações a respeito da maneira de como avaliar, programar e realizar o trabalho. E, com isso, vamos caminhando lenta e seguramente, na busca da concretização de nossos ideais.

Esta dissertação nada mais é do que outra tentativa de perfurar mais um poço. Tentativa feita a distância, sem a certeza da realização do objetivo maior, com a só verificação de que tudo se fez para se lograr êxito. É possível que haja algum solo favorável e aí colhemos o fruto do trabalho. É possível que haja naquele solo outro poço produtivo e aí nossa satisfação redobrará. É possível que sejamos acolhidos com benevolência em algum áspero terreno, de sorte a possibilitar o início da obra, caso em que nos empenharemos ainda mais, oferecendo tecnologia e cedendo todos os petrechos, indo até à busca de alguém melhor dotado para que venha a auxiliar na perfuração, mesmo que seja bom velhinho com sua varinha de vime flexível.

Amigo leitor, aceite nossa carinhosa manifestação de apreço e releia o texto com espírito renovado. Esqueça a figura do poço e veja se consegue retratar-se sob o enfoque das leis de Deus e dos ensinamentos de Jesus. Procure na fotografia assim revelada decifrar sua fisionomia. Veja se reconhece nela alguma das personagens que aqui e ali buscamos descrever. Aceite as sugestões de correção e arremesse fora este escrito, envidando todos os esforços para perfurar o seu próprio poço. E se ele estiver fornecendo grande cópia do divino líquido, erga o pensamento a Deus e, após agradecer-lhe toda a benemerência, lembre-se de nós, pequeninos seres do etéreo espiritual ou da face rugosa da Terra, rogando por nós para que nossa escavação possa também dar certo. Muito obrigado.

## Comentário

Compareceu para o ditado um dos membros da *Equipe da Luz*, recém-admitido no grupo, com pouca experiência no uso da palavra e do instrumento mediúnico, conforme parece ter ficado claro. No desejo de falar por mim mesmo, iniciei o discurso na primeira pessoa do singular. Queira, bom amigo, retificar, corrigindo para *nós* onde estiver *eu*, por recomendação da modéstia que todos devemos aparentar diante do leitor, embora, muitas vezes, nesse aspecto, não passemos de presunçosos. É que não se deve contaminar o leitor com nossas falhas. Ele que seja arguto o suficiente para bem caracterizar o nosso nível de adiantamento no quadro evolutivo universal, caso em que terá todo o aparato das virtudes e dos conhecimentos, estando apto para o perdão e para a compreensão.

No mais, se você, caro escrevente, achar que houve excessivas repetições da figura, suprima o que lhe parecer mais oneroso para a fluidez necessária, para que o texto seja recebido com agrado. Desbloqueie o que julgar estar atravancando e demonstre por nós um pouquinho de afeto, realizando trabalho de restauração textual de importância para a consecução dos objetivos de quantos se apresentam para o ditado. Faça-o por nós como

tem feito para com as mensagens dos outros grupos, conforme temos acompanhado há algum tempo, para apreender as técnicas da boa composição moral, sob os auspícios de sagaz observação intelectual.

Este adendo se fez necessário para dar ao público a exata noção de nossos recursos, de nossos problemas e de nossa capacidade. Sentimos que possam alguns achar o trabalho muito evoluído, enquanto outros demonstrarão indiferença ou descaso. Nosso objetivo, no entanto, é fazer ver a todos que deste lado existem todas as possibilidades, do mesmo modo que ocorre na Terra.

A força do discernimento não está na razão direta de nossa capacitação nem na manifestação que produzimos, mas na coerência com que o leitor seja capaz de julgar igualmente o texto produzido por espírito de luz ou aquele pelo modesto servidor das equipes de socorristas, atribuindo, com absoluta precisão, a cada um o seu real valor.

Faça por demonstrar tal clarividência, bom amigo, para o que sugerimos que releia os textos básicos da codificação, se possível fazendo acompanhar a leitura pela compulsão dos ***Evangelhos***, sempre que a eles se fizerem referências. Não se contente em limitar as incursões doutrinárias às obras menores, mesmo que assinadas por espíritos de escol. O retorno às origens é absolutamente necessário, para quem objetiva jamais afastar-se de seu caminho.

A par disso, no recesso do lar, só consigo mesmo, atreva-se a escrever, psicografando ou não, para sentir as dificuldades da elaboração das mensagens, de sorte a configurar em profundidade os possíveis méritos dos autores a que se tem dedicado. Faça esse exercício, mesmo que tenha de pôr fora todos os seus tentamens. Você adquirirá maior capacidade de avaliação e sentirá com precisão quais os temas e assuntos que deverá elucidar para eliminação das dúvidas e dolorosas falhas. Vá com muita calma, mas não deixe de ir. Esse é o poço que lhe recomendamos cavar.

Roberto.

## 19.º Relato — INVALIDANDO O TEMA

Quando aqui estive no ano passado, deixei mensagem de que muito me envergonhei. Não sabia, então, quais eram os desideratos da equipe e mostrei-me tremendamente arredo. Apesar de tudo, fui muito bem tratado por todos, embora tenha saído amordaçado e inteiramente amarrado. Somente bem mais tarde é que pude compreender a causa de não ter podido soltar-me: é que estava sob o amparo de poderoso influxo de minha mãe, que me sustentava vibratoriamente, tendo-me acompanhado, sem que eu tivesse sequer desconfiado de sua companhia.

Após demorado tratamento em determinada instituição hospitalar, pude ser liberado para certas visitas à face da Terra, para elucidar série de pequenos problemas que me aborreciam deveras. Não sei por que razão me deram tantas demonstrações de carinho, tendo em vista que tais oportunidades tiveram o ensejo de me proporcionar descanso mental de caráter superior.

Vou agora tentar resumir o meu problema e as condições em que me encontrava por ocasião dessas visitas.

Tendo sido despertado no hospital para os problemas e as dores que havia provocado, acenderam em mim o desejo de verificar *in loco* quais tinham sido os resultados de minhas estrepolias. Não encontro termo melhor para esconder a vergonha que sinto para não dizer *maldades*. Se venci agora certa preocupação de caracterizar minha perversidade, imagine, bom leitor, qual não foi a sensação de angústia ao contemplar a família toda desmembrada, esfacelada mesmo pela imprevidência com que a tratei, abandonando a todos na rua da amargura, por ter-me matado por absoluta ignorância do que fazia. Acredito que, se Jesus me conhecesse, no supremo instante da crucificação ainda mais se teria empenhado em clamar perdão ao Pai.

E, no entanto, tivera todas as condições para me inteirar, para me compenetrar das verdades evangélicas: estava bem de vida, tinha certa cultura proveniente de extensa educação escolar, convivia com pessoas inteligentes e sábias, frequentei até templos religiosos, tendo variado muito de seitas por motivos meramente materiais etc. Em determinado momento da vida, tive até contacto com a doutrina espírita, mas tudo perdi porque fui espoliado por malfeitores na estrada da vida, tendo tido a infelicidade de deixar tudo que possuía nas mesas de jogos.

Esta parte das memórias são absolutamente prescindíveis para a finalidade desta mensagem. Serve apenas para ressaltar que não precisaria ter passado pelas agruras por que passei, uma vez que me deixei dominar por sentimentos da mais baixa categoria.

Ao visitar meus irmãos na carne, filhos, esposa, netos e demais componentes do grupo familiar, pude perceber, no coração de cada um, profunda mágoa por me ter feito de

vítima das circunstâncias e por tê-los abandonado em momento crucial de suas vidas. O meu exemplo frutificou, no sentido de dar aos mais novos a exata noção de que o que importa na vida são os valores materiais. Ao suicidar-me, inoculei-lhes nas jovens mentes o temor do inferno e o desejo de aproveitarem a vida até o fim, só que, ao invés disto ocorrer no sentido da benevolência, do amor, da benignidade, ocorreu ao contrário, incentivando-os para a usura, a insegurança espiritual, o acre desejo de manterem-se acima de qualquer circunstância em que pudessem ser explorados por qualquer pessoa, de sorte que se tornaram, eles mesmos, exploradores dos semelhantes. Das leis de Deus, nem sombra em nenhum deles.

Voltei em desespero para a companhia dos amigos socorristas e, sob sua influência, matriculei-me na **Escolinha de Evangelização**, nas turmas iniciantes, para quem são ministrados os cursos mais elementares a respeito da moral cristã, como se fosse verdadeira aula de catecismo.

Não demorei para entender os princípios do evangelho de Jesus e, tendo chegado ao ponto em que se desenvolvem os aspectos relativos ao livre-arbítrio, pude compreender que minha responsabilidade pelas catástrofes morais da parentela não devia ser considerada tão elevada como, em minha angústia, entrevi que fosse.

Mais tranquilo relativamente à culpabilidade, passei a refletir a respeito dos longos anos no bátrio infernal a que fui arremessado tão logo cheguei a este plano. Ali sofri realmente a perseguição *física* mais premente e poderosa. Tendo causado transtornos em diversos aspectos da vida material a muitos seres, culminando com a morte através de suicídio, não me perdoavam os perseguidores, da mesma forma que não me perdoava eu por ter-me feito o que fiz. Aceitava a perseguição e incrementava-a alucinadamente, como se dementado estivesse por largos anos durante o encarne.

Bendito foi o dia em que me trouxeram até a luz, para que pudesse perceber que o reinado das trevas havia terminado. Tão apegado estava com a maldade, que ensaiei até diante do escrevente patética situação em que me via perseguido por espíritos furiosos, que não me deixavam sossegar. Reconheci, à força dos argumentos persuasórios dos socorristas, que meu procedimento não era digno, tendo, finalmente, concordado, da boca para fora, em seguir para a suprarreferida casa de repouso.

Hoje venho penitenciar-me dos males que pratiquei e informar que posso desempenhar algumas atividades socorristas em agrupamento destinado a auxiliar a vida dos seres encarnados. É parte do pagamento que tenho de efetuar para o resgate de alguns dos débitos. O mais importante, aquele relativo ao suicídio, para esse terei de encarar outro encarne, em condições de inferioridade material; mas essa expiação não se dará tão logo. Antes tenho muito de peregrinar em busca de socorrer as pessoas, tendo estabelecido para mim mesmo o índice de conseguir dez vezes mais ajuda do que os prejuízos que carreei para as infelizes criaturas com as quais convivi. Aliás, essa meta pareceu ambiciosa a meus confrades orientadores, mas, diante da argumentação de que seria mais fácil de suportar a angústia da provação maior, se mais asperamente tratasse o *ego*, acederam ao desejo e hoje me apresto para esse tipo de realização.

Não sei bem o que se espera de mim. De qualquer forma, principiei por comparecer a este maravilhoso local de despertar para a cura, para defrontar-me com os amigos que um dia insultei com atitude de arrogância e rebeldia. Poucos daqueles se encontram

presentes, mas o escrevente que me acompanha o ditado é o mesmo. Acredito que, se deixar firmados nestas páginas pedido de desculpa e rogativa de que me sejam aceitos os agradecimentos pelo inolvidável tratamento que recebi, as vibrações atingirão a quantos se esforçaram por atender-me naquela oportunidade.

Ao bom médium, o mais penhorado agradecimento. Acanha-se ele em receber esta palavra súplice e me diz para aceitar fraterno abraço de amigo, mesmo porque não se recorda exatamente de quem seja eu, já que, afirma, são muitos os irmãos que comparecem para o trabalho e todos são igualmente recebidos com respeito e consideração.

Pois bem, eu sou um dos que atormentavam a pessoa do pintor que trabalhou em sua residência, tendo feito menção ao progenitor dele e ao fato de que cobrava sempre mais dos contratantes, infernando-lhes a vida. Saí enfatizando o fato de que me havia compenetrado de que tudo estava bem, mas mentia descaradamente. Por isso, estou a penitenciar-me.

Deixo agora esta lépida pena ao encargo dos orientadores, que, certamente, terão algo mais a acrescentar devido ao fato de que o relato se concentrou em mim mesmo, egoisticamente, eu o reconheço, tendo em vista as inúmeras explicações que tenho recebido.

Adeus, amigo. Fique com Deus!

Ernesto.

## Comentário

Ao ser preparado o texto mencionado pelo caro Ernesto, defrontou-se o escrevente com a informação de que seriam fornecidos outros elementos a respeito do caso. Ao não se recordar de ter recebido notícia alguma, embora quase um ano tivesse decorrido desde a mensagem aludida (*Falsa Ingenuidade*, de 28.12.90, in: ***Trabalhando com Marcelo e sua Equipe***, 3<sup>o</sup> vol.), o médium vibrou favoravelmente, ensejando-nos a oportunidade dos presentes esclarecimentos. Resolvemos, então, reconduzir o irmãozinho à psicografia para, de viva voz, narrar seus avanços, elucidando certos aspectos da vida pregressa que absolutamente não foram cogitados na transmissão anterior.

Ao cumprir o dever de resguardar a palavra empenhada do instrutor que atendeu à doutrinação naquela oportunidade, o caro irmão Manuel, queremos enfatizar o fato de que cada mensagem tem seu valor intrínseco, não se constituindo compromisso irrevogável qualquer citação de possível nova informação a respeito dos casos que se sucedem nas sessões de mediunismo.

Importa saber que o trabalho realizado o foi na mais rigorosa vigilância dos espíritos mentores, que velam para que tudo se dê em harmonia com as diretrizes do socorrismo evangélico, e isso deve bastar para satisfazer o leitor. Mais que isso poderá constituir-se em

mera curiosidade mórbida, que não avançará um centímetro sequer na direção do crescimento em virtudes de quem quer que seja.

Pede-nos o bom senso que reconheçamos que não nos enseja este tipo de advertência a atitude do escrevente ao ter tido a lembrança de nos cobrar a promessa feita há um ano atrás. Sabe bem ele que não nos acometeríamos a vir trazer por escrito qualquer recriminação a ato falho seu. Jamais. Com ele temos tido longas conversas pessoais, quase informais, de sorte que as palavras endereçadas a ele, sejam quais forem, sempre terão o cunho da intimidade e nunca exporão sua formação moral à visitação da curiosidade pública.

Este escorço visa a esclarecer ao leitor que, se se atrever a apanhar ditados psicografados, poderá confiar em que jamais qualquer espírito *legalmente* admitido como roteirista mediúnico irá intentar algo que seja menos digno ou recomendável em relação à pessoa do mediador. Pode ficar bem sossegado.

Mesmo no que tange à exposição das condições dos sofredores, que para aqui são conduzidos com a finalidade de os auxiliarmos, também eles são resguardados ao máximo e, se, porventura, narram os acontecimentos mais escabrosos em que se envolveram, o fazem no mais puro intento instrutivo, para salvaguarda dos leitores que se encontram sob a tentação de perpetrar os mesmos abusos e males.

Veja, bom amigo, que o nosso Ernesto não solicitou que se arremessasse ao fogo a comunicação anterior. Veio com o intuito de apagar a impressão maldosa que deixou na primeira visita, mas, embora *invalidando o tema* de seu relato anterior, fez questão de manter a mensagem tal qual se deu, para demonstrar seu crescimento relativamente àquela manifestação.

Nem todos os que passaram por aqui estariam em condições de reagir com o mesmo discernimento, havendo até quem solicitasse encarecidamente que a escrita fosse destruída. Mas esses não atingiram ainda o grau de adiantamento do irmãozinho, de sorte que é preciso aguardar mais um pouco para que se obtenham os alvarás necessários.

Sob este prisma, portanto, pode-se concluir que as mensagens valem por si mesmas e não como relatos ou denúncias de que se aproveitariam eventuais inimigos para lançar imprecisões contra quem quer que seja. As manifestações resultam inócuas neste sentido e se mantêm neutras quanto a possíveis indícios de culpabilidades a serem acirradas.

Quando o relato é feito, é porque a situação está definida e as consequências não serão incrementadas em seus pontos negativos. A transmissão mediúnica é sempre, neste aspecto, algo que se acrescenta de bom e nunca representa ônus ao sofredor, ao doutrinador ou ao médium. Se qualquer deles agir mal, despertado pelo teor da mensagem ou pela maneira pela qual se deu a transmissão, cometerá ação perniciosa nova, a partir do ponto de vista livremente assumido diante do fato, o que pode ocorrer com qualquer pessoa, seja qual for o estímulo que a impulse ao ato falho. Não são poucos os que deslizam diante das mais puras ações de Jesus, só para citar exemplo clássico de que o efeito não teve como causa real o fato a que se relaciona, mas algo que está inserto na personalidade do *pecador*.

Quanto ao teor da mensagem nova de amigo Ernesto, é bom não aceitar tudo como sendo exatamente a expressão da mais profunda realidade. Dentre os fatos que narrou, nem todos lhe estão inteiramente sob domínio da consciência, de sorte que algumas

informações poderão estar distorcidas, necessitando de comentários mais aprofundados. Trata-se de criatura com grandes débitos, devendo, portanto, merecer toda consideração e respeito, mas seus conhecimentos carecem de aprofundamento em todas as áreas.

Esse é o estudo que propomos ao leitor fazer para ver se chega a discernir quais as falhas que precisarão ser sanadas, para que o missivista consiga bem compreender as reais condições em que se encontra. Por exemplo, como encara o leitor o fato de que nenhuma referência fez no sentido da necessidade e do proveito da prece compungida para obtenção de créditos a seu favor? Como reage ao fato de não se ter arrependido quanto às perseguições que empreendeu durante a estada nas trevas? Como vê as imprecisões diante das virtudes a serem adquiridas em confronto com os defeitos do caráter que fez questão de revelar? Com que cuidado observou o fato de se ter envergonhado por revelar a maldade anterior? Enfim, diante da vida denunciada, acha você que irá ele conseguir cumprir o desiderato de enfrentar com denodo o decuplicar das tarefas socorristas? Que parece significar essa vontade de sobrepujar a dor e o sofrimento por meio da iniciativa da flagelação?

Se você, bom amigo, estiver disposto a responder a todas as questões, é porque acredita em que as comunicações podem surtir benéficos efeitos em sua vida. Por essa confiança nestas considerações, ficamos-lhe imensamente gratos, mas insistimos em que o nosso descortino é bem limitado, à vista de que nunca deixaremos de remetê-lo às obras fundamentais do kardecismo e aos *Evangelhos*, onde a luz nasce e de onde se expande para favorecer-nos a salvação.

Fique com Deus, bom amigo, e assegure-se da intenção de um dia vir a manifestar-se mediunicamente, sem necessidade de invalidar o tema da vida!

## A PAZ

Demoramos para trazer mensagens que visassem fornecer comentários evangélicos, uma vez que são de alta responsabilidade perante os tribunais que se constituem para julgar do procedimento das equipes que têm por finalidade prodigalizar socorro aos necessitados de todo tipo de ajuda.

Discorrer a respeito da paz é, quiçá, afrontar o Senhor Jesus, que sobre ela explanou muitas vezes, sendo certo que um dos objetivos maiores de sua pregação é a conquista desse divino atributo pelos homens, para que possam dar a si elementos com que embasar a aquisição das demais virtudes, que os elevarão para círculos mais adiantados, na busca da felicidade eterna.

Os mortais não ouviram o Senhor, pois o que mais se vê na sociedade humana é o crime de se causarem as mais variadas perturbações da ordem pública, o que faz com que as mentes e os corações se armem contra o próximo, quando deveriam desenvolver o sentimento do amor, para agasalharem os irmãos com quem confraternizariam em paz, podendo todos ascender ao Senhor, uma vez que seriam capazes de perceber, de modo inequívoco, o que representa a vida para cada um.

Como pode alguém meditar, refletir, ponderar a respeito do destino sob o aspecto espiritual, se, no plano material, se sente absolutamente inseguro, não sabendo até mesmo se sobreviverá às injunções que lhe são impostas a cada novo dia?! Diariamente, vemos as pessoas perderem-se nas sendas da incompreensão, de modo a forcejar por aproveitarem o que podem das ofertas da vida, mesmo que não estejam à disposição, tomando à força o que deveriam obter pelo trabalho, pelo esforço, pela dedicação e pelo devotamento às causas mais nobres e santas.

Quando se trata de bens de capital, até que se podem aceitar as desculpas como produto da ganância de se possuir tudo o que ornamenta as propriedades alheias, devido ao espírito de justiça que se instala no fundo da consciência de cada um, muito embora isto não passe de crime comum, que será, a seu tempo, devidamente pesado na equilibrada balança da divina justiça.

O que espanta é a luta que se tem de travar para se conseguir o que representa a justa paga por serviços prestados ou mero cumprimento de cláusulas contratuais devidamente homologadas pelos tribunais competentes. Se a lei determina, correm os juristas a verificar se não existem brechas legais para poder burlar-se o que ali se prescreve. Não há solução? Procrastinam-se os benefícios e acodem-se os infratores com determinações oficiais catalogadas em outros códigos. Há recursos contra o atribuído poder discricionário? Elaboram-se projetos a serem aprovados de afogadilho para não se

permitir à população comum o acesso às benfeitorias visadas. Tudo se faz no sentido de se manter o estado de belicosidade que se instalou junto a cada ser encarnado.

A bem da verdade, devemos dizer que extensas legiões de espíritos maldosos existem a insuflar nas mentalidades dos mortais a expectativa, a que acima aludimos, de usufruir todos os prazeres carnis que se vislumbrem possíveis e que se percebe estarem na posse de uns poucos. Esse poder espiritual se mantém vivo graças à rotatividade que existe nesse verdadeiro círculo vicioso que constitui a humana tendência à conservação da mente jungida às falácias materiais: o homem comete o crime da guerra; conseguindo ou não os objetivos, ao desencarnar, preserva as mesmas ânsias em seus caminhos de dor na penumbra das regiões abissais; de lá, criva os viventes com as ânsias de que se via possuído, através de vibrações absolutamente comungadas, aceitas e disseminadas; de volta à luz, traz consigo o mesmo desiderato, prolongando indefinidamente esse estado de miserabilidade moral, que lhe impede a avaliação da própria iniquidade.

O Cristo veio à Terra com a missão de trazer aos homens a salvação. Um dos princípios evangélicos é o da paz entre os homens. As civilizações encontraram meios de imensos progressos materiais, dentre os quais a invenção da imprensa, a fabricação do papel em escala universal, os meios de transporte e de comunicação, a educação escolar popular, podendo e realizando a divulgação da palavra do Senhor para os quatro cantos do mundo. Nós mesmos, neste exato instante, através dos recursos de que lança mão o escrevente, estamos aproveitando-nos desses avanços no campo tangível.

Por que, então, o homem não foi capaz de dar ouvidos à voz do Senhor? É porque o progresso veio no rastro do interesse e mesmo a palavra de Jesus serviu para sedimentar aspirações espúrias das mais diversas, a principiar pela subjugação a alguns da maioria, pela delegação que a sociedade possibilitou para a manutenção do domínio da mentalidade por artifícios religiosos de caráter moral, sob o terror das promessas do fogo eterno dos infernos e dos sofrimentos purgatórios, para quem contrariasse a sua superior determinação.

Ainda é tão poderoso esse inculcar na mente humana que até servidores fiéis do espiritismo científico mais expressivo da intelectualidade despojada de preconceitos sentem frêmitos interiores, quando se trata de enfrentar desprendidamente as forças paramentadas que ameçam de expatrimções celestes aos que se atrevem a se antepor aos seus desígnios. Se esse temor existe na percepção dos valores cristãos mais importantes, que se dirá, então, quando se trata de arrostar com a força bruta que arrasta à beligerância armada no campo da matéria?!

É preciso que os espíritos sejam desprovidos das garras que os manietam à secularização das normas evangélicas. É preciso que as pessoas adquiram confiança em que a divina justiça jamais falhará. É preciso que os encarnados passem realmente a acreditar em que a voz de Jesus não se fez ouvir por culpa de cada um de nós e não porque a sociedade force os indivíduos a agir em desacordo com as recomendações bíblicas. É preciso que o desejo de paz se instaure no coração e na mente de cada um e que essa aspiração se transforme em atitudes de profundo respeito pela vida, especialmente se considerarmos que seja a real oportunidade que todos temos para o verdadeiro progresso a que estamos destinados.

Escrever, portanto, a respeito da paz, do amor, da justiça, do dever espiritual, da honestidade cármica, do poder cósmico das entidades criadas pelo Senhor, é correr riscos, especialmente se não conseguirmos expor à minúcia o pensamento, pois não há como fugir de molestar instituições pelos homens consagradas a manter o espírito de beligerância, mesmo que sob rótulos absolutamente conflitantes com os reais objetivos inscritos nas mentes e nas intenções de cada um de seus adeptos ou de seus argutos vigilantes e comprometidos servidores.

Instalar a paz no coração humano é tarefa grandiosa sobre a qual muitos discursam, pregando a luta, inadvertidamente subjugados pelo mesmo espírito que desejam extirpar dos corações. Há até o célebre adágio segundo o qual, *se queres a paz, prepara-te para a guerra*, a fundamentar certas reações absolutamente vigorosas e nada *pacíficas*.

Outros desejam enfrentar de mãos limpas os adversários, cobrindo com os corpos o chão, coalhando de vítimas inúteis o solo, fazendo voltar contra si a sanha dos oponentes, no intuito de fazer deles as vítimas morais dos desatinos. Como falham os argumentos verbais, querem instituir a exemplificação como molde para se formarem os raciocínios de que a guerra significa a falência da sociedade humana. Tal artifício jamais dará certo, porque os que agem sob o influxo da violência o fazem resguardados pelas leis que fabricaram para lhes dar proteção social. Por outro lado, ao partirem para o nosso lado, os que se obrigaram ao papel de vítimas acabam verificando que esse não era o objetivo de suas vidas, pois o máximo que conseguiram foi incrementar de culpas o rol dos débitos dos inimigos, esquecendo-se de que o Cristo determinou que amemos os inimigos e que não façamos deles os nossos verdugos como objetivo de nossas vidas.

Eis que o ponto a que chegamos nos obriga a considerar aspecto insólito de profundas repercussões no campo da espiritualidade: o fato de termos de aspirar a conseguir a paz, sem que tenhamos qualquer indício de que vamos consegui-la sequer no âmbito da consciência. Como vamos fazer para preservar estruturalmente o livre-arbítrio dos irmãos sem expô-los ou a nós mesmos ao sacrifício?

Jesus, ao encarnar-se pela salvação dos homens, tinha noção de que iria sofrer a desdita da crucificação? Se soubesse, não poderia aceitar o envolvimento de quem quer que fosse em sua desgraça. Logo, o sacrifício de Jesus não pode ser configurado no fato de se ter submetido ao flagelo e à morte às mãos de seus amados irmãos. Devemos buscar compreender o sacrifício crístico não na morte, mas na vida. Jesus, espírito supremo, sob a responsabilidade de quem estão vastos círculos universais, sofreu pelos homens a desdita da carne, da vida em condições adversas para a excelsitude de sua configuração espiritual. Sua morte foi acidental no percurso traçado para que fornecesse aos encarnados a boa nova, o roteiro definitivo que levará os mortais ao cumprimento dos objetivos da vida, sejam quais forem.

Os humanos, portanto, não têm que imitar Jesus, pois sua espiritualidade, seu nível de evolução é mesquinho em cotejo com o do Mestre. O homem necessita do encarne para progredir; Jesus precisou dele para possibilitar o progresso dos homens. Sendo assim, não se deve ver no roteiro de vida de Jesus o modelo a ser seguido *pari passu*, mas devemos ouvir-lhe a palavra e empenhar-nos por favorecer a que seus ensinamentos se tornem realidade para nós. Nós não temos o mesmo desenvolvimento moral que o Mestre carregou para a carne, portanto, não queiramos imitar o Cristo em seu sacrifício material, pois

incorreríamos no pecado do orgulho, da vaidade, do egoísmo, da superior valorização da pequenez. Cuidemos para que nosso mísero coraçãozinho e nosso pobre intelecto se comprazam em ingerir pequenas doses de amor, de justiça, de paz, para que saíamos desta aventura jubilosos por termos conseguido soffrear a ânsia da luta, do combate, da guerra.

Se tivermos de nos submeter a esse espírito em nós inoculado por milênios de beligerância em todos os setores da estrutura psicossomática, por força das ideias sociais sobre as quais se erigiram as civilizações, que o transformemos em fiel aliado para debelar as forças do mal que nos assediam a cada instante, eliminando o espírito vingativo, destruindo as necessidades do revide, inutilizando os impulsos da inveja, despojando-nos dos anseios da vaidade, arruinando os assaltos da avareza, enfim, desbaratando os vícios que nos prendem em nós mesmos, à vista de nossa incúria, de nossa subserviência e de nosso arrogante desejo de nos igualarmos em direitos a todos os mortais, sem a devida consideração pelos deveres e obrigações.

Se quisermos a paz, devemos cultivá-la primeiro dentro de nós mesmos, para depois exigir dos outros que exerçam esse mesmo direito de fazê-la crescer nas mentes e nos corações, sem sacrifícios injustos para com o dever e sem onerar as vicissitudes de nenhum companheiro de exílio. Façamo-lo por amor a Deus e no intuito de cumprir os ensinamentos de Jesus, dentre os quais avulta a necessidade de *amar aos inimigos, pois aos amigos qualquer publicano é capaz de fazê-lo*.

Respeitemos a vida, antes e acima de tudo, pois assim conseguiremos atingir os objetivos da paz entre os homens.

## ÀS SUAS ORDENS

Aceitamos a doura oferenda de querido irmão médium e propomo-nos a bem aproveitar o ensejo que nos proporciona para envio de informes e comunicados do plano espiritual. Inevitavelmente, nestes momentos de verdadeira euforia por conseguirmos manter lúcido contacto com o plano da realidade terrestre, trazemos as mensagezinhas devidamente preparadas com o selo do consentimento superior.

Hoje, dado o título sugerido pela expressão final da bela prece proferida pelo escrevente, vamos improvisando este introito para ajustar o tema à configuração do roteiro que o título determina.

Falaremos do amor em sua culminância espiritual. Tudo que o homem conhece no campo material deve ser agora esquecido, desde a lubricidade animal pura e simples até as mais afanosas demonstrações da idolatria pueril dos poetas sentimentaloides, chegando ao desfrute espiritual mais consistente dos casais que partilharam a mesma vida na edificação de sólidos lares e na educação dedicada de extensa prole. Esqueça, bom amigo, até as palavras de Jesus, quando propugnou que o homem deve ao semelhante o mesmo amor que dedica a si mesmo, seja amigo ou inimigo. Olvide mesmo o fato de ter Jesus apregoado como máxima lei o mandamento de amor a Deus, como primaz entre todos os atributos das virtudes que deve conquistar o humano ser para flutuar dentro da luz, na busca do reino do Senhor. Esqueça todas as formas humanas do amor, pois seu pobre coração vibra muito próximo da matéria e o amor é a real condição da vida universal, é a lei que mantém o Universo em existência, é o supremo bem a que se possa aspirar, qualquer seja a criatura, qualquer seja o círculo em que se insira.

Imagine-se anjo ou arcanjo. Pois bem, para que a configuração possa aproximar-se da verdade angélica, será preciso conceber o amor do ponto de vista deles. Como você acha que os anjos amam? Caberá em sua cabeça concretizar em forma de pensamento, de intuição, de sentimento ou de sensação qualquer percepção do que possa ser o amor angelical? Se você ou eu formos capazes sequer de vislumbrar esse apanágio de divina vibração, essa energia sideral purificada pela excelsitude da virtude quintessenciada, evidentemente, incorporá-lo-íamos à personalidade, pois o que há de mais maravilhoso, de mais despojado, de mais sublime, certamente iria cativar-nos para sempre. Mas nosso nível evolutivo não é capaz de tão elevadas excogitações, elucubrações, intuições ou mentalizações. Nós somos muito pequeninos e nossa capacidade não se desenvolveu a ponto de absorver a sabedoria dos espíritos de luz a quem cabe honrar ao Mestre como corresponsáveis pelo destino da humanidade.

E pensar que esses anjos e arcanjos, em seu esplendor de luminosidade, enxergam acima deles os serafins e querubins, cuja concepção de amor lhes é tão vedada quanto a

sua a nós! E esses seres divinizados, que pairam por sabemos lá que esplêndidas moradas de sabedoria, de conhecimento e de força criativa, teriam a quem mirar e admirar mais acima, onde o amor se transforma em vida e em essência? Para nós é difícil sequer admitir a existência de seres tão elevados na escala evolutiva, que se dirá, então, quanto à possibilidade de sequer intuir a natureza do sentimento do amor inculcado como premissa de existência no âmago mesmo da essência desses seres?!

Deixemos de sonhar, porque, para nós, só na nebulosidade do sentido do irreal, que se preserva na capacidade de criar fantasmas, é que se dá a remota possibilidade de se aceitar, em pensamento, a vida em escala superior.

Nosso dia a dia é de absurda concretude. Lembremo-nos do amor que nos é possível conceber. Desde crianças, recebendo carinho, distribuímos afeto. Apegamo-nos a quem cuida de nós e desenvolvemos a capacidade de retribuição. Quando atingidos por algo que nos molesta, despertamos para o revide. Amamos a quem nos ama, repudiamos a quem nos ofende e nisso se resume a educação afetiva na infância.

Posteriormente, através da adolescência, com o crescimento glandular, desenvolvem-se outros atrativos em relação ao sexo e, portanto, às pessoas, como se nós, nesse período, concebêssemos o amor de forma mais abstrata, embora essencialmente centrado na figura humana que nos interessa. A princípio, o impulso afetivo se encaminha para pessoas muito próximas de nós mesmos, configurando os sonhos de perfeição que acalentamos, quase sempre indefectivelmente semelhantes a nós, pois a imagem do ser amado que projetamos na mente e que realizamos no amor carnal nada mais é do que nós mesmos, ao formato de nossa criação mental e sentimental.

Passado esse prisma assaz egoísta, o amor se dilui por várias pessoas, até concentrar-se naquela que venha a reunir as duas imagens anteriores. Quando achamos a metade da laranja, é o reflexo mais aproximado do amor que sentimos na infância e na criação que elaboramos na adolescência. Eis-nos adultos, diante do amor como compromisso e responsabilidade.

Daí para frente, tudo se transforma em necessidade de manutenção, de sorte que, quando tomamos real contacto com a concepção do amor universal que Jesus nos propugnou, já teremos formada a personalidade, já passamos por diversos entreveros sentimentais, já cristalizamos o pensamento e o poder de mentalização.

No entanto, a vida irá ensinando-nos. O amor não é absoluto, finalmente, pois entramos em contacto com diferentes reações no campo afetivo. Vemos pessoas desarmarem casas montadas, por incidirem em falhas sentimentais. Vemos paixões avassaladoras a programar e realizar desgraças e tragédias. Vemos indivíduos absolutamente indiferentes a qualquer manifestação de calor humano no campo da afetividade. Vemos filhos odiando os pais, vemos pais abandonando os filhos, vemos fratricídios, parricídios e todas as formas de concretização do ódio, o sentimento que se polariza em relação ao amor. E nosso ponto de vista vai solidificando-se, de sorte a constituir-se em forte aparato de resguardo do amor que sentimos e que tememos perder, ao espriar o impulso por pessoas cujas histórias amorosas desconhecemos.

Para amar chegamos ao absurdo de exigir a contraprova do amor do próximo. Como as reações têm a mesma intensidade e sentido contrário, a sociedade passa a ser, indubitavelmente, cadinho em que os ingredientes, ao invés de se acrisolarem, passam a se

rejeitar, de modo a se congregarem em células de poucas moléculas, às vezes até monomoleculares.

E a intuição do amor proposto por Jesus se interna na mente como longínqua, como remota, como ilusória e fantasiosa possibilidade. O amor entre os homens, a boa vontade, a beneficência, a caridade, a justiça e tudo o mais que deveria constituir-se em elementos integrantes da personalidade passa a fazer parte tão só de bem montado arcabouço intelectual, como se formasse algum mundo isolado, bem consolidado nas bases argumentativas, bem posto e acabado como fruto de exponenciais inteligência e imaginação, mas fictício, imponderável e, por isso, impossível de conseguir transformar-se na realidade de cada dia.

Na verdade, a amor de que somos capazes se torna limitado por nossa contenção e formação. Jesus desejou imprimir novo curso a essa manifestação humana natural, falando a todos da necessidade do amor para o progresso, para a evolução, mas nós fazemos ouvidos moucos e não nos esforçamos para bem compreender os elevados objetivos do Mestre. É estranho que assim procedamos, quando nos sabemos filhos de Deus e reconhecemos na criação puro ato de amor. É estranho que, mesmo meditando profundamente a respeito da necessidade de evolução, nos recusemos a admitir para nós qualquer abertura sentimental que possa abranger mais do que os círculos dos familiares, mesmo assim mesclando momentos de ternura com angustiosos instantes de desprezo e de repulsa. É estranho que concebamos o Universo como reflexo da pureza de Deus e como fonte de inspiração para nossa concepção do Senhor, a quem atribuímos as virtudes como essência absoluta de sua existência e a quem colocamos como nosso objetivo final a atingir, e não procedamos em harmonia com esse pensamento. É estranho, finalmente, que, pretendendo para o mundo interior a aquisição de todos os valores morais relativos à perfeição a que todos propendemos, nada façamos para superar as crises de identificação desses princípios no mundo tangível, onde devemos perpetrar os atos em consonância com os atributos da personalidade ideada, mas, sempre e sempre, refletimos no campo da matéria aquilo que realmente somos, sem censuras, sem restrições, sem modificações a favor do aprimoramento da conduta, no sentido de nos movimentarmos na direção do que nos dispusemos a aceitar como absolutamente imprescindível para a consecução dos reais objetivos da vida. Em suma, é estranho que tenhamos tantas qualidades intelectuais, mas sufoquemos as mais puras tendências emocionais, sempre que se definam necessidades de ampliar os sentimentos, segundo a orientação dos conceitos que fomos capazes de inculcar na mente. O homem deseja voar como os anjos, mas não conseguirá, se desenvolver apenas uma de suas asas.

Esperamos que esta longa dissertação possa servir para auxiliar no despertar do leitor para esse fato que se constitui em uma das principais preocupações dos mentores, qual seja, o bloqueio dos sentimentos.

Seria, agora, de se esperar que desenvolvêssemos o tema da superficialidade dos achaques emotivos que soem ocorrer no mundo feminino ou daquelas criaturas hermafroditas espirituais, mas cremos que o arguto leitor tenha percebido que tratamos do sentimento com profunda seriedade. Se a alguém possa parecer que certas melifluidades se constituam em preocupações para os orientadores, pode acreditar que incide em lamentável equívoco.

O amor de que tratamos é aquele que se exaure na consciência equilibrada de quem não se situa mais nos planos do egoísmo, do orgulho ou da vaidade. O amor que se espera ver dominar o coração humano é aquele que dá ao homem a condição de se integrar no Universo, como parte consciente dele, em profundo respeito ao ato da criação e em total consonância de vibração com a pureza cósmica, que paira acima das individualidades. O amor de que tratamos significa a mais perfeita harmonia com o Senhor. O amor de que tratamos é aquele que, diante de Deus, é capaz de exclamar em êxtase da mais profunda compenetração da verdade: — *Faça-se em mim segundo a vossa vontade!* O amor de que tratamos é aquele que nos leva a exclamar, diante dos semelhantes: — *Eis-nos aqui, às suas ordens* —, sem exigir nada mais que a mesma consideração e respeito, sem aguardar nada mais que a mesma onda de amor.

## A CARIDADE

Bom amigo, eis-nos de novo para tratar de mais um tema de largo espectro dentro dos ensinamentos evangélicos de Jesus: a caridade.

Dentre os diversos corolários da lei maior da justiça, avulta a caridade como sendo um dos aspectos mais importantes que deve formar a personalidade dos indivíduos que aspirem, desde logo, a adentrar o reino de Deus. Aliás, deveríamos dizer mais, ou seja, que, sem agir segundo os preceitos da caridade, ninguém conseguirá ascender ao nível seguinte da escala evolutiva em que se encontra. Imaginemos, somente para argumentar, que o espírito avance na escala evolutiva até os setores de luz em que se encontrem entidades angelicais e pretenda seguir avante por meio de muito esforço na linha dos estudos. Não conseguirá, porque, se o adiantamento conceitual é importante, é imprescindível, da mesma forma o é o trabalho realizado em prol do irmão necessitado com plena consciência de que se deve promovê-lo sob o sentimento do amor, na mais rigorosa conformidade com os princípios que regem a caridade.

Infantil seria de nossa parte se supuséssemos que a só exortação iria demover a quem quer que seja a praticar atos caridosos. Sendo assim, julgamos inútil incentivar o leitor a essa prática, embora, reconheçamos, seja essa a necessidade maior do espírito que almeje evoluir. É que, para que as pessoas se abalancem ao ato, é preciso que se compenetrem do valor e da necessidade dele. Muitas pessoas sequer imaginam que precisam evoluir, que dirão, então, se lhes pedirmos que ajudem o irmão atrasado na senda do Senhor?!

O que podemos fazer é confiar em que cada leitor esteja munido de boa vontade, como demonstra o fato de vir acompanhando este arrazoado até aqui, sendo, portanto, capaz de prestar o auxílio que lhe solicitam quantos sofredores veem nele o arrimo para superação dos infortúnios. Confiamos ainda mais: em que o amigo esteja praticando a caridade em alguma de suas formas, desde a manifestação do desejo de vibrar intimamente em favor dos sofredores, até o mais arrebatado gesto de total desprendimento material, no qual incluímos a dedicação de largo tempo disponível à assistência dos pobrezinhos cativos nos leitos dos hospitais, nas celas das prisões, na angústia do desespero, no cárcere da dor, nas ruas da miséria.

Se assim não for e se o inadvertido leitor rola insone em leito de riquezas, sem coragem para sair à procura do amigo a quem dedicar atenção, rogamos que suspenda a leitura neste próximo ponto-final, e vá em busca do irmão necessitado mais próximo para oferecer-lhe o lenitivo de uma prece, o esforço de um conselho, a migalha de uma esmola, o quer que seja possível para iniciar-se a caminhada que jamais cessará. Não queira

acompanhar-nos pelas linhas que faltam, pois mais nada que pudéssemos dizer teria qualquer importância, diante da que teria o ato de amor e socorro para proveito da alma.

Pois vamos prosseguir endereçando-nos aos que corajosamente reconhecem que agem consentaneamente com os ensinamentos cristãos.

Para você, querido confrade, pequeníssimo roteiro de atitudes que, sabemos, servirá tão só de lembrete para confrontação com o que vem praticando.

Em primeiro lugar, a prece comovida em favor de cada parente, amigo e familiar. A lembrança doce e agradecida pela presença de cada um deles em sua vida ou pela ausência sentida e saudosa. A prece pela vida e pela compreensão das divinas leis, o reconhecimento do bem que se recebe e das bênçãos do amor de que se sente alvo. O agradecimento pela prova e pela possibilidade de realizá-la, bem como pela ajuda que nos é dada pelos amigos e pelos adversários gratuitos, em ambos os planos da realidade. O pensamento sublime voltado para o Criador, pelas luzes, pelo conhecimento, pela sabedoria, pela verdade e pelas virtudes que possuímos.

Em segundo lugar, a leitura sábia, atenta, compenetrada, proveitosa dos textos sagrados do espiritismo, a principiar pelos comentários aos *Evangelhos*. O recurso dos amigos em grupos de estudos organizados segundo princípios rígidos, para que possa haver real proveito, o que se comprovará toda vez que percebermos não mais estar pensando como antigamente, ou agindo conforme hábitos velhos, mas de acordo com as recomendações encontradas nessas obras de apoio ou através das palavras da amizade e da confraternização.

Em terceiro lugar, o assento junto a honesta mesa do socorrismo fraterno mediúnico, após, evidentemente, integral participação em todas as fases da preparação e do desenvolvimento da potencialidade exigida para tal tarefa, incluindo a aquisição de diversos hábitos de elevado teor moral, como o respeito aos direitos alheios, a comisseração leal e desinteressada com relação aos que apresentam problemas de ajustamento material ou espiritual, a benevolência, a paciência, a afeição ao grupo e ao trabalho por ele realizado, a inteira anuência aos padrões estabelecidos com rigor pela administração da casa e demais itens que promovem a real e devotada contribuição de quantos desejem partilhar das sessões em que o plano espiritual é invocado.

Em quarto lugar, o trabalho junto aos enfermos, aos necessitados de todo tipo, qualquer seja o ramo de atividade que lhe seja designado pelos orientadores da assistência social e educativa. Se for para arrecadar fundos, participe com o mesmo entusiasmo do momento em que o fruto do trabalho, transformado em alimento ou agasalho, é doado para o sorriso de quem recebe. Acredite que, nesse momento em que você se doa, certamente também estará sendo alvo dessa mesma doação. Quanto mais sincera, altruísta, carinhosa e fraternal, maiores serão os bens que lhe reverterão à alma, na forma de força energética captada e condensada no fundo da consciência. Nada faça, porém, com o intuito de ser reconhecido, de ser agraciado, de ser atendido em graças especiais. Não dê à atividade qualquer conotação de serviço a ser pago. Dessa forma, poderá, de modo puro, transformar o ato caritativo em resgate definitivo dos débitos que todos temos. Não ajamos interesseiramente, que os nossos reais interesses serão atendidos.

Em quinto lugar, vem a divulgação da doutrina. Aproveite quanto possa os mínimos contactos que tiver com pessoas que ainda não foram despertadas para os conhecimentos

espíritas. Só fale de viva voz se for convidado. Prime pela exemplificação nos atos mais simples e corriqueiros. Transforme-se em modelo de afabilidade, de serenidade, de franqueza e de alegria. Demonstre que a vida vale a pena e que sua passagem pelo orbe está realmente cumprindo os objetivos a ela consignados. Evidencie sua conformidade com os desígnios de Deus e torne tudo bastante fácil, de modo que as pessoas possam sentir-se seguras, protegidas e reconhecidas, quando estiverem ao seu lado. Elimine o natural azedume de quem sabe que muito tem ainda pela frente e ostente os trunfos dos deveres cumpridos, dos serviços executados. Retire do rosto qualquer máscara de sofrimento e vista o sorriso mais satisfeito de quem se reconhece verdadeiramente filho de Deus. Transforme a vida em aventura digna de ser partilhada por todos e vibre intensamente pela felicidade de poder usufruir essa maravilhosa oportunidade de progresso. Você fará mais pelo espiritismo que todos os livros que possamos editar. Um sorriso franco e leal seu vale por mil mensagens que possamos escrever. Seja você mesmo o porta-estandarte da fé que, de repente, terá atrás de si multidão de adeptos a seguir-lhe os passos decididos e confiantes.

Em sexto lugar, deverá acrescentar tudo aquilo que deixamos de consignar por esquecimento, por inadvertência ou por desconhecimento. Cada item acrescido faça acompanhar de avaliação: *Até que ponto pratico aquilo que acrescentei?* Dessa reflexão, dessa meditação, dessa internação nos domínios da consciência, deverá aflorar o verdadeiro indivíduo que você é. Aí, com todo o cuidado, diante das prováveis falhas, já que ninguém é perfeito, caritativamente, sem recriminações ou castigos para a culpabilidade revelada, de si para consigo mesmo, prometa melhorar os aspectos deficientes, através de procedimento sereno, inteiramente fundamentado nos ensinamentos do Senhor. Dessa análise provavelmente resultarão alguns serviços a fazer, alguns trabalhos a concluir; será hora de perolustrar de novo, item por item, os seis passos do roteiro, pausada e responsavelmente, até volver ao ponto de novo perquirir íntimo, recomeçando o ciclo, que perdurará por quanto tempo lhe restar na vida, até o momento em que tudo se dê absolutamente segundo proceder automatizado, instante em que se saberá que tudo que se está fazendo advém de imprescindível necessidade consciencial, pois tudo lhe estará, infalivelmente, fazendo parte da personalidade.

Se não fosse faltar com o dever da caridade, poderíamos, nesta altura da dissertação, perguntar ao amigo leitor:

— *Que está você fazendo aqui? Ore a sua prece de agradecimento habitual e deposite o livro na estante, pois está na hora de praticar o bem, sob a bondosa assistência do Senhor. Vá com Deus!*

## 20.º Relato — CORDIALIDADE INESPERADA

Eu sou um lunático perigoso. Sei que sou e aviso a todos que sou. Assim mesmo, sempre existem aqueles que me enfrentam e que deixo, invariavelmente, estendidos no solo. Durante a vida, já era louco. Depois que morri, não foi diferente. Se estou dando a impressão de controlado é porque as forças que tenho neste instante são de empréstimo. Não queiram me ver sem estes laços de ternura e afeto com que me prenderam.

Estão dizendo-me que sou capaz de reconhecer a *ternura* e o *afeto* e, portanto, não sou tão desmiolado assim. É verdade que muitas vezes finjo acessos de loucura, já que sou conhecido e temido por causa disso e sei bem que medo provoco em todo mundo. Sinto que aqui onde estou não há frêmito algum com minha presença. Aliás, eu é que senti um pouco de medo quando cheguei. Agora estou vendo que tudo é muito pacífico e calmo. Existem alguns que me olham de soslaio, mas estão tão presos e contidos quanto eu. Esses tremem um pouco, não de medo, mas por causas diversas, como me demonstram os que estão trabalhando comigo.

Chegou a hora de saber por que estou aqui. É para me conduzir para o mundo da luz, como afirma um dos doutrinadores (o termo ele me revelou). Pois bem, em que consiste isso? Devo abandonar as correrias. Que vantagem levo? A de que o sofrimento ficará amenizado. Acho muito bom. Que devo fazer? Reconhecer as faltas praticadas. Que são faltas? Tudo que prejudicou a alguém ou que representasse algo que não queria que fizessem comigo mesmo. Aí a coisa ferve. Se ficar o dia inteiro falando ou *escrevendo*, não conseguiria contar tudo o que fiz. Querem que resuma.

Pois bem. É para falar a verdade? De preferência. E se mentir? Correrá por minha conta e será prejuízo que causarei a mim mesmo, pois a ajuda possível de ser dada será em função da verdade da narrativa; se narrar a menos, o auxílio será insuficiente; se narrar a mais, o apoio será improdutivo. Não tenho saída. Vou contar exatamente o que fiz. Mas peço para que nada venha a ser escrito. Concordam comigo, desde que permita que tudo possa vir a ser comentado. Desde que sem referência à minha pessoa. Todos de acordo. Então vou deixar que se escrevam alguns trechos do meu relato.

Sou criminoso julgado pela justiça dos homens. Alguns crimes que confessei não fui eu quem praticou, mas a maioria, sim. Confessei falsamente para proteger criminosos conhecidos meus, amigos do grupo. Como já fora condenado à prisão perpétua, um pouco a mais não faria diferença. Os amigos ficaram contentes na hora. Outro dia, encontrei um que estava furioso comigo, pois a pena aqui foi muito mais pesada que se fosse condenado pelos encarnados.

Peço ao escrevente que vá adaptando o vocabulário, uma vez que minha instrução não é boa.

Pois bem, entre os meus *pecados*, ou seja, crimes de que me arrependo, está a morte de meu irmão e de meu sogro, tudo de uma vez. Foi a partir dessa ocasião que me internaram no manicômio judiciário, pois nem os médicos acreditavam que alguém são pudesse praticar as atrocidades que pratiquei. Foi lá que vi as vantagens dos loucos, mas fiz tanta ruindade que me mantinham sempre na cela forte.

Um dia, fugi e apavorei toda uma cidadezinha do interior. O que eu queria era acabar comigo mesmo, mas não tinha coragem, então, punha fogo nas casas, assaltava as lojas, assustava as mulheres. Nunca fiz mal ao sexo de nenhuma, pois era impotente. Nunca também ataquei nenhuma criança, só o filho do patrão que arruinou minha família. Eu não trabalhava, mas minha irmã sim e foi ela quem foi desgraçada pelo infeliz.

Agradeço as mudanças das palavras, mas esse não é um dos meus *pecados*, porque, se eu pegasse o moleque ainda agora...

Não me deixam concluir o pensamento, porque, me dizem, estou atrapalhando a transmissão com minha vibração negativa.

Pois bem, eis aí o resumo de minha história. Como morri? Baleado, naturalmente, mas não foi pela polícia, foi pelo pai do rapazelho. Que fiz depois? Bem, acho que o que era possível do lado de cá para desferrar-me do infelizmente assassino. Persegui o filho dele por toda parte, e a toda a família. Sufoquei o ódio, quando soube que estavam arrependidos, mas não perdoei nenhum dos dois.

Depois precisei combater muito na escuridão do Umbral — pensei que fossem as antecâmaras do Inferno. Não eram demônios que me perseguiam querendo arrastar-me para as profundezas? Eram espíritos como eu? Por isso é que muitas vezes fugiam diante de minha reação. Então, eu me enganei. Quem eram esses espíritos? Pessoas que prejudiquei e que não me perdoaram.

Desculpe a forma de pergunta e resposta, mas estou impressionado com o rumo que a conversa está tomando.

Eu não sabia onde estava. Às vezes, achava que era o Purgatório, outras vezes, que estava perdido em alguma região cavernosa, mas sempre com medo de ser arremessado no Inferno. Esse era o meu inferno?

Que vai ser de mim agora? Se eu quiser, serei encaminhado para um hospital. De loucos? Não, para tratar do corpo. Mas meu corpo se desfez na sepultura. Este que estou vestindo e que se encontra em frangalhos. É verdade. Como vai ser possível isso? Foi bom ter perguntado, pois eu é que vou indicar o caminho.

Curiosa situação! Vou ter de colaborar para ajudar os outros a me ajudarem. Existe isso? Pensei que tudo fosse maldade em toda parte. Vou ter de sofrer muito ainda, mas nada que seja insuportável. Ainda bem, pois agora posso dizer que as dores me moíam a cabeça e eu não conseguia ter sossego. Quando aqui cheguei, parecia que tinha entrado no Paraíso. Está muito longe. Que pena!

Estou disposto a colaborar. Que devo fazer? Voltar a contar as peripécias para os companheiros que irão acompanhar-me. Só isso, por enquanto? Ouvir a prece que se fará e repeti-la, se for capaz. É fácil. Agradecer o escrevente. Está feito. Já tratei com ele e ele me entendeu.

## Comentário

Curiosíssimo é o caso do irmão sofredor. Tudo que nos disse corresponde exatamente à realidade dos fatos. Embora nem tudo tenha sido escrito, o que foi serviu para caracterizá-lo como dos mais rebeldes, entretanto, acedeu com boa vontade a todas as recomendações e, espírito prático, logo intuiu que não poderia perder esta oportunidade de progresso.

Algo deve haver subjacente à sua personalidade que tenha ficado camuflado neste período em que praticou as maiores barbáries, chegando mesmo a sugar o sangue das vítimas ainda vivas. Fantasou-se de vampiro e desejou transformar-se no próprio Conde Drácula. Segundo os padrões terrestres, qualquer seja a linha psiquiátrica, teria sido categorizado como demente, no entanto, fazia tudo com extrema clareza intelectual, chegando a seccionar os membros das vítimas com perfeição técnica do mais hábil cirurgião.

De onde lhe proveio o espírito da criminalidade? Certamente não do desequilíbrio mental. Vai ser preciso vasculhar-lhe os guardados da memória transcendente da última encarnação para configurar, com precisão, de quem se trata e quais os recursos a serem utilizados para encaminhamento da cura. Tememos que muito e muito precisará ser feito.

Quanto a protetores que tivessem interesse pelo seu restabelecimento, não apareceu nenhum. A sua condução para nós se deu no instante em que topamos com ele lamentando o fato de se ter deixado levar pela presunção de que a loucura seria o melhor remédio para os males. Esse instante de lucidez foi suficientemente forte para a inquirição da possibilidade de receber ajuda.

Parece que o tempo que decorreu da última encarnação deve ser contado por alguns séculos. O médium quer saber do *manicômio judiciário*. Pois se configura para nós que era cárcere monástico e que a tradução é que deve ter sido falha. Releia o texto e veja se ocorrem mais dúvidas.

.....

Enquanto relia o texto o médium, fomos em busca de maiores informações. O assistido, realmente, apresenta sérios distúrbios mentais. Nossa intuição estava correta quando percebemos que sua peregrinação pelas trevas tivera sido prolongada. É que, em seu desvario, durante certo tempo, obsidiou o espírito de antigo desafeto em recente encarnação, tendo assumido a identidade do infeliz, que perpetró vários crimes, tendo, inclusive, sido baleado e morto da forma descrita pelo amigo. Por isso, não fomos capazes de detectar as vibrações correspondentes às mentiras; é que o coitado vivenciou tudo como se tivesse ocorrido consigo mesmo. Como se vê, seu espectro moral é extraordinariamente complexo. O fato dessa identificação ter-se dado a nível consciencial não inutiliza o relato feito, mas, como se pode ler no texto colhido, exigia-se dele, ao se retirar, nova narrativa de sua peregrinação, pois os elementos não estavam encaixando-se.

## Explicação

Agradecemos a boa vontade do médium e pedimos escusar-nos por termos utilizado o aparelho para caso que, talvez, não ofereça interesse para publicação. Se assim for, perdoe-nos, pois sabemos que sua destinação íntima é para o apanhado de casos elucidativos, que possam auxiliar os leitores na compreensão da existência. De qualquer forma, o trabalho completou-se no momento em que pudemos encaminhar o amigo para as turmas da retaguarda. Esperamos que isto o satisfaça.

Quanto à informação de que outros amigos estivessem presentes, sendo contidos pelos cordames de *ternura* e *afeto*, conforme descreveu o sofredor, é bem verdade, mas a eles dedicamos a parte da doutrinação, de sorte que, à vista do que ocorreu com o outro, puderam perceber que receberiam toda ajuda possível. Não seria justo esgotar as reservas fluídicas do médium, quando o serviço não pedia isso.

Gratos lhe ficamos e despedimo-nos contentes por mais esta tarde profícua. Fique com Deus e não se esqueça das preces habituais.

## O CAMPO DA SEMEADURA

Existe belíssima lição de Jesus a respeito do semeador, da semente e do campo em que é feita. Belíssima a parábola, profundo o ensinamento.

Como está sendo preparado por você o campo da semente? Tem afastado as pedras que ressecam as sementes? Tem extirpado os espinheiros que sufocam as tenras plantinhas, impedindo-as de crescer e frutificar? Tem arado solo duro e improdutivo, fertilizando-o com o necessário adubo para facultar às sementinhas o acesso aos nutrientes de que se servirão para vingarem e produzirem? Ou tem desleixado, obstando ao semeador o seu trabalho, desiludindo-o do próprio mister?

Como vai o clima do coração? Está enregelado de sorte a não dar à semente possibilidade de desenvolvimento, ao mesmo tempo que favorece às aves famintas das viciações a faculdade de arrancá-las, para delas se alimentarem vorazmente? A estiagem tem sido a norma, de sorte que as sementes se expõem à cupidez dos famintos abutres dos vícios e das turbulências? Dão-se rajadas de vento que impulsionam as nobres palavras para longe, impedindo de serem agasalhadas pela emotividade?

Falemos claramente, sob o risco de afrontar as lições evangélicas: tem você sido suficientemente bom, honesto, caridoso, altruísta, de molde que seu coração seja o campo maravilhoso, a terra fértil e bem cuidada, em que as sementes da Boa Nova vicejam, crescem, frutificam e propiciam a todos o alimento de que necessitam para progredir?

Dois mil anos estão passando-se desde que o Cristo deixou sua mensagem. Durante todo esse tempo, inúmeras foram as pessoas que se conduziram de acordo com a recomendação do Mestre e puderam safar-se das vilezas e dos tormentos do desespero que os crimes provocam ao serem resgatados. Mas os homens não se satisfizeram, de maneira geral, com o tipo de trabalho propugnado, na esperança de que, por acaso, alguma sementinha pudesse vir a brotar à revelia mesmo de seu interesse ou no intuito de se aproveitarem do campo bem cultivado pelo vizinho, não lhes importando o preço a pagar pelos frutos por ele colhidos. Os homens fantasiam o poder de superação e minimizam a própria incompetência, de modo que, à vista do que fazem no campo material, pensam poder fazer também no moral e no espiritual.

Até bem pouco tempo atrás, a terra era cultivada de modo rústico, aliás como se faz até hoje em certas regiões do globo. Mas o homem teve a oportunidade de inventar máquinas poderosas e de aperfeiçoar sobremodo a qualidade das sementes, incrementando de modo inteligente as técnicas de cultivo do solo. É bem verdade que os interesses subalternos os levaram a grandes dizimações de florestas, a empobrecimento e destruição de enormes extensões de terras antes férteis, ao desenvolvimento de condições superiores de sobrevivência e de crescimento de inumeráveis pestes, na área das ervas

daninhas e dos insetos perniciosos, ao envenenamento das águas e dos solos, o que encurtou a vida de muitos, através da ingestão de alimentos contaminados, e assim por diante.

Não queremos implementar novos argumentos à figura utilizada pelo Cristo, mas, certamente, ele mesmo o faria se viesse hoje, de novo, estimular-nos o pensamento a respeito da vida frutuosa e produtiva através da imagem da sementeira do campo.

Como você tem arado o solo? Tem adquirido a maquinaria necessária, ou seja, tratores, debulhadores, restelos mecanizados e outros apetrechos da moderna tecnologia? Tem organizado o rodízio das culturas através de roteiro eletrônico computadorizado, após minuciosa análise do solo e do clima? Tem-se orientado pelo estudo do mercado consumidor para prevenir-se de qual o melhor produto para colocação à venda, tendo em vista o grau de produtividade em relação à possibilidade do lucro?

Pode parecer-lhe que estejamos dando vazão tão só à figura, sem nada acrescentar, a não ser os aspectos inerentes à segunda parte da comparação, sem fomentar novos atributos aos que Jesus relacionou; mas não é bem assim. Se o amigo se deixar levar pela fertilidade da imaginação, poderá perceber que o espiritismo trouxe a ajuda que faltava aos primitivos métodos de arrotar o solo, de plantio, de adubação e de colheita. O espiritismo significou o avanço metodológico que faltava para o cultivo do solo da alma.

E você, bom amigo, tem-se utilizado desses modernos recursos para mais rapidamente colocar o coração em condições de produzir para consumo próprio e para agasalho alimentar de seu círculo de influência? Como se tem utilizado do trator da reencarnação? Como tem selecionado as sementes pelas leituras edificantes? Como tem efetuado a sementeira com as técnicas da mediunidade? Como tem usado a colheitadeira do amor através da expansão das dádivas e através da aplicação do tempo? Que proveito tem tirado dos recursos avançados da divulgação dos benefícios por meio da prática do bem e da palavra impressa? Em suma, que lhe tem proporcionado o espiritismo de que você se aproveite para dar à parábola de Jesus moderno significado?

Ainda agora está aguardando que o vizinho produza para você usufruir-lhe a colheita em benefício próprio e à custa de qualquer preço que possa vir a ser cobrado? Pensa ainda que alguma sementinha possa brotar ao léu em seu terreno ou já se convenceu de que deverá trabalhar para fazê-lo produtivo? Estas perguntas estão a incomodá-lo ou você se tem especializado em deixar as ferramentas enferrujarem-se, enquanto as sementes apodrecem nos celeiros? Gostaria de receber mais alguma orientação ou lhe bastam as que de há muito lhe estão sendo fornecidas nos almanaques esclarecedores dos mensageiros do Senhor?

Quem sabe as instruções não sejam elucidativas e seria melhor esperar mais dois mil anos para que os métodos de plantio sejam ainda mais avançados, de sorte que fiquem mais facilitados os trabalhos. Acredita nisso? Como espera estar daqui a dois milênios? Será que terá a mesma disposição atual, ou seja, nenhuma no que se refira ao cultivo da terra e ao plantio das sementes?

Para muitos, a simples palavra do Cristo bastou como revelação da verdade. Para outros mais, a terceira revelação trouxe a luz definitiva para a salvação e a recuperação dos valores perdidos. Para quem essas normas não foram suficientes? Esclareça-nos pensando em si mesmo e não naqueles que você categorizaria como delinquentes, assassinos,

ladrões, preguiçosos, relapsos, inconformados, rebeldes, odientos, nojentos, pecaminosos, incautos, ignorantes, insensatos, perniciosos, agressivos, imorais, injustos, ingratos, orgulhosos, egoístas, vaidosos, invejosos, intolerantes, impacientes, jactanciosos, imprevidentes, sagazes, astuciosos, procrastinadores do serviço...

Bom amigo, eis-nos aqui no intuito de sermos servos de sua gleba. Se achou que nos faltou espírito de solidariedade e de comiseração, que agimos sem compaixão e com altanaria, que nos claudicou a devida caridade e que não demonstramos qualquer resquício de amor, pedimos-lhe encarecidamente que empregue para conosco toda a sua capacidade de perdoar. Mas se nos agradecer a ousadia de ter vindo expor, tamanho real, o retrato de seu caráter, interessando-nos de modo verdadeiro e leal pela possibilidade de lhe facultar a transformação de sua imagem, no sentido de evidenciar-lhe alguém apto a ganhar o reino de Deus, aí ficaremos ufanos do trabalho e poderemos dizer que cumprimos o nosso dever, ou seja, que aramos devidamente o solo, que arroteamos a terra, fornecendo-lhe o competente incremento orgânico para facilitar a sementeira, a germinação, a florescência, culminando todo o trabalho com a proveitosa colheita do fruto mais saudável e delicioso. Daremos hosanas ao Senhor e nos prontificaremos a prosseguir no serviço, cientes de que outras sementeiras faremos igualmente profícuas, de modo a não termos de esperar mais nenhum avanço tecnológico para que o campo possa ser eficazmente semeado.

*Equipe da Luz*, pelo orientador Augusto, que se responsabilizou pela imantação e pela transmissão do texto produzido pelo grupo.

## Comentário

O trabalho transcorreu de modo muito proveitoso, embora, reconhecemos, a contextura da mensagem tenha deixado muito a desejar. Mas tal fato não nos preocupou, pois queríamos deixar impresso escrito bem sugestivo do quanto todos temos de melhorar para atingir a perfeição do texto bíblico da palavra de Jesus.

Somos tão pequeninos diante do Mestre que ainda não entendemos bem por que razão nos possibilitou ele a terceira revelação, quando não temos sequer noção de como empregar os apetrechos que nos forneceu em seu evangelho de amor. Acreditamos que a utilização da palavra do Cristo tenha sido desvirtuada pela falsidade religiosa dos que dominaram as instituições oficiais e as igrejas universais. Sendo assim, o espiritismo veio para nos lembrar o cristianismo primitivo e, se utilizamos os meios mais modernos, é para que tenhamos possibilidade de relembrar os antigos recursos, pois nada que se espera de nós não se contém nos ensinamentos de Jesus.

Estamos esclarecendo este ponto para não se pensar, pela metáfora que utilizamos na mensagem, que a terceira revelação possa ter vindo anular o evangelho. Sabemos que tudo parece ter ficado absolutamente claro e só quem se utilizasse de malícia ou má-fé

poderia ver outra coisa, mas, mesmo assim, reiteramos o pensamento, para que nenhuma sombra possa pairar no espírito de nosso querido leitor.

Era o que tínhamos. Agradecemos-lhe a boa vontade, irmãozinho, e continue empenhando-se nos trabalhos de todo dia. Essa a sua missão. Cumpra-a com diligência, que terá o amparo das forças da espiritualidade superior. Fique com Deus!

## 21.º Relato — O QUE O DINHEIRO NÃO PODE COMPRAR

O gesto não está atrapalhando mas a postura mental, sim. Eu não vim até aqui para ser ridicularizado por ninguém e você, pedindo *luz* para os protetores para oferecer aos amigos que estão chegando, ofendeu-me muito, pois eu sou dos mais sabidos que já apareceram por aqui. Venho em nome de Deus, que me permitiu revelar muitas coisas aos pobres mortais. Durante meu último encarne, frequentei as aulas nas melhores escolas e hoje posso dizer que meus conhecimentos se ampliaram sobremodo. Veja que bela palavra: *sobremodo*, quer dizer que foram muitos, estando agora deveras avantajados. Pobre seria se não soubesse reconhecer a minha própria capacidade. Veja que bela letra possuo: clara, precisa, lógica, coerente com o meu saber; grande e poderosa para dar ao leitor a exata ideia da magnitude, da grandiosidade de meus conhecimentos em todas as áreas do saber humano e espiritual.

Vou descrever minha vida, para demonstrar o meu progresso.

Eu nasci em berço de ouro; a fortuna de meus pais contava-se em vários milhões. Se transformada em valores atuais, daria para comprar prédios de diversos andares, podendo enchê-los todos de moedas. Perguntam-me se poderia enchê-los de ouro. Evidentemente não. Vocês acham-me tolo ou simplesmente não estão acreditando em mim? Pois vou continuar.

Desde pequeno, fui acostumado a dormir com as criadas, de modo que bem cedo pude conhecer os prazeres sexuais.

Se o escrevente continuar vigiando os meus termos, vou suspender o relato. Eu bem sei empregar conceitos morais elevados e, por isso, não vou desandar a terminologia.

Pois bem, o fato de ter tido enormes facilidades com as mulheres, pois sempre as comprei a peso de ouro, não me importando com as quantias gastas, fez com que me desiludisse do casamento e, por isso, não constituí família. Foi o desespero de meus pais, já que eu era filho único e não teria herdeiros a quem deixasse a administração da fortuna.

Isso desequilibrou minha família, fazendo com que minha mãe tentasse engravidar com idade avançada. Meu pai não admitia a hipótese de eu me recusar a ter descendentes e, já octogenário, viúvo recente, contraiu novas núpcias na tentativa, aliás frustrada, de conseguir outro rebento a quem deixaria a fortuna.

Da minha parte, não admiti a situação e exigi do velho que fizesse claro contrato matrimonial para não vir a ser espoliado. De nada adiantaram os meus rogos e vi-me forçado à atitude extrema de eliminar a minha madrasta, para evitar a dissolução da riqueza. Infortunadamente, o crime que programei incluía a morte também de meu pai, pois fiz com que o casal despencasse de alto rochedo, em estrada ínvia, para o que

desajuste os freios do automóvel em que viajavam frequentemente, sempre com a jovem a dirigir.

Meu pai era um pobretão espiritual cujo único interesse na vida era o dinheiro.

Eu não pensava nem sentia como ele, porque gostava de viver bem, no meio de muito luxo, cercado de pessoas inteligentes, comprando só artigos muito caros, inclusive as obras de arte dos artistas mais afamados. Lia os livros da moda, mas não me esquecia dos clássicos, para o que contratava professores para me explicarem o valor de cada obra.

Sinto que tudo isso tenha passado como fogo-fátuo e tenha terminado o meu poder, no momento de minha despedida. É verdade que, ao morrer, deixei bem formulado testamento, incentivando a criação de entidade capaz de manter intactas as propriedades, de sorte que meu último ato de vida foi realmente caritativo, havendo várias cláusulas que protegiam o ensino e a pesquisa e outras que destinavam os lucros a instituições de assistência, sob a vigilância de grupo administrativo superiormente remunerado, para que a fundação pudesse manter o nome da família por milênios, se a civilização humana conseguir subsistir por tanto tempo.

Essa foi a fórmula que inventei para aplacar os remorsos por ter suprimido a vida de meu pai, crime que não foi descoberto pelas forças policiais mas que me atormentou pelo restante dos meus dias, especialmente porque eu era sensitivo, capaz de ouvir as acusações que me faziam no fundo da consciência.

Ao encontrar-me aqui com meu progenitor, verifiquei que me perdoara desde logo e percebi que a perseguição de que fui alvo foi por ter-me deixado apanhar nas malhas de espíritos maldosos que infestavam a família da jovem que foi o objeto principal do desavisado gesto. Aliás, essa perseguição ainda não cessou, apesar de decorridos cerca de oito anos do meu desencarne.

Hoje não estão aqui mas, certamente, ao sair, irei encontrá-los. O que faço para afastá-los de mim é oferecer-lhes dinheiro, muito dinheiro, pois eu lhes prometo que reencarnarão como administradores de minha fortuna na Terra. Como todas as tentativas dão em nada, voltam cada vez mais furiosos, ficando as tratativas cada vez mais difíceis e penosas.

Quanto à minha mãe, ainda não tive oportunidade de encontrar-me diretamente com ela, mas tenho recebido sua visita espiritual, pois não me sai da cabeça sua imagem, sempre procurando consolar-me e pedindo para eu rogar ao Senhor a suspensão de minha pena.

Eu não rezo porque temo perder a oportunidade de voltar à Terra como presidente da fundação que criei justamente com essa finalidade. Eu sabia da reencarnação, através das muitas leituras esotéricas que fiz, e vários magos me prometeram a possibilidade de me fazer voltar à Terra, toda vez que quisesse, na figura que achasse melhor, desde que não cedesse aos rogos de quem intentasse desviar-me do objetivo.

Várias vezes estive visitando mulheres em condições de engravidar, para ver se me aceitavam no ventre, para facilitar aos orientadores o meu retorno à companhia que me elevará à presidência, mas até agora nenhuma atendeu ao meu pedido, mesmo com a oferta de grandes quantidades de dinheiro e imenso prestígio.

Acho que existe alguém impedindo a realização de meus desejos, tanto é assim que o tempo está passando, os magos estão envelhecendo e cada vez menos têm cuidado de

cumprir as regras estabelecidas nos contratos que assinaram de providenciarem o meu regresso. Eles sabem as condições, caso não consigam cumprir as obrigações: irão haver-se com quantos espíritos maldosos serei capaz de confabular para imprimir o necessário castigo aos irresponsáveis. Mas essa é ideia que não passa pela minha cabeça, pois tenho a certeza de que se cumprirá o destino indelevelmente inscrito no carma pelos orientais que comigo trabalharam.

Estão a me dizer que não são os mortais que ditam o destino, que, se assim fora, não haveria pobres no mundo. É que não estão amparados pelas forças especiais do etéreo. Se eu já me encontrei com alguma? De fato, não, mas devem estar muito ocupadas providenciando o meu retorno. E se não existirem? Mas eu vi os trabalhos sendo realizados e os magos me provaram, através do relato de suas próprias encarnações passadas. Eram falsas? Como se pode provar isso? É simples de falar e difícil de fazer. Eu não vi nada; eles é que me disseram e me mostraram os livros em que as experiências estavam relatadas. O papel aceita qualquer coisa.<sup>1</sup>

Eu deveria ouvir a voz de minha mãe? E tudo que arquitetei, para quem vai ficar? Agora está em boas mãos mas eu queria voltar para lá, para ter tudo de volta. E perder a oportunidade de progresso? Que progresso? Espiritual. Mas isso não significa nada para mim. Claro que significa, pois estou adquirindo outra personalidade, mais confiante, mais cordata, mais reconhecida, menos arrogante, mais feliz... Pois eu acho que é possível ser tudo ao mesmo tempo. O que eu ganhei deste lado da realidade, além de desespero e dor? Só a expectativa de me livrar do sofrimento voltando para a Terra, para as minhas riquezas.

Certamente eu li os **Evangelhos** e conheço a passagem citada de que os bens enferrujam se guardados no fundo da terra. Mas eu fiz tudo para que a fortuna se preservasse e usei todos os recursos das leis e da mais apurada tecnologia. Foi com o intuito de demonstrar que Jesus se enganara, que era possível retornar à Terra em outro encarne, podendo prosseguir do ponto em que parasse. O princípio era razoável, mas eu errei no momento de acreditar que conseguiria mandar no meu destino...

Quer dizer que não vou poder realizar o meu projeto? Quer dizer que tudo que fiz deu em nada? Quer dizer que perdi a oportunidade da vida para crescer espiritualmente? Sinto que não vou poder acreditar em nada disso... O mais é pura ilusão de encarnado?

Que tem o perdão de meu pai a ver com tudo isso? Foi ele quem me reconduziu à luz e ao sossego de agora. Sentia-se culpado pela má formação de meu caráter. Mas ele é que se deixara seduzir pelo dinheiro. Não é verdade, pois ele não herdou a fortuna, mas erigiu-a com muito trabalho, constituindo o império financeiro com a ajuda da herança de minha mãe. Isso é verdade, mas ele vivia só para ganhar dinheiro. A vida dele é a vida dele e a minha e a minha, de modo que eu não posso julgá-lo. Mais um ensino bíblico.

Eu não aceitava Jesus, pois confiava nos magos orientais. Sempre considerei o Mestre Nazareno simples arrivista político que utilizou a religião para disfarçar o ataque às hostes romanas e às elites judaicas. Esse pensamento é muito comum, encontradiço em quem deseja manter o *status* econômico. É verdade.

---

<sup>1</sup>A partir do parágrafo seguinte, a vibração energética emitida pelo espírito começa a sofrer alteração, que vai afetando a caligrafia, até descaracterizar totalmente a escrita inicial firme e segura. (Nota do Médiun.)

Então, que se espera de mim agora? Que me encontre com meus pais e deixe que eles cuidem de mim? Eu já uma vez fiz isso e veja no que deu... Se for essa a deliberação de todos, eu me submeto, mas não acredito que vá reconhecer neles qualquer autoridade sobre mim.

*Neste instante, se revelam os progenitores aureolados de intensa luminosidade para imprimir ao orientando a sensação do poder. Sente ele agora que a demonstração de rebeldia tenha sido inócua inteiramente e se deixa subjugar pela evidência do momento cármico. Chora copiosas lágrimas de arrependimento e promete seguir os conselhos paternos à risca. Deixa todo o grupo o nosso meio e dirige-se à câmara de recomposição perispiritual que estava adrede preparada para receber a infeliz criatura.*

## Comentário

Devemos esclarecer que o grupo se compões de várias equipes socorristas, que se uniram para os efeitos *pirotécnicos* aplicados, para que o sofredor pudesse saudar os pais no mesmo diapasão que os via na Terra na infância, ou seja, grandes e poderosos.

Quanto à personalidade do socorrido, podemos revelar que se tratou de encarne totalmente falido. O espírito em questão, em débito por orgulho, acreditou poder resgatar as dívidas por meio da benemerência que desenvolveria, caso se lhe fossem dados recursos materiais. Veio mais com a missão de estender aos semelhantes o conforto possível, para possibilitar-lhes o acesso ao conhecimento das virtudes evangélicas. Ao invés disso, tornou-se mais orgulhoso, culminando por praticar o maior crime: o de sonegar às criaturas que o acompanhavam o ingresso à carne, evitando procriar. Os espíritos que pensava serem os vingadores da madrasta, eram antigos desafetos que deveria amparar em encarne reconciliador. Celibatário, frustrou várias perspectivas de realizações pessoais.

Pensamos ter esmiuçado o caso a contento. Nunca é bom estimular demais a imaginação do leitor, no sentido de torná-lo desconfiado de que seu encarne esteja envolto por episódios da mesma forma rocambolescos. O caso deste irmão é especialíssimo; em geral, as pessoas têm sucessos menos espetaculares e resgates menos complexos, embora todos estejamos cercados de espíritos amigos que formam verdadeira confraria e de outros tantos que se constituem em adversários, a quem devemos conquistar pelo trabalho, dedicação e espírito de confraternização. Só depois que eliminarmos todos os inimigos, através da transformação deles em leais e sinceros companheiros de todas as horas, é que mereceremos a atenção de encarnes puramente missionários, para crescimento espiritual, no sentido da aquisição dos bens morais que nos abrirão as portas do círculo seguinte.

Outra observação que deveremos fazer é a renovação da orientação a respeito da prece. Como a nós não se enseja a oportunidade de discorrer a respeito, durante a doutrinação, fica-nos a preocupação de que o leitor possa supor que tudo o que fazemos

esteja só dentro dos aspectos técnicos do socorrismo. Nada disso. O tempo todo elevamos o pensamento a Deus e constantemente recebemos do Alto os influxos da divina luz, através das preces dos superiores. Da mesma forma que o médium suspende o trabalho para revigoramento magnético através da oração, nós também nos revezamos na assistência doutrinária, para que todos os componentes do grupo refaçam as energias por meio da prece. A par disso, como anteriormente informamos, existe o grupo da oração, que permanece concentrado durante todo o transcurso dos trabalhos, de molde a dar sustentação magnética ao grupo de operadores do aparelho.

Esperando que o caso do irmãozinho possa despertar no amigo a consciência em torno dos deveres cármicos que todos trazemos ao encarne obrigatório, deixamos o aparelho, para nos fixarmos nas atividades socorristas que se estão verificando em função do difícil resgate do irmãozinho, devido às condições bastante sofridas que apresentou. Devemos ressaltar este aspecto, pois o maior sofrimento que pode sentir o espírito que desperta para a verdade é verificar que voltou do encarne em condições menos dignas de quando se encarnou, mormente se o objetivo era grandioso, o que incrementa mais ainda a dor e a frustração. Façamos, pois, as preces de arrimo ao trabalho do grupo.

Certamente, no momento da leitura deste longo texto, o irmão terá recebido toda a assistência necessária e estará perlustrando caminho mais ameno. Mesmo assim, bom amigo, não se esqueça de elevar o pensamento ao Senhor, para que o caso do assistido possa vir a representar séria advertência a quem se esquece dos compromissos, por se vir na posse de consideráveis riquezas materiais. Façamos pelos irmãos o que pudermos, independentemente das vestes que trajem na presente encarnação: todos somos igualmente filhos de Deus.

Paz e fortuna, bom amigo, na companhia do Senhor!

## SENHOR, EU VOS PEÇO...

As palavras com que clamamos ao Senhor nem sempre brotam diretamente do coração. Às vezes, são produzidas pelo cérebro, sem o concurso dos sentimentos que lhes seriam correspondentes. Quando o emitente da vibração percebe isso, fica perplexo diante da insensibilidade e, sendo inteligente, evita progredir nesse sentido, implorando, antes de mais nada, que sua prece adquira ou readquira os méritos da integração de ambos os domínios das faculdades humanas.

Outras vezes, o intelecto é que se surpreende pelo pedido exposto tão só por via sentimental e, nesse caso, exerce pouco poder diante das fortes vibrações de que parecem participar todos os demais órgãos da estrutura somática. É como se o corpo tivesse vida própria, independente da fria e calculista razão. De novo, a prece que convém é o pedido de retorno ao equilíbrio, de sorte que o ser não venha a manifestar desejos impossíveis de atendimento ou que, se atendidos, invertem a possibilidade de crescimento, que se daria não mais no primitivo sentido estabelecido para a vida em decurso, mas inculcaria novas diretrizes, alheias ao planejamento, criando enormes dificuldades para o reingresso na trilha predeterminada.

Veja você, caro amigo, como tem procedido nos momentos de recolhimento espiritual. Verifique com que força tem solicitado benesses para o irmão desvalido e com que intensidade e frequência tem recorrido aos protetores pela sua pessoa, objetivando ganhos no campo de atuação que tem eleito, em detrimento do cumprimento dos objetivos maiores de sua vida. Se o cérebro preponderar, pode ocorrer de estar solicitando tão só benefícios aos demais, pois a arguta malícia da mente conhece com rigor as leis e sabe que o proveito que o indivíduo tira do desinteresse pela realização pessoal é muito superior do que se solicitasse só para si mesmo.

Por outro lado, veja se não é o coração que está prevalecendo, de modo a sobejarem solicitações de progressos pessoais nos campos material e espiritual, mesmo que envolvam outras seres, mas cujo intuito primeiro é a concretização das aspirações do momento, de sorte a se satisfazerem os desejos carnis mais pueris e circunstanciais.

Faça da prece, bom amigo, o sadio recurso para solicitar compreensão do destino, daquele que você ajudou a organizar por ocasião dos preparativos deste encarne, de forma que lhe possam ficar bem claros ao pensamento quais os atributos que lhe estão faltando, em busca dos quais terá de partir, integrando à perfeição mente e corpo ou, em linguagem mais rebuscada, psique e soma, de sorte que tudo que você fizer, no âmbito social, possa repercutir, na forma de conclusões morais, em seu espírito, e tudo o que você seja capaz de elaborar, na mente, possa servir de orientação para o procedimento no campo dos

relacionamentos físicos, no sentido positivo de concretizar eventos que signifiquem progresso, rumo à vereda da salvação.

Não se esqueça jamais de que o atributo essencial para a prece é a verdade absoluta no que se refere às suas intenções, sejam o fruto de raciocínio metucioso, sejam o produto do anseio de viver em conformidade com os preceitos evangélicos. Não se atemorize nunca diante das criaturas por Deus encarregadas de preservar-lhe a integridade espiritual, mesmo que se veja compelido a confessar a elas os pensamentos de baixa extração, os desejos impuros, as manias perniciosas, os hábitos improdutivos, Os vícios prejudiciais à saúde do corpo e do espírito, as ânsias de poder e dominação, a angústia diante da impotência de realização até de ideais impróprios. Os espíritos encarregados da vigilância do cumprimento de suas tarefas de vida saberão obtemperar-lhe a argumentação e lhe darão o esclarecimento oportuno, para que você possa restabelecer o padrão que se desviou da rota previamente traçada.

Agora, se agir sob malícia, não se revelando nas orações, por falsidade e hipocrisia, pensando poder subtrair à perspicácia e à sabedoria dos mentores as reais intenções, certamente, ficarão os pedidos sem respostas adequadas, ocorrendo até a possibilidade de as vibrações virem a ser captadas por entidades interessadas em fazê-lo definitivamente perder-se pelos caminhos da dúvida e da perversidade.

Daqui a necessidade de inteiro domínio das tendências corpóreas e mentais, a esclarecida atitude de vigilância e de ponderação a respeito de cada pequenino esforço intelectual ou de estremecimento emotivo.

A cada instante, a mente tem de consultar a consciência a respeito de cada mínimo pensamento entrevisto no fundo do cérebro, de cada julgamento, de cada pequeno núcleo de energia transformado em ideias, para sustar a tempo o desenvolvimento das excogitações impregnadas pela maldade instintiva ou pela perversidade inoculada pelos seres inferiores, que perenemente vibram no intuito de surpreenderem os mortais desatentos.

Também para o coração deve haver censura constante: cada incipiente desejo de grandeza, cada minúscula vibração de inveja, cada simples manifestação de ciúme, a refletir o império do *ego*, pode significar a formação do quisto egocêntrico, que resultará em perniciosas viciações morais, dando-se, finalmente, o domínio da pessoa pelas sensações tendentes a fazer prevalecerem os impulsos materiais, de sorte a colocar as opções da vontade em descontrole, acabando a criatura por perder os embates todos que enfrentar por força da necessidade cármica.

Combater esse duplo proceder em desarmonia com os ensinamentos cristãos pode ser o objetivo da vida em curso. Se não for especificamente, sempre será o resultado a ser almejado por quantos pretendam terminar os dias não só com pleno conhecimento de si mesmos, como ainda com total domínio de todas as reações inferiores, sejam no campo mental, sejam no império dos sentidos. É essa consagração que deve prevalecer a cada instante, pois só ao homem capaz de sufocar todos os males é dado o poder de dominar as virtudes, instituindo-as como premissas da condição de vida. O desafogo que se sente após perceber-se que se foi capaz de exercer completa ascendência sobre si mesmo, bloqueando todas as investidas do mal e estabelecendo em seu lugar a verdade e o amor

como princípios essenciais da existência, só é comparável à alegria que se terá quando se for diplomado numa área de atuação, permitindo-se o acesso à seguinte.

Não que o homem seja capaz de realizar, sob o jugo da carne, todos os preceitos da perfeição. Longe, muito longe disso. O que estamos incentivando é muito menos do que o limiar dessa ideia: o que desejamos é incrementar na mente e no coração humanos a atitude proveitosa da mais absoluta moralidade cristã, nos momentos do contacto com a espiritualidade que costumeiramente ocorrem por ocasião dos impulsos de fé religiosa que se traduzem em orações.

O ideal seria que esses momentos não se restringissem, mas que se estendessem e que pudessem configurar-se como longo descortino em que, salvo instantes de necessária concentração diante da consciência ou de relações íntimas entre seres absolutamente responsáveis, os canais permanecessem abertos para livre comunicação entre os planos, de molde que a prece viesse a significar estado de espírito superior, a demonstrar, cabal e inequivocamente, que o ser está obrando segundo os princípios evangélicos e de acordo com os mandamentos das leis de Deus.

Constantemente, recebemos, sob forma de influxos vibráteis, pedidos, rogos, solicitações e até exprobrações, clamores, injúrias e demais formas que adquirem as incúrias humanas. Essas rogativas, preces, orações, rezas cruzam o espaço etéreo do campo espiritual formando imenso aranhol de sentimentos e de pensamentos que, se fosse cada um deles matizado de uma cor, nos apareceria aos olhos como extraordinária teia tecida por fulgurante e impenetrável aracnídeo. No entanto, basta destacar um deles e segui-lo, qual fio de Ariadne, para que se possa surdir do labirinto e verificar quão pequenos geralmente são os sentimentos e os pensamentos.

Essa penúria na invocação das forças espirituais é que faz a miséria humana parecer mais contundente e infeliz. Se cada um de nós fosse capaz de reconhecer a sua fraqueza, a sua fragilidade, a sua pequenez diante do poder cósmico universal e se cada um de nós, humildemente, intentasse melhorar-se, na busca da concretização dos ideais cristãos, certamente a configuração do campo vibratório ganharia outras dimensões. O fluxo de luz dar-se-ia em ambos os sentidos e as energias desprendidas do Alto descairiam sobre os mortais como interminável catadupa de amor, cascadeando benesses do mais augusto amparo, de modo que cada um de nós seria soerguido e poderíamos eliminar de vez as vozes dissonantes que partem dos seres mais sofridos, uma vez que todos poderíamos clamar aos céus em uníssono, glorificando e exaltando o Senhor, transformando este viveiro de fantasmas em verdadeiro paraíso de almas puras, cuja ascensão ao reino de Deus se daria, se já não fora pelo muito amor, por questão de simples justiça.

Mas os homens teimam em permanecer imunes às influências dos círculos superiores, de maneira que, abandonando-se à própria sorte, se esquecem de Deus durante grande extensão de suas vidas, para lembrarem-se dele quando o mal está feito e o arrependimento bate às portas da consciência.

Abramos, pois, o coração à prece enaltecadora dos divinos atributos, reconheçamos no Pai o criador supremo de todas as coisas, vejamos nele o início e o fim de nosso próprio ser, aceitemos o Cristo como o nosso guia de luz, apeguemo-nos aos protetores, aos anjos da guarda, aos bons amigos da espiritualidade e oremos com toda a pureza da alma, para

alcançar os méritos necessários para fazermos jus às bênçãos do Senhor, que nos engrandecerão perante a vida e nos conduzirão em paz para o regaço do Pai.

*Senhor, eis-nos perante vós. Examinai-nos o coração e vede se nele estão depositadas as virtudes que o Cristo determinou que amealhássemos. Verificai se nossa mente foi sensata o bastante, para oferecer ao vosso olhar o fruto opíparo dos conhecimentos e da sabedoria que nos foi possível colher em vossos pomares de justiça, de amor e de bem-aventurança. Pensamos, Senhor, ter guardados em nós os bens que propiciamos aos irmãos menos constantes em vosso serviço. Vede se tais bens iluminam essas criaturas, para que sejamos visíveis a vós. Interrogai, se vos aprouver, os vossos emissários fiéis e sabei deles se somos merecedores de ser chamados por vós de filhos. Certamente muitas serão as falhas que encontrareis. Apontai-as, Senhor, e indicai-nos o próximo passo, para que possamos manter acesa a fé e a esperança de prosseguir na estrada da verdade. Dai-nos forças para trabalhar e fazei que possamos apresentar-nos diante de vós, certos do nosso amor, da nossa lealdade e do nosso descortino. Abençoai-nos, Pai, para nos sentirmos revigorados e amparados, e aceitai-nos o agradecimento por tudo que nos tendes proporcionado. Senhor, nós vos pedimos...*

## 22.º Relato — DOUTRINAÇÃO AO VIVO

Estava ficando impaciente com a demora de atendimento. Já vim por aqui várias vezes e não fui atendido devidamente, sempre com aquele "— *Hoje não dá; amanhã talvez tenhamos melhor sorte...*", e assim por diante.

Gostaria de deixar claro o meu desagrado e a minha imensa vontade de ir-me embora. Como me vejo premido pelas circunstâncias, já que o povo aqui é bem mais forte do que eu, vou submeter-me, mesmo porque já lavrei o meu mais solene e veemente protesto.

Querem saber quem sou, de onde vim e para onde vou. Pois bem, o meu nome é Joaquim; João Joaquim de Campos Neves, se quiserem nome fictício, mas que denuncia minha lusitana origem. Atravessei os mares bem pequeno e vim com meus pais para instalar-me no Brasil. Eles vinham, o que se convencionou chamar à época, *fazer a América*. Aqui cresci, vivi, tornei-me homem, amadureci, envelheci e morri. Jamais retornei a Portugal, embora tenha sido esse desejo acalentado por toda a vida.

Assopram-me que todo português tem o messiânico desejo de volver à terrinha, fruto do sebastianismo redivivo em cada coração. Esse pensamento me perseguiu a vida inteira e jamais pude realizá-lo. Após o desencarne, sim, pude atravessar o oceano e lá me deparei com antigos familiares, gente feliz de Trás-os-Montes, que ainda se dedicam às plantações e aos carneiros. Mas não fiquei feliz com os gajos e raparigas que encontrei, pois eram bem diferentes daquelas imagens que permaneceram na penumbra de minha lembrança.

Chega de poesia e de sentimento. O que mais desejo é chegar ao fim da narrativa. Se estranharem o lusitano linguajar, queiram perdoar-me, pois não pude desgarrar-me de certos hábitos linguísticos que cá trouxe comigo. Este irmão que está a escrever conhece bem o vocabulário dele, não o meu, por isso, nem tudo há de ser perfeito; entretanto, basta colocar o sotaque conveniente na leitura, que vai parecer melhor que sou eu mesmo que estou a ditar as frases.

Dizem-me que, para quem está com pressa, até que estou indo bem devagar. É verdade. Mas este é o modo lusitano de fazer as coisas. Se não acreditam, vão até lá para ver.

Querem que eu diga por que estou há tanto tempo no interior do Umbral? Pois sabem que não sei?! Desconfio que tenha algo a ver com algumas mortes que patrocinei. Ora, pois, se eu era comerciante e se meu estabelecimento não parava de ser assaltado, tinha de me defender! Aluguei os préstimos de uns *justiceiros* e pedi para defenderem as minhas propriedades. Se os gajos eliminaram os bandidos, eu lá com isso...

Querem saber os preços que eu praticava. Pois eram bem baixos, só que não perdoava caderneta. Quando a pessoa demorava para pagar, eu acrescentava os juros e cobrava tudo pelo preço do dia. Ora, pois, era justo e era o que todo conterrâneo fazia. Fiquei rico, sim senhor, mas minha vida nunca foi de gente rica. Minha mulher, a boa Rosália, — que Deus a tenha! —, vivia com colares e pulseiras d'ouro e meus filhos vestiam linho importado, mas tudo isso é história muito antiga.

As mulatas? Pois eu me babava por elas. Uma até me deu uma filha muito linda, que eu ia visitar toda hora que podia. Minha mulher ficou sabendo do caso e não me perdoou. Esse foi um dos desatinos de minha vida. Dei-lhe com os tamancos na cabeça até fender-lhe o crânio. Ora, pois...

Você acham que estou imaginando ou fantasiando? Pois vão ao cemitério e vejam a data do falecimento. Eu tive muito arrependimento, mas foi um crime de paixão. Eu nunca fui viver com a mãe de minha mulatinha, mas mandava muitos presentes e dinheiro para elas. Quando minha filha virou mulher, sei que ela fez mundo e caiu na vida, mas eu bem que queria impedir. Meus filhos legítimos é que não me deixaram fazer nada.

Um dia me aposentei e fui internado em hospital de loucos, o nosocômio da Cantareira. Se me perguntarem se eu tinha endoidado, posso, em sã consciência, dizer que não sei. Depois da morte de minha mulher, passei a ter alucinações e sentia forte dor na coluna. Quase não podia me mexer, tanto que doía. Eu acho que era encosto, mas nunca pensei nisso naquela época. O padre que me visitava dizia que era natural, que eu tinha perdido a saúde por ter trabalhado muito e por ter comido muito mal: era só pão e cebola no começo; paio e linguiça portuguesa, só depois de muito mourejar como negro no eito.

Querem saber por que não fui preso. É simples: disfarcei com um tombo das escadas. Carreguei o corpo de minha mulher para o alto e joguei lá de cima. Foi fácil. Nem meus filhos desconfiaram, pois a gente morava num sobrado e minha velha sofria de ataques epiléticos.

O escrevente está desconfiando que estou mentindo. Pois não estou; basta perguntar pros meus filhos, que estão ainda por aí. São já bem velhinhos e souberam gozar a vida muito bem. Aproveitaram do meu dinheiro e expandiram os negócios. Esses sim são prósperos e sabem criar meios para acumular sempre mais. Outro dia, fui ver os netinhos, e os encontrei homens feitos, todos com família, alguns bem abastados. Tudo que plantei, hoje estão colhendo. É verdade que recebi também dos meus pais, mas tudo eu multipliquei por cem e eles estão fazendo o mesmo. Graças a Deus!

Querem saber se fiz o bem. Só em espórtulas que dei dava para levantar pequena igreja. Os padres nunca reclamaram.

Se eu voltasse para lá, não faria tudo de novo. Ia seguir o exemplo dos filhos, que têm de tudo, sem necessidade de praticar nenhum mal contra ninguém, pois não vendem mais fiado; com eles, tudo tem de ser a dinheiro.

Se querem que me mostre arrependido, podem fazer morrer a esperança. O que eu quero é poder voltar à carne, como bisneto de mim mesmo. Será que vou conseguir? A que preço? Tenho de concordar com certas condições? E se eu não cumprir? Volto para o escuro? Que condições são essas? Resgatar as dívidas morais e receber na família as pessoas que desgracei. Não sei se devo aceitar. Tenho ainda de ficar pobre?! Mas como?! E todo dinheiro que a família possui? Será dividido e nem todos serão aquinhoados. Penso

que assim não há de ser bom para mim. E se cumprir o contrato, será que poderei depois retornar de novo na abundância?

Quem eu acho que seja mais rico: Jesus ou Pôncio Pilatos? Jesus, é claro. Porque ele é o filho de Deus. Se prefiro a riqueza de Jesus? Mas ele vai dividir comigo? Só se eu fizer sacrifícios. E se aceitar essa missão (dizem-me que é expiação, provação, dor, sofrimento), posso deixar para escolher a outra encarnação depois?

O pessoal aqui é muito rígido. Estão a me dizer que as condições são deles e não minhas. Que acha o escrivão que posso fazer?

O amigo acha que já conheci o valor do sacrifício para conseguir as coisas boas na terra e que devo tentar fazer o mesmo para atingir os valores do céu. Achei que ele tem razão. Ele me disse também que algo de bom eu tenho no coração e que me deixei envolver pela paixão. Que eu use essa paixão para restabelecer os vínculos que rompi. Disse-me ainda que deverei preparar-me para o reingresso, estudando o evangelho e ajudando os familiares durante algum tempo. Tudo isso é muito melhor do que ficar sofrendo na escuridão. Eu acho que vou aceitar sem discussão, mas, olhem lá, vejam que tudo venha a dar certo! Dizem-me que, se eu fizer a minha parte, eles cumprirão a deles.

Então, vou seguir o conselho dos amigos e me retirar, satisfeito por ter estado aqui, ao lado desta gente mui *fremosa*. Aceitem o meu modo rústico de falar e creiam que tudo farei para não causar decepções. Adeus, amigos. Fiquem com a Virgem e com Nosso Senhor Jesus Cristo!

## Comentário

Após a longa perlanga do confrade, pensamos ter exaurido a curiosidade do leitor. Devemos, no entanto, acrescentar que a maior parte do discurso foi inventada para impressionar a mente do escrevente, fazendo com que criasse o tipo. Na verdade, o nosso Joaquim nem foi tão rico, nem constituiu família tão poderosa. Isso faz parte de sua alucinação. Português, ele foi, tendo imigrado para o Brasil, conforme relatou. Um dia, leu a obra de Aluísio Azevedo, *O Cortiço*, e criou o desejo de fazer como a personagem que enriqueceu. Na verdade, pobre de espírito, o máximo que logrou foi possuir pequeno estabelecimento comercial, em bairro humilde do Rio de Janeiro, onde perpetrou os crimes relatados. A partir daí, tudo o mais é pura fantasia.

Curiosa foi a argumentação que utilizou para poder levar a cabo o plano de reconduzir-se à carne sem o ônus do sofrimento retemperador das mazelas. Felizmente, o escrevente soube distinguir os pontos positivos da vida do infeliz, de sorte a convencê-lo a seguir conosco em busca da realização dos planos de reimplante corpóreo.

O que vai ocorrer daqui para frente está na dependência das atitudes de reajustamento que for tomando, à medida que for conscientizando-se dos encargos cármicos. Mas a tarefa de acompanhamento refoge à nossa alçada.

Se quisermos aprofundar a análise do procedimento do Joaquim, iremos, inevitavelmente, defrontar-nos com a situação mais comum da perdição dos encarnados, especialmente dos que atravessam o oceano em busca da fortuna: a ganância, a preponderância cultural sobre os habitantes da nova terra, a desconsideração pelos irmãos, o sacrifício dirigido aos bens materiais, o uso da religião para ascensão social e como recurso para a aquisição de lugar no Paraíso, a total ausência de escrúpulos, os pequenos vícios da usura, do álcool, do furto, a utilização do trabalho dos serviçais em condições de verdadeira escravidão etc.

Sendo assim, o que mais se pede ao grupo socorrista, ao qual juntamos a figura do caríssimo leitor, é muita prece esclarecida, muita vibração de amor pela restauração dos princípios vitais superiores do assistido, para eliminação do egoísmo em prol da formação de personalidade consentânea com as aspirações evangélicas.

Muito mais do que isso não temos para avançar, mas pensamos ter aflorado a mais real condição humana de quem se deixa envolver pela matéria, como se aí estivessem o princípio, o meio e o fim da existência.

Quanto à especificação da personalidade do português, julgamos inoportuno e injusto considerar a personagem descrita pelo Joaquim como a figura do lusitano comum. Se é bem verdade que os sentimentos imperam na alma lusitana, são também atributos dela o amor, a amizade, o companheirismo, o espírito de fraternidade nunca esquecida na recepção dos hóspedes, para quem nunca faltam *pão e vinho sobre a mesa*, a tradicional benquerença às coisas típicas da terra natal e o profundo espírito religioso, que torna o irmão que nasce nas terras d'além-mar pessoa muito especial aos olhos do Senhor. Defeitos tem, mas quem não os tem?

Oremos em agradecimento pelo bom desempenho de todo o grupo, principalmente pela recondução de mais um irmãozinho às hostes do bem.

## PALAVRAS DE INCENTIVO

Às vezes, o trabalhador da mediunidade pensa, porque está a folhear o álbum de fotos com a família, esteja a menosprezar a função socorrista. Claro está que é de todo útil cumprir os horários aprazados, mas não será pelo atraso de alguns minutos que se configurará qualquer crime de desleixo ou ineficiência. O que importa é o espírito de boa vontade, de solidariedade com que, em seguida, se apresente ao seu mister, pois cabe aos espíritos guardiães, aos protetores, aos incentivadores dos ganhos morais do amigo colaborador, a compreensão de que é de suma importância também aquele momento de confraternização ao lado das pessoas queridas.

Se é bem verdade que, em primeiro lugar, deve vir a obrigação, também é correto pensar-se em que os momentos de amor e de união devam ser preservados. Aliás, o grupo familiar bem constituído tem-nos servido de prova para os sofredores de que é possível a convivência pacífica entre as pessoas, de sorte que cada qual cumpra com os deveres cármicos em relação aos demais, ajudando-se entre si a progredirem na direção da obtenção das virtudes reservadas para o presente encarne.

Por isso, amiguinho, caso você se demore a apresentar-se ao trabalho, desde que isolado, não precisa preocupar-se demasiado, a não ser com o estado de espírito com o qual irá aparecer. No momento oportuno em que lhe for viável o trabalho, lá estarão os amigos da espiritualidade, prontos a recebê-lo de braços abertos, estando tudo devidamente preparado para o serviço.

Agora, é bem diferente a situação quando se trata de trato feito com diversas pessoas, em centros espíritas, por exemplo, quando o rigor do horário deve ser absoluto. As regras, neste caso, deverão estar solidamente estabelecidas, de sorte a se tornar menos elástica a possibilidade dos atrasos.

Achamos oportuno tranquilizar o irmãozinho médium, que renunciava a tarde inteiramente vazia ou ocupada por espíritos adventícios, que se aproveitariam do isolamento do mediador para as peripécias costumeiras. Sendo assim, à vista de termos comparecido imensamente satisfeitos por mais esta oportunidade, daremos prosseguimento aos trabalhos, chamando um dos companheiros para doutrinação.

Augusto.

## 23.º Relato — O JAPONÊS INSENSÍVEL

Eu ia reclamar muito da demora, mas o irmãozinho me fez calar a boca. Diz-me que está fazendo as honras da casa e que eu me sinta hóspede especial.

Agradeço a gentileza e retribuiria, se tivesse de meu algum lugar para oferecer a mesma tranquila estadia que estou recebendo.

Por muito tempo, vaguei na escuridão do espaço, sem ver a luz do Sol uma única vez. Aliás, minto. Houve um dia em que cheguei bem próximo de abertura de passagem para o mundo exterior, mas fui enxotado de volta por alguns guardiães, que não me permitiram aproximar-me.

O interessante que notei, na ocasião, é que eram seres cegos e que só percebiam a presença de alguém pelo odor característico que exalava. De fato, quando passei por determinado túnel bem estreito, esfregando-me contra as paredes, senti que ia espremendo não sei que resinas ou pequenos animais que recendiam a enxofre ou a algo parecido. Quando cheguei à clareira próxima, não me foi possível desfazer-me daquele odor horrível. Ao aproximar-me da abertura, logo fui atacado pelos *soldados* ali postados e fui obrigado a retornar pelo mesmo caminho de onde vim, espremendo-me contra outros que se aproximavam e que iam lambuzando-se por sua vez.

Penso que meu relato não tenha muito que ver com o que vim fazer aqui. Perguntam-me por que não estou agora com o mesmo odor. É certo que vim por outro caminho, conhecido, acho eu, só pelos amigos que me apanharam no fundo da caverna. Houve certo trecho em que me senti agarrado e parecia estar voateando ou voando, de sorte que o caminho aéreo possibilitou livrar-me dos guardiães da entrada. Aliás, estava tão absorto com o que ocorria comigo que não serei eu a pessoa mais apta a descrever o que se passou. Se for só para registro, está bem.

Agora que me veem bem calmo, pedem-me para reproduzir a minha história, o porquê estava preso e o que fiz de mau na derradeira encarnação.

Onde me encontrava, corriam histórias a respeito destes momentos, só que em sentido bem diferente. Diziam que haveria um dia em que nós seríamos trazidos à presença de grande diabo chifrudo, que nos obrigaria a falar, através de seu tridente e de seu poderio maléfico. Acho que nos diziam isso para infundir-nos ainda mais medo, pois tudo o que vejo aqui, além de seres muito cordatos, são instrumentos que não atemorizam ninguém e que estão ligados a várias pessoas, inclusive ao escrevente e a mim mesmo, e que são habilmente manejados, de forma que tudo decorre de modo absolutamente pacífico e indolor. Ao contrário, sinto-me até muitíssimo bem, como fazia tempo não me sentia.

Digo tudo isso, acreditem, não com o intuito de delongar a história, mas para torná-la bem real e verossímil, pois, caso contrário, poderia parecer que mentia.

Fui arrastado para os infernos mais profundos — penso que todos dizem isso, porque o lugar todo é de imensos sofrimentos —, sem saber exatamente o que se passava comigo. Foi só quando estava há muito tempo rondando pela escuridão que fui tomando consciência das causas que me tornaram tão frágil diante das outras criaturas. E tudo se prende à última passagem pelo orbe.

Lá em cima... — dizem-me que posso omitir a referência a lugares. Pois bem, quando tinha vida palpável e febricitante (não sei me exprimir direito — peço ajuda ao escrevente), estive sempre na dependência das outras pessoas. Mesmo para as coisas mais importantes da vida, sempre houve quem tivesse decidido por mim. Eu não sabia avaliar direito o que deveria fazer e até o casamento foi patrocinado pela família. É verdade que era costume antigo dos povos de onde provim, mas eu aceitava de bom humor, pois achava que estava tudo muito bom.

Isso era o pior que podia acontecer comigo, porque, quando encontrava pessoas boas, eu fazia tudo direitinho e dava tudo certo. Mas, à medida que meus companheiros foram afastando-se, em razão das circunstâncias da vida, fui ficando cada vez mais nas mãos de pessoas incompetentes, ávidas por prazeres fáceis e por lucros exorbitantes. Assim, se me convidavam para beber, bebia; se era para fumar, fumava. E tudo o mais. Vocês podem imaginar em quantas enrascadas me meti. Tinha dinheiro e fui comprar ações. Perdi tudo. Os meus amigos também.

Aí me convidaram para suas festas, onde combinavam as coisas ruins que iam fazer. Um dia fui com eles, pois precisavam de alguém para avisar se a polícia chegasse. Deu tudo certo e eu pude ficar com parte do furto. Isso me fez desacostumar do trabalho. Tinha vida boa e não me importava com mais nada.

Abandonei a família e fui com os amigos para todo lado. Nunca achei que estivesse errado, pois tinha do bom e do melhor para comer, vestir, etc.

Sempre que quero fazer menção às mulheres, o escrevente corta. Será que tem alguma coisa contra?... Se é assim, peço desculpas. Vou fazer o que me pedem.

Vocês já devem ter percebido que não fui flor que se cheire. Acho até que os guardiães me perceberiam mesmo se não me esfregasse nas paredes.

Durante o tempo que fiquei na escuridão, pude relembrar os fatos mais importantes que me condenaram a ficar lá embaixo. Eu gostaria de não contar, se puder evitar. Em resumo, matei, estuproi, violentei e assumi a culpa até de crimes que não pratiquei. Esses não me doeram na consciência mas serviram para mostrar como fui tolo em aceitar as companhias dos malfeitores.

Durante os primeiros tempos na escuridão, acompanhei os outros. Alguns eu conhecia; outros, não. A maioria tinha muito respeito por mim porque eu era muito forte e violento. Pelas boas, eles me levavam para onde quisessem, mas, quando achavam de me maltratar, aí a coisa ardia.

Essa vida de cão danado eu levei por tempo desconhecido. Para vocês terem uma ideia, parti para cá num grande incêndio de um edifício em São Paulo. Acho que se chamava Andrauss. Naquele dia, estava lá acompanhando uma senhorita que eu desejava muito conquistar. Naquela época, tinha vinte e seis anos.

Eu me lembro muito bem que, quando o fogo começou, todo mundo corria para todo lado. Logo procurei me esconder do fogo perto de uma janela e ali vi coisas muito feias. Como era apegado à vida, corri para as escadas, mas encontrei tudo impossível de passar. Se vocês pensam que naquela hora eu queria ajudar os outros, estão muito enganados. Fiquei louco ali dentro e empurrei muita gente para a fogueira.

Quando os bombeiros chegaram, fui abraçá-los, pois achava que estava vivo. Pura ilusão! Estava mortinho. Aí vi muita coisa estranha. Muita gente estava chorando e agradecendo a Deus o benefício da morte. Eu não. Eu estava desesperado. Depois de alguns dias sofrendo com as queimaduras horríveis, comecei a ficar cego e a escuridão envolveu meus olhos. Senti que me carregavam e pensei que fossem enfermeiros. Fiquei muito assustado quando perguntei se eu ia indo para o hospital e começaram a rir muito de mim, dizendo que eu ia ver o que era bom.

Foi assim que me vi no fundo daquele poço, totalmente transtornado, agoniado de dores e sem saber nada do que estava ocorrendo. Foi preciso passar muito tempo, para ter certa noção do que estava acontecendo comigo. Quando recuperei a visão, o desespero aumentou ainda mais, porque percebi que onde estava não era nada bom. Estava recuperado da vista mas não via coisa alguma naquele negrume danado. Eu sei que não estava mais cego pois, às vezes, passavam certas luzinhas que eu seguia a distância, mas que logo desapareciam.

Acho que minha história não deve ser estranha, pois a multidão que está lá embaixo é muito grande. O que pode haver de notável é o fato de que um dia fui reconhecido por um verdadeiro amigo, que me prometeu trazer para cima. De fato, essa amizade me tem valido de muito, pois foi através desse antigo companheiro dos tempos bons que pude saber que existem forças espirituais por Deus encarregadas de resgatar certas pessoas do fundo do abismo.

Na minha vida, ouvi falar em Deus, mas nunca me dei bem com qualquer religião. Meus pais tinham costumes orientais e eu achei que era melhor ser cristão. Mas foi só por conveniência, pois desse jeito arrumava mais amigos. Não fui católico, não. Entrei para uma seita protestante. Mas fiquei pouco tempo lá, porque não achava que a **Bíblia** estivesse certa. Se a **Bíblia** fosse certa, então Deus abandonou todos os povos que não fossem judeus. Quando percebi isso, fui embora. Mas também não quis saber de nenhuma outra religião, pois estava com aqueles amigos que me desviaram.

Não acho que eu seja muito mau. É verdade que cometi inúmeras infrações e que merecia ser castigado. Se vivesse no Japão, era para praticar o haraquiri, porque desonrei toda a família. Mas no Brasil, a história era outra.

Mas eu não sou a pessoa mais indicada para fazer comentários, pois a minha cultura é muito pequenininha. O que sei aprendi com meus pais agricultores ignorantes, que só queriam que eu respeitasse as pessoas. Respeitei tanto que passei os maiores horrores.

Será que terei nova oportunidade?

## Comentário

Deixamos que o irmãozinho falasse bem à vontade. Ao mesmo tempo, íamos demonstrando-lhe os próprios atos em quadros em que suas lembranças iam sendo configuradas. Toda vez que se lembrava de ter sido levado ao crime, ficava perplexo por ter agido sem qualquer raciocínio. Foi por isso que, ao perceber que iria ver as atrocidades praticadas, desejou passar célere pelo relato. Não nos importamos, pois o nosso objetivo não é o de incrementar os sofrimentos.

Durante a descrição do incêndio que o vitimou, contudo, fez questão de recordar à minúcia, pois parecia-lhe que aí estaria a chave para a compreensão de si mesmo. Verdadeiramente, naquele instante, percebeu seu arsenal de culpa, embora não se tenha muito abalado, uma vez que estava profusamente dopado pelos nossos sedativos.

Os quadros do Umbral não lhe feriam a susceptibilidade, pois configuravam tão só as penas, os *castigos* por que passou, e isso lhe proporcionava certo alívio, por saber que algo havia resgatado dos crimes que praticara.

Estando consciente, lúcido e perfeitamente apto para o entendimento da verdade, irá ser encaminhado para casa de repouso e de estudos práticos de moralidade evangélica, de sorte a refazer os princípios do bom relacionamento entre as pessoas. Aliás, essa foi a primeira lição que tivemos em mente administrar-lhe, revelando-lhe a possibilidade de íntima, séria e leal convivência, através da reunião familiar do amigo médium, como se relata na mensagem anterior.

Foi essa visão que trouxe à mente do sofredor seus retratos de família, de sorte a lhe ferir as cordas sentimentais da personalidade, que estavam extraordinariamente emperradas e rouquenas. Se o leitor pôde reparar, no longo relato do amigo, não há momento algum em que pareça ter-se sensibilizado, seja por que razão for, embora tivesse citado inúmeros fatos que levariam qualquer pessoa normal às lágrimas. Se não fosse esse pequeno estremecimento diante da noção de família que obtivera na infância, certamente iria escapar-nos para regressar ao Umbral.

Se a informação for de algum valor para o leitor interessado em justificativas psicológicas dos atos da vida, devemos dizer que, pouco antes de sucumbir no incêndio, tentou praticar o haraquiri naquele inferno de chamas, por certo porque alguma dor de consciência devia ter. No entanto, faleceu-lhe a coragem, refugiando-se na loucura, naquele momento inexorável. Preferiu sair da vida insano, como se isso significasse o refúgio para a mente culpada. O fogo como que lhe cristalizou essa imagem na mente, de sorte que até agora tem cometimentos de loucura como os que descreveu quando se arremetia contra os agressores. Tais reações estão abrandadas, mas ocorrerão ainda por certo tempo, para o que estão os socorristas prevenidos.

Também a título de curiosidade, devemos dizer que a instituição para onde está sendo conduzido tem departamento especializado no tratamento de nisseis e sanseis, dirigido por mentores de origem nipônica.

Quanto à recepção do sofredor, devemos levar ao medianeiro palavra de elogio pelo desempenho sereno que imprimiu à escrita, facultando ao espírito a oportunidade de

explanar com desenvoltura, sem o ônus de sua intrincada sintaxe à japonesa. Esperamos, tão só, que leitores que conheçam a mentalidade desses irmãos saibam reconhecer em seu relato a presença da cultura e do *modus vivendi* oriental.

Queremos esclarecer ao médium que não estamos interessados em estudos psicológicos ou de qualquer outra natureza relativamente aos imigrantes que vieram trabalhar e viver no Brasil. Se ontem trouxemos um portuguesinho e hoje um nissei, foi mera coincidência. Se amanhã trouxermos algum filho da terra, continuará havendo coincidência, pois todos são sofredores e igualmente filhos de Deus, irmãozinhos a quem respeitamos e procuramos amar, segundo a norma evangélica determinada pelo Cristo.

Se o bom amigo leitor quiser ajudar-nos em nosso trabalho, que realize a sua prece mais fervorosa em prol do socorrismo ativo, que, desse modo, irá participar do grupo, na significativa posição de irmão provedor, pois as energias que se desprenderão das vigorosas vibrações serão carreadas para o auxílio aos necessitados e servirão para alívio de mais dores.

Fique com Deus, irmãozinho, e realize o seu sonho de perfeição, atendendo às recomendações de Jesus, que, como estrangeiro vindo dos círculos de luz, percorreu as terras do Oriente, na esperança e na certeza de conduzir-nos à salvação de nossas almas.

## 24.º Relato — A CAMINHO DA LIBERDADE

Eu não queria ficar quieta, mas me obrigaram a permanecer aqui, respeitosamente, a aguardar por este momento de paz. Sinto que estou bem, mas não acredito em que não vá ter alguma recaída logo mais. O pessoal é bonzinho, mas muito forte e poderoso. Não sei como conseguiram tirar-me das mãos dos malfeitores que me obrigavam a fazer muitas maldades e prejuízos a tanta gente.

Como é que poderia agradecer o que estão fazendo comigo?

Em vida, não fui nada boazinha. Logo que pude, saí de casa à cata de aventuras. As primeiras foram sexuais. Depois entrei para o mundo das drogas e me viciiei. Consegui afastar-me do vício, depois que estive internada, mas fiquei presa ao tráfico de entorpecentes, tendo de cumprir muitas tarefas para não ser denunciada ou assassinada.

Nessa vida permaneci muito tempo, até que me amasiei com um traficante. Foi a minha liberdade, porque ele me afastou do comércio e passou a me proteger. Mas eu não tinha jeito mesmo e logo botei chifres na cabeça dele.

Quando pensava que estava numa boa, tudo caiu de repente na minha cabeça e eu me vi do lado de cá, numa tremenda escuridão, confusa, sem saber o que me acontecera. Uma noite fui dormir e não mais acordei. Acho que fui assassinada enquanto dormia.

Pobres dos meus dois filhinhos ainda pequenos! Nunca mais soube deles. Não que eu os amasse com aqueles transportes de profundo amor maternal. Mas gostava deles, pois eram parecidos com os pais (um era filho de meu marido e o outro não). Tenho medo que ele, meu marido, vá ler o que estou dizendo e possa fazer mal ao pequeno. Não vou dizer se era o mais velho ou o mais novo, para que tenha pena dos dois.

O irmão escrevente está dizendo que esta é a história de *Filomena Marturano*, mas eu não sei quem é essa figura.

Não importa, o que fiz está feito e devo sofrer as consequências, Os crimes dos vícios, já paguei na escuridão, mas o que fiz a pedido dos perseguidores, temo que venha a merecer grandes castigos.

Persegui muita gente e disse para que fizessem muita bobagem. Quase sempre faziam e, quando não aceitavam as sugestões, mandava outra pessoa fazer mal a eles. Nunca perdi nenhum caso, pois nunca apanhei quando voltava para o grupo. Vi muitas mulheres apanhando, por não conseguirem cumprir as obrigações.

Se não apanhei lá, acho que vou sofrer aqui, nas mãos das pessoas que estão sabendo de minha mente maldosa. Quando estava na Terra e a polícia apanhava as prostitutas, elas começavam a gritar para comover as pessoas. Acho que deveria fazer o mesmo, mas não consigo sequer me mexer. O máximo que consigo é fazer o moço ir escrevendo o que vou pensando.

Que acho de Deus ou Jesus? Eu não sei porque nunca vi nenhum. Um dia, fiz a primeira comunhão; para isso, precisei confessar os pecados para o padre. Quando contei para ele que ia com os moleques, ele me deu uma tremenda de uma *bronca*. Depois que eu cresci, desejou ir comigo também. Não estou mentindo, não. Foi por isso que nunca mais entrei na igreja. Sei lá! Os padres eram muito malandros. Tinha uns que apareciam lá em casa para comprar cocaína e davam umas boas *cantadas* na gente. Religião era coisa para tirar dinheiro dos tontos.

Nunca conheci ninguém em quem confiar. Nem meus pais eram pessoas confiáveis. Meu pai, principalmente, um dia correu atrás de mim para me pegar. Se não fosse esperta, hoje estaria aqui contando outra história. Minha irmã, coitada, não teve a mesma sorte.

Pois bem, até que acho que existe alguma força poderosa, pois o que tenho visto de bonito na vida revela que alguém teve cabeça para bolar tudo isso. O céu, as estrelas, o Sol, a Lua, o mar, tem muita coisa muito grande no mundo e eu acho que isso não apareceu sozinho. Mas também penso que existe muita maldade. Até o Cristo, que me diziam ser o filho de Deus, foi crucificado e vazaram até o coração dele.

Minha avó tinha um quadro em que Jesus tinha o coração para fora. Sempre achei muito esquisito, mas eu era bem pequena. Não acho que alguém possa levar o coração do lado de fora. Isso eu nunca vi.

Se o coração era apenas o símbolo do amor, do afeto que o Cristo sentia pela humanidade, isso eu nunca pensei. Acho que deve ser isso. Quer dizer que deu a vida por todos nós, pela nossa salvação? Mas eu não vejo ninguém se salvando. É porque não cumprem os ensinamentos dele? O que foi que ele ensinou? A amar uns aos outros.

O que só vi foi muito ódio. O meu marido, acho que me amou. Eu gostava dos meus filhos, mas o que queria mesmo era aproveitar a vida. Quem eu acho que aproveitava a vida? Não conheci ninguém. Cristo não aproveitou. Bom, se trouxe os ensinamentos, quer dizer que cumpriu a obrigação.

Não acho que minha obrigação era vender maconha nem tóxico. Acho que devia ter feito outras coisas, principalmente ajudado outras pessoas. Não estou inventando isso agora. Quando tinha dinheiro, dava para minha mãe. Mas meu pai bebia tudo.

Eu devia ter livrado minha irmã da vida — entendeu? Mas não pude com ela e nunca deixei de xingá-la por ter deixado meu pai abusar dela. Eu queria que fosse embora e, quando foi, caiu na vida. Mas eu não tirei ela de lá. Acho que isso eu fiz de mau.

Outra coisa que errei foi ter botado chifre no Wilsinho (não importa o nome — ele não vai saber o meu). Se era traficante, era também bom pai e sempre dizia em casa — um belo sobrado ao pé do morro — que os filhos iriam estudar. Ele brincava muito com as crianças, pois não era viciado; só fumava um pouquinho, de vez em quando.

Acho que, se voltasse para lá, iria fazer tudo bem diferente.

Eu não quero é voltar para a escuridão. Faço qualquer coisa para não ir para lá de novo. Não estou mais com vontade de gritar e, se quiserem mostrar o caminho de outro lugar, onde possa viver em paz, eu vou.

Que vai acontecer com os malandros que me exploravam? Vão encontrar outra? Isso é o que não falta.

Devo fazer uma oração. Sei várias que repetia lá no escuro, mas nunca adiantou nada. Estão dizendo que adiantou, já que estou aqui. Pois bem, sendo assim, vou rezar uma

ave-maria e um padre-nosso. Acho que isso seja suficiente. O amigo escrevente vai escrever ou rezar comigo? Então, reze agora.

.....

Veja que lindas preces nós rezamos. O ambiente ficou todo iluminado. Acho que é porque o pessoal tem muita força. Agora vou saindo, confiante em que estou em boas mãos. Sinto que a minha vibração não foi muito boa durante a oração e que perturbei até o irmãozinho. Não faz mal. Prometo voltar um dia para agradecer bem convenientemente. Fique com Deus!

## Comentário

A irmãzinha que acaba de deixar o posto nos foi recomendada pela mãe, que nos procurou no intuito de livrá-la dos perseguidores. A mãe nos diz que a moça foi muito bonita e que despertou a cobiça de inúmeros homens. Se tivesse talento, teria sido artista famosa. Fez até testes para uns programas de televisão, mas o que os homens queriam era aproveitarem-se dela. Como não tinha escrúpulos, deixou-se levar para onde eles queriam, principalmente no intuito de tornar-se fornecedora de drogas. Essa maldade, contudo, não era só dela, porque estava nas mãos dos traficantes.

Como disse, o casamento tirou-a das ruas, mas não lhe deu nenhuma garantia de desenvolvimento moral. O marido não era tão boa pessoa assim; só queria apresentar uma mulher bonita onde aparecesse. O que ocorreu é que acabou apaixonado e pai extremoso. Quando soube da infidelidade da mulher, enciumou-se e assassinou-a, pois achava que lhe pertencia, como algo com que tivesse despendido muito dinheiro.

Este comentário está descritivo porque queremos frisar que a irmãzinha contou história inteiramente verdadeira, coincidindo exatamente com o que a mãezinha nos declarou.

Partirá daqui para as tradicionais providências de internação em hospital especializado e matrícula em escola adequada ao seu nível de escolaridade e de capacidade. Somente após o descerramento da consciência para a admissão das culpas e para o competente arrependimento é que se iniciarão as tentativas de caracterização de sua real personalidade, para avaliação do melhor destino a lhe ser dado. Por ora, era o que podíamos adiantar.

Quanto aos vínculos carnis que manteve na última peregrinação, deixou de cumprir todos os tópicos, pois sua destinação era para o socorrismo fraterno no campo da enfermagem. Dos hospitais passou bem longe, a não ser na qualidade de paciente, mercê dos desvios que teve desde pequenina. Mas, se essa foi atenuante a lhe amenizar o grau de culpabilidade, certamente se terá vingado da sociedade malsã, contribuindo para a perpetuação dos crimes e das mazelas. Não adiantou um passo sequer no rumo das virtudes.

Trabalho grande irá ter a mãe, altamente compromissada com ela desde encarnes anteriores. Aliás, esses intrincados vínculos em que a família está encerrada, tem como base a figura paterna, cuja missão tem sido a de orientação, mas que não consegue jamais conter os impulsos da mais baixa animalidade, o que está ocasionando prejuízo existencial para todo o grupo. Por isso se está dando a presente oportunidade para a amiguinha. Queira Deus se torne, com a ajuda da mãe, a protetora dos filhos, ainda na presente encarnação deles, para que se possa dar alguma estabilidade ao grupo que ora está principiando a formar-se, para garantir aos demais membros a possibilidade de existências na carne mais proveitosas.

Como se vê, é importantíssimo para todos que o trabalho da mãezinha obtenha êxito junto à filha. Oremos para que isso ocorra, de molde a facilitarmos, com nossas vibrações de muito carinho e compaixão, que o ânimo das duas se ajuste ao trabalho que se espera delas.

## 25.º Relato — CONSCIÊNCIA DESPERTADA

Hoje, eu queria ficar de bem com o mundo. Por muito tempo caminhei nas trevas, espezinhando e sendo espezinhado. Mas foi tudo em vão e parecia não ter mais fim. Hoje, gostaria de ter paz para pensar na vida, no que fiz, no que sou, para onde vou. Sei que este momento de repouso está sendo patrocinado por diversas entidades de muita força e de muita luz e que, em pouco tempo, voltarei a terçar armas com as entidades malignas do báratro.

Dizem que posso evitar o entrevero. Bem que gostaria de ser orientado para isso. Pois me entrego inteiramente às mãos tão benignas destes amigos de última hora.

Vou narrar algumas passagens de minha longa vida, esclarecedoras do porquê estive imerso na escuridão por tão longo tempo, embora ilustrado fosse das letras humanas.

Nasci em berço pobre mas ascendi na vida mercê de bom casamento. Tal como a amiguinha de ontem (ver 24.º Relato — *A Caminho da Liberdade*), eu também tive o ensejo de possuir físico e fisionomia privilegiados, mas, ao contrário da irmãzinha, subi na vida e instalei-me confortavelmente no dinheiro. A fortuna que a esposa trouxe como dote, pude multiplicá-la à custa de algum trabalho, de um bom esforço, mas também de muita sorte.

Pude frequentar muitas casas ricas, entrando pelas portas dos fundos, trazido pelas mãos das matronas. Muitas ofereceram-me as flores murchas de suas vidas, outras, frutos serôdios de afeições tardias, todas com muito dinheiro e importantes influências. Nunca esbanjei do que fosse meu e sempre atendi com muita energia aos reclamos de vida de todas.

Tento expressar-me metaforicamente, mas o que realmente fui foi boneco de luxo com que brincavam as irmãzinhas frustradas por vida vazia de valores morais. Eu mesmo, um pobretão nesse sentido, fiz por valer-me dos atrativos físicos.

Em suma, acabei rico e sozinho, pois minha esposa me deixou tão logo percebeu para onde me encaminhava. Sozinho, propriamente não, porque herdei dois sobrinhos de infeliz consórcio matrimonial de minha irmã, os quais prometi educar. Foram a minha perdição.

Deveria ter escrito *salvação*, se me tivesse circunscrito a tão só dar-lhes educação formal e os encaminhado para profissões dignas. O que fiz com eles, no entanto, valeu-me bons anos de estadia nas prisões do Umbral. É que os desencaminhei, integrando-os no meu quadro de perversos.

Um deles efeminou-se por conveniência e passou a ganhar a vida como *michê*, mistura de homem e mulher, fazendo de tudo um pouco na alta-roda. Terminou tuberculoso, pois se descuidou da saúde. O outro intentou seguir-me os passos, pois

precisava de alguém que me socorresse quando várias aventuras concomitantes exigiam o meu concurso.

Quero deixar claro que não pretendo vangloriar-me como pretendo Casanova, mas meu intuito é esclarecer o quanto sofri por ter optado por essa vida chã e aparentemente luxuriante.

Quando parti para cá, enalacrado por execrável doença venérea, destinei todos os haveres para o sobrinho que restava, o qual deixei com a recomendação de que prosseguisse intemorato na caminhada encetada, expandindo, se possível, os negócios, contratando rapazes e moças; enfim, dando ares de empresa ao sujo negócio que iniciara.

Sei bem agora que andei totalmente errado. Do lado de cá, pude verificar *in loco* os estragos que causei a numerosos seres que, pervertidos iguais a mim, me acusavam de inúmeros crimes que, na hora do prazer e do desempenho daquilo que tivera por profissão, não me passaram sequer pela cabeça.

Um dia, defrontei-me com jovem suicida que encontrara em vida ávida por aventuras e que, por meu intermédio, adquirira a doença das cruces, tendo-a transmitido ao marido. Esse enovelar de acontecimentos resultou em acusações mútuas, em ameaças cortantes, até que redundou na fatídica ocorrência.

Sempre soube que a responsabilidade dos atos é de quem os pratica. Eu mesmo, ao consultar as freguesas, procurava inculcar-lhes na mente que o que faziam corria por conta exclusiva delas, não só no aspecto financeiro, mas também no que respeita às conseqüências sociais, familiares e morais. Só depois de constatar que se tratava de pessoas responsáveis é que cumpria o contrato.

Com aquela jovem não fora diferente, só que me enganou quanto à firmeza de caráter. O que estava fazendo era vingar-se do marido por causa de certa aventura extraconjugal, de sorte que o caso acabou sendo estranho a tudo o mais que pratiquei na vida. Devo, para ser honesto, dizer que me engracei pela referida jovem, o que me deve ter toldado o julgamento.

Dizem-me que o procedimento está devidamente esclarecido e solicitam-me que narre alguma ocorrência mais que considere útil para a compreensão da pena que sofri tão miseravelmente na escuridão.

Certamente, devo ter tido procedimento indigno com determinados indivíduos que tentaram enganar-me, como policiais que se julgavam no direito de extorquir-me dinheiro, como entrevistados que exigiam certas atitudes menos dignas e que reputava de desvios de personalidade e, por isso, partia para a agressão física.

Em certo ponto da vida, cerquei-me de defensores para premunir-me contra ataques inesperados de inimigos gratuitos que aspiravam a me tirar os pontos de drogas, pois mantive algum contacto com traficantes. Ciente dos compromissos que esses indivíduos exigem serem cumpridos, mantinha distância conveniente, de modo a só fornecer drogas aos clientes viciados. O que me interessava realmente era o arranjo sexual; era o que me dava mais dinheiro. Hoje vejo que tudo concorreu para meu despautério espiritual.

Sei que minha atitude pode parecer suspeita porque escrevo estas linhas com ampla desenvoltura, como se dominasse inteiramente o intelecto e a vontade. É bem verdade que sempre fui calculista e que os últimos anos dediquei à vida artística, para

granjear fama de mecenas e fazer-me rodeado de pessoas gradas e abonadas. Eduquei-me para isso, pois facilidade e certo brilho intelectual sempre tive. A palavra sempre me foi fácil e os trejeitos sociais deram-me o verniz que faltava e que não trouxera do berço.

Pareço, dizendo isso, que tenho aguçado espírito e que conheço em profundidade a magia de convencer as pessoas. A verdade é que descobri, finalmente, que tudo o que fiz se deveu a profunda vaidade, imenso egoísmo e arraigado espírito materialista. Um pouco só que me tivesse dedicado, ao início da vida, às conquistas morais e à compreensão das verdades evangélicas, certamente outro teria sido o meu destino, pois arguto eu fui, tanto que posso desfiar perante os irmãos e os possíveis leitores, pois sei que não estou escrevendo em vão e sei bem qual será a utilidade deste escrito, série imensa de raciocínios que me levariam fatalmente a concluir pela minha falsidade e pela urgente necessidade de mudar de conduta.

Não bastasse isso, com a desculpa de integrar grupos de baderneiros, saí à cata de aventuras na face da Terra, sempre voltado para os centros espíritas, onde ia com o intuito aparente de badernar, mas com a intenção profunda de investigar o que lá se fazia que tanto interesse despertava junto às entidades superiores. Não que as visse ou pudesse analisar, mas era visível a força e o poder que tinham de afastar as entidades que se diziam importantes.

Devo confessar que aprendi a rezar com mamãe, mas nunca me atrevi a formular as sacratíssimas palavras, com medo de trair meu verdadeiro íntimo e com o receio de revelar à opinião dos espíritos superiores quem realmente sou. Por isso, calei a voz e procurei sondar o coração.

Hoje me apresento espontaneamente a este grupo, pedindo que me acolha e que me proporcione algum sossego à alma. Sei que muito pequei e assim me confesso. Sei que meu coração está pejado de crimes e que vozes se fazem audíveis, convocando-me para as trevas. Sei que, se lágrimas me escorrerem pelas faces, terão certamente o cunho da mentira e da malícia. Sei que não mereço fé e que não se poderá confiar em mim, pois o meu passado me condena.

Mas, pelo amor de Deus, eu rogo, coração na mão, outra oportunidade de vagar pelo mundo da carne na companhia de parceiros encarregados dos serviços do socorro, de modo que se possa ver se estou apto para resolver os meus problemas através do trabalho. Se desmerecer da confiança, podem arremessar-me de volta às feras que me perseguiram no fundo do claustro de dor que se tornou o meu pobre coração.

Antes que eu mesmo me perca diante de tão generosa confraria, permitam-me agradecer a todos a acolhida e demonstrar ao mestre que apanhou o ditado o mais acalentado desejo de que o seu serviço possa ser reconhecido e você, bondoso amigo, guindado às esferas superiores, que, sei, são o seu destino.

Otávio.

## Comentário

O irmãozinho Otávio tem a convicção íntima de que os seus crimes sejam menores e de que já tenha pagado por todos eles. Em sua inocência, sugeriu ao *mestre* que desse o título de *Consciência despertada* para sua brilhante confissão.

Ignorou, na realidade, quais sejam as virtudes, embora pudesse enumerá-las todas, uma a uma, saltando da mente com o frescor de tenra verdurinha recém-apanhada na horta. Mas suas hortaliças estão contaminadas pelos produtos industriais com que pretendeu afastar os incômodos insetos.

Se estamos floreado o estilo, é para demonstrar que também temos a faculdade de burilar o texto, de modo a fazer indiretamente a anotação que a dura linguagem crítica costuma expor, como ocorre com as chagas e pústulas leprosas que os mendigos exibem à contemplação pública, no intuito de promover a compaixão dos transeuntes. Eis o que, na realidade, ocorreu com o texto do irmão.

Não estamos, ao dizer isto, negando-lhe afeto, interesse e mesmo amor; ao contrário, bom pai sói ser aquele que molesta o filho, prevenindo-o contra os males que venha a praticar ou favorecer.

Queira Otávio recompor-se e exhibir seu verdadeiro caráter, se, de veras, deseja prosseguir merecendo e usufruindo a ajuda deste grupo.

Saiba que aqui o trouxemos por influência intuitiva e não porque assim tenha determinado por alvitre próprio. Saiba, também, que não foram só inimigos os que buscaram por seu espírito vagabundo e errático nas trevas, mas houve quem desejasse vê-lo a salvo das garras dos inimigos, principalmente daquele monstro que lhe coube apontar ao final da manifestação, ou seja, você mesmo.

São figuras de mulher, mas não daquelas que você tratou como freguesas ou comparsas. Estão aqui a sua mãe e a sua irmã, havendo até criatura que você desconheceu em vida, mas que teria sido sua filha, se você não patrocinasse o aborto criminoso que lhe tirou a possibilidade de encarne expiatório. São criaturas que querem vê-lo restabelecido e livre do peso das maldades que praticou.

Para poder obter tal auxílio, caro amigo, deverá desvestir-se de seu aparato mítico, ou seja, deverá deixar de criar imagens e ilusões de vida, mas procurar enfrentar de peito aberto a verdadeira pessoa que você é, para, então, poder comparecer de novo a esta mesa de manifestações mediúnicas, para escrever verdadeiramente texto que possa levar por título *Consciência despertada*.

Diante de toda sua verborragia e capacidade de utilização proficiente dos termos sagrados da língua, busque elucidar-nos de suas reais intenções e disponha-se a seguir-nos, não para percorrer as ruas em busca de trabalho, mas para hospital de restauração dos verdadeiros princípios evangélicos, de que você se diz conhecedor mas dentre os quais ainda não logrou pôr em prática qualquer deles.

Você terá o tempo que quiser para pensar, mas isto deverá fazê-lo recluso em prisão domiciliar, se assim podemos chamar o retiro para onde será guiado. Saiba que os mínimos pensamentos ficarão indelevelmente registrados nas paredes sutis do

estabelecimento e que servirão para que verifiquemos o momento exato em que estará apto a enfrentar os trabalhos de restauração perispiritual. Caso não obtenha sucesso, será devolvido ao Umbral.

Estamos dando-lhe todos os informes, para que não venha a acusar-nos mais tarde de termos sido injustos ou desonestos. Tudo ficará em suas mãos. Adeus, irmãozinho! Esperamos em Deus que saiba escolher o caminho do Senhor!

Ao leitor, deveríamos agora estender-nos em profundas explicações. Não vemos, contudo, conveniência em esclarecimentos que facilmente poderão ser encontrados nas obras do irmão Kardec ou na perlustração da coleção de André Luís. Para nós, basta esta indicação de caminho e a recomendação de que analise detidamente o texto de nosso Otávio e veja se não se sente tentado, lá no fundo do coração, a apor a sua assinatura, como se fora a mensagem o resultado de suas expectativas profundas de bem viver a vida na carne.

Queira Deus, bom amigo, que se sinta mais propenso a assinar esta nossa comunicação, de sorte a demonstrar cabalmente que foi capaz de compreender os deslizes do amigo e o remédio que propusemos. Oremos todos para que assim seja.

Ao irmão médium, rogamos desculpe-nos ter trazido espírito tão malicioso. Cremos que você estará dentre os que optarão por deixar o nome ao lado no nosso. Muito obrigado por tudo e fique na paz do Senhor!

## 26.º Relato — INCONFORMISMO PREJUDICIAL

Quando essas bênçãos de Deus estiverem descaindo do céu, eu também gostaria de poder fazer jus a recebê-las. Se a prece do médium for poderosa como foram belas as palavras que ouvi, certamente será atendido.

Eu também, em certa época da vida, rezei muito para Deus e também por intermédio de muitos santos e pais de santo. Não sei se alguma vez fui ouvida.

Querem saber se dizia as orações com fervor e se acreditava em que seria atendida. Acreditava, sim, tanto que paguei todos os compromissos, as chamadas *obrigações* pelos serviços prestados. Só que acreditava mais quando se tratava de fazer maldades, quando queria prejudicar alguém. Quando ficava doente ou algum de meus filhos, se não fosse atrás dos remédios da farmácia, nós acabaríamos morrendo.

Aliás, foi assim que vim parar deste lado de cá, pois fui ferida em briga com uma vizinha e não cuidei do ferimento. Ele foi infectando e eu procurei um pai de santo, que me deu uma porção de mezinhas e me mandou colocar cinza misturada com teia de aranha na ferida. Quando dei entrada no hospital, estava tudo gangrenado. Os médicos chegaram a cortar a perna, mas do hospital meu corpo foi direto para o necrotério e eu para a escuridão.

Eu vivia em Salvador, na Bahia, por isso conhecia bem o som dos atabaques.

Desde pequena, frequentava, toda de branco, certa tenda da Umbanda. Tudo lá era maravilhoso. Foi lá que conheci o pai dos meus filhos. Só que era casado e, por isso, precisei juntar-me a ele.

Durante um bom tempo, fui muito feliz. Quando consultei os búzios, os orixás me disseram que eu teria um período bom e outro ruim, mas o período ruim iria depender de minha atitude diante da vida. Um dia, meu *marido* me abandonou e eu fui atrás de um malefício.

Sabia que, no meu terreiro, não conseguiria nada. Então, procurei outro pai de santo, que me atendeu a troco de muita obrigação. O meu marido se meteu em briga e desencarnou. Eu fiquei muito agradecida: se ele não era para mim, que não fosse para ninguém. Não prestei atenção, porém, em que o malfeito podia voltar-se contra mim e que um dia o espírito dele podia querer vingança.

Não precisou muito para que a mulher por quem me abandonara me atacasse em emboscada e me ferisse como acima descrevi. Ela tombou sem vida na hora e eu me refugiei na casa de parentes. Por isso é que não deixei trazerem médico, só o preto velho. Foi a minha ruína.

Deste lado de cá, encontrei os dois que despachei, o primeiro através do *trabalho*, a segunda, por minha peixeira. Mas não estavam juntos. A única coisa que os unia era o ódio

contra mim. Eu mesma, às vezes, os pegava brigando e, outras vezes, nós nos uníamos e íamos perseguir o pai de santo que nos tinha enganado a todos.

Nessa vida, fiquei durante muito tempo. Acho que mais de dez anos, porque, outro dia, vi meu filho mais velho que está homem feito. Fui levada até lá por um amigo que está presente. Foi por causa disso que concordei em chegar até aqui, bem longe de minha terra. Eu queria ir ao terreiro que frequentava, mas me disseram que precisava de purificação, que não podia chegar lá porque ia perturbar os trabalhos. Quando soube disso, chorei bastante, porque percebi o quanto havia perdido.

O meu amigo me disse que eu não tinha prestado atenção nos avisos que as palavras dos orixás me diziam. Sempre pensava que eram para as outras pessoas e, quando a mãe de santo me passava as mãos pelo braço, ficava toda arrepiada, pensando que era a felicidade que estava garantida.

O que não entendi bem foi a extensão, o tamanho do meu crime e qual a responsabilidade que tive em tudo isso, porque sempre fui pessoa muito boa e sempre trabalhei para dar sustento e educação para os filhos.

No que precisarem de mim para ajudar nos serviços, eu conheço bem alguns pontos para dar tranquilidade ao ambiente e trazer felicidade ao *cavalo*. Sei que está tudo em paz, mas, se quiserem, não vou fazer-me de rogada.

Dizem para fazer a oração final, antes de partir. Pois tentarei, desde que consiga um pouco da vibração do médium na prece de abertura dos trabalhos.

O que reconheço aqui é que é tudo bem parecido com os trabalhos de que participei no terreiro. Lá também a gente pedia para as entidades respeitarem a vida e para ajudarem os necessitados. A gente não pedia para que ninguém estudasse nos livros, mas para que decorassem os cantos e as orações e que comparecessem com o coração bem puro.

Quando tinha alguém doente ou espírito sofredor, a gente pedia para o santo correspondente ao seu ascendente que lhe desse proteção. Agora estou recebendo muita proteção e agradeço aos irmãozinhos a força que sinto estar voltando para a minha cabeça.

Peço perdão pela forma errada que comecei a manifestação, pois pensava que o que se passava aqui era só *perfumaria*, água-de-cheiro para agradar os espíritos e mais nada. Agora vejo que o trabalho é sério e fico contente por poder voltar à antiga crença.

Dizem que não estou recuperada e que preciso desenvolver mais os meus poderes. Se for preciso estudar e trabalhar, podem contar que vou começar desde já, pois uma das coisas que queria na vida era me transformar em santa de terreiro. Dizem que terei de me adiantar muito para chegar até lá. Pois eu me proponho a fazer de tudo para isso.

Gostaria de ouvir a preleção do orientador e esclarecer a quem ler a minha *mensagem* que as palavras foram traduzidas para o dialeto do moço que está escrevendo e que, se fosse por mim, iria usar a linguagem própria do terreiro. Senti falta do marafó e da dança, mas sei que aqui só se bebe água.

Gostaria de ter podido ajudar com a minha presença e sinto muito por não ter trazido nenhuma novidade para ninguém. Agora me despeço e rogo a Deus que dê proteção a todos, para que continuem trazendo gente necessitada como eu de esclarecimento e de lenitivo para a dor. Peço que tragam também o meu marido e sua

amante, porque acho que iriam ganhar muito vindo aqui e eu também, porque não iriam mais perseguir-me.

Isaura.

## Comentário

Gostaríamos de dizer que a amiga Isaura realmente se transformou durante a transmissão, recompondo o perispírito de forma surpreendente. Parece que recebeu certos influxos de antigos companheiros desencarnados com quem trabalhou na Umbanda. Sentimos de modo estranho essa ascensão, uma vez que a encontramos totalmente isolada e desamparada, já que se recusava terminantemente a ser auxiliada pelos conhecidos, por certo por vergonha do que realizou em vida, em detrimento de todo o ensino que deveria ter aprendido no terreiro.

Essa a causa primeira de ter acedido em acompanhar-nos, tendo exigido antes provas de nossa força, tanto que precisamos levá-la a visitar o filho. Antiga frequentadora dos centros espiritistas, desconfiava de que pudesse ser enganada por mistificadores, que se aproveitariam de seus serviços especializados para a consecução de objetivos espúrios.

Tranquilizada e resolvida a cooperar, ficou fácil infundir-lhe a coragem necessária para a determinação de rever e enfrentar os antigos confrades. Tendo resgatado os males que cometeu em seu desatino de amor-próprio ferido e daquilo que considerava justa proteção aos filhos, agora partirá para nova existência de caridade e de ajuda fraterna, principalmente no que respeita aos desafetos e às entidades que desrespeitou quando abandonou o terreiro. O trabalho será penoso, porque começa o momento do remorso, que só a compreensão da culpa acarreta. Mas tem o auxílio pronto das entidades amigas, que lhe propiciarão as indicações exatas do que fazer e do como proceder.

Vá em paz, querida amiga, e receba de Deus influxo de amor em forma das bênçãos que você desejou ao introduzir-se na mesa mediúnica. Deus a abençoe, cara irmã, e lhe dê as luzes necessárias para que prossiga de modo reto sua caminhada rumo à eterna felicidade!

Ao irmão leitor, devemos esclarecer que nos chegam notícias de nossos superiores segundo as quais os socorristas não chegaram ao acaso ao local em que estava Isaura. Foram para lá encaminhados por via intuitiva, a pedido dos mentores do grupo a que pertencia a irmãzinha. Como se vê, nada no plano espiritual ocorre ao acaso. Será que na matéria haja algo a que se possa denominar *coincidência*? Fique a inquirição para ser respondida pelo amigo interessado em deslindar o mistério da vida.

Adeus, bom amigo. Reze pelas infelizes criaturas nomeadas na mensagem-auxílio e faça-o com a costumeira vibração de amor e solidariedade.

## NA JUSTA MEDIDA

Quem não quiser aproveitar-se dos benefícios do divino beneplácito da vida e se chafurdar nos males dos vícios irá ter, um dia, na justa medida, de recompor o destino hoje perdido, com o ônus, é claro, de tudo que está deixando para trás. Sabemos à exaustão que este é o terreno mais infértil da humana concepção, porque deblatera inocuamente os interesses materiais, tentando dispor, em seu lugar, bens que não se configuram como necessários ou prementes durante a vida, a não ser nos momentos de dor física ou perda moral. Para todos, entretanto, que envelhecem na carne, chegando a conjugar o sentimento de perda ao próprio sentido da vida palmilhada, o terror do abismo se afigura como a só saída, pois se compenetraram de que o mal feito é irreversível. Nesses instantes de desespero, vem o arrependimento, o *mea culpa*, a desilusão da carne e da malícia da postergação. Aí, na justa medida, o remorso bate às portas da consciência e a pessoa se vê inexoravelmente diante de si mesma, em definitivo no que concerne à atual encarnação.

Como se situa você, caríssimo amigo, em seu tempo de vida? Presumimos que, por estar a ler este texto, tenha discernimento suficiente para acreditar em que o que estejamos a declarar tenha cunho de verdade, ou seja, é possível que conceba a vida em desenvolvimento para propiciar valores morais eternos, mas que, dadas as circunstâncias que envolvem os atos humanos, apresenta a aparência de algo efêmero e derruível.

Se você ajuizar bem a respeito da vida e da morte, se for capaz de perceber que tudo se ajusta no cérebro, ali ficando registrado para sempre, sejam boas ou más as situações, sendo honestos ou não os procedimentos, sendo profundos ou não os aspectos que assumem os pensamentos, os raciocínios e as intenções, sendo fundados os princípios morais em vigor em sua personalidade, segundo a orientação do Cristo ou de acordo com as normas humanas baseadas nas ambições mundanas, certamente concordará conosco que o tal princípio da volatilidade dos acontecimentos é falso e que a vida humana não é tão perecível quanto dão a impressão o desfazimento corpóreo e a capacidade que tem o físico de dissolver e diluir as dores e as doenças. Não estamos inferindo a eternidade do homem, mas estamos determinando a permanência da vida em forma de impressão indelével do cérebro e do coração na consciência profunda.

Isto exige do ser humano sábia reflexão a respeito da responsabilidade de assumir papéis diante da sociedade, pois tudo repercutirá no fundo da personalidade e tudo terá, no momento próprio, a justa medida, para categorizarem-se as atitudes, os procedimentos, as intenções a favor ou em descrédito do indivíduo. Vamos, portanto, bom amigo, recompor a visão da vida, segundo o prisma que estamos propugnando.

Suponhamos, para raciocínio, que esteja você, neste exato momento, na pele daquela pessoa acima citada, que se vê, de repente, no final da vida e se apercebe de que

nada produziu, segundo os valores morais agora aceitos, tendo em vista a necessária preparação para o desconhecido, para o mistério. Você terá diante de si a desilusão, o arrependimento, o remorso e a impotência de desfazer as maldades, substituindo-as pelas correspondentes virtudes. Lamentar-se será a última recomendação que lhe faríamos em tal circunstância; seria crescer os males de mais um.

Diante da incapacidade de regeneração e da absoluta inoperância de qualquer prestação de serviços, restará orar ternamente ao Senhor, agradecendo-lhe finalmente esta luz que tardia se acende. Se é impossível desfazer os malfeitos e recompor a vida, se de nada adianta prantejar a respeito, que se construa dentro de nós belo edifício de moralidade superior, acatando Jesus e seu evangelho de amor e prometendo regeneração, através do oferecimento de outra vida em holocausto ao bem maior, nesta desperdiçado e vilipendiado.

Agindo assim, teremos demonstrado fé em que a divina misericórdia nos possibilitará o resgate das faltas e confiança nas promessas messiânicas, aquelas segundo as quais Jesus nos oferecia o céu, na companhia do Pai, se nos arrependêssemos de fato e se nos propuséssemos a respeitar as divinas leis, dentre as quais avulta a da justiça, pois tudo tenderá a concretizar-se, conforme o prenúncio de Jesus, na justa medida.

No entanto, pessoas velhas, capazes de perflorar este texto de tão arrevesado teor argumentativo, terão certamente examinado com detença os aspectos por nós levantados e ter-se-ão compenetrado do que seja melhor para si, na acima determinada situação. Cremos que o leitor tenha amadurecido o pensamento e seja sóbrio de sentimentos, de sorte que se ponha apto a prosseguir mais um pouco conosco, em nossas elucubrações. Então, vejamos.

Você espera ter diante de si uns bons anos de vida. O seu passado pode condená-lo, mas a perspectiva do futuro abre-lhe as portas da esperança do resgate dos débitos, de sorte a impregnar na consciência o contrapeso das culpas na forma de serviços a serem prestados, de acordo com as recomendações evangélicas. Sendo assim, a primeira e sábia decisão a tomar-se é a análise profunda e proficiente das intenções e saber se não existem resquícios de malícia na propositura de alteração do rumo da vida.

Às vezes, temos constatado que as pessoas tomam conhecimento do que o destino reserva a todos os seres humanos, ou seja, a necessidade de progresso, e assumem postura de inteira concordância com os novos rumos a seguir. Entretanto, agem mecanicamente, mercê de raciocínio lógico fundamentado em claras razões ideológicas, mas não se deixam envolver pela força propulsora dos sentimentos, transformando a vida de redenção em mero cumprimento racional dos deveres cármicos, como se dá quando, por força coercitiva das necessidades profissionais, os indivíduos desempenham suas funções como autômatos, alheados e desinteressados, desincumbindo-se de mero dever ou obrigação. Se pudessem escolher, fariam outra coisa.

Superada essa fase de pura compreensão dos próprios sentimentos e motivos, aceita a figura do Cristo como necessária e de seus ensinamentos como únicos para preservação dos objetivos vitais, você poderá, então, iniciar a preparação, através do estudo da vida e da morte que as obras kardecistas propiciam.

Não importa o quanto seja culto. Pessoas existem que estudaram filosofia a fundo, de sorte que conhecem os pensamentos dos vários filósofos e são capazes até de

relacionar esses princípios com o próprios fundamentos históricos e sociais que deram azo a esse desenvolvimento. São pessoas sábias, que costumam tratar dos temas com grande profundidade e argúcia, com maestria quase diríamos, se não colocassem a moral e a teologia como departamentos dos sistemas filosóficos e não as integrassem em sua maneira de ser e de viver. Cientistas do pensamento, não se deixam envolver pelas próprias razões levantadas, da mesma forma que operariam se estivessem lidando com a fauna microbiana nos laboratórios.

Ao tomar contacto com a codificação espírita, aceite, desde logo, o princípio de que tudo o que se passa no Universo tem alguma razão de ser, que tudo decorre na justa medida de desiderato superior, o qual nós creditamos à entidade criadora a que se convencionou dar o nome de Deus. Você poderá adotar outra nomenclatura qualquer dentre as muitas existentes, Jeová, Alá etc., ou até inventar uma baseado em suas tendências místico-religiosas, mas não deve deixar de respeitá-la como a excelsa figura do Criador, do ser de quem tudo promana e para quem tudo retorna.

Esta visão divinizada da existência é essencial para que se dê curso a todos os demais raciocínios e sentimentos a respeito do mundo e da existência. Tendo longamente tratado com os materialistas, estamos inteiramente à vontade para afirmar que é chegada a hora de abrimos os olhos para as verdades eternas. O materialismo se fecha sobre si mesmo e é incapaz de enxergar a grandiosidade universal acima das percepções sensoriais.

O que estamos preconizando ao bom amigo é que aceite a presença da intercomunicação entre os diversos planos existenciais, de molde a abrirem-se-lhe perspectivas de nova compreensão da realidade, baseada não mais na grandiosidade do Universo, mas na absoluta potencialidade daquele ser que deu origem ao Universo e demais possibilidades cósmicas, das quais somos incapazes de compreensão e inteligência. Este reconhecimento de nossa imperfeição e de nossa pequenez é fundamental para o prosseguimento da busca da verdade de nossa personalidade e dos méritos a serem conquistados para o contrabalançar do bem a realizar-se, com o mal cometido.

Após delinear com segurança seu verdadeiro lugar no mundo, recomendamos-lhe, bem intencionado leitor, a inscrever-se em algum curso de espiritismo, na justa medida de sua capacidade. Vá ao centro espírita mais próximo, converse com os orientadores, exponha os seus problemas, cite a leitura deste texto e determine-se a acatar-lhes as sugestões de como proceder para dar continuidade ao seu engrandecimento moral e espiritual.

Ao mesmo tempo, proponha-se a servir de arrimo aos companheiros do grupo socorrista, na justa medida de sua capacidade intelectual e social. Vá às reuniões, participe das campanhas, realize algo de bom em prol dos irmãos mais carentes e necessitados, seja nas favelas, nos cortiços, nos hospitais, nos presídios, nos orfanatos, nos asilos, nas ruas pelas madrugadas, na assistência familiar, seja na busca do conforto aos desesperados, na indicação do caminho do Cristo a quem se deixou envolver pela tragédia de vida desregrada, perdulária, inútil. Não queira, contudo, ser o herói das causas perdidas. Faça tudo que estiver ao alcance, bem na justa medida das possibilidades.

Neste ponto da leitura, você deve estar percebendo que o roteiro está quase completo. Talvez esteja pensando em que lugar situaremos os contactos com o plano espiritual. Pois a leitura deste texto já deve ter sido intuição propiciada por guias ou

protetores. Se for cumprindo, etapa por etapa, todos os passos por indicados, certamente terá ajuda dos irmãos desencarnados, na justa medida das necessidades. No momento oportuno, ser-lhe-ão dados avisos para participação nas mesas do socorrismo mediúnico. Mas esta parte é extremamente secundária.

Não que estejamos propugnando espiritismo sem espíritos. Não incorreríamos nesse erro elementar, pois estaríamos fechando as portas para nossas próprias manifestações e nos veríamos cerceados em inúmeras atividades do socorrismo em que a participação dos encarnados é fundamental, além de desdizermos dos princípios que nos trouxeram até esta mesa e até este ponto da mensagem. Nada disso.

O que queremos afirmar é que ao encarnado deve ser prioritário o serviço destinado aos irmãos na carne. Se médiuns existem que dedicam grande fração da vida ao atendimento do plano espiritual, podem estar certos de que voltarão outras vezes para completar a parte que desleixarem no atendimento ao irmão denominado por Jesus como sendo o seu próximo, pois nada se realizará em suas vidas que não seja na justa medida.

Finalmente, indefectivelmente trazemos a recomendação universal da necessidade da prece. Nada terá real valor se não se fizer acompanhar desses momentos de recolhimento em que o ser humano, na qualidade de criatura, se põe diante do Pai, para rogar-lhe perdão pelos males, para suplicar misericórdia pelos falsos juízos, para solicitar luzes para a compreensão da vida, para agradecer todos os benefícios e oportunidades de crescimento moral e espiritual, para enaltecer a criação e para demonstrar o muito amor que sente pelo Pai, não pelo temor de se ver envolto nas malhas das dolorosas expiações, nem pela perspectiva de ser guindado aos círculos superiores, em que se confraternizam os espíritos de luz da espiritualidade angélica, mas por saber-se concebido em amor e, portanto, legítimo filho de Deus.

Eis que percorremos a mente do leitor em tentativa de esclarecimento do porquê deve impor-se como conceito de vida a visão evangélica. Não sabemos se o fizemos na justa medida de cada um. Com certeza, foi na nossa medida, pequena, humilde, mas pretensiosamente responsável e digna, de modo a não ofender a orientação dos maiores. Alunos que somos da ***Escolinha de Evangelização***, atualmente em serviços de socorrismo ativo, dedicamos este texto aos instrutores, na segurança de que poderão, após minucioso exame da contextura, do desenvolvimento, avaliar as nossas necessidades e oferecer-nos diretrizes seguras para que possamos trilhar o caminho da salvação.

Se fora possível transferir este sentido de humildade, que aprendemos com os superiores, ao bom leitor que se dignou acompanhar-nos até aqui, acreditaríamos ter conseguido, realmente, oferecer-lhe algo na justa medida, para que possa, com firmeza e com absoluta convicção, alterar o rumo de vida, no sentido de imprimir-lhe a direção correta para plena realização dos atuais objetivos.

Humildade e trabalho, portanto, bom amigo, é o que se lhe pede, diante das tantas falácias da vida. Que Deus nos proteja de nós mesmos, para que possamos enfrentar, com denodo e fé, as provas que nos faltam para termos acesso à fase seguinte da evolução!

Fique com Deus!

## 27.º Relato — ENSAIOS INFAUSTOS

Intentei entrar em contacto através de uma gracinha mas fui rechaçado na hora. Vejo que tenho de perfilar-me soldado diante do general, se quiser haurir em paz estes momentos de doutrinação.

Vou, desde logo, avisando que tenho conhecimentos vários em diversas áreas das humanas ciências e que poderia fazer desfilar diante das pessoas inúmeros argumentos que me fariam respeitado pelas autoridades mais preeminentes do humano saber. Mas entendo também das virtudes evangélicas, embora não as tenha praticado. Devo confessar-me ex-pastor protestante e ex-cultor das artes bélicas, pois, em encarnações subsequentes, tratei das batalhas e depois dos sermões e pregações morais e religiosas.

Da primeira feita, revelei-me fraco e covarde, pois, enquanto arquitetava as artimanhas com que envolveria os exércitos inimigos, punha-me verboso e imponente, mas quando me via acochado pelo adversário, era o primeiro a despir-me das armas e do uniforme e a refugiar-me atrás das linhas de combate, procurando disfarçar-me como pobre camponês, o que me não era difícil, tendo em vista a minha origem muito pobre. Inteligente, bem interpretava o papel e jamais caí prisioneiro.

Finda a guerra, comandante das forças derrotadas, mudei de identidade e fui servir a um patrão rigoroso mas velho, que, ao final, acabou permitindo-me administrar-lhe os bens. Não é preciso dizer que me aproveitei dessa oportunidade valiosíssima para reerguer-me diante da sociedade. Espoliei a família do infortunado e fiz-me proprietário de tudo. Morri na velhice, cercado de extensa parentela, amado por alguns, odiado por muitos, execrado pela maioria. Essa foi a herança que deixei de que me *aproveitei* durante longa estadia nas trevas.

Após muito pelejar, retornei à carne, programando cumprir à risca extenso plano de atividades regeneradoras. Mercê da família que me recebeu, consegui a almejada posição de pastor de afamada seita evangélica, de sorte que pude receber na família como filhos diversas criaturas com quem estava em débito. Tudo transcorreu de acordo com o planejado, até completar a idade de trinta e cinco anos. Aí as forças do mal coligaram-se para me derrubar.

Sei-o agora, de volta de novo estágio no Umbral. Na época, não atinei com a malícia do mundo e deixei-me empolgar pelo meu avanço em determinados ramos do conhecimento científico que empreendi, por força de grande curiosidade inata que trouxe para a derradeira existência na carne. Aos poucos, o exame da matéria, a descoberta de determinadas leis físicas, todo o aparato químico e o relacionamento com a vida biológica foram estimulando-me os sensores para a interpenetração na vida do ponto de vista do pragmatismo mais rudimentar.

Após longo período de mistificação, em que iludia a mim mesmo e aos congregados da igreja que pastoreava, resolvi adotar de vez a verdade que extraía dos sistemas elaborados a partir da experimentação empírica; joguei a bata num canto, arremessei a família para outro e saí pela vida à busca dos lauréis que por todo lado arrebanhava, à vista de grado conhecimento.

Arrebatei-me pela intelectualidade e desperdicei a oportunidade de ouro que obtivera de realizar a recuperação planejada. Acrescentei novos débitos aos anteriores e incrementei estes últimos de novos desatinos. Em suma, saí do novo encarne cercado por ninguém, amado pela maioria, odiado por muitos, execrado por um pugilo de almas cuja assistência neguei, tendo-as relegado ao infortúnio de vida plena de percalços e de sacrifícios, principalmente por terem sido expulsos da confraria religiosa, sem terem podido sequer defender-se.

Devo dizer que tais pessoas se viram ainda mais angustiadas, minha esposa e filhos, por ter-me unido a jovem cientista que me auxiliava no laboratório. A situação lhes foi tão vexatória que se viram na necessidade de transferência de domicílio para outra cidade, onde comeram o pão que o diabo amassou. Ao invés, entretanto, de se aproveitarem do ensejo para crescerem no Cristo, que os amparara durante boa parte de seu trajeto de vida, renegaram a divina influência e só tiveram vozes para amaldiçoar-me. Duplamente devedor, vi-me às voltas com terrível perseguição no âmbito tartárico.

Hoje me penitencio de tudo o que fiz. Sei que não mereço consideração, muito embora tenha contribuído para certos avanços científicos. Se revelasse meu nome, certamente muitos dos leitores admirar-se-iam por ter enfrentado tantos dissabores, tais as comendas que me foram outorgadas na derradeira encarnação.

Mas não vim para trazer a miséria da minha sorte para a compaixão de ninguém. Experiente de dois embates de que me lembro com clareza, conheço bem os caminhos e os descaminhos. Sinto não ter reconhecido desde logo a seriedade deste trabalho e só agora percebo que a oportunidade que estou recebendo faz com que a estrada da existência se bifurque: uma me levará aos trabalhos forçados que me encorajarão a mais outra tentativa; a outra me conduzirá de volta ao local de onde vim.

Claro está que optarei pela estrada dos estudos e da concepção existencial baseada no trabalho, na fé e na religiosidade. Gostaria, entretanto, de reforçar os estudos através de muita prática, pois, se não assimilei os deveres e os conhecimentos evangélicos, tenho-os de cor na memória e seria capaz de recitá-los todos agora mesmo.

O de que me esqueci completamente foi das frases que compõem as orações. Dizia-as e repetia-as da boca para fora; jamais as pronunciei com o coração. Ainda sinto frêmito de veras desagradável ao lembrar esse ponto crucial da derradeira vida, pois acredito que a ofensa que praticava contra Deus e contra os sentimentos dos fiéis que me seguiam e em mim depositavam fé e que, de repente, se viram confusos, tendentes a crucificarem-me como os asseclas de Herodes, que pregaram o Cristo na cruz para gáudio do povo judeu, é que foi o pecado maior.

Jamais poderia ter tido o desplante de iludir os judiciosos protetores, que arquitetaram a minha jornada com inteira e total aquiescência e conhecimento de minha parte. Eu bem afirmei que a legião infernal que se armou para a minha queda foi culpada de meu insucesso, mas sei, arguto que sou, que foi o meu orgulho, o meu rompante

egoísmo, a minha vaidade sufocada e finalmente liberta que me incentivaram para o desastre. Vejo agora, após longa meditação nos poucos momentos de sossego que usufruí entre uma perseguição e outra, que poderia ter conjugado os anseios de conhecimentos científicos com o correto procedimento diante da doutrina evangélica, bastando, para isso, ver que Deus está por detrás de tudo o que ocorre no Universo, não havendo conflito entre religião e ciência que não possa ser contornado.

Reconheço-me, portanto, culpado e peço ao escrevente que dê ao texto o título de *Ensaio infausto*, para induzir desde logo o leitor a compreender que a vida não pode desperdiçar-se com vanglórias e com aspirações de grandezas materiais. O homem que abandona a família no intuito de inscrever o nome na história da humanidade, apaga-o definitivamente dos corações dos entes a quem deveria mais dedicar a atenção.

Peço perdoarem-me o sermão, hábito não estranho à minha personalidade, o qual conservo como relíquia, para que possa, um dia, colocá-lo a serviço do bem e da minha redenção.

Quero, sobretudo, agradecer os serviços desta equipe tão bem preparada para o socorrismo fraterno e desejar a todos, respeitosamente, que lhes descaiam do céu as bênçãos de Deus, que os protejam de almejamem glorificação na carne. Ao amigo leitor, o sagrado aviso de contenção e de respeito ao Senhor, em todas as horas do dia. Ao escrevente, o abraço agradecido pela tradução para o idioma espiritista que desconhecia e a que jamais me dignei atentar, pois, ao admitir o primado das ciências, rejeitei, *in limine*, toda atitude espiritualista.

Como último pensamento, devo advertir que todo materialismo que afasta a possibilidade da vida após a morte, além de estúpido e enganador, é o que mais tem contribuído para encher os labirintos do bátrio infernal. Gostaria de acrescentar que tais materialistas se encontram entre os cientistas mais aferrados e honestos no trabalho e nas convicções e, por incrível que pareça, vicejam entre os crentes das mais diversas religiões, homens e mulheres ávidos pelos haveres materiais, que se utilizam da religião para se manterem incólumes às promessas do Cristo, as quais se nutrem de muito trabalho e desprendimento. Enfim, não sou o pregador ideal, réu confesso do crime de usurpação das esperanças. Deus se apiade de minha alma!

Heitor (nome pelo qual me designam aqui).

## Comentário

A demonstração de tomada de consciência do irmãozinho pode iludir a quem o leia desprevenido para as verdadeiras intenções subjacentes. É bem verdade que compreendeu sua real desgraça, pois foi levado a isto pelo trabalho doutrinário da equipe, que se realizou a par da manifestação. À vista dos argumentos fundamentados nas atitudes que tomou na derradeira encarnação e diante dos compromissos assumidos, não lhe foi possível negar

seu fraquejar nem subtrair-se à evidência, mente absolutamente lógica e sagaz. Entretanto, como ele mesmo aventou, o sentimento lhe palpita inteiro na grandeza das conquistas terrenas e seu ufanoso orgulho impede-lhe visão exata do beneplácito divino à sua personalidade, sendo-lhe impossível reconhecer, em seus trabalhos, nada além que não seja mérito próprio, respeitante à aplicação que exerceu da inteligência e à pertinácia para levantamento das diretrizes novas com que impulsionou os eventos científicos de sua área de conhecimentos.

Para eliminação desse preconceito ideológico, terá de voltar, sim, aos bancos escolares mais elementares, para rever em profundidade tudo aquilo que disse estar-lhe enfronhado na memória. Vai ter de reaprender a amar a Deus sobre todas as coisas, não para repetir do púlpito, mas para soprar diretamente sobre o coração, na cátedra do refolho mais íntimo da consciência.

Possivelmente, conseguirá para breve novo encarne expiatório e, se for deveras inteligente, concordará em ver as luzes intelectuais veladas por grossa camada de ignorância e obtusidade, de sorte a liberar a afetividade, para consagrar-se às pessoas de modo mais consentâneo com as necessidades de recomposição dos liames da fraternidade, da solidariedade e da benquerença.

Quanto ao segundo enlace com a jovem protagonista da separação e rejeição do mundo da religiosidade, restará para ser analisado e avaliado, de sorte que muito haverá para ser perquirido à consciência do pobre Heitor.

Este *caso* se encerra por aqui. Que o querido leitor seja capaz de extrair os diversos ensinamentos que ficaram subjacentes à narrativa e que são de interesse estudar e decifrar à luz do evangelho. Nada há, entretanto, que justifique grave aplicação, de sorte a fazer ressaltar-se algo que revele verdades que não se contenham nas obras espiritistas. Servirá o exercício como recapitulação e fixação de conhecimentos. No entanto, no que respeita à solidariedade que devemos para com o irmão devedor, ergamos a Deus as preces mais comovidas, pedindo que ilumine a mente do irmãozinho, para que possa vibrar em emoção e em amor, em favor dos perseguidores, transformando-os em amigos e afetuosos comparsas de novas realizações reajustantes.

## 28.º Relato — O QUE SE PODE ESCONDER

Quando estou enfastiado, entediado, procuro refugiar-me em alguma casa do socorrismo espiritual, os chamados centros espíritas. Ali reencontro certa paz interior e posso ver o trabalho que dão os confrades, muitos recém-saídos dos invólucros carnis.

Peço não estranharem o vocabulário, pois, assíduo frequentador dessas sessões, aprendi vários termos bem pertinentes, bem adequados ao tema que ousarei desenvolver.

Pois bem, durante uma dessas sessões de desobsessão, assisti à pregação que o orientador encarnado fez a companheiro que se atreveu a desafiar a argúcia dos responsáveis pelo bom andamento dos trabalhos. Eu mesmo só estou adquirindo essa coragem hoje, mas sem o intuito agressivo, porque reconheci, na voz do dirigente, certa razão em administrar diversos ensinamentos que se engastavam de modo indelével no que eu aprendi no catecismo, durante a primeira juventude.

Entre outras coisas, citou alguns mandamentos das leis de Deus. Esses mandamentos sempre pensei que tivessem sido escritos por Moisés para colocar ordem no povo judeu, que estava desarvorado, perdido no deserto, e que, à vista da aproximação de territórios possíveis de serem ocupados, começaram a perpetrar atos de profundo desagrado do Senhor e da fé de que era dotado aquele povo. O que os maiores pretendiam era invadir as terras adjacentes à orla do deserto e ali fixarem as tribos, sem qualquer vínculo com o primado mosaico. Assim, tinha comigo que Moisés organizou a legislação, dentro da qual o decálogo é mínima parte, para submeter os chefes à sua tutela.

Mas verifiquei que me enganava, pois o doutrinador me fez ver a possibilidade da intermediação, do mesmo modo que fazia o médium ao receber os informes do espírito obsessor. Imaginei a figura do dirigente da sessão como sendo Deus ou alguém bem próximo dele; o médium, fiz transformar em Moisés; o povo era o espírito que estava recebendo a informação. Como se vê, troquei a posição, pois a mensagem de amor, de conhecimento, de fé, estava justamente sendo pregada pelo mortal; ao espírito reservava-se o direito de ouvir e a prerrogativa de manter-se distante daqueles dizeres, pois não se lhe derogava o livre-arbítrio.

Essa concepção me abriu a mente para a possibilidade de que as leis fossem realmente de Deus e de que Moisés recebesse o decálogo diretamente das mãos dele. Como o espírito rebelde, que não aceitava a orientação que lhe era ministrada, assim também agia o povo de Israel. Eu, que judeu não me lembro de nunca ter sido, que sequer aceitava a manifestação mediúnica para simples comunicados pessoais, que dizer, então, do fato de serem divinas as leis?! Mas isso ficou abalado.

Por isso é que me propus a enfrentar a vergonha de vir à presença de pessoas desconhecidas para apresentar-me totalmente convencido de que devo parar de vagar na

erraticidade. É chegada a hora de ouvir, eu mesmo, as recomendações especiais para o meu caso e rogar a boa vontade dos presentes.

No começo, disse que me entediava, que me enfastiava, mas não pensem que fosse porque ficasse sem ter o que fazer. Não é bem assim. Não parava um instante, mas o que me aborrecia era ter de fazer sempre as mesmas coisas. No começo, até que era divertido descobrir as possibilidades das brincadeiras que deixavam as pessoas sem saber o que pensar. Aos poucos, perdiam a graça, quando as pessoas percebiam que estavam sendo iludidas e se voltavam contra nós, principalmente quando sabiam da possibilidade de estarem sendo atrapalhadas por seres do plano espiritual. Aí procurávamos outras pessoas mais ingênuas e o fato se repetia, interminavelmente.

Um dia, surpreendi-me durante uma excursão totalmente alheio ao que estava fazendo e pedi permissão a um guardião de centro espírita para permanecer quietinho ali dentro. Foi pedir e ser recebido alegremente.

Devo confessar que não gostei do que vi no começo. Era só oração e muita gente trabalhando, muito soldado trazendo entidades acorrentadas. Na época, pensava que seriam escravos e só não fugi porque não mexeram comigo.

Assim, esse fato foi repetindo-se mais amiúde até este dia em que me concederam o privilégio de expor tão demoradamente a minha história. Pelo que tenho observado por aí, só mentores intelectuais e morais é que recebem tanta atenção por parte do grupo, pois os miseráveis despojados da vergonha se sentem menos à vontade e não se lhes permite dizer tudo o que pensam.

Dizem-me para não julgar a respeito do que desconheço, pois pode estar ocorrendo algo tão incompreensível para mim como era o fato de o decálogo não conter a malícia que acreditava que continha.

É verdade. Preciso reconhecer.

Minha vida decorreu do modo mais banal possível. Se querem saber se fui algum grande criminoso, saibam que não. Só pratiquei alguns furtos, mas foi de modo bem pouco violento. Era funcionário de empresa, encarregado das compras. Ficava fácil para mim fingir a aquisição de determinados materiais por valor elevado e ficar com a diferença do dinheiro. Outras vezes, encarregado da manutenção, recolhia peças boas da maquinaria e trocava-as por novas, alegando defeitos, ficando com a usada para fornecer a *clientes* que desejavam lucrar com a compra por preço bem inferior ao da praça. A respeito das leis de mercado, da compra e venda, do registro falso em *caixa dois* etc., eu poderia ficar o dia todo escrevendo.

Grandes desfalques nunca pratiquei e jamais alguém suspeitou do que eu fazia até que a polícia capturou um dos receptadores, o qual me denunciou. Fui expulso da firma por *justa causa* e me vi na rua da amargura, pois meu nome foi para a lista negra.

Precisei sair da cidade, mas não me fixei mais definitivamente em nenhuma outra, conseguindo emprego de caixeiro-viajante ou, como chamam agora, de representante de vendas. Mais fazia propaganda das firmas do que tratava com dinheiro ou com mercadorias. Desse modo, contiveram-me os instintos de lucro fácil.

Minha família ficou ao abandono e dei de beber, até que a velhice chegou, com pequeníssima renda do instituto estatal. Cheguei ao fim em maravilhosa manhã de setembro, quando o Sol despertava no horizonte. Lembro-me, ainda, do fato por achar-me

em leito hospitalar cuja janela se voltava para o nascente. Imensas dores no peito me acordaram naquele radioso instante e não suportei o último ataque.

Do lado de cá, alguns antigos credores me receberam em sua companhia e com eles passei a agir conforme o relatado ao início. Como se vê, na vida, tudo decorreu de modo fútil, vazio, sem nenhum progresso, a não ser no amor que dediquei à família, pois muito sofri com o sofrimento de todos.

O que mais me pesou foi o acúmulo de vibrações más que emiti contra o mercenário que, a soldo da polícia, para não sofrer na prisão, me delatou. Não fui preso, por comiseração dos patrões que me acobertaram financeiramente, embora me tivessem despedido — acho que eram espíritas e se condoeram de minha família. Mas a mim não puderam socorrer, mesmo porque me neguei a aceitar qualquer auxílio que me envergonhasse perante as pessoas.

O que mais estranhei, quando aqui cheguei, foi o fato de pessoas que nunca tiveram conhecimento, em vida, de minhas falcatruas estarem perfeitamente cômicas de tudo de mau que pratiquei contra suas firmas e contra o seu patrimônio. O bom é que não foram todos que compareceram para me fazerem de escravo. Agora percebo que me perdoaram, o que faz com que tenha como dever de honra restituir-lhes tudo o que lhes surrupiei.

Não tenho muita coisa a acrescentar, pois o que me pareceu importante eu disse. Pedem-me para não ser tolamente falso, pois estou escondendo um crime de sangue.

Parece que a ninguém é interdito conhecer o que fiz na vida! Não forneci essa informação, pois foi a infâmia maior da minha vida, e eu esperava passar por aqui sem confessar o que fiz de pior. Achava que iria ter um dia de revelar tudo, mas que o público ouvinte fosse bem diminuto.

Dizem-me que não preciso contar o fato mas só denunciá-lo de viva voz.

Pois bem, na realidade, meu desafeto foi abatido por mim por ter-me arruinado a vida. Por causa disso, fui preso e processado. Roguei que me livrassem dos apuros do cárcere, mas lá sofri os horrores de um resto de vida impuro.

É verdade que morri à luz do Sol, mas foi na cadeia, abatido por marginal que me julgava alcaguete.

Não gostaria de prosseguir e, se não mereço ser salvo da atual situação, peço para vibrarem espiritualmente por mim, para que possa retornar à erraticidade.

## Comentário

O *diabrete* que se apresentou para doutrinação realmente veio por espontânea vontade. Sua história pareceu-nos de início inverossímil, pois asseverava ser homem comum, de bons hábitos, mas se reconhecia fraco em relação aos pertences materiais. Os crimes que relatou não condiziam com a aura absolutamente escura. Sabíamos não se

tratar de ser grosseiro ou violento, pois reconhecemos serem verdadeiras as palavras que o descreveram como brincalhão; no entanto, ao se referir ao fato de que as pessoas se sentiam lesadas e procuravam asilo religioso, quase deixou escapar que o fazia por maldade. Esse sistema de esconder os malfeitos trouxe da derradeira encarnação, quando, na verdade, praticou todos os furtos declarados. Assassinou, foi preso e condenado e pereceu às mãos dos companheiros de cela, por ter sido realmente informante da polícia. Estamos reproduzindo, em resumo, a vida do amigo, para resguardar o leitor da sensação de que a história possa não ter sido exatamente a relatada.

A partir daí, vamos estender-nos um pouco a respeito do furto que permanece a coberto da opinião pública.

Existem, para cada indivíduo, circunstâncias favoráveis à realização de pequenos atos de contravenção, que passam por ações inócuas, que não vão prejudicar ninguém especificamente, principalmente quando a dilapidação se dá às custas de grandes firmas ou do governo. Assim, pequenos funcionários encarregados das contas, outros a quem se dá o dever dos registros de compras e vendas, outros que buscam contratos através de licitações *et alii*, se sentem, muitas vezes, livres para cometer pequenos atos de desvios de fundos ou de mercadorias, sem que a consciência pese, por não estarem onerando diretamente a outrem. Sentem-se seguros do que fazem e não correm o risco de serem apanhados. Em geral, quando surpreendidos, determinam-se a jamais proceder do mesmo modo e aprendem a lição. Outros existem que agem de comum acordo com os fornecedores, com clientes ou com o fisco. São mais arrojados e igualmente perniciosos para suas almas.

Quando Jesus nos disse para que nos reconciliássemos com os inimigos antes do desencarne, estava, evidentemente, referindo-se também a esses fugidios adversários, que se traduziriam nas pessoas do povo ou do público, por trás das instituições governamentais, do dono da firma ou dos acionistas, no caso das empresas particulares, e assim por diante.

Um aluno que sarrupia um giz na escola pode estar configurando futuro tesoureiro a meter a mão em boladas bem maiores. Do mesmo modo que o pai prestimoso obriga o filho a repor o giz, a consciência, um dia ou outro, irá impor à criatura a devolução de tudo que obteve por via ilegal.

Esta advertência poderia estender-se para bens morais que são furtados às pessoas, por meio das maldades veiculadas pela língua, mas o comentário estender-se-ia para campos novos não ensejados pelo caso ora tratado.

Se você, bom amigo, estiver em situação de devedor sem credor definido, se não sabe como restituir os bens que a insensatez um dia lhe permitiu embolsar e se não compreende como proceder para resgatar débitos tão sutis e maleáveis, não se acanhe, procure centro espírita e se integre nas equipes socorristas. Se possui os valores correspondentes a todos os pequenos desfalques, faça doação deles aos necessitados. Se esbanjou tudo que conseguiu de modo irregular, trabalhe com afinco, pensando em cada um dos desvios, relacionando-os à aplicação das energias, de modo a sentir estar ficando em dia com a consciência.

Se você se julga quite, uma vez que a exploração pelos órgãos do governo de seus bens foi superior a qualquer coisa de que pudesse ter-se indevidamente apossado, ainda

assim não confie nos seus cálculos, pois o que lhe pode parecer muito, no julgamento divino pode nada representar. Por exemplo, você *aliviou* a caixa escolar de algumas moedas, pois se declarou paupérrimo e lhe foram fornecidos livros, material, uniforme e descontos especiais. Enquanto isso, seu dinheiro jazia na *poupança* e era dilapidado pelo poder público, por força do conhecido jogo financeiro que só beneficia a entidade estatal. Pois bem, o que surrupiou da escola jamais irá corresponder a qualquer soma que lhe for subtraída da conta bancária, isto porque o que conseguiu foi à custa da perda de outra pessoa realmente necessitada e o que perdeu lhe sobejava do patrimônio. Não faça, portanto, contas de chegar, pois poderá ocorrer falha nos cálculos e o devedor irá ser sempre você.

Perdoe-nos por nos termos derivado da doutrinação do sofredor para a pura pregação ao leitor. É que temos visto que os pequenos maus hábitos soem ser considerados sem importância, pelo grande mau hábito de a pessoa se julgar imune à crítica, quando se trata de algo que não foi presenciado por ninguém. Além de os reais credores saberem reconhecer quem lhes tirou o que legitimamente lhes pertencia, quando do retorno ao plano espiritual, resta a acusação sólida e bem direcionada da consciência, que não perdoará a posse indevida do mais miserável palito de fósforo que se apanha na cozinha do banco para se acender o cigarro. O exemplo que estamos dando pode parecer ridículo, mas, quando se sabe que folha não cai sem que Deus o saiba, é preciso pôr as barbas de molho.

Oremos, irmãos, para que encontremos outros exemplos com que ilustrar a pregação. Saibamos reconhecer, para cada pequenino gesto furtivo, o prisma espiritual que o desaprova. Rezemos para que os instrutores nos esclareçam quanto àqueles fatos que irão constituir-se em empecilho para o progresso e saibamos solicitar os meios de que lançaremos mão para suplantar as deficiências. Ergamos os pensamentos a Deus e clamemos por luz e compreensão, para que nosso navegar seja tranquilo e nosso destino se cumpra integral.

## DIAS ESTAFANTES

Todo trabalhador honesto, que se tenha dedicado com afinco para a consecução dos serviços que lhe foram atribuídos, merece período de descanso, caso contrário, se persistir labutando tenazmente, qualquer seja a ocupação a que se dedique, irá ter de enfrentar dias cada vez mais penosos, mais estafantes, mais cansativos, de modo que o nível de produtividade tenderá a cair.

Assim ocorre também com os trabalhadores do espiritismo, nos dois planos da realidade.

Quanto aos encarnados, é fácil avaliar-se o decréscimo da produção, através dos resultados da atividade.

No que respeita aos desencarnados, é mais complicado saber quando estão saturados os armazéns de energia desgastada. Não é fácil de explicar para os mortais o que ocorre. É como se uma bateria se descarregasse aos poucos, ao mesmo tempo que, em depósito apropriado, o resultado da aplicação energética fosse acumulando-se. Dada a fluidez energética, há possibilidade de grandes acúmulos, uma vez que as baterias podem ser constantemente recarregadas, não havendo igual necessidade de esvaziamento dos depósitos. Mas haverá ponto de saturação, que se diferencia de entidade para entidade, não havendo padrão externo em que possamos avaliar o grau de *cansaço* de cada indivíduo. Nem o ser envolvido sabe dizer quando é hora de descarregar todo o manancial de luz condensada, se assim podemos denominar o resultado do trabalho espiritual.

De qualquer forma, há que se submeter cada um de nós a periódicas estações de repouso, onde descarregamos energeticamente todo o serviço que prestamos, de sorte que, ao reiniciarmos as atividades, sem que tenhamos percebido, voltamos mais fortes e retemperados, quase sempre com brilho novo. É como ocorre com as pessoas que há tempos não vemos e que passaram por período de tratamento: têm fisionomia nova, parecem mais luzidas e suas carnes mais saudáveis; vêm mais alegres e otimistas, prontas para novos embates na divina luta pela redenção.

Sendo assim, é de todo útil que, em qualquer serviço socorrista, seja assistencial, seja mediúnico, seja social, seja espiritual, seja meramente de leituras e de estudos, haja interrupções regulamentares coincidentes com a suspensão das atividades profissionais, para que todos possam revigorar-se e refazer o ânimo para futuros enfrentamentos, os quais não cessam nunca.

Por isso, bom amigo, não estranhe se se sentir cansado, com o ânimo um pouco abatido, se está a lhe parecer que um pouco de ócio construtivo, através de sadias leituras, lhe possa estar fazendo falta. É natural que assim seja.

O prejudicial seria o inverso, quer dizer, se você, teimosamente, obstinadamente, desejasse manter o mesmo ritmo, sem arrefecer o rendimento, continuando as atividades indefinidamente, quando sabe que o serviço mediúnico jamais cessará. Vá, portanto, com muita calma, suspenda de quando em vez as atividades rotineiras e empenhe-se em outro tipo de tarefas, diversificando as ocupações, dando trégua ao cansaço, para refacção física e mental.

No que tange ao apanhado dos textos mediúnicos, evidentemente, não lhe caberá decidir a respeito do momento mais oportuno para a interrupção, dado que existem diferentes entidades envolvidas na tarefa. Nós mesmos seríamos precipitados se determinássemos qualquer período de suspensão dos trabalhos, pois estamos a serviço de organização socorrista dirigida por espíritos de categoria superior e de quem recebemos todas as orientações relativas ao desenvolvimento deste tipo de trabalho. Não sabemos se os superiores estão, também eles, sujeitos a regras definidas pelos seus maiores e, portanto, calamo-nos, procurando ouvir e atender a todos os reclamos do serviço.

Fique, então, bem claro que, se determinarmos alguma interrupção, tal ordem não terá sido formulada por nós. Mas também não aceite qualquer influência cuja origem não lhe seja possível determinar. O que ocorre neste instante e o que temos notado é que existe interpenetração de várias entidades no conjunto das atividades mediúnicas, de sorte que é bom esperar por definições bem claras quanto às necessidades cármicas de cada um, as quais constituem o conjunto que deve ser considerado.

Como se trata de providências de caráter superior, o que se prescreve, nessas ocasiões, é muita calma, serenidade, espírito de solidariedade e profundo amor e dedicação pelo serviço. Por certo, os espíritos superiores têm recursos para impregnar de coragem e de discernimento a mente e o coração dos mediadores, de modo que nas mãos deles é que devemos deixar todas as decisões.

Este discurso, evidentemente, não foi endereçado ao médium que nos serve para este ditado, mas a quantos leitores se sintam incapacitados de perceber o momento exato de saturação da capacidade realizadora. Às vezes, indisposições passageiras, achaques e pequenas desregulagens do sistema humoral causam mal-estares parecidíssimos com a estafa resultante de prolongada aplicação no campo do trabalho, de sorte que a pessoa toma como causa algo bem diferente para justificar o descanso.

Sabedores disso, há espíritos maldosos que propiciam o contacto das pessoas, de modo que se proceda a transmissão de vírus e bactérias causadoras de sensações desagradáveis de desconforto, muitos semelhantes aos provocados por abuso do desforço físico ou mental, com o intuito evidente de causar interrupções do atendimento mediúnico. É preciso, portanto, cautela para se analisarem as sensações dolorosas ou penosas.

Podem ocorrer doenças provocadas por surtos e epidemias; algumas são capazes de alijar os indivíduos da disponibilidade habitual para o serviço; outras são impeditivas do trabalho por força de serem contagiosas, o que faria todo o grupo sentir os efeitos da mesma moléstia; finalmente, há aquelas que não provocam sintomas físicos suficientemente fortes para impedirem o trabalho, mas que imprimem à mente certos cuidados, como se perigosas fossem. Se, nos dois primeiros casos, é de bom alvitre o trabalhador aguardar o devido restabelecimento da saúde, no último, é de toda conveniência superar os reflexos psíquicos do mal-estar, forçando por permanecer na

ativa, para que não se criem na mente condições favoráveis ao crescimento de atitudes de rebeldia ao serviço, como costumeiramente ocorre com quem se delicia com o ócio, que conduz à preguiça, que conduz à irresponsabilidade, que conduz ao vício, que conduz à perda ao direito da cidadania divina, como qualquer estudantezinho de lógica poderia induzir, empregando o método que se convencionou chamar de *sorites*.

Se o bom amigo passou por etapas dessa magnitude, deve estar bem compreendendo aonde queremos chegar, ou seja, à prevenção de atitudes de alheamento ao trabalho por injunções físicas e mentais, decorrentes da necessidade real ou fictícia de descanso. Para que a melhor decisão seja tomada, deixe nas mãos dos orientadores e guias o momento do repouso. Caso seja determinado sem que tenha sentido necessidade dele, não se avexe em prosseguir trabalhando sozinho. Claro está que não em função dos serviços que dependem da contribuição de outras pessoas.

Apanhe livro na biblioteca, leia-o e realize extratos das passagens que julgar mais significativas, que possam servir para apreciação pelo grupo de estudos. Levante as principais dúvidas que possa estar tendo e procure elucidá-las por meio da reflexão e da leitura. Faça pequenos serviços de preparação para futuros atendimentos assistenciais. Procure organização que não tenha suspenso os trabalhos e ofereça seus préstimos. Enfim, não pare, se julgar que o momento não era o mais azado para o descanso.

Mas não desafie a verdade dos fatos. Se se sentir realmente abatido, vá para a recreação pura e simples. Mude de ares, acompanhe a família para momentos de lazer que possam revigorar as energias desgastadas. Esqueça um pouco as teorias espiritistas, mas não deixe em casa o coração e a mente, pois sempre haverá oportunidade de aplicação na prática de tudo o que aprendeu. Pode até ocorrer, nesses momentos sem compromisso com o trabalho, de topar pessoas necessitadas de certas orientações. Esteja atento, pois pode ter acontecido de que os encontros não tenham sido fortuitos e de que as pessoas estão a cruzar-lhe o caminho para receberem o influxo de sua luz e de seu amor.

Faça dos momentos de folga oportunidades de assistência espiritual e moral ao próximo, pois pode estar aí em germe algum crescimento muito valioso na área da moralidade.

Chega-nos do Alto aviso de que o serviço mediúnico deve prosseguir regularmente, devendo o nosso escrevente continuar a transcrever os textos, incrementando, se possível, o serviço, dedicando-se ainda mais às leituras das obras iniciadas. Tudo sem resvalar para o absurdo de desprover a família de seu carinho e de sua diuturna assistência.

Fique com Deus, amigo, que você está sendo amparado pelos irmãos socorristas.

## A ÁGUA DO POTE

Como nós prezamos a água que se resguarda das impurezas em nossos jarros e potes! Quando nos falta o precioso líquido, eis-nos atarantados, desejosos de superar a dificuldade o mais pronto possível, porque é a água a fonte da vida orgânica, tão imprescindível quanto o oxigênio, que nunca nos falta porque está em toda parte. Casos raríssimos existem em que o oxigênio se torna a ânsia mais intensa, como quando, arremessados nas profundezas túrbidas das águas dos lagos, rios, mares e oceanos, lutamos por nos devolver à superfície, em busca de preencher os pulmões do gás abençoado.

Veja que interessante: às vezes o que falta (a água), ao sobejar, impede o livre desempenho; e aquilo que sobeja (o ar), quando nos falta, arruína a possibilidade da vida.

Há que se parar para pensar nos significados simbólicos da água e do ar. Imaginemos que a água seja a prece que nos alimenta e nos sustém; o ar pode ser o amor que se esparge por toda parte pela benemerência divina. Se nos afogarmos na prece, ficamos impossível de vislumbrar o amor de Deus, pois o que é a prece senão o pedido, a rogativa, o agradecimento, o desejo de vinculação com a Divindade?! Se o indivíduo abusa de tomar água, certamente perderá a saúde. Se mergulhar fundo em piscina, perde o contacto com a superfície onde se encontra o oxigênio. Poderá, até, providente, levar consigo o ar comprimido em botijões especiais. Mas o abuso de permanecer imerso na água irá fazer esgotar-se a reserva e, para que não pereça, será necessário voltar-se para Deus.

Em todas as casas, deve haver reservatórios de água e não de ar, pois este está por toda parte.

Como está o seu reservatório? Seco, rachado, vazando? Você se precata de modo especial por meio de diversas caixas d'água? Tem algum poço artesiano ou ligação clandestina, de modo que seu fornecimento não cessa jamais?

Como se pode perceber, estamos invectivando contra aqueles que se dedicam tão só à prece sem procurarem realmente a Deus em seus recolhimentos íntimos. Se a prece é alimento imprescindível, é preciso saber que o excesso vai prejudicar o andamento geral das realizações a que todos estamos obrigados.

Imaginemos alguém que suba montanha excessivamente alta. Irá encontrar o ar rarefeito. É o que se passa com as pessoas que pretendem realizações que contrariam a natureza de seus encarnes, desviando-se para objetivos meramente materiais. Aí não encontrará Deus da mesma forma que encontraria se permanecesse tão só empenhado em buscar a concretização dos ideais cármicos da vida. Deus está por toda parte, mas é preciso dedicar-se ao próximo para chegar-se até ele.

Este pequeno texto serve para exemplificar modelo de mensagem que, a partir de fatos simples, pode chegar a resultados preciosos. Não que o tenhamos feito. Longe de nós passar atestado de louvor a realização tão medíocre, tão tacanha. O que queremos deixar asseverada é a possibilidade que cada pessoa tem de redigir pequenas composições morais, mesmo que não se dedique com afinco à arte de escrever.

Tememos estar adentrando tema bastante controverso entre os humanos, qual seja o de que as pessoas têm discernimento mas são incapazes de traduzi-lo de modo coerente em textos escritos. É bem verdade que existe certo temor em apanhar do lápis ou da caneta para redigir algo. Temos visto que até pessoas formadas se retraem quando instadas para escrever, sejam simples cartões natalinos ou bilhetes de aviso. Há, subjacente na mente, medo de errar sob o ponto de vista do leitor, por certo por saber que criticaria se recebesse algum informe escrito que contivesse falhas. O que se cuida preservar em si, portanto, é falso do ponto de vista moral. Temos visto, por outro lado, indivíduos absolutamente jactanciosos, que se arvoram de escritores e, no entanto, não têm nada que preste para apresentar ao público. É atitude esta de carência crítica ou de excesso de exibicionismo, de qualquer forma, absolutamente incongruente e inconsequente.

Mantenhamos, em nosso lar, modesto pote de água sempre cheio de pura linfa, para utilizarmos dela nos momentos de sede. Não façamos grandes estoques nem nos desleixemos a ponto de deixar faltar, para não termos de sair correndo à última hora, no momento da crise.

Assim também operemos com relação ao escrito de relatos morais. Se não formos capazes de realizar obras publicáveis, nem por isso vamos deixar de tentar arremeter-nos em tal cometimento. Vamos escrevendo e guardando os escritos. Não nos esforcemos por melhorar a cada dia. Sejamos modestos, recatados e morigerados. Vamos escrevendo e guardando os escritos. Não pretendamos mostrar a ninguém nem nos atrevamos a publicá-los na imprensa. Vamos escrevendo e guardando os escritos. Despreocupadamente, deixemos a pena escorrer por sobre o papel e dediquemos especial atenção aos fatos corriqueiros, procurando extrair deles os aspectos morais. Vamos escrevendo e guardando os escritos. Observemos o que se passa ao redor, na rua, no trabalho, no lar, na escola. Façamos breves relatos. Inventemos histórias em que as personagens se envolvam em situações para sair das quais necessitem apelar para a sabedoria evangélica. Vamos escrevendo e guardando os escritos. Criemos o hábito. Acostumemo-nos a reservar alguns instantes para a meditação a respeito dos eventos da vida e da existência. Relatemos a experiência e busquemos justificar as atitudes dos outros. Vamos escrevendo e guardando os escritos.

Um dia, mais tarde, enchamo-nos de coragem e releiamos todo o material arquivado. Façamo-lo depois de bom período de tempo, quando se contarem às centenas as páginas escritas. Não nos precipitemos e não tenhamos a pretensão de reescrever para burilar o estilo ou para tornar os textos melhores. Certamente, se méritos houver, serão notórios.

Não estamos endereçando-nos às pessoas privilegiadas, mas às gentes de coração e mente simples como a nossa, capazes de ir assinalando nas linhas os pensamentos, às

vezes pueris, às vezes simplórios, outras vezes arrevesados por causa das leituras a que nos dedicamos e, por isso mesmo, ingênuos, superficiais e repetitivos.

Se você for arguto, poderá, depois de cinco ou seis anos de exercício diário, perceber que os escritos derivaram para temas insuspeitados, para pontos de vista aparentemente alheios às suas próprias formulações mentais ao momento da releitura. Quase certamente estará produzindo textos mediúnicos, sem ter percebido o momento da transição. Como vigiou para que os assuntos fossem elevados e para que a visão dos fatos e das pessoas se desse de forma judiciosa, ponderada, fiel e honesta, terá a satisfação de constatar que a mão foi comandada por entidades não interessadas em prejudicá-lo. Desse modo, manteremos o pote pleno de saudável água límpida e pura e não nos aventuraremos montanha acima, onde o ar é rarefeito e a respiração difícil e ofegante.

## Comentário

Este escrito foi expresso em palavras bem simples e fáceis de serem bem entendidas e interpretadas por todos. O exemplo que demos de escrito possível para qualquer um, ao início da mensagem, buscou ser compreensível e extraordinariamente claro. Talvez todo o conjunto possa parecer complexo, pois a iniciativa não se deu de supetão, mas foi planejada para alcançar o efeito objetivado, qual seja, o de proporcionar ao leitor a perspectiva de, também ele, poder arrojá-se para campos de atuação que se creem reservados para poucos apaniguados.

Nada disso. O que se requer para o desenvolvimento da mediunidade é desprendimento, espírito de sacrifício e confiança no divino poder, além, é claro, da devida crença nos espíritos e em sua capacidade e possibilidade de atuar junto aos encarnados, para auxiliá-los e indicar-lhes os caminhos que os levarão à salvação de suas almas.

Esperançosos de que os leitores tenham entendido o recado, vamos encerrar a mensagem, agradecendo a Deus a oportunidade desta manifestação e a graça de podermos sentir nas palavras traduzidas para a linguagem dos mortais algum incentivo valioso, para fazer de algum leitor mais um convicto discípulo da doutrina espírita, podendo ocorrer que qualquer deles se entusiasme por tornar-se médium escrevente.

## SIMPLES ANOTAÇÃO

Caro amigo escrevente, você captou bem a nossa mensagem sob forma de intuição, segundo a qual equipe está passando por período de descanso e de inefáveis alegrias junto às respectivas famílias. Neste período de festas de final de ano, os corações estão mais abertos para receber o influxo de nossas vibrações, de sorte que é importante para cada um de nós partilhar desses momentos de profunda felicidade.

Não creia, porém, que você está sendo esquecido. Absolutamente não. Os textos retomarão o costumeiro diapasão, assim que todos voltarem para reassumir as funções junto à equipe. Por enquanto, contente-se em receber estes modestíssimos textos preparados pelos que se viram escalados para o competente revezamento.

Este que lhe escreveu é Luís Alfredo, um dos que se dispõem a trazer os casos mais esquisitos dos que se situam no Umbral em condições de resgate.

Fique com o Senhor e reze para que sua força se mantenha em constante crescimento!

*Post scriptum.* Pode ter a certeza de que o texto de hoje nós o tiramos do fundo do baú.

## 29.º Relato — ESPÍRITO JOVEM

Aguardei todo o fim de semana e o começo desta outra para ser recebido. Pois aqui estou necessitado de ajuda e esclarecimento.

Não tinha mais que vinte anos de idade quando aportei deste lado da última encarnação. A custo compreendi que tinha morrido e foi bom perceber que nada perdi. Sei que muitos lamentam o fato de não terem constituído família, de não terem gozado de todas as regalias materiais, mas eu não.

É que tive tudo do bom e do melhor em minha curta passagem pela Terra. As meninas caíam em minhas mãos com extrema facilidade e muitas prantearam sinceramente o meu trespasse.

Apreendi esta palavra e acho melhor que *passamento*, *morte*, *defecção final* e outras expressões do mesmo tipo. O médium está restringindo minha liberdade de expressão, mas devo dizer-lhe que fique sossegado, pois sei controlar-me perfeitamente e não irei desandar o vocabulário. Por outro lado, fique firme que as palavras que lhe parecerem demais, para mim não o são, pois tive alguma ilustração e cultura enquanto permaneci encarnado.

Era estudante e dos bons, até que fui enviado para cá por terrível desastre automobilístico. O meu curso era o superior de Agronomia e cursava o terceiro ano, quando ocorreu o acidente fatídico. Estou dizendo tudo isto não para me vangloriar, mas para determinar com clareza a minha possibilidade linguística.

Não tive tempo de fazer muita coisa errada, mas o que me disseram é que eu, compulsivamente, era suicida, pois dirigia como louco pelas estradas e não via quanto poderia estar afetado pelas bebidas, que comecei a ingerir desde cedo. Sabia-me inteligente e isso me bastava.

Quando fui atacado pela cegueira do egoísmo, pois me considerava superior a todos os colegas, pus-me a fantasiar vida de aventuras e de façanhas. Via nos filmes e na televisão as proezas dos que arriscavam a vida e desejei ingressar na carreira dos que enfrentavam a morte a todo momento. Por isso, não via a hora de me livrar da faculdade, que cursava por força das pressões familiares mas com o que não me conformava. Coragem para desperdiçar as mesadas e para perder a herança que partilharia com diversos irmãos, eu não tinha, de modo que tudo não passava de sonhos.

Agora verifico quão errado estava em não pensar com mais seriedade a respeito da vida. Eu bem poderia ter-me integrado em alguns grupos de rapazes e moças que participavam das campanhas de arrecadação de comida e de agasalho para doar aos necessitados, mas preferia ficar pelos barzinhos, discutindo a moda aventureira mais atual,

enquanto bebericava aperitivos e tomava, em largos tragos, copázios imensos de cerveja. Vida inútil!

Hoje estou recebendo as orientações dos amigos, que me dizem que fiz abortar vários planos de vida, inclusive, talvez, o de dar a possibilidade a alguns espíritos de encarnarem e de serem orientados por mim. Dizem também que o aparato intelectual que possuía não adquirira por acaso, devendo estar nos planos alguma descoberta ou invenção importante para a humanidade. Dada a arrogância e a declaração de egoísmo, por certo deveria vencer alguma deformação de caráter que me impedia de absorver a competente virtude respectiva. Enfim, afirmam que soneguei à vida oportunidade preciosa de crescimento e que deveria ter lamentado a morte precoce ao invés de ficar gloriando-me dos pequenos sucessos físicos.

Que plantei? Devo reconhecer que nada, a não ser algumas lembranças em coraçõezinhos de jovens que comprometi sentimentalmente e a quem dei curso a alguma infelicidade.

Lamento ter cometido tais males e peço humildemente me perdoem pela irreverência inicial. Gostaria, então, reiterando o pedido que fiz, de receber esclarecimentos a respeito do que irá ocorrer comigo e o que deverei fazer para conseguir progredir, sem o risco de insucesso.

Dizem-me que terei de mudar o pensamento, a forma de agir, pois, mesmo pensando em melhorar, utilizo as expressões de meu desatino: *sem o risco de insucesso*. Pois esse hábito, reconheço, deverei sofrer muito para extirpar da consciência.

Dizem-me, também, para reintegrar-me em meu núcleo familiar, que me aguarda há bem mais que um fim e um começo de semanas. Agradeço a referência ao disparate e resigno-me a encarar as falhas para compreender-lhes a extensão e a profundidade. Peço com humildade, de novo, que me perdoem, agradeço comovido a atenção da acolhida e solicito que me encaminhem para os meus.

Bendito seja Deus e todos os que trabalham em seu nome!

Horácio.

## Comentário

O irmãozinho Horácio veio até nós com a recomendação de ser atendido em sua ânsia de esclarecimento, pois os mentores da família desejam que possa contatar os encarnados, para fazer referência ao fato de que está bem. No estado de euforia em que se encontrava, aliás, euforia como camuflagem de profunda decepção, não lhe seria possível levar qualquer mensagem otimista aos seus, que facilmente perceberiam a perturbação. O trabalho inicial está feito e ele pode receber o influxo de amor dos que lhe têm afeto e pretendem fazer dele o porta-voz do grupo, dados seus recursos inatos de fluência verbal e de capacidade de assimilação intelectual.

Quando estiver bem preparado, será encaminhado para médium especialista em obter mensagens de cunho pessoal, dadas as garantias de autenticidade que o cercam, por injunções próprias de espíritos altamente especializados nesse tipo de informação. Fique, portanto, sossegado o nosso escrevente, que dessa pressão está livre, pelo menos por enquanto.

## OUTRA SIMPLES ANOTAÇÃO

Neste dia inicial de 1.991, após termos visitado nossas famílias nos dois planos, nada mais conveniente que termos prestado assistência socorrista neste setor, como forma de agradecimento por todas as bênçãos que recebemos.

Alguns de nós voltaram com ares de preocupação, por terem percebido que os entes queridos ainda não se compenetraram dos valores morais que se contêm na doutrina espírita. Outros voltaram exultantes por terem obtido sucesso nas tentativas de contato com os amigos e parentes. Todos, no entanto, profundamente agradecidos pela graça de bem compreendermos o que se passa com os irmãos, pois todos somos capazes de perlustrar a intimidade de suas situações cármicas, o que é velado para a maior parte dos que erram pelo espaço etéreo. Creditamos este fato à bondade e à misericórdia divinas, pois nos elucida que temos tido algum progresso na jornada.

Vamos orar, com profundo respeito pela vontade do Pai, que deve realizar-se por sobre todo desiderato das criaturas. Acompanhe-nos o irmãozinho, fervoroso como sempre, em nossa prece:

*Senhor, protegei nossos familiares dos ataques do mal. Livrai-os da perseguição dos inimigos, insuflando-lhes nas mentes e corações o lenitivo da compaixão, a força da resignação e o poder da fé em vós. Dai-lhes, Senhor, a compreensão da existência, para que possam reconhecer em vossas leis o que de melhor existe para pautarem os atos em paz e em harmonia com os irmãos encarnados, e possibilitai-lhes o acesso às teorias espíricas, para que venham a reconhecer na palavra de Jesus, convictamente, o Caminho, a Verdade e a Vida.*

*Quanto a nós, Divino Pai, contentamo-nos em prosseguir trabalhando em favor dos necessitados, crentes de que receberemos, por nossa vez, a ajuda de que precisamos para ampliar as possibilidades cármicas de ascensão. Aceitai, Pai Amantíssimo, nosso fervoroso desejo de que vossa vontade prevaleça sempre em nós e de que possamos, um dia, adentrar vosso sacratíssimo reino de Amor.*

*Equipe da Luz, com a presença de alguns integrantes do grupo Irmãos de Fé.*

### 30.º Relato — ESCUDO PROVIDENCIAL

Não espere grandes coisas de mim. Se é certo que pude vagar ao léu, observando o que se passa pela face da Terra, bem pouco pude adentrar no coração humano, de sorte que minha existência tem passado a satisfazer a curiosidade a respeito das causas e efeitos das aparências, sem atinar com as razões íntimas que levam as pessoas a executar as tarefas e a deliberar a respeito do que lhes seja mais efetivo nas circunstâncias em que vivem. Assim, se alguém joga um prato no desafeto, eu sei que este terá motivo para revide, mas fico sem conhecer as razões que o levariam, por exemplo, a não devolver a agressão na mesma moeda. Desse modo, fico na superfície e não consigo aprofundar-me no conhecimento das pessoas.

Perguntam-me se já sondei a minha consciência ou a minha mente.

Aí também sofro do mesmo mal. Sei que pratiquei coisas muito feias. Talvez seja o medo de ficar reavivando essas memórias funestas que me impeça de intentar abrir o próprio coração, para investigar as causas das idiosincrasias. Certamente, o fato de vagar à busca de soluções seja o reflexo desse medo.

Querem que conte o que tanto me atemoriza. Se for sem esmiuçar as coisas, poderei referir-me a alguns fatos relevantes. Estou à vontade para relatar o que quiser, desde que não fira o decoro humano, já que as observações estão sendo anotadas para registro de mais um caso, com a finalidade de estudo e aprendizagem. Vejo que avulta a importância de minha presença aqui e me sinto temeroso de não ser bom exemplo.

Fazem-me perceber que, por mais que tenha cometido crimes, nunca direi nada que possa ser desconhecido dos instrutores. O que se requer é certa delicadeza mental, para não referir-me a certas minúcias chocantes e tristes, de modo a envolver emotivamente os leitores.

Pois bem, penso ter entendido tudo, pois o que não sou é bronco.

Em minha vida pregressa, matei, roubei e estuprei. De volta ao etéreo, sofri a desdita das perseguições. Após longo período nas trevas, inconsciente do que fazia, solicitei nova oportunidade e internei-me na carne. Tive de aturar diversos espíritos malignos na família, de sorte que me vi às voltas com situações lastimáveis de profundas depressões, por me sentir rejeitado e odiado.

Consegui superar os instintos de rebeldia e cheguei ao final da jornada isento de qualquer crime de sangue, embora não tivesse conseguido suplantar a ojeriza que sentia pelos antigos desafetos integrados à comunidade que dirigia como membro mais antigo, detentor do poder e do dinheiro.

Cometi todos os deslizes do ditador que se sabe poderoso por manobrar os interesses subalternos dos que se situam na órbita do astro regente do sistema. Através de

estratagemas de caráter financeiro, pude controlar por inteiro a vida de cada um deles, de sorte que distribuí *justiça* ao meu bel-prazer, esquecendo-me por completo que deveria prover-me de amor e ternura.

Se os que gravitavam ao meu derredor foram contidos em sua fúria, enquanto permaneci ditando as normas, assim que se viram libertados de minha influência, passaram a objurgar a minha existência com mais ênfase e intensidade que o faziam no plano astral. Mas eu me sentia a coberto da influência, pois, miseravelmente, internei-me em asilo suntuoso, buscando refúgio em outro país e despojando a todos da herança que lhes cabia por direito hereditário. O que recebera dos maiores, desbaratei integralmente, aproveitando cada ceutil em meu favor. Ao final, restou aos demais a miséria mais tenebrosa, ficando em condições piores dos que nascem sem nada possuir, pois conheceram muitas grandezas e das alturas se viram arremessados às mais vis condições de vida.

Sob certo aspecto, minha atitude até que foi boa, pois as desagregações que se deram evidenciaram a fragilidade do relacionamento entre as entidades que compunham os vários núcleos familiares. Para outros, foi importante compenetrarem-se da necessidade do trabalho e isto lhes deu firmeza de caráter para manterem os lares constituídos e as famílias unidas em torno de certa fraternidade que o empenho dos pais fez transparecer aos filhos.

Mas todos, indistintamente, reconheceram em mim o vilão que lhes transtornou a felicidade material que haviam programado para a encarnação. Hoje, muitos ainda estão encarnados e vou visitá-los com frequência, mas temo que o reencontro venha a ser penoso por causa de minhas atitudes.

Estranhamente, pareceu-me ter recorrido como se concebesse inteiramente as causas que deram origem ao meu procedimento. Creio ter sido proficientemente ajudado por esta equipe que trabalha com tanto interesse por revelar aos sofredores os motivos de seus desatinos.

Não sei por que bloqueei de mim mesmo os crimes e perversidades. Dizem-me que o medo foi importante elemento restritivo da perquirição consciencial, mas que há outro elemento muito poderoso: é a grave emissão de fluidos e energias de caráter negativo que endereço aos antigos companheiros de jornada, a quem jamais perdoei por todas as atitudes de rebeldia contra as decisões que tão voluntariosamente eu tomava contra eles. Esse vibrar em desamor obscurece-me a aura e perturba-me o procedimento. Poderei vagar ainda mil anos, mas se não superar essa dificuldade, jamais vou conhecer-me perfeitamente e jamais irei crescer moralmente.

Agradeço estremecidamente toda a atenção de que fui alvo. Espero não ter relatado nada que possa ferir susceptibilidades à flor da pele, embora, confesso, tenha tido vontade de desancar sobre alguns dos inimigos, exibindo o que de profundamente injusto e brutal fizeram para comigo. Estou referindo-me propositalmente ao fato para comprovar a observação dos doutrinadores a que acima aludi.

Sinto-me mais confortado e confiante de que poderei receber orientações capazes de me fazerem entender o quanto e o como deverei caminhar para refazer os vínculos que um dia rompi. Hesito em atribuir a ruptura só a mim, pois sei que os demais forcejaram em muito para que tal ocorresse. Espero em Deus que possam todos eles receber a mesma

assistência que estou tendo e que possam, igualmente, elucidar-se quanto à necessidade de suplantação do atual estado de coisas.

Ao irmão escrevente, desejo sucesso em seu caminhar nesta belíssima tarefa a que se propôs e agradeço-lhe enternecido por traduzir em palavras de elevada significação o que tão broncamente (ao contrário do que antes afirmei) lhe vibrava. Reconheço que, se meu intelecto foi capaz de lucubrar maldades, revestindo tudo maliciosamente de segurança financeira, para finalmente vingar-me de todos os malfeitos, o coração permaneceu inalteravelmente rígido, argamassado na mais terrível filosofia baseada na lei de talião, cerrado para qualquer prurido que fosse de algum sentimento outro que não o ódio.

Vejo que atribuí aos adversários a falha mais característica de meu caráter e percebo que vou ter de penitenciar-me por ter pecado tão dura e tenazmente contra todas as leis do amor. Reconheço que foi uma bênção ter-me envolvido de esquecimento e de impossibilidade de penetração na consciência, pois o monstro que ali estou entrevendo está começando a me apavorar. Socorro, irmãozinhos! Salvem-me de mim mesmo e desta visão desoladora! Por favor!

## Comentário

Nesta altura da manifestação, resolvemos administrar ao irmãozinho alguns sedativos, para que não desperte integralmente para a realidade da consciência. Se a luz que recebeu para interpretar o seu papel nesta sessão foi benéfica para evidenciar-lhe a necessidade de aprofundamento do conhecimento de si mesmo, acabaria por ser-lhe prejudicial, se mais além fosse, uma vez que não existe passar do estado consciencial mais letárgico para o da plenitude do conhecimento, sem incidir em falta de comiseração e de compaixão.

Se, muitas vezes, os indivíduos despertam de chofre para a realidade, fazem-no ao influxo das vibrações negativas dos inimigos ou por ocorrência de atenuantes a que se apegarem. Quando o trabalho de descerramento se faz por meio do socorrismo ativo, nunca se procederá *ex abrupto*, para não possibilitar ao remédio ser mais prejudicial que a doença.

Fique o irmãozinho leitor tranquilo que o grave senhor que aqui aportou com certa sobriedade não se transformou em alma penada ao deixar o nosso círculo. Está recebendo o influxo benéfico das energias sagradas para reconstituição perispiritual e, em seguida, será encaminhado para o competente setor de triagem que o destinará para a área hospitalar correspondente à sua situação.

Quanto ao que disse, para que não parem dúvidas, tudo foi extraordinariamente verdadeiro, correspondendo exatamente aos relatos que temos e ao estudo que lhe fizemos da aura. Podem-se, pois, inferir as conclusões concernentes ao padrão vibratório e

ao modo peculiar de ver a vida e a existência. O resultado a que se chegar, certamente, remeterá o caro leitor a analisar o próprio proceder em relação aos semelhantes, aos familiares, de forma a possibilitar-lhe, desde logo, o enfronhar-se na própria personalidade, para alteração de tudo que lhe parecer insólito, mal formado ou positivamente errado.

Fique com Deus, caro irmão, e ore muito para não ver a consciência tão impenetrável quanto à do irmãozinho assistido. Vá em paz e retempere as energias, solicitando dos maiores, dos guias, dos amigos e irmãos na espiritualidade, que lhe propiciem as vibrações de amor e de afeto que faltaram ao amiguinho.

Graças a Deus!

## PALAVRAS FINAIS

A *Equipe da Luz* agradece ao bom amigo toda a atenção recebida e promete estar presente toda vez que se sentir necessitada do amparo da vibração magnética do encarnado.

Não fizemos do novo grupo (*Equipe Evangélica*) o nosso porta-voz, pois queríamos vir à sua presença pessoalmente, para deixar impresso abraço agradecido e a promessa de estar à disposição para eventuais socorros de urgência, dados os ataques subitâneos a que todos estamos sujeitos. Se o auxílio for de maior fôlego e não tão premente, rogue pelos guias e instrutores que jamais estará desamparado.

Fique em paz, na companhia dos familiares, e ore muito para prosseguir merecendo as bênçãos do Senhor!